E. 38
T. 3
N.° 23

E
T
150

JOANNEIDA
OU
A LIBERDADE
DE PORTUGAL
POEMA HEROICO

JOANNEIDA,
OU
A LIBERDADE
DE PORTUGAL
POEMA EPICO.

JOANNEIDA,

OU

A LIBERDADE

DE PORTUGAL

DEFENDIDA

PELO

SENHOR REY D. JOAÕ I

POEMA EPICO

OFFERECIDO

AO SERENISSIMO SENHOR

D. JOZE

PRINCIPE DO BRAZIL

POR

JOZE' CORREA

DE MELLO, E BRITTO D'ALVIM PINTO

Moço Fidalgo da Caza de sua Ma-

gestade Fidelissima.

COIMBRA:

Na Real Officina da Universidade.

Anno de M. DCC.LXXXII.

Com licença da Real Meza Censoria.

S.ta Cruz de Coimbra

JOANNEIDA,
OU
A LIBERDADE
DE PORTUGAL
DEFENDIDA
PELO
SENHOR REY D. JOAÕ I.
POEMA EPICO
OFFERECIDO
AO SERENISSIMO SENHOR
D. JOZE'
PRINCIPE DO BRAZIL
POR
JOZE' CORREA
DE MELLO, E BRITTO D'ALVIM PINTO
MOÇO FIDALGO DA CAZA DE SUA MAGESTADE FIDELISSIMA.

COIMBRA:
Na Real Officina da Universidade,
Anno de M. DCC. LXXXII.
Com licença da Real Meza Censoria.

DEDICATORIA

A SERENISSIMO

SENHOR

D. JOZE

PRINCIPE DO BRAZIL

JOZE' GOMES DA

DEDICATORIA.

SERENISSIMO SENHOR

SE eu tenho a honra de illuſtrar a frente do meu Poema com o reſpeitavel nome de V. A., naõ

naõ he ſómente a impulſos da minha vaidoſa gloria; mas tambem a beneficio da generoſa benignidade de V. A. Eu o faço porque V. A. ſe dignou de o permittir aſſim; mas nem V. A. deveria eſcuzar-ſe de conceder-me eſta graça, nem eu poderia impedir-me de pertendella, ſendo o aſſumpto da minha Epopéa a Liberdade de Portugal, e o Heróe della o Senhor Rey D. Joaõ I. glorioſiſſimo Progenitor de V. A.

A clara fama deſte grande Defenſor da Patria intereſſa muito particularmente a V. A., pois que da immortalidade della procede

huma

huma grande parte do mageſtoſo eſplendor, que adorna a Real Peſſoa de V. A., e que V. A. deve recolher o fructo principal dos illuſtres trabalhos daquelle Auguſto Principe, que ſe propoz por fim da ſua grande, e admiravel acçaõ, a conſervaçaõ da Coróa, e a independencia do Trono Portuguez; qualidade, ſem a qual, eſte naõ ſeria já mais digno de receber em ſi a V. A.; e eu, que tive a ouſadia de cantar eſta grande acçaõ, ſeria indigno athé de intentar a empreza, ſe tiveſſe taõ baixo eſpirito, que podeſſe eſcolher, para authorizalla, algum

algum Mecenas, em quem naõ circulaſſe o meſmo ſangue do meu Heróe.

A paixaõ pelas virtudes heroicas, e o zelo da gloria nacional foraõ quem unicamente me animáraõ a eſte empenho; e os ſentimentos, que partem deſtes principios, naõ ſe deſmentem já mais com huma lizonja vil, ou hum ſacrificio indecente. Eu offereço a V. A. o que lhe pertence, e que ſó pode pertencer particularmente a V. A., que ſaõ as glorias da ſua propria Caza: ſe ellas perdem alguma couſa em ſerem cantadas por mim, he ſó por falta

de

de talentos, e naõ de desejos.

Eu os tive sempre de servir aos meus Soberanos, e á minha Patria; e se os fructos naõ corresponderaõ ás diligencias, seria falta de fortuna, ou talvez culpa da minha inutilidade; mas ainda convencido desta, eu pertendo mostrar a fidelidade do meu zelo neste pequeno tributo, que rendo á Patria, e dedico a V. A.; de quem (segundo o estylo das dedicatorias) eu devêra agora referir as excelsas virtudes; mas deixo de o fazer pelo receyo de naõ poder accommodar taõ grande assumpto em taõ pequena obra,

e

e pela esperança de poder ainda hum dia cantallas mais dignamente. Em tanto guarde Deos a Real Pessoa de V. A. por muitos, e felicissimos annos. Coimbra 30 de Julho de 1781.

Jozé Correa de Mello e Britto d'Alvim Pinto.

ADVERTENCIA.

EU naõ pertendo eſcrever hum Prologo para deſculpar os defeitos do meu Poema, e menos ainda para fazer oſtentaçaõ das regras, e dos exemplos, que ſegui na compoſiçaõ delle: os doutos ſabem bellamente eſtes exemplos, e eſtas regras, e pela liçaõ do Poema he, que haõ de julgar ſe eu os obſervei, ou naõ; e os que os ignoraõ, naõ entenderiaõ o que lhes diſſeſſe ſobre o uſo delles.

O meu intento he ſómente dar huma ſatisfaçaõ ao publico de me haver occupado em fazer verſos. Tal he a fatalidade dos tempos, que he preciſo deſculpar em hum, aquellas meſmas acçoens, que em outro ſerviraõ para adquirir muita gloria.

O nome de Poeta, que fez immortal a fama dos Homeros, e dos Virgilios, faz hoje vergonha a engenhos de bem inferior ordem. Coroavam-ſe algum dia os Petrarcas no Capitolio; falta hoje pouco para ſerem apedrejados nas ruas os que ſe applicaõ á Poeſia.

Naõ ſei ſe he deſgraça da meſma arte, que tem cahido em deſcredito, ou ſe he caſtigo

ſtigo do abuſo, que della fazem alguns dos ſeus Profeſſores. He certo, que muitos ſe ſervem della para fins inſignificantes, e talvez nocivos; mas iſto prova ſômente a corrupçaõ dos homens.

O ladraõ, e o Viajante ſe coſtumaõ ſervir das meſmas armas; mas eſte leva nellas o ſeu ſoccorro, e aquelle os inſtrumentos para os ſeus inſultos. O ſucco da meſma flor, que faz o mel tirado pela abelha, he veneno extrahido pela aranha.

Aſſim os dons das Muſas, que pódem ſer inuteis, e talves perniciosos, diſpenſados a genios leves, e coraçoens corrompidos, que ſe aproveitem delles para liſonjear a ociosidade, ou para adular o vicio, ſeraõ ſempre intereſſantes, e proveitoſos cada vez, que ſe unirem a hum eſpirito ſolido, e hum coraçaõ honrado, que os applique ao ſeu verdadeiro deſtino, que he celebrar a virtude, immortaliſar as acçoens illuſtres, miniſtrar exemplos aos Principes, e documentos aos Póvos.

Os ſabios conhecem perfeitamente eſta differença entre Poetas, e Verſejadores; mas os ſabios ſaõ o numero menor dos homens, e o reſto delles preſiſte em conſiderar indiſtinctamente a Poeſia, como huma occu-

occupaçaõ trivola; e eſtes me condemnaráõ por haver-me entretido com ella, eſperando talvez outra mais ſéria das obrigaçoens do meu naſcimento, e dos principios da minha educaçaõ.

Eu lhe confeſſo ingenuamente que eu penſei muito tempo deſſe meſmo modo, e que a peſar da particular paixaõ, que ſempre me devêraõ as Muſas, eu naõ imaginava dever ſacrificar-lhe hum cuidado ſerio; mas o deſtino dos homens naõ pende das ſuas intençoens.

Logo depois de concluidos os meus eſtudos de Humanidades, e Filoſofias, e de ſinco annos de Univerſidade de Coimbra, que ſeguia ſô pelo deſejo de inſtruir-me, eu me deſtinei á vida militar, a que me incitava a minha inclinaçaõ, os exemplos da minha familia, e os conſelhos de alguns amigos, que havendo ſeguido comigo as aulas, as deixáraõ naquelle meſmo tempo para ſervir na tropa; mas eu fui logo diſſuadido deſte eſtado de vida pelas idéas, que a meu reſpeito teve hum grande Miniſtro da noſſa Corte caſado com huma Senhora minha parenta, o qual me fez entrar em outros projectos, que ſe deſvaneceráõ depois de algum tempo, aſſim como

mo outras esperanças, que naõ pareciaõ entaõ mal fundadas.

A minha primeira vocaçaõ para o serviço militar durava toda via; e sabendo que deviaõ formar-se algumas Companhias de Cavallaria para servir no Algarve, aprompta-das á custa dos proprios Capitaens, me offereci dos primeiros, e nem assim fui despachado, promettendo-se-me com tudo outra Companhia para huma das Provincias do Norte deste Reyno, graça porque cheguei a beijar a maõ ao Senhor Rey D. Jozé, que Deos haja, e que da mesma sorte naõ teve effeito, assim como tambem o naõ teve outro offerecimento, que fiz a S. Magestade pelo mesmo apontado Ministro de ir servir em qualidade de voluntario na guerra, que naquelle tempo ardia na Alemanha, e para que nada mais pedia, que huma carta de recommendaçaõ de S. Magestade.

Em fim no movimento da guerra de 1761 eu trabalhei por ser empregado, e me offereci a fornecer duas Companhias de Cavallaria, huma para mim, e outra para meu Irmaõ, que servia Cadete, e nem entaõ fui attendido, sendo obrigado a ceder da Companhia, com que pertendia servir, para que se verificasse a de meu Irmaõ.

Reti-

Retirei me a huma quinta, naõ sei se cançado, se desgostoso de pertençoens; mas o meu genio inimigo do ocio, pedia alguma occupaçaõ para as muitas horas, que me sobejavaõ naquella especie de solidaõ. Os livros me offereciaõ a mais prompta, e a mais agradavel, supposto o habito de ler, em que me achava delde os mais tenros annos; mas eu queria sómente ler para entreter-me. Li de novo os Poetas, que já tinha lido, e li todos os de que tive alguma noticia.

A doçura das Musas me interessou outra vez no seu culto, que nunca tinha de todo abandonado, e eu naõ podia impedir-me de fazer alguns versos; mas desejei, que o assumpto delles podesse ser serio.

Procurei na historia de Portugal huma acçaõ digna da Epopèa, e tal me pareceo a do Senhor Rey D. Joaõ I. Trabalhei por canta-la, e quiz o meu zêlo tirar da minha mesma ociosidade algum fructo, de que podesse offerecer hum pequeno tributo á fama da minha Patria. Conheço, que vale pouco o que lhe dou; mas talvez vale menos ainda o que ella me tem dado, senaõ metermos em conta o premio dos trabalhos dos meus antepassados.

De qualquer sórte eu me lisonjearei sem-

ſempre muito de a ſervir, e terei huma grande ſatisfaçaõ ſe o meu tal, qual trabalho merecer o agrado dos meus Compatriotas, deſenganados de que naõ foi culpa minha, o que póde parecer-lhes ocioſidade.

JOAN-

JOANNEIDA,

OU

A LIBERDADE:

CANTO I.

ARGUMENTO.

PROPOEM-SE cantar a Liberdade de Portugal, e a gloriosa acçaõ do Senhor Rey Dom Joaõ I. Invoca-se a protecçaõ da Mãy de Deos, e se implora a benignidade do Augustissimo Principe do Brazil. Expoem-se o estado em que se via o reyno pelo falecimento do Senhor Rey D. Fernando; duvidas sobre a

suc-

ſucceſſaõ ; ſciſma do governo ; deſordens do povo , e inſolencias de Caſtella. Da-ſe conta do cerco de Lisboa , achando-ſe o Heróe dentro da cidade : acçoens valorozas do meſmo Heróe , e de outros cavalleiros. Entra no Tejo a armada Caſtelhana ; accreſcenta-ſe o riſco , e affliçaõ dos ſitiados ; aſſuſta-ſe o povo , e toda a cidade teme as conſequencias de hum bloqueio completo por mar , e por terra. O Heróe anima a todos , e chama os principaes dos ſitiados a conſelho ; mas nada ſe reſolve. Em tanto no celeſte congreſſo , o Genio tutelar de Portugal implora a miſericordia do ſupremo Deos , que benignamente o attende , lhe ſegura as felicidades dos Portuguezes, lhe declara os futuros ſucceſſos, e lhe ordena, que deſca á terra, que anime o Heróe, e lhe vaticine algumas das glorias dos que devem ſer ſeus deſcendentes ; mas tudo debaixo de tal diſfarce, que naõ ſeja conhecido o nuncio celeſte , e que o ſeu vaticinio poſſa merecer huma confiança pia ; mas naõ huma certeza infallivel , que tiraria o merecimento ao valor do Heróe. Diſfarça-ſe o Genio na figura de Fr. Joaõ das Barrocas Ermitaõ conhecido , e reſpeitado pela ſua virtude. Deſcreve-ſe o Ermitaõ ; retira-ſe com elle o Heróe particularmente , e lhe pede rogue a Deos

pelo

pelo reyno, no grave perigo, em que ſe acha. O diſfarçado Genio lhe inſpira huma grande confiança, lembrando lhe as promeſſas de Deos feitas ao primeiro Rey de Portugal, lhe dá eſperanças do bom ſucceſſo daquella empreza, e de vir elle meſmo a ſer Rey com feliz deſcendencia, que lhe declara, fallando em profecia de todos os Reys de Portugal, depois do Heróe athé o Senhor Rey D. Jozé I. Animado o Heróe com eſte vaticinio ſe deſpede do Genio, acode á muralha, donde vê vir fugindo alguns dos ſeus obrigados da multidaõ dos Caſtelhanos. Sabe a ſoccorre-los, executa varias acçoens valoroſas, reſtabelece o valor na ſua gente, e proſegue a defender a cidade com maior conſtancia.

A LIBERDADE

CANTO I.

I.

EU meſmo, que algum tempo, a doce lyra
Ajuſtava de amor ás traveſſuras,
Agradavel emprego, a quem ſuſpira
Nas prizoens da belleza mal ſeguras;
Agora, que a razaõ menos delira,
Trocada a fraze terna, a vozes duras,
As armas canto, canto a Liberdade
De Portugal, por maõ da heroicidade.

II.

Do conſtante Varaõ, que á Luſa terra,
Deu a maõ liberal do Ceo clemente
Para ſeu Defenſor na dura guerra,
Para Pay, no cuidado providente;
O caſo canto, ſe he que o peito encerra,
Nos impulſos do genio impaciente,
Taõ grande força, taõ brilhante alento,
Que ſe atreva a cumprir taõ alto intento.

III.

Sacroſanta Maria, Virgem pura,
Cofre da graça, fonte da ſciencia,
Em cujas perfeiçoens, na ſumma altura,
Parece ſe empenhou a Omnipotencia;
Vós Senhora, de quem a mais ſegura
Protecçaõ goza a Luſa independencia,
Dai com voſſo favor ao meu engenho
Auxilio, para taõ ſublime empenho.

IV.

Vós me inſpirai as cauſas ſoberanas
De taõ grandes ſucceſſos, taõ famoſos,
Comque o valor das armas Luſitanas
Logrou da liberdade os fins ditoſos:
Declarai-me os motivos das tiranas
Revoluçoens, dos odios furioſos;
E fazei, que nas vozes do meu pletro,
Se eternize a virtude em doce metro.

V.

E vós, Principe Auguſto, em quem confia
O ſeu mais firme amparo a Luſa gloria,
Com quem noſſa fé pura hoje alivia
Dos paſſados Monarcas a memoria:
Vós, de quem Portugal eſpera hum dia,
Nome mais claro, fama mais notoria,
Dignai-vos de me ouvir benigno, em quanto
Naõ dais materia a mais ſublime canto.

VI.

Gemia Portugal em deſventura,
Sem governo, e ſem Rey: Morto Fernando
Naõ deixára no reyno a ſorte dura
Succeſſor verdadeiro ao regio mando:
O zelo, a ambiçaõ, odio, e ternura
Se andavaõ mutuamente embaraçando,
E entre as vozes da honra, e da cobiça
Se perdia igualmente a da juſtiça.

VII.

Cada qual ſer juiz da regia herança
Preſumia atrevido, e ſem reſpeito,
E fruſtrada das leys a ſegurança,
A propria inclinaçaõ era o direito:
Huns move do intereſſe a vil lembrança,
Outros do patrio amor o doce effeito,
E na triſte diſputa, o povo inſano
Formava a confuſaõ, o horror, o damno.

A vin-

VIII.

A vingança, a cobiça, o desacato
Discorriaõ sem freio livremente;
Igualmente sentia o fero trato
A vida do culpado, e do innocente:
Tudo devasta o horrido apparato
Da furia nacional indignamente;
O sacerdote, as virgens, os altares
Nada escapa das iras populares.

IX.

Por outra parte as armas Castelhanas
Na raiva ardente da vingança accesas
Abrazaõ todo o reyno em deshumanas
Impiedades, insultos, e cruezas,
Tiram-se as vidas com accoens tiranas;
Sacrificam-se as honras ás torpezas,
E athé os simulacros mais sagrados
Saõ com despreso infame injuriados.

X.

Crescia a confusaõ, crescia o susto
No scisma do governo desgraçado;
Aquelle aprova, o que este chama injusto;
O que este segue, o outro chama errado.
Todos tem o seu voto por mais justo,
E sendo o reyno em sangue já banhado,
Ninguem sabe de certo em tal perigo,
Quem seja o proprio Rey, quem o inimigo.

Joaõ

XI.

Joaõ, de Portugal Defenſor forte
Por emprego, por honra, e por affecto,
A quem os riſcos da inconſtante ſorte
Já mais mudar poderaõ de projecto;
Entre tanta ruina, e tanta morte,
Impávido ſuſtem, com firme aſpecto,
Nos hombros da conſtante heroicidade,
As reliquias da antiga liberdade.

XII.

Qual o bravo leaõ, que vê cercados
Os outeiros de armados caçadores,
Os ouvidos feridos, e atroados
De alaridos, ruidos, e clamores:
A peſar dos inſultos declarados,
A peſar das imagens dos horrores,
Deſcobre a frente altiva, e ſem receio
Já mais altera o placido paſſeio.

XIII.

Tal o varaõ conſtante os horroroſos
Ameaços, e riſcos obſervando,
No poder dos contrarios orgulhoſos,
E deſordem do povo miſerando,
A peſar dos perigos eſpantoſos,
A peſar do trabalho mais infando,
Já mais altera o firme penſamento
De ſuſtentar do trono o luzimento.

XIV.

Via a chamma voraz da guerra ardendo
No meſmo coraçaõ da patria amada,
Miniſtrando materia ao fogo horrendo,
Para a propria ruina a Luſa eſpada.
Via a torpe ambiçaõ nas maons rompendo
Os laços mais fieis da fé ſagrada,
Authorizar a força dos inſultos
Na meſma fé dos deſpreſados cultos.

XV.

Via a impia vingança indignamente
Profanando do trono a mageſtade,
Fomentar a deſordem no indecente
Exercicio da ſumma authoridade.
Via abonar o eſtrago infamemente
Da meſma nacional barbaridade;
E entre tantos objectos de violencia
Mais o empenha o valor na reſiſtencia.

XVI.

Achava-ſe em Lisboa; e já ſe eſcuta
O bellico rumor junto á cidade;
Já defronte dos muros ſe diſputa
O pleito marcial da liberdade:
Corre ás portas o Heróe, onde executa
Prodigios de valor, e actividade;
De poucos cavalleiros ſe acompanha,
Mas que fazem tremer a toda Heſpanha.

XVII.

Dois Vaſconcellos ſaõ ; hum Azevedo :
Hum Caſtro, quatro Cunhas, tres Pereiras ;
Hum Albuquerque, hum Motta, hũ Figueiredo;
Hum Almeida, dois Freyres, dois Sequeiras,
Dois Leitoens, quatro Veigas, hum Macedo,
Dois Correas, hum Britto, dois Nogueiras,
E outros taes, a quem nunca a dura ſorte
Pode cauſar temor no peito forte.

XVIII.

Era a gente inimiga quem cauſava
O eſtrepito fatal, que ſe ſentia,
Pois já perto dos muros ſe moſtrava
Precedida de bellica harmonia ;
Exercito potente atropellava
A viſinha campanha, e ſe extendia
Em roda da cidade, a quem ordena
De hum aſſedio tirano a larga pena.

XIX.

Brilhava o Sol nas armas rutilantes,
Movia o vento as tremulas bandeiras,
E o ruido das vozes diſſonantes
Augmentava o terror por mil maneiras:
O rinchar dos cavallos arrogantes,
O clamor das trombetas lizonjeiras
Tudo em triſte concerto repreſenta
A ſcena de Belona mais cruenta.

De

XX.

De diverſas inſignias adornados
Diverſos eſtandartes ſe divîzaõ,
Quaes ferozes leoens moſtraõ pintados,
Quaes dourados caſtellos ſimbolizaõ.
Alli vaõ huns de cruzes matizados,
Outros, que de roélas ſe matizaõ,
E entre tantas diviſas Caſtelhanas,
Vaõ tambem tremulando as Luſitanas.

XXI.

Tambem as nobres Quinas Portuguezas
Se vem luzir no campo dos contrarios,
Que do ſciſma fatal as incertezas
Fazem na meſma gente effeitos varios.
Oh dor! oh paſmo! oh feras naturezas!
Que nos riſcos da patria neceſſarios
Sejaõ ſeus meſmos filhos inimigos
Inſtrumento cruel dos ſeus caſtigos.

XXII.

Mas já com furia horrivel vem marchando
Do campo Caſtelhano huma partida,
Na arrogancia das vozes publicando
A ſoberba, que ao genio traz unida;
A's portas ſe encaminha, que tomando
A fama de Agoſtinho eſclarecida,
Do ſeu nome conſervaõ na memoria
Segura protecçaõ, defenſa, e gloria.

Def-

XXIII.

Deſtas portas os Caſtros tem a guarda,
Dos grandes Vaſconcellos aſſiſtidos,
A cada qual parece já que tarda
A furia dos contrarios atrevidos:
E porque talvez vem, que os acobarda
O reſpeito dos muros defendidos,
Delles ſe apartaõ com galhardo alento
A domar-lhe no campo o atrevimento.

XXIV.

Já das lanças crueis as haſtas leves
Saltando pelos ares vaõ rugindo,
Das eſpadas os golpes ſaõ taõ breves,
Que huns dos outros parecem vir partindo.
Quaes no frio Janeiro as brancas neves
Em continuo chuveiro eſtaõ cahindo,
Taes das Luſas eſpadas fulminantes
Chover parecem golpes inceſſantes.

XXV.

Cobre-ſe a terra de cortadas peças
De eſcudos, elmos, peitos, e lorigas,
Nas carnes deſarmadas, mais impreſſas
Se vem da ira as barbaras fadigas;
Das hervas mais creſcidas, mais eſpeſſas
Inunda o ſangue as folhas, e as eſpigas;
Armas, plumas, cavallos, cavalleiros
Todos ſaõ na ruina companheiros.

Cede

XXVI.

Cede a turba Hiberina á furia ardente
Dos Portuguezes valoroſos braços,
Abatida a arrogancia torpemente,
Vai mudando em lamento os ameaços:
Alguns da vida os fios triſtemente
Cortados perdem nos primeiros paſſos;
Os que podem fugir, já ſem concerto
Procuraõ ſalvaçaõ no campo aberto.

XXVII.

Cada qual do caminho ſe aproveita,
Que prompto lhe miniſtra o medo triſte;
Ninguem dos capitaens a voz reſpeita,
Nos meſmos capitaens o ſuſto inſiſte:
He geral a deſordem da desfeita,
Arelhano ſómente ainda reſiſte;
Mas ſe evita a vergonha da fugida,
A liberdade chora alli perdida.

XXVIII.

Era Arelhano illuſtre cavalleiro,
Nas tropas Heſpanhollas reſpeitado,
Arrogante de genio, mas guerreiro,
Nas paleſtras de Marte exercitado;
Valente ſe moſtrára no primeiro
Impulſo do combate arrebatado,
Mas Diogo, que Eſteves ſe appellida,
Lhe fez render as armas pela vida.

Reco-

XXIX.

Recolhem-ſe á cidade os valoroſos
Defenſores das portas, ſem ruina;
Mas da parte do mar, com horroroſos
Alaridos, a gente ſe amotina;
Lançaõ todos os olhos cuidadoſos
Aᶜ corrente do Tejo criſtalina,
E de inimigas velas vem coberto
O rio todo com cruel concerto.

XXX.

Qual na brava ſilveira entrincheirado
O matador de Adonis deſtemido,
Que de caens, e monteiros vê cercado
Todo o eſpaço do monte conhecido;
Dos clamores das gentes alterado,
Dos ladros dos ſabujos confundido,
Em roda obſerva todo o abrigo occulto,
E em toda a parte nota o meſmo inſulto.

XXXI.

Taes os valentes Luſos entre os muros
Cercados do poder de toda Heſpanha,
Notando eſtaõ com olhos mais ſeguros
O tumulto fatal da gente eſtranha;
Ouvem do tambor rouco os écos duros,
Que o clamor das trombetas acompanha,
Acodem á muralha, e em toda a parte
Vem preſente o furor do irado Marte.

Por

XXXII.

Por mar, por terra as armas Caſtelhanas
Ameaçaõ ruinas, e caſtigos,
O povo ſe horroriza das tiranas
Repetidas imagens dos perigos:
Já naõ temem ſómente as deshumanas
Conſequencias dos golpes inimigos;
As ideas da fome, e da miſeria
Lhe daõ para o temor maior materia.

XXXIII.

Naõ era ainda a falta de alimentos
Senſivel neſte tempo, porque havia
Na cidade baſtantes mantimentos
Para a gente cercada; mas fazia
Deſpertar taõ funeſtos penſamentos
O bloqueio completo, em que ſe via
Por mar, e terra a gente miſeravel
Rodeada de força inſuperavel.

XXXIV.

Anima o Heróe o povo, e com cuidado,
A conſelho convoca os companheiros,
A quem expoem, com geſto ſocegado,
Toda a força dos riſcos verdadeiros:
Pondera na cidade o triſte eſtado,
De hum longo cerco os damnos moſtra inteiros,
E pede a todos, que com zelo puro,
Diſcorraõ no remedio mais ſeguro.

Cada

XXXV.

Cada qual no remedio diſcorria,
Segundo o proprio genio lhe inſpirava;
Hum ſoccorros eſtranhos pertendia,
Outro concertos vaons premeditava:
Algum, que do furor ſó ſe regia,
Huma acçaõ deciſiva aconſelhava,
E perdidas as horas na diſputa,
Se diſſolve a aſſemblea irreſoluta.

XXXVI.

Em tanto, lá no Olympo luminoſo,
Onde quiz a ſuprema Omnipotencia
Edificar hum trono mageſtoſo,
Poſto que immenſa ſeja por eſſencia;
Onde aſſiſtem, com culto obſequioſo,
Os miniſtros da ſumma Providencia,
Promptos para cumprir a toda a hora,
As ordens do Senhor, que o mundo adora.

XXXVII.

Eſte Senhor Supremo, Omnipotente,
Grande Deos, Infinito, Inexplicavel,
Terrivel, Forte, Sabio, providente,
Bom, Benigno, Fiel, Piedoſo, Amavel,
A cujo ſummo arbitrio eſtá preſente
Quanto alcança do tempo o curſo inſtavel,
Deſde o ſolio luzente os olhos puros
Inclinou de Lisboa aos triſtes muros.

XXXVIII.

Vio-os todos cercados de inimigos,
Que a ſua perdiçaõ ſoberbos juraõ;
Vio por dentro miſerias, e perigos,
Que a ruina fatal mais lhe aſſeguraõ:
Conhecia a juſtiça dos caſtigos,
Que as feas culpas da naçaõ apuraõ;
Mas movido da dor de tantos damnos,
Já compaſſivo olhava os Luſitanos.

XXXIX.

O Genio tutelar da Luſa terra,
Que vio propicio ao rogo o Deos piedoſo,
Animado do zêlo, que ſe encerra
No ſacro miniſterio cuidadoſo,
Depois que o ſanto ſuſto em fim deſterra,
Que lhe motiva o Numen mageſtoſo,
Deſta ſorte lhe falla reverente
Poſtrado aos pés do trono refulgente.

XL.

Eterno Deos, a cujo acêno treme
O ceo, a terra, o mar, e o meſmo inferno,
Cujo ſagrado nome adora, e teme
Todo o Orbe em reſpeito ſempiterno,
Bem vês, Senhor, o como afflicto geme
O povo, que entregaſte ao meu governo,
Se he teu goſto tal vez, que ſe deſtrua,
O teu juſto deſignio ſe conclua.

Mas

XLI.

Mas ſe acaſo, Senhor, os ſeus peccados
Naõ tem fruſtrado as altas eſperanças,
Que na ordem dos ſeus illuſtres fados
Lhe preſcreveſte de immortaes bonanças;
Se acaſo neſte povo executados
Haõ de ſer com ditoſas ſeguranças
Os prodigios illuſtres, que em Ourique
Aſſeguraſte ao ſucceſſor de Henrique?

XLII.

Se haõ de ſer deſte ſangue deſcendente
Os que o teu ſanto nome reſpeitavel
Haõ de levar a climas differentes
Com zêlo do teu culto incomparavel,
Se os paizes occultos ás mais gentes
Haõ de calcar com fama inimitavel,
Para ſerem ditoſos inſtrumentos
Dos teus pios, e juſtos documentos?

XLIII.

Se ha de ſer eſte reyno o teu Imperio,
Separado do reſto das Heſpanhas,
E por prova da fé deſte miſterio
Lhe fizeſte obrar tantas façanhas?
Se o pezo ſacudir do jugo Hiberio
Lhe ordenaſte na face das campanhas,
Como agora, Senhor, em tanto damno
Lhe falta o teu ſoccorro ſoberano?

XLIV.

Ah! naõ permitta a tua providencia
Deixar tantos prodigios mal logrados:
Se tu es immutavel por eſſencia,
Naõ podem teus deſignios ſer mudados.
Promeſſas ſaõ da tua omnipotencia
Deſta gente os progreſſos ſublimados,
Ampare já, Senhor, teu braço forte
Os que deſtinas a taõ alta ſorte.

XLV.

Ouvio o Pay Supremo o rogo attento
Do ſacro Paraninfo cuidadoſo,
E com vulto ſereno, que o tormento
Do meſmo abiſmo convertera em gozo,
Enchendo os Ceos de novo luzimento
Na alegria do geſto mageſtoſo
Lhe reſponde benigno, e ſocegado
Com patentes ſinaes de novo agrado.

XLVI.

Naõ temas, naõ dos teus a ſorte dura;
Provas ſaõ do valor eſſas fadigas,
Com que a Luſa naçaõ a gloria apura
Da fama illuſtre das acçoens antigas,
Os mimoſos indultos da ventura
Naõ lhe offendem as armas inimigas;
Immutaveis eſtaõ ao reyno unidos
Os fados, que lhe foraõ promettidos.

XLVII.

E porque melhor vejas ſe propicio
Attendo aos teus amados Luſitanos,
Vê, lhe diz, eſſe livro, onde o exercicio
Lerás das gentes dos vindouros annos;
Niſto lhe abre, com alto beneficio,
O livro ſacroſanto dos arcanos,
Onde em letras de luz ſe vem impreſſos
Dos incertos futuros os ſucceſſos.

XLVIII.

Vê, diz, e agora parte diligente
A esforçar o Varaõ, que o povo alenta;
Diſſipa-lhe o cuidado, e cautamente
Da victoria a eſperança lhe accreſcenta,
Dos futuros ſucceſſos juntamente
Hum breve vaticinio lhe apreſenta;
Mas de ſorte, que poſſa eſta eſperança
Dar-lhe alentos, naõ dar-lhe ſeguranca.

XLIX.

Que ſe o valor humano for ſeguro
Do contingente riſco dos ſucceſſos,
Na ditoſa certeza do fututo,
Pouco podem valer os ſeus progreſſos.
Anime o Defenſor o peito puro,
Os favores do Ceo conheça expreſſos;
Mas o nuncio celeſte naõ conheça,
Porque ſe alente, e naõ ſe deſvaneça.

Diſſe,

L.

Diſſe, e ſem mais demora o Genio parte,
E com vôo feliz á terra deſce,
Que do eſtrondo fatal do irado Marte,
Parece, que ſe abála, ou que eſtremece;
Alli melhor Protheu, com melhor arte,
Mudada a fórma, as luzes eſcurece,
E em obſervancia da divina norma
No vulto de Barrocas ſe transforma.

LI.

Era Barrocas hum varaõ famoſo
Em Virtudes, no reino conhecido,
Que habitando de hum ermo o mais fragoſo,
Era na corte com aſſombro ouvido.
Poucas vezes largava o ſitio umbroſo,
Onde paſſava os annos eſcondido,
E ſe vinha á cidade, era conſtante
Ser para avizo a todos importante.

LII.

De hum groſſo, e roto manto mal talhado
Os penitentes membros abrigava,
Da barba intonſa o pelo dilatado
Ametade dos peitos lhe bordava:
Curvado o corpo, o roſto deſcarnado
De veneraveis cans a fronte ornava;
Hum bordaõ, humas contas, hum livrinho
Era todo o ſeu movel, todo o alinho.

Eſta

LIII.

Esta mesma figura o Genio adopta
O mesmo tom de voz, o mesmo estilo,
O mesmo inculto adorno alli se nota,
Ninguem póde do proprio distinguillo:
Concorre o povo em confuzaõ devota
A ver Barrocas, a tratallo, e ouvillo,
E entre applauso, esperanças, e embaraço
O levaõ de Joaõ ao alto paço.

LIV.

Era pio o Heroe: recebe affavel
Nos braços o fingido Anacoreta,
E humilhado á virtude respeitavel
Lhe beija a pobre manga da roupeta;
Mas depois que no agrado incomparavel
A publica attençaõ julgou completa,
O conduz com suave, e breve giro
Ao mais occulto, interior retiro.

LV.

Alli com pia fé do peito afflicto
Lhe communica todos os cuidados,
Em que fluctua o coraçaõ invicto,
Na funesta oppressaõ dos sitiados
Supplica-lhe, que alcance do infinito
Poder de Deos com rogos porfiados
Soccorro a tantos damnos; se saõ certas
As promessas a Affonso descubertas.

As

LVI.

As promeſſas de Deos ſaõ infalliveis,
Lhe diz o ſacro Genio disfarçado;
Mas na esfera confuſa dos poſſiveis
Nada alcança o juizo limitado;
Talvez nos mais funeſtos, mais horriveis
Succeſſos, que lamenta o noſſo enfado,
Fabrica a maõ de Deos Omnipotente
A gloria mais feliz, mais permanente.

LVII.

Naõ te aſſuſtem os feros ameaços
Da guerra dura, da miſeria triſte;
No deſprezo dos grandes embaraços
O valor verdadeiro ſó conſiſte:
A palavra de Deos te anima os paſſos,
No teu projecto firmemente inſiſte,
E verás o rigor mudado em gloria,
Premiado o trabalho na victoria.

LVIII.

Verás o meſmo Rey, que agora a lança
Brandindo eſtá feroz para a conquiſta,
Buſcar do proprio ſolio a ſegurança
Nos meſmos laços da alliança miſta:
Duas irmans, que da paterna herança
O cuidado trará de Heſpanha á viſta,
Verás huma da tua eſcolha abono,
Outra firmeza do contrario trono.

Famo-

LIX.

Famoſa deſcendencia te aſſegura
Eſte illuſtre Hymeneu, que o Ceo prepara,
Se naõ he illuſaõ da idéa eſcura
O que julgo favor da luz mais clara;
Europa toda vejo, com fé pura,
O joelho dobrar á prole chara;
Mas deixando os eſtranhos principados,
Dos Luſos ſó direi os mais chegados.

LX.

Hum conſtante Duarte o Ceo deſtina
A ſucceder no trono reſtaurado,
Que com raras virtudes illumina
A breve affliſta eſfera do reinado;
Fruſtrar-lhe alguns projectos determina
Talvez a força do immutavel fado;
Mas por premio das grandes qualidades,
Lhe dará fama illuſtre nas idades.

LXI.

Nem menos conhecidos nas hiſtorias
Seraõ dos quatro irmaons os nomes claros,
Pedro, Joaõ, e Henrique nas memorias
Dos ſucceſſos de Marte mais preclaros,
Fernando, ſe naõ já neſtas victorias,
Nos triunfos da fé naõ menos raros;
Pois das breves caducas eſperanças
Ha de formar eternas ſeguranças.

Acaba-

LXII.

Acabado o governo de Duarte,
Affonſo regerá da Liſia a gente,
Affonſo, que na voz do duro Marte
Affamado ſerá eternamente:
Tanto fará tremer do mundo a parte,
A quem notavel faz o clima ardente,
Que diſputando a gloria do Romano,
Conhecido ſerá por Africano.

LXIII.

Maior que Affonſo o filho ſe reputa;
Joaõ, nome feliz nos Portuguezes,
Que do paterno affecto na diſputa
Ao trono ſubirá por duas vezes;
Mas ſempre com tal fama, e tal conduta;
Que vencendo as invejas deſcortezes,
Conſeguirá do mundo no reſpeito
Ser tratado por Principe perfeito.

LXIV.

Pio, juſto, valente, generoſo;
Verdadeiro, magnanimo, diſcreto,
Será de Marte aſſombro reſpeitoſo,
De Nemeſis modello o mais completo
Pay dos fieis vaſſallos amoroſo,
Flagello do ſoberbo orgulho inquieto.
Na ſciencia dos Reys ſerá notado
Dos vindouros por meſtre conſumado.

Deſte

LXV.

Deſte o Ceo naõ permitte, que do trono
A próle chara occupe o Regio aſſento;
Porque tem deſtinado para abono
Da gloria Luſitana, outro inſtrumento:
Hum Rey lhe ordena Deos, de quem Patrono
Se ha de moſtrar no meſmo naſcimento,
Do teu ſangue igualmente acreditado,
Por Duarte, e Fernando derivado.

LXVI.

Manoel ha de ſer o Rey potente,
Que as promeſſas de Deos verá cumpridas;
No ſeu tempo ſeraõ na eſtranha gente
Da Ley ſanta as verdades recebidas.
Nas mais remotas terras do Oriente
Seraõ ſuas bandeiras conhecidas,
E ſeraõ ſeus baixeis encaminhados
Por mares nunca dantes navegados.

LXVII.

Novos mundos veraõ as Luſas Quinas
No progreſſo feliz deſte governo,
Vaſſallagem render ás leys Divinas,
A' Liſia preparar tributo eterno;
Aromas, ſedas, ouro, e pedras finas
Illuſtraráõ de ſórte o faſto externo,
Que ſerá conhecido eſte reinado
Em Portugal por ſeculo dourado.

Mas

LXVIII.

Mas naõ ſerá ſó de ouro a copia rara,
O mais illuſtre dom da maõ ſuprema
Nas prendas dos vaſſallos lhe prepara
A ſumma providencia a gloria extrema;
Heróes de toda a claſſe a Liſia clara
Entaõ produzirá, que em nobre emblema
As virtudes dos Gregos, e Romanos
Haõ de moſtrar nos peitos Luſitanos.

LXIX.

Outro novo Jaſon, outros famoſos
Argonautas eſpera aquella idade,
Outros Manlios naõ menos glorioſos,
Fabricios, Scipioens de mais bondade;
Nem ſómente nas armas precioſos
Eſtes tempos ſeraõ, na ſuavidade
Hum Homero teraõ, que cante a brados
As armas, e os varoens aſſignalados.

LXX.

Outro Joaõ do reino a redea dura
Regerá felizmente, e no cuidado
Do culto pio, da ſciencia pura
Será com juſta cauſa acreditado;
Protegendo das letras a cultura,
Naõ vivirá das armas deſcuidado,
E por ſeus capitaens fará patente
O ſeu nome na Aſia, e Libia ardente.

Eſte

LXXI.

Eſte verá do filho as eſperanças
Em flor cortadas; mas o neto egregio
O trono ha de occupar, e as confianças
Da Liſia animará no vulto regio;
Se a virtude podeſſe as ſeguranças
Aos ſeus alumnos dar por privilegio,
Sebaſtiaõ, no templo da memoria
Lograria de todos a victoria.

LXXII.

Mas nem ſempre a fortuna favorece
As illuſtres virtudes, nos caſtigos
Talvez a maõ de Deos ſe reconhece
Opprimir mais pezada os mais amigos;
Naõ porque menos juſta nunca ceſſe
De premiar os bons; mas nos perigos
Purifica, talvez com mais cuidado,
Os que deſtina a mais brilhante eſtado.

LXXIII.

Aqui hum pouco o Genio ſuſpendido
A narraçaõ cortou, e hum breve eſpaço
Os olhos para o ceo havendo erguido
Parecia ſentir forte embaraço;
Joaõ lhe inſta com rogo repetido,
Que dos preſagios naõ altere o paſſo;
Porque o peito conſtante tem diſpoſto
A ſoffrer igualmente a pena, e o goſto.

Naõ

LXXIV.

Naõ intentes, o Genio entaõ reſponde,
Ouvir dos teus a mais fatal ruina,
Que em diſtancia confuſa o tempo eſconde
A' juſta dor, que o ſangue te deſtina;
Mas ſe o valor no peito correſponde
A' conſtancia, que o geſto te domina,
Ouve, e verás com quanta congruencia
Obſerva o tempo as leys da Providencia.

LXXV.

Decimo ſexto Rey da Luſa terra
Sebaſtiaõ ſerá; na fatal conta
Quanto funeſto riſco o fado encerra,
De Ourique o vaticinio claro aponta,
A Libia ardente vejo em triſte guerra,
A' Liſia preparar eterna afronta,
E a próle Regia alli attenuada,
A palavra de Deos executada.

LXXVI.

Perde-ſe hum grande Rey, e quaſi extincta
Do grande Affonſo a Luſa deſcendencia,
Mais a magoa da perda ſe requinta
No imminente receio da violencia,
E bem que o ſacro emprego mal conſinta,
Que Henrique próle eſpere com decencia,
No trono fará ver equivocada
A purpura real com a ſagrada.

Eſte

LXXVII.

Este será da Lusa varonia
A ultima reliquia, e brevemente
Na triste servidaõ da tirania
Gemerá Portugal afflictamente:
Doze lustros suppressa a Monarchia
O jugo soffrerá da Hiberia gente,
E sobre os altos peitos Lusitanos
Reinaráõ tres Filippes Castelhanos.

LXXVIII.

Mas o tempo virá, que satisfeita
A justiça Divina, o alto indulto
Da primeira promessa a Affonso feita
Cumprido mostrará com firme vulto;
Os olhos outra vez na prole eleita
Porá o Deos supremo, e o regio culto
Restituido á Lusitana gente
Será com fama eterna illustremente.

LXXIX.

Outro Joaõ da Lusa liberdade
Restaurador será, que de Bragança
No sangue illustre a regia Magestade
Conservará de Affonso sem mudança:
Este do trono a antiga dignidade
Renovará com rara confiança,
E será o seu nome respeitoso
Conhecido no mundo por ditoso.

Affons

LXXX.

Affonſo, e Pedro ſucceſſivamente
O trono occuparáõ, ambos famoſos,
Hum nas victorias da Hiberina gente,
Outro nos dons da paz ſempre formoſos;
Felices ambos, ſe a diſcordia ardente
Lhe naõ manchar os peitos generoſos;
Porém ſempre felices no deſtino
De confundir a furia do Hiberino.

LXXXI.

Outra vez de Joaõ o nome egregio
O ſolio adornará de illuſtre gloria,
Que nas prendas reaes, no vulto regio
Será eterno emprego da memoria;
Eſte o Ceo com diſtincto privilegio,
Guarda para eſplendor da Luſa hiſtoria,
E no ſeu tempo, as artes, e ſciencias
Animará, com altas influencias.

LXXXII.

Os aureos fructos de huma paz formoſa
Encheráõ de abundancia aquella idade,
E á ſombra da opulencia deleitoſa
A induſtria creſcerá com liberdade;
Cultivada a fereza bellicoſa
Nos dictames civis da humanidade,
Fará luzir na gente Luſitana
O valor, e a policia da Romana.

Famo-

LXXXIII.

Famoſos Templos, nobres edificios,
Equipagens pompoſas, moveis raros
Seraõ naquelles ſeculos propicios
Do goſto da Naçaõ effeitos claros:
Das campinas os meſmos frontespicios
Menos rudes ſeraõ; pois nos preclaros
Cuidados da feliz agricultura
Trocaraõ os eſpinhos em verdura.

LXXXIV.

No meſmo tempo a ſabia providencia
Do grande Rey, no culto da juſtiça,
No reſpeito das leys, na reverencia
Dos ſagrados myſterios mais ſubmiſſa,
Nos premios da virtude, e da ſciencia;
Nos caſtigos da fraude, e da cobiça
Mais illuſtre fará, mais precioſa
Aquella idade ſempre venturoſa.

LXXXV.

Nem das armas a fama eſclarecida
Deſprezada ſerá do Rey potente,
A ſoberba Othomana confundida
Verá o mar Egeo por ſua gente:
Corfû vingada, Italia ſoccorrida
Seraõ padroens da gloria permanente,
Que logrará o nome reſpeitavel,
Ou na paz, ou na guerra, ſempre amavel.

LXXXVI.

Jozé do Patrio Trono o auguſto aſſento
Illuſtrará de novos eſplendores,
Fabricando no Regio penſamento,
Para o Luſo governo, as leys melhores,
A Policia civil, o Regimento
Das gentes militares, os maiores
Projectos do Commercio, e da Cultura
Seraõ do ſeu cuidado empreza pura.

LXXXVII.

Novas fabricas, novos exercicios
Da nacional induſtria aquella idade
Logrará nos auguſtos beneficios
Da Regia providente authoridade;
Da lan, da ſeda os varios artificios,
Dos bornidos metaes a claridade,
Do barro, e da madeira os nobres uſos
Seraõ vulgares nos dominios Luſos.

LXXXVIII.

Famoſas, opulentas companhias
Pela maõ do governo reguladas
Moſtraraõ do commercio as primazias
Dos ſeculos antigos ignoradas,
Do ocio, e da avareza as vans porfias
Seraõ a fim mais util deſtinadas;
E facundindo jugos encobertos
Provaraõ do negocio os lucros certos.

Neſte

LXXXIX.

Neſte tempo outra vez a paz ſerena
Perturbada ſerá na Luſa terra,
E mudado o exercicio, o Ceo ordena,
Que ſe deixe a lavoura pela guerra,
O deſuſo fará mais grave a pena,
Que na furia inimiga o ſuſto encerra;
Mas ſerá breve o termo do caſtigo
Conhecido ſómente no perigo.

XC.

Extincta a guerra, novas providencias
Dará Jozé á patria ſegurança,
Prevenindo o rigor das contingencias
Deſde o ſeyo ſuave da bonança:
Rico Erario com promptas diligencias
Formará contra os riſcos da mudança;
E nas praças, nas armas, e na gente
A força augmentará o Rey prudente.

XCI.

O Ceo lhe nega o goſto appetecido
De próle varonil, mas bem ſegura
A memoria do tronco eſclarecido
Na Filha illuſtre, e pio Irmaõ ſe apura:
Neſte Conſorcio felizmente unido
O ſangue Portuguez em liga pura
Novas luzes prepara ao trono regio
Nos primores do fruto mais egregio.

XCII.

Larga materia reſta á Luſa gloria
Nos ſucceſſos futuros; mas baſtante
Tens ouvido de mim para a victoria
De hum timido receio vacilante:
Anîma o peito, e guarda na memoria
Do certo vaticinio a luz brilhante,
E na fé de taõ altas eſperanças
Naõ te acobarde o ſuſto das mudanças.

XCIII.

Deos te deſtina para o trono Luſo,
Por altas permiſſoens da Providencia;
O juizo dos homens he confuſo
Para ver as razoens da Omnipotencia.
Naõ te creias injuſtamente intruſo
Na diſtincçaõ da Regia preminencia;
Deos he Senhor dos Reynos; repartillos
Elle ſó póde, póde dividillos.

XCIV.

Do grande Affonſo nóta o caſo raro,
Exemplo encontrarás deſta verdade,
O Ceptro lhe negava o mundo avaro,
Deos lho deu com ſuprema authoridade:
Filhos tinha Saul, em quem bem claro
Era o direito á Regia Dignidade;
Mas na mente Divina era primeiro
David eſtranho, que Isboſeth herdeiro.

Quan-

XCV.

Quando a ordem dos Ceos se naõ conhece;
Faz a juſtiça humana regra certa,
A quem deve ceder todo o intereſſe,
Com ſubmiſſaõ fiel, e deſcoberta,
Que ſe eſta ley geral ſe preverteſſe,
Teriaõ as traiçoens a porta aberta;
Mas quando Deos declara o ſeu intento,
Ha de ſer cego o noſſo rendimento.

XCVI.

Elle te fará ver diſtinctamente
Do ſeu dezignio as puras influencias,
Naõ ſó no ardor da Luſitana gente,
Mas em prodigios de altas evidencias;
Antes que o Reyno, em fórma competente,
Te offereça do Solio as preminencias,
Acclamado ſerás Rey Luſitano
Pela voz da innocencia em culto ufano.

XCVII.

Entaõ o Luſo Ceptro ſem receio
Acceitar poderás: agora aprende
A ſaber merecello; pois por meio
Dos trabalhos a gloria ſe pertende.
Diſſe, e deixando o Heróe de aſſombros cheio
Das couſas, que ainda bem naõ comprehende,
Delle ſe aparta, dando-lhe a certeza
De encommendar a Deos aquella empreza.

Ani-

XCVIII.

Animado ficou de hum novo alento
O valoroſo Heróe; no ſeu ſemblante,
Se diviza com claro luzimento
De huma firme conſtancia a luz brilhante;
Infunde o ſeu aſpecto atrevimento
No peito mais mortal, mais vacilante,
E dos olhos parece, que fulmina
Ardentes raios de huma luz Divina.

XCIX.

Neſte eſtado apparece aos companheiros,
Com elles corre ſobre os altos muros,
Influindo nos animos guerreiros
Novo eſpirito, alentos mais ſeguros.
Fugindo vinhaõ varios cavalleiros
Do Caſtelhano ferro aos golpes duros;
Mas do claro Varaõ baſta a prezença
Para animar os Luſos â defença.

C.

Elle accode com prompta providencia
A ſuſpender as furias inimigas,
E renova com brava diligencia
A perdida conſtancia das amigas:
Elle inſpira nos ſeus a competencia,
Deſprezando trabalhos, e fadigas;
Elle buſca os contrarios mais famoſos,
Que intimîda com golpes furioſos.

A's

CI.

A's ſuas maõs perdeu a triſte vida
O valente Pantoja, o bom Guevára,
Com Lozada arrogante; e mal ferida
A cabeça, de hum golpe, naõ repara
Em fugir Eſpinoza; nem duvîda
Guſmaõ fazer o meſmo, a quem tocára
Igual forte no damno, recebendo
No belicozo braço hum golpe horrendo.

CII.

Aſſim cheio de gloria, e de eſperança
Se recolhe á cidade, aſſim alenta
Dos cercados varoens a confiança,
Do conſternado povo a dor violenta;
Aſſim guarda com firme ſegurança
Os confiados muros, onde oſtenta
Cada dia com zêlo duplicado
Mais valor, mais prudencia, e mais cuidado.

FIM DO CANTO I.

A LIBERDADE

CANTO II.

ARGUMENTO.

DEPOIS de tres mezes de cerco, ſem que os ſitiados deſmaiaſſem do primeiro ardor, principiavão os Capitaens Caſtelhanos a cançar-ſe deſta guerra; e o meſmo Rey deſgoſtozo do pequeno progreſſo das ſuas armas, da notoria averſaõ dos Portuguezes, da inconſtancia da Rainha ſua Sogra, e de alguns acontecimentos, que a vulgar credulidade julgava preſagios funeſtos, e aſſuſtado das brilhantes acçoens do Defenſor de Portugal, principiava a affroixar nas ſuas iras, e já cogitava de algumas propoſtas ſuaves para ſe tratar a paz; quando no Inferno o Principe das Trevas indignado contra os Portuguezes por antigos aggravos, e receozo das promeſſas feitas ao Senhor Rey D. Affonſo Henriques, pertende

de fazer continuar a guerra, e arruinar o Trono de Portugal. Prática de Luzbel aos genios infernaes; duvidas de Asmodeo ao projecto de favorecer aos Castelhanos, sendo Christaons, resposta de Luzbel. Vaõ com effeito as Furias infernaes fazer todo o mal possivel aos Portuguezes, e huma dellas em sonhos, incita o Rey Castelhano a proseguir a guerra com maior fervor. Chama o Rey a Conselho de Guerra, expondo o sonho; pareceres do Conde de Barcellos, e de outros Capitaens, voto de Vallasco; rezoluçaõ do Rey. Ataca-se huma partida de Portuguezes, que se acha fóra da Cidade, que cede com effeito ao maior numero, e se retira aos muros; mas o Defensor os obriga a voltar aos inimigos, que se lizonjeavaõ de tomar a Cidade. Atêa-se novamente a contenda, que dura todo o dia, e a noite aparta, e naõ decide a disputa.

A LIBERDADE.

CANTO II.

I.

ERa o tempo, em que Phebo luminoſo
Entre os filhos de Leda paſſa ufano,
E quaſi aſſigna o termo glorioſo,
Da mais bella eſtaçaõ de todo o anno;
Quando as flores com vulto mais pompoſo
Oſtentaõ da belleza o breve engano,
E das aves a branda melodîa
Se repete com mais gentil porfia.

Já

II.

Já tres vezes a filha de Latona
Moſtrado tinha á terra o vulto inteiro,
E outras tantas do ardor, que a luz lhe abona,
Occultára o reflexo liſonjeiro,
Depois que a furia horrivel de Belona
Intimava á Cidade o ſom guerreiro,
Sem que no eſpaço de taõ largos dias
Deſmaiaſſem as Luſas ouſadias.

III.

Rebatidos das forças Luſitanas,
E da ſórte contraria fatigados,
Os capitaens das armas Caſtelhanas
Os peitos já moſtravaõ quebrantados;
Do meſmo Rey as iras inhumanas,
Os primeiros impulſos, e cuidados
De vingança, mais brandos pareciaõ,
Ou nas ſombras do ſuſto ſe eſcondiaõ.

IV.

Elle via dos Luſos a firmeza
Cada vez mais conſtante, o zêlo puro
Da liberdade, e gloria Portugueza
Cada dia mais vivo, e mais ſeguro;
Élle via o valôr, e fortaleza,
A prudente conduta, e braço duro
Do grande Defenſor acreditar-ſe
Nos ſucceſſos, creſcer, e confirmar-ſe.

O

V.

O deſprezo da morte, que oſtentava
Nas continuas ſortidas, que fazia
O Valoroſo Heróe, a furia brava
Dos ſeus golpes, o ſuſto, que infundia
O ſeu nome, o reſpeito, que lograva
No povo Portuguez, tudo abatia
O primeiro fervor do Rey tirano,
Que já temia o ferro Luſitano.

VI.

A deſerçaõ, que via triſtemente
Graſſar no ſeu partido, o deſamparo
De muitos, de quem foi primeiramente
Acompanhado no projecto avaro,
Das Provincias o eſtillo inconſequente
A fatal averſaõ, ou odio claro
Da Naçaõ nos temores mal ſegura
Tudo ſuas idéas desfigura.

VII.

A meſma ſogra, a meſma, que fizera
Tantas queixas da gente Luſitana,
Que incitára, apreſſára, e promovera
Os progreſſos da tropa Caſtelhana,
A meſma, que aruina pertendera
Do Defenſor, que a culpa mais tirana
Lhe imputava, e pedia o ſeu caſtigo,
O tratava de injuſto, e de inimigo.

Eſta

VIII.

Eſta meſma, depois arrependida
Do primeiro projecto, e deſgoſtoſa
Da conduta do genro, ou diſſuadida
Da juſtiça da filha duvidoſa,
Com patentes inſultos offendida
De hum deſterro, e prizaõ injurioſa,
A liberdade patria deſejava,
E já do Defenſor o nome honrava.

IX.

O Ceo meſmo, parece que empenhado
Em favor dos altivos penſamentos
Da gente Portugueza, o Rey turbado
Com preſagios aſſuſta, com portentos:
No conceito do povo alvoroçado
Tem mais lugar aquelles ſentimentos;
Mas no peito de hum Rey talvez aſſiſte
Hum coraçaõ vulgar, hum genio triſte.

X.

He fama nas memorias conſervada
Dos antigos annaes, com fé conſtante,
Da tradiçaõ das gentes abonada,
Entre os ecos do tempo mais diſtante,
Que intentando na fórma praticada
Pelos Luſos, em caſo ſimilhante,
Acclamar-ſe a Raynha de Caſtella,
Com publico pregaõ, por mais cautella.

No

XI.

No tempo, em que o miniſtro a paſſo brando
Por entre o povo vario ſe encaminha,
E grita alegremente a voz ſoltando,
Portugal, *Portugal pela Raynha*,
Huma tenra menina, levantando
A cabeça no berço alli viſinha,
Portugal, *Portugal*, diz duas vezes,
Pelo Rey D. Joaõ dos Portuguezes.

XII.

E ſendo em varias villas, e cidades,
Que o dominio de Heſpanha conſentiaõ;
Praticadas iguaes formalidades
Pelos que ſeu direito defendiaõ,
A peſar das crueis ſeveridades,
Que os mais vivos temores infundiaõ
Huma velha caduca, hum pegureiro
Baſtava a ſublevar hum povo inteiro.

XIII.

Mas ſobre tudo o caſo mais notavel
Do fanatico povo no conceito,
De vaons preſagios ſempre inſaciavel,
A cegas illuſoens ſempre ſujeito,
Foi hum ſucceſſo nada reparavel,
De cauſas naturaes notorio effeito,
A quem deu ſó do tempo a circunſtancia
Apparente figura de importancia.

Man-

XIV.

Mandára confundir o Rey tirano
Na bandeira real, por mais cautella,
As insignias do trono Lusitano
Entre as armas antigas de Castella,
De hum, e de outro brazaõ o pezo ufano
A Mendôça confia, e se desvella
Em fazer com formal solemnidade
Ostentaçaõ da nova dignidade.

XV.

Mas apenas Mendôça rodeado
De Hespanhóes, e de alguns dos Portuguezes,
Sobre hum bruto soberbo, que gerado
Foi no centro dos campos Cordovezes,
Principia a marchar acompanhado
De lisonjas festivas, e cortezes,
Quando hum triste accidente desconcerta
Da ceremonia a pompa descoberta.

XVI.

Hum turbilhaõ de vento impetuoso
Com subito furor se precipita
Sobre o grave congresso numeroso,
Onde as forças tiranas exercita;
Todo o concurso, o vento furioso
Descompoem, desconcerta, impelle, e agita;
Mas na regia bandeira tremolante
Fez impulso maior, mais fulminante.

O

XVII.

O brazaõ Portuguez, ou mal ſeguro
No lugar deſtinado, ou combatido
Dos Miniſtros crueis de Eólo eſcuro,
Com impulſo mais forte, ou repetido,
Agitado o pendaõ de hum golpe duro,
Foi das armas de Heſpanha dividido,
Deixando na bandeira o lugar vago,
Sem que em ſi recebeſſe algum eſtrago.

XVIII.

E proſeguindo as féras influencias
Da deſordem fatal deſte accidente,
Apeſar das mais promptas providencias,
Do zêlo mais fiel, mais competente,
Apeſar do trabalho, e diligencias
De Mendôça já triſte, e deſcontente,
O ſeu meſmo cavállo desbocado
Fugio, correo, cahio precipitado.

XIX.

Deſtes, e de outros caſos ſimilhantes
No conceito do vulgo portentoſos,
E no enleio dos peitos vacillantes
Sempre nocivos, ſempre perigoſos,
Combatidos do Rey os arrogantes
Projectados intentos orgulhoſos
Já naõ moſtravaõ tanta confiança,
Já deſcobriaõ menos ſegurança.

XX.

Pelo contrario o coraçaõ robuſto
Do claro Defenſor inalteravel,
Em quem naõ tem poder fadiga, ou ſuſto,
Inflamado de zêlo incomparavel,
Nas promeſſas ſeguro do Céo juſto,
Cada vez com firmeza mais notavel,
Mais conſtante, mais forte ſe oſtentava,
E dos Luſos os peitos animava.

XXI.

Cada dia no campo dos contrarios
Mil eſtragos fazia, mil caſtigos,
Sendo ſeus golpes ſempre extraordinarios
O mais vivo terror dos inimigos,
O meſmo Rey tirano inſultos varios,
Varios ſuſtos ſoffreo, varios perigos,
E na ſua preſença o Varaõ forte
Muitos ſeus entregou á fera morte.

XXII.

A ſeus olhos perdeo a doce vida
Griſalva, com Giron, a quem levára
A's maons do Defenſor a fé devida,
Que em defenſa do Rey os empenhára;
Porque vendo no eſtrago enfurecida
Do potente Varaõ a dextra clara,
Por ſalvar o Monarcha recebêraõ
Duros golpes, que as frentes lhes fendêraõ.

Neſ-

XXIII.

Neſte eſtado das armas Caſtelhanas
Os primeiros furores moderados,
Já da prudencia idêas mais humanas
Occupavaõ do Principe os cuidados;
Quando lá nas cavernas mais tiranas
Da esfera opaca em termos indignados,
O Monarcha das ſombras furioſo
Amotinava o reyno tenebroſo.

XXIV.

Ouvido havia, que do fado eterno
Deſtinada ſe achava a Luſa gente,
Para vencer as ſugeſtoens do Inferno,
No coraçaõ da meſma Libia ardente,
Que extenderia o zêlo ſempiterno
A's mais remotas partes do Oriente,
E que em todos os climas o ſeu braço
Cortaria do Abiſmo o torpe laço.

XXV.

Temendo taes ſucceſſos, e lembrado
Das antigas injurias, que ſoffrêra,
Quando o filho de Henrique aquelle eſtado
Com celeſtes brazoens ennobrecêra,
E dedicando a Chriſto altar ſagrado,
As aras de Mafôma eſcurecêra,
Com voz horrenda as margens do Cocîto
Abalava nos eccos deſte grito.

LICEU NACIONAL COIMBRA

XXVI.

He poſſivel, dizia, que taõ pouco
Zéle a Curia Tartaria o ſeu dominio,
Que no letargo de hum deſcanço louco
Veja creſcer dos Luſos o deſignio?
Ignora, repetia o brado rouco,
Ignora por ventura o Vaticinio,
Que promette ao valor deſtes mortaes
A ruina dos cultos infernaes?

XXVII.

Quando eſpera evitar o triſte damno,
Que ameaça do Abiſmo a Monarchia,
Se na torpe illuſaõ de hum cego engano
Deſpreſa agora aquella profecia;
Quer ver primeiro o braço Luſitano
Profanar o Alcoraõ a idolatria,
Vencer os Mouros, dominar as gentes,
E fazer do Evangelho as leys patentes?

XXVIII.

Quer ver primeiro as Quinas Portuguezas
Tremolar ſobre as coſtas Mauritanas,
Render do Malabar as fortalezas,
Opprimir as Potencias Indianas?
Eſpera ver primeiro as eſtranhezas
Do mundo occulto, expoſtas ás tiranas
Conquiſtas deſtes feros inimigos,
A quem domar naõ pódem os perigos?

Se

XXIX.

Se tanto eſpera a torpe paciencia
Dos genios infernaes, em que aſſegura
A eſperança do Abiſmo á preſiſtencia
Do dominio, que affecta a ſombra eſcura?
Se naõ póde na meſma decadencia
Contraſtar o valor da Liſia dura,
Como eſpera depois em outro eſtado
Impedir-lhe os progreſſos do ſeu fado?

XXX.

Mas que digo naõ póde? Naõ ſaõ eſtes
Aquelles meſmos genios orgulhoſos,
Que a peſar dos Eſpiritos celeſtes,
Perturbáraõ os reynos luminoſos?
Naõ ſois vós proprios, os que já quizeſtes
Ao meſmo Deos, com zêlos furioſos,
Diſputar igualdades na grandeza,
No poder, no valôr, na fortaleza?

XXXI.

Pois como agora ſoffrereis, que ufanas
Dos miſeros mortaes as ouſadias
Tanto creſçaõ, que em maquinas inſanas
Ameacem do Averno as regalias?
Cedereis vós ás pertençoens humanas?
Vós, que ás meſmas celeſtes Jerarquias
Reziſtiſtes com furias arrogantes,
Quanto mais infelices, mais conſtantes?

Ah!

XXXII.

Ah! naõ ſe perca aquelle nobre alento,
Que nos fez emprender acçoens taõ raras;
Se o fado ordena o noſſo abatimento,
O noſſo ardor lhe fruſtre as leys avaras:
Naõ julgue dos mortaes o penſamento
Indignas do ſeu culto as noſſas aras,
Vendo a noſſa arrogancia aſſim ſujeita
Dos impios fados á medida eſtreita.

XXXIII.

Se o deſtino fatal dos Luſitanos
Ameaça do Abiſmo a decadencia,
Na ſabia prevençaõ dos triſtes damnos
Conſiſte a melhor parte da prudencia:
Diſſipem-ſe preſagios taõ tiranos,
Em quanto ſuſto ſaõ, naõ evidencia,
Que depois de ſentir o golpe duro,
Tarde vém o remedio, e mal ſeguro.

XXXIV.

Os Luſitanos hoje reduzidos
Eſtaõ á mais fatal calamidade,
Sem governo, ſem Rey, já deſunidos
No ponto eſſencial da auctoridade,
Alguns, que mais conſtantes, e atrevidos
Intentaõ ſuſtentar a liberdade,
Em Lisboa cercados mal reſiſtem
Aos Hiberinos, que no cerco inſiſtem.

Agora

XXXV.

Agora, mais que nunca, a noſſa furia
Tem lugar de opprimir eſtes mortaes,
No ſeu funeſto eſtrago a noſſa injuria
Recompenſe as vinganças mais fataes;
Evite o zêlo da Tartaria Curia
O motivo dos ſuſtos infernaes,
E vingando paſſadas inſolencias,
Acautele do fado as contingencias.

XXXVI.

Anime o noſſo ardor as mal ſeguras
Confianças das Tropas Hiberinas,
Facilite-lhe os meyos das mais duras
Emprezas, das acçoens mais peregrinas;
Miniſtre-lhe as idêas das eſcuras
Traiçoens para inſtrumento das ruinas,
E ou por força das armas, ou do engano
Se lhe ſujeite o Ceptro Luſitano.

XXXVII.

Em quanto aſſim fallava o furioſo
Imperador das ſombras indigeſtas,
Hum confuſo ruido pavoroſo,
Que aſſuſtava as abobedas funeſtas,
Alterava o congreſſo tenebroſo
Com torpe ſom, com inflexoens moleſtas,
Athé que ſocegada a triſte ſala,
Se levanta Aſmodeu, e aſſim lhe falla.

Naõ

XXXVIII.

Naõ cuides naõ, Luzbel, que só tu zelas
As altivas emprezas deste Estado,
Ou que só tu no risco te desvelas,
Que lhe ameaça a ley do duro fado:
Iguaes saõ em nós todos as cautelas,
Igual he o interesse do cuidado;
E se póde no empenho haver excesso,
Em mim tem mais lugar neste congresso.

XXXIX.

Eu fui por maõ suprema largos annos
Ligado sobre as terras do Oriente,
E na lembrança dos passados damnos
Cresce o motivo do temor presente:
Eu sei quanto devemos os tyranos
Vaticinios temer da Lusa gente;
Mas o susto cruel, que me consome,
Naõ vem do seu valor, ou do seu nome.

XL.

Dos auxilios do Céo, que lhe assegura
A Ley, que seguem com zeloso rito,
Temo os effeitos, cuja força dura
Mal póde contrastar todo o Cocîto:
A razaõ de Christaõs he quem apura
Todo o odio fatal, com que me irrito;
E de todo o Christaõ da mesma sórte,
Desejo a perdiçaõ, o damno, a morte.

Se

XLI.

Se o Trono Luſitano conquiſtado
Foſſe por gente de diverſa ſeita,
Seria todo o Abiſmo intereſſado
Em ver a Liſia a outra ley ſujeita;
Mas ſendo o Rey de Heſpanha entroniſado
Igualmente chriſtaõ, de que aproveita
Eſta mudança, ſe do meſmo modo
Há de ficar chriſtaõ o reyno todo.

XLII.

Que razaõ de intereſſe, ou de eſperança
Nos póde unir ás gentes Hiberinas?
Temos mais certa a ſua confiança?
Saõ menos parciaes das leys Divinas?
Taõ depreſſa te fogem da lembrança
Os paſſados eſtragos, e ruinas?
Acaſo os Heſpanhoes no teu conceito
Menos chriſtaons agora ſe tem feito?

XLIII.

Eu, reſponde Luzbel, eu aborreço
Igualmente Heſpanhóes, e Luſit nos;
Mas eſtes temo mais, porque conheço,
Que nos podem cauſar maiores damnos:
Elles ſaõ abonados, com exceſſo,
Pelo Chéfe dos Numes ſoberanos;
Elles tem a promeſſa das emprezas,
Que affuſtaõ deſte Abiſmo as fortaleazs.

Eſte

XLIV.

Eſte riſco funeſto he que pertendo
Evitar na ruina, que preparo
Ao Luſo Imperio, com que fique ſendo
Fruſtrada a intençaõ do fado avaro;
Pois ſe os Luſos Monarchas do tremendo
Vaticinio, inſtrumento haõ de ſer claro,
Extincta a Monarchîa Luſitana
Inutil fica a predicçaõ tirana.

XLV.

Ide, O! meus companheiros, igualmente
Companheiros na pena, e nos projectos,
Ide, e neſſes mortaes, tiranamente
Fulminai os eſtragos mais completos;
Parte anîme o valôr da Hiberia gente,
Parte deſuna os Luſos nos affectos;
E na civîl diſcordia, e guerra dura
Padeça a Liſia perdiçaõ ſegura.

XLVI.

Diſſe, e naõ bem de todo articuladas
Eſtas vozes ſeriaõ, quando em furia
As potencias do Averno amotinadas
Se atropelavaõ na Tartaria Curia;
De maligno furor arrebatadas
Qualquer demora julgaõ grave injuria,
E cada qual nas moſtras da fereza
Parece ſer auctor da triſte empreza.

Quaes

XLVII.

Quaes na Praça fechada os valoroſos
Soldados do preſidio, a quem deſperta
O rumor dos tambores clamoroſos,
Dos inimigos na noticia certa,
A's armas correm todos cuidadoſos,
Cada qual já na maõ o ferro aperta,
E cada qual pertende ſer primeiro
Nas nobres provas do valôr guerreiro.

XLVIII.

Taes os genios do Abiſmo enfurecidos
Do Principe infernal pelos clamores,
Correndo vaõ em chuſma confundidos,
Toda a funeſta eſtancia dos horrores;
Atrôaõ todo o Averno com bramîdos,
Com deſordens, ruîdos, e terrores,
Athé que franqueada a porta eſcura,
Sobre a terra ſe avança a tropa impura.

XLIX.

Agora ó Muza, tu, a quem preſente
O grande caſo foi, conta o progreſſo
Daquella expediçaõ, moſtra patente
Toda a ſerie fatal deſte ſucceſſo,
Declara dos mortaes, e juntamente
Dos immortaes furores o proceſſo;
Porque entre nós apenas das victorias
Exiſtem mal diſtinctas as memorias.

Era

L.

Era o meio da noite; a ſombra eſpeſſa
Cobria toda a face do Emisferio,
E Morfêo nas liſonjas, que profeſſa
Dilatava na terra o doce Imperio;
Dormia o Rey Hiberio; mas impreſſa
Na triſte idéa a dor do vituperio
Das ſuas armas; nem no meſmo ſomno
Podia ter de algum ſocego abono.

LI.

Mil confuſas imagens fatigavaõ
Do bellicoſo Rey a fantaſia,
E com vans illuſoens lhe motivavaõ
Ora torpe pavôr, ora ouſadia;
Mas quando mais frequentes ſe moſtravaõ
Os varios ſonhos na mortal porfia,
Huma das Furias do tirano Averno
Se lhe apreſenta ao ſentido interno.

LII.

Do vulto ſe reveſte de Fernando,
Defunto Rey da Luſitana terra,
Nas razoens da alliança auctorizando
O falſo zêlo, que o portento encerra,
E com geſto feroz, como accuſando
Os frouxos paſſos da cançada guerra,
Com a maõ lhe eſtremece o corpo todo,
E lhe falla depois por eſte modo.

Deſper-

LIII.

Deſperta, deſcuidado Rey, deſperta
Do letargo fatal, que te ſepulta,
Naõ queiras de huma injuria deſcoberta
Soffrer a mancha, que o teu ſuſto avulta:
Senhor es de eſte Eſtado; a pena certa
Naõ dilates ao reyno, que te inſulta;
Córte hum golpe valente os feros laços,
Que a teu direito ſervem de embaraços.

LIV.

Acordou de pavor eſtremecido
O enganado Rey; mas brevemente,
Julgando-ſe do Céo favorecido,
O ſuſto troca em preſumpçaõ valente:
Da cama falta, e logo enfurecido
As armas buſca, corre diligente
A chamar os ſoldados, e no aſpecto
Traz impreſſo o furor da infame Alecto.

LV.

Em tanto das eſtrellas ſe apagava
A ſintilante luz, e no Oriente
Já da Aurora o fulgor annunciava
A chegada do Sol reſplandecente:
A conſelho de guerra ſe tocava
Na regia tenda, aonde promptamente
O Rey o caſo expoem, e furioſo
Jura ſeguir o aviſo rigoroſo.

LVI.

A voz de Rey nos Capitaens accende
O bellicoſo ardor, e nos ſoldados
A noticia, que a todos já ſe extende
Do portento fatal os faz ouſados;
Cada qual inſtrumento ſer pertende
Do ſupremo deſtino, e em taes cuidados
Creſce de ſórte o cégo fanatiſmo,
Que bem abona as intençoens do Abiſmo.

LVII.

E naõ ſó na vulgar credulidade
Reina a ſuperſtiçaõ, já na grandeza
Se deviſa a peſar da auctoridade
A propenſaõ da fragil natureza;
Mil ſenhores, da ſórte a variedade
Já deſpreſaõ do ſonho na firmeza,
E tal há, que na fé daquelle aviſo
Qualquer demora julga prejuizo.

LVIII.

Hum deſtes he o Conde de Barcellos
Illuſtre Cavalleiro Luſitano,
A quem de hum falſo zêlo, vaons deſvelos
Tinhaõ levado ao campo Caſtelhano:
Era Irmaõ da Raynha, e parallelos
Fazendo do dever, com torpe engano,
Antepoz dos parentes a amizade
A' patria natural fidelidade.

Eſte

LIX.

Eſte pois, dos direitos de Caſtella
Acerrimo fauctor, agora entende
Abonada dos Céos a cauſa della
Nos aviſos, que o ſonho dar pertende;
E tanto neſte empenho ſe deſvela
A favor do ſeu voto, que defende
Ser delicto de grave qualidade,
Dilatar o caſtigo da cidade.

LX.

Outros muitos aquelle empenho duro
Abonavaõ do Conde, ou porque foſſe
Igual nelles o meſmo engano eſcuro,
Ou por effeito da liſonja doce;
Mas, ou foſſe ſincero, ou menos puro,
O voto deſtes faz, que tanto engroſſe
Aquella opiniaõ, que no conſelho,
Só ſe atreve a impugna-la hum ſabio velho.

LXI.

Valaſco, o velho illuſtre ſe appellida,
Que o contrario ſentir defende ouſado;
Porque prefere a gloria eſclarecida
A qualquer penſamento intereſſado,
E vendo no conſelho introduzida
A fatal illuſaõ, e confirmado
O engano do Rey pelos Miniſtros,
Com pareceres leves, ou ſiniſtros.

Largan-

LXII.

Largando o nobre aſſento, que lograva
No militar congreſſo, a beneficio
Dos illuſtres empregos, que occupava,
Ou da paz, ou da guerra no exercicio,
De joelhos ao Rey ſe apreſentava,
E moſtrando de dôr naõ leve indicio,
Principia a dizer-lhe deſta ſórte
Com animo fiel, conſtante, e forte.

LXIII.

Antes, Senhor, que a nobre liberdade
Da minha fé te offenda, aqui proſtrado
A teus pés, da fatal temeridade
Eu meſmo a pena eſpero, e peço ouſado;
Mas nunca o Céo permitta, que a verdade
Diſſimule o meu peito, ou que enganado
De huma liſonja vil, queira ſervir-te
Pelos meios indignos de illudir-te.

LIV.

Os ſonhos, meu Monarcha, naõ ſaõ mais,
Que huma breve illuſaõ da fantaſia,
Que crê ſentir preſentes, e reaes
Chimeras, que ella meſma inventa, e cria
E ſe houve alguns, que os termos naturaes
Excederaõ, talvez já mais ſeria
Sem miſterio maior, e naõ devemos
Crer deſta claſſe, quantos ſonhos temos.

Mas

LXV.

Mas ainda que julguemos o teu ſonho
D'outra eſfera, Senhor, dos ordinarios,
Nem por iſſo os effeitos lhe ſupponho
Infalliveis, ou menos temerarios;
Pois do Céo igualmente, e do medonho
Centro dos fingimentos vaons, e varios
Póde ſer triſte engano, ou ſanto aviſo
Em favor noſſo, ou noſſo prejuizo.

LXVI.

Quem ſabe ſe a ſuprema Providencia
Abona a noſſa cauſa com tal zêlo,
Que devámos á ſua Omnipotencia
Hum taõ diſtincto, e ſingular deſvelo;
Ou ſe irritada a ſua paciencia
Do noſſo orgulho vaõ, para abatelo
Permitta, que com falſas illuſoens
Se confundaõ as noſſas ambiçoens.

LXVII.

Ninguem, Senhor, com certa ſegurança
Póde affirmar a cauſa deſte effeito,
E neſta confuſaõ, qual eſperança
Póde tirar de hum ſonho o teu conceito?
Crê-me, meu Rey, a céga confiança
Naõ he valor; que o nobre ardor do peito
Naõ procede de hum erro temerario,
Mas de hum conſtante eſforço extraordinario.

LXVIII.

Sobre os firmes principios da prudencia
Haõ de fundar-ſe as nobres ouſadias,
E nos eccos da propria conſciencia
Se há de eſcutar a voz das profecias;
Se aquella nos clamores da innocencia
Abona a cauſa das promeſſas pias,
Podemos juſtamente acredita-las,
Animar-nos com ellas, eſpera-las.

LXIX.

Mas ſe acaſo, Senhor, noſſos projectos
Naõ tem por baſe a força da juſtiça,
Se ſaõ naſcidos de mortaes affectos
D'ambiçaõ, d'intereſſe, ou de cobiça;
Devem noſſos diſcurſos circunſpectos
Mais temer, que eſperar, com fé ſubmiſſa,
Que o Céo he ſempre juſto, e naõ premeia
Com ſeguranças injuſtiça feia.

LXX.

Naõ duvido, Senhor, que juſtamente
Pertendes o dominio deſte Eſtado;
O direito do ſangue claramente
Socega neſta parte o meu cuidado:
Eſtes meios porém, de que impaciente
Se ſerve o teu valor precipitado,
Naõ ſei ſe ſaõ da meſma ſórte puros,
Inculpaveis, decentes, e ſeguros.

LXXI.

Tu bem ſabes, Senhor, e muitas vezes
Eu to tenho lembrado, que juraſte
De naõ entrar nos Reynos Portuguezes
Com maõ armada, como agora entraſte;
E por mais, que a liſonja nos cortezes
Applauſos, encareça o bem, que obraſte,
Temo, Senhor, que o Ceo mal ſatisfeito,
Naõ ſiga das liſonjas o conceito.

LXXII.

Mas ſeja como for, em toda a guerra
He ſempre incerto o fim, e ſó ſeguro
O trabalho, a deſpeza, e quanto encerra
O triſte nome de perigo duro;
E ſendo facil, ſe a razaõ naõ erra,
Evitar tanto mal, e com mais puro
Arbitrio, conſeguir o teu intento,
Creio, que deves pondera-lo attento.

LXXIII.

Os Portuguezes mais apaixonados
Pelos foros da patria liberdade,
Naõ diſputaõ, Senhor, os bemfundados
Direitos, que te aſſiſtem na verdade;
Duvidaõ ſó, na fé dos ſeus tractados,
Conferir-te a ſuprema auctoridade;
Porque julgaõ naõ ſer completo ainda
O tempo, e condiçoens da tua vinda.

LXXIV.

Anîma o povo neſtes ſentimentos
O Graõ Meſtre de Aviz, que ſe appellida
Defenſor da Naçaõ, e penſamentos
Tem certamente de ambiçaõ creſcida,
Mas a meſma ambiçaõ, que os ſeus intentos
Encaminha á grandeza appetecida,
Póde ſervir, ſe acaſo a liſonjeas,
De meio facil para o fim, que idêas.

LXXV.

Comette-lhe, Senhor, benignamente
O governo da Luſa Monarchia,
Com condiçaõ, que em fórma competente
Te jure o Reyno a fé, que te devia;
Pois ſatisfeita aſſim completamente
A queixa da Naçaõ, ſem mais porfia,
Elle póde ficar grande na terra,
Tu Senhor della ſem rumor de guerra.

LXXVI.

Mais quizera dizer o velho illuſtre;
Mas naõ lho ſoffre o Rey enfurecido,
Que julga tal arbitrio ſer deſluſtre
Do decóro do Solio eſclarecido:
Calar o manda, e porque naõ ſe fruſtre
Dos outros Capitaens o ardor luzido,
O conſelho deſpede, ao campo paſſa,
Iras fulmîna, eſtragos ameaça.

Haviaõ

LXXVII.

Haviaõ neſte tempo os ſitiados
Lançado da Cidade huma partida
De poucos Cavalleiros, mas uſados
A deſprezar a morte embravecida;
E ſendo pelo Rey examinados
Do alto, que Olivete ſe appellîda,
A elles grita, a elles, que traidores
Se atrevem deſte modo a ſeus Senhores.

LXXVIII.

Qual na dura montanha o vigilante
Paſtor, que aviſta os lobos furioſos,
Grita, corre, e ſe vê no meſmo inſtante
Seguido dos rafeiros cuidadoſos:
Tal no campo Hiberino, ao arrogante
Brado do Rey acodem valoroſos
Os Principes, os Grandes, os Privados,
Os Capitaens, os Guardas, os Soldados.

LXXIX.

Valaſco aquî primeiro ſe apreſenta
Ao lado do ſeu Rey com brîo forte,
E no ſemblante alegre repreſenta
Dominar o rigor da dura ſorte;
Elle anîma os ſoldados, elle alenta
Os Capitaens a deſprezar a morte;
Porque tém, ou no campo, ou no conſelho
Valor de moço, diſcriçaõ de velho.

LXXX.

O Conde de Barcellos acompanha
Valaſco no valor, ſenaõ no acerto,
E quer moſtrar agora na campanha
Abonado o ſeu voto por experto:
Outros muitos Varoens da clara Heſpanha
Promptos ſe oſtentaõ ja no campo aberto;
E cada qual na gloria deſte dia
Pertende diſputar a primazîa.

LXXXI.

Em tanto o campo todo viſitava
Occulta a Furia do funeſto Averno,
E nos peitos vulgares inſpirava
Crueis impulſos de rancôr eterno;
Mas vendo, que a marchar já ſe tocava,
Tomando de hum Trombeta o vulto externo,
Ella faz o final, e o ſom tirano
O Luſo aſſuſta, anîma o Caſtelhano.

LXXXII.

Difunde-ſe o furor do genio impuro
Por todo o arraial alvoraçado,
Deſce o Rey furioſo o monte duro,
Corre ao combate intrepido o ſoldado,
Naõ menos, que eſcalar o Luzo muro
Promette cada qual com voto irado,
E já ſobre os deſpôjos da Cidade
Se liſonjêa a militar vaidade.

Denſa

LXXXIII.

Denſa nuvem de pó caliginoſo
Precede á marcha da ſoberba tropa,
Dos gritos o ruido pavoroſo
O monte atroa, na Cidade topa;
Alterna o ſom das armas bellicoſo
O eſtrepito do bruto, que galopa,
E correſponde em competencia horrenda
O ſom mais fero a viſta mais tremenda.

LXXXIV.

Firme eſperava tantos ameaços
A pequena partida Luſitana,
Que rompendo do muro os embaraços,
Inſultava a braveza Caſtelhana;
Mas bem, que a força dos robuſtos braços
Algum tempo dilata a furia inſana;
Em fim a multidaõ impetuoſa
Atropella a conſtancia vigoroſa.

LXXXV.

Cede o Luſo valor ao peſo horrendo
De tantas armas, tantos inimigos,
E já com triſte aſſombro vai perdendo
O nobre orgulho dos trofeos antigos:
Inſta o Rey furioſo, encarecendo
Ora premios aos ſeus, ora caſtigos,
E nos exemplos de hum ardor bem raro
Lhe dá o documento mais preclaro.

LXXXVI.

A preſença do Rey faz mais ufana
A gente militar, a quem no peito
Da trombeta infernal a voz tirana
Augmenta do furor o cego effeito;
Já naõ reſiſte a gente Luſitana,
Já perde de invencivel o conceito,
Já deſampara o campo, já ſe abriga
A' ſombra forte da muralha amiga.

LXXXVII.

Já ſôaõ pelo exercito arrogante
Mil alegres clamores de victoria,
Valaſco ouſado clama *avante avante*,
Que he noſſa a Praça, noſſa toda a gloria,
Avante, avante, clama triunfante
O Conde de Barcellos, *que a notoria*
Aſſiſtencia dos Céos já me franqueia
A propria caſa, que julguei alheia.

LXXXVIII.

Em tanto de huma torre da Cidade
Obſervava Joaõ todo o conflicto,
E na fé da conſtante heroicidade
Enchia de eſperança o peito invicto,
Mas vendo já com tanta claridade
Dos Luſitanos o deſmayo afflicto,
Da torre deſce, corre a ſoccorrelos
Taõ ouſado, que a Marte dera zêlos.

Chega

LXXXIX.

Chega ás portas, aonde a vergonhoſa
Deſordem vê dos ſeus mais deſcoberta,
Buſcando cada qual com pavoroſa
Fugida ſalvaçaõ na porta aberta:
Em vaõ quer animalos; na medroſa
Confuſaõ a ouvir ninguem acerta,
Nada vale o exemplo, nada as vozes,
Cada vez vem fugindo mais velozes.

XC.

Em generoſas iras abraſado
O coraçaõ do Heróe chamas exala,
Parece cada acçaõ hum raio irado,
Cada voz hum trovaõ, que horrendo eſtala.
Elle ſó reſiſtir pertende ouſado
A'quella multidaõ, que a terra abala;
Mas com tal deſacordo os ſeus fugiaõ,
Que as meſmas largas portas impediaõ.

XCI.

Promeſſas, ameaços, e caſtigos
Inutil tudo he, de balde grita,
De balde os brios lhes recorda antigos,
De balde contra o ſeu temor ſe irrita.
Quer ſahir, mas o zêlo dos amigos
Os ardentes projectos lhe limita,
Moſtrando, que naõ póde expór ouſado
Huma vida, de quem depende o eſtado.

Suſpen-

XCII.

Suſpendeo-ſe ; mas vendo , que preſiſte
A deſordem fatal na Luſa gente ,
De quem todo o cuidado ſó conſiſte
No refugio das portas indecente ;
Com ſemblante feróz , com geſto triſte ,
Repellindo os primeiros vivamente ,
Vós ſereis bons , lhe grita , *ſem vontade* ,
Que o meſmo riſco vos dará bondade.

XCIII.

Iſto dizendo com feróz ſemblante ,
A' dura porta applica a maõ robuſta ,
Que com ruido horrendo , e diſſonante ,
Ao coſtumado fecho em fim ſe ajuſta :
Tremeo parte do muro vacillante
Ao impulſo fatal da dextra auguſta ,
E ficáraõ no campo os Luſitanos
Contra todo o poder dos Caſtelhanos.

XCIV.

He talvez nos extremos do perigo
Algum ſoccorro a falta de eſperança ;
Menos temem os Luſos o inimigo ,
Fruſtrada da muralha a ſegurança :
Já reveſtidos do valor antigo ,
Aguardaõ vigoroſos ſem mudança ,
Dos Heſpanhoes as forças formidaveis ;
Que antes tinhaõ julgado incontraſtaveis.

Perei-

XCV.

Pereira, que a partida governava,
Cavalleiro de eſpirito arrogante
A quem contra vontade atropellava
A confuſaõ da turba vacillante,
Vendo agora, que a gente ſe moſtrava
Já menos pavoroſa, ou mais conſtante,
Volta, *volta*, lhe grita com voz ſolta,
E ſobre os Heſpanhoes ouſado volta.

XCVI.

Recobraõ neſte tempo os Luſitanos
O Marcial alento já perdido,
Ferozes tornaõ ſobre os Caſtelhanos
A deshonra a vingar de haver fugido;
Mas naõ menos ardentes os Hiſpanos
Seguros já na fé de haver vencido,
Inſtaõ com furia, ferem com violencia,
Julgando que obraõ já ſem reſiſtencia.

XCVII.

Vinha na frente do eſquadraõ contrario
De Santiago o Meſtre eſclarecido,
Cavalleiro gentil, mas temerario,
De forças naõ vulgares preſumido:
Gritando vinha com deſpreſo vario
Injurias mil; mas quando mais ſubido
Na vangloria ſe moſtra, entaõ Pereira
De hum golpe o fez rodar pela ladeira.

Em

XCVIII.

Em defenſa do Meſtre hum Cavalleiro
Da meſma inſignia corre valoroſo ;
Mas foi-lhe ſó na ſorte companheiro
Ferido de outro golpe furioſo ;
Segundo vai , e vai tambem terceiro
Accreſcentar o caſo laſtimoſo ,
Que Pereira feroz naõ ſe dilata ,
Cada golpe , que dá , ou rende , ou mata.

XCIX.

Nem menos cobiçoſos de vingança
Se moſtraõ varios outros Portuguezes ,
Alli corre Pavêdo ſem tardança ,
Martins alli ſe illuſtra muitas vezes :
Rompendo Almeida vai com ſegurança
Cabeças , peitos , murrioens , e arnezes ;
Mas ſaõ tantos no campo os Caſtelhanos ,
Que naõ ſentem da falta os graves damnos.

C.

Atêa-ſe outra vez a chama viva
Do fogo Marcial naquelle inſtante ,
Qual das cinzas renaſce mais activa
A faiſca talvez pouco importante :
Anima ao Luſo a raiva vingativa ;
O poder ao Heſpanhol faz arrogante ,
E cada qual ardendo em ira pura ,
Ou vencer , ou morrer alli procura.

Contar

CI.

Contar daquelle dia os caſos varios,
Os encontros crueis, os golpes fortes,
Os eſtragos fataes, os temerarios
Exceſſos da vingança, as duras mortes,
Os effeitos da raiva extraordinarios
Executados por diverſas ſortes,
Só tu Muſa, que tudo tens preſente,
Poderias fazelo dignamente.

CII.

Tocava o Sol já quaſi deſmayado
Os liquidos criſtaes de Thetis fria,
E das ſombras do monte levantado
A viſinha campanha ſe cobria;
Acabava-ſe o termo aſſignalado
Ao brilhante eſplendor do claro dia,
E durava no campo infatigavel
A furia de matar inſaciavel.

CIII.

Naõ cançaõ de ferir os fortes braços,
Naõ ceſſaõ de irritar-ſe os odios duros,
A féra raiva alenta os membros laſſos,
Suſtenta a ira os peitos mal ſeguros:
Cada vez da porfia os triſtes laços
Nos bravos coraçoens ſe vém mais puros;
E ſó a noite eſcura, que os divide,
Aparta, e naõ decide a dura lide.

CIV.

A noite eſcura em fim, o termo aſſigna
Da contenda fatal, e porfiada,
Sem que alguma das partes ſeja digna
De cantar a victoria deſejada:
Providencia da ſorte foi benigna,
Faltar a luz, que a ſer mais dilatada,
Faltariaõ talvez nos dois partidos
Quem foſſem vencedores, quem vencidos.

FIM DO CANTO II.

A LIBERDADE.

CANTO III.

ARGUMENTO.

RETIRADOS do campo os combatentes, procuraõ algum descanço no ſocego do ſomno; mas o Heróe, a quem inquietaõ mais vivos deſvéllos, occupa a noite nos cuidados da defenſaõ do Reyno, e ſobre eſte ponto confere largamente com Monferro Cavalleiro Inglez, de quem faz muita confidencia; e depois de tratarem ambos do ſoccorro, que eſperavaõ de Inglaterra, e de outras diſpoſiçoens militares, ſe divertiaõ em tratar de outras noticias curioſas, e por eſta occaſiaõ pede Monferro ao Defenſor, que lhe dê alguma idea da Hiſtoria de Portugal. Conta o Heróe os principios da povoaçaõ deſte paiz, e as diverſas

ſas gentes, que a elle vieraõ, ou commerciar, ou conquiſtar: falla dos Fenicios, dos Carthaginezes, e dos Romanos, e na guerra deſtes refere a gloria de Viriato, e de outros varoens Luſitanos: falla tambem de algumas Heroînas Portuguezas, e conta o tragico ſucceſſo da infeliz Oſmia. Proſegue a hiſtoria de Portugal athé o tempo de Auguſto, e depois deſte, havendo pouca materia para os faſtos militares, falla o Heróe da mudança da Religiaõ. Conta a introducçaõ do Chriſtianiſmo, a conſtancia de alguns Martyres Portuguezes deſde Nero athé Conſtantino, e a pureza do culto athé Honorio. Refere a invaſaõ dos Barbaros no tempo deſte Imperador. Falla dos Hunos; dos Silingos, dos Suevos e dos Godos, que ultimamente ſe fizeraõ Senhores das Heſpanhas. Trata dos amores dᵉ ElRey D Rodrigo com Florinda filha do Conde Juliaõ; das injurias feitas a eſta Dama por aquelle Principe, da entrada deſte na famoſa Torre de Tolledo, e da tradiçaõ dos portentos, que alli vio. Relata a perfida vingança do Conde, e a introducçaõ dos Mouros na Heſpanha, batalha de Guadalete, perda de ElRey D. Rodrigo, e total ruina do Imperio dos Godos.

A

A LIBERDADE

CANTO III.

I.

REtirados do campo os combatentes
Igualmente cançados, naõ vencidos,
No ſocego procuraõ diligentes
Repouſo dar aos membros opprimidos:
Do doce ſômno os mimos innocentes
Logravaõ já das iras eſquecidos,
E nas tendas do campo, e na cidade
Se obſervava geral tranquilidade.

II.

Mas o grande Joaõ, que o nobre peito
Com mais altos cuidados occupava,
E dos riſcos da patria no conceito,
Entre mil penſamentos fluctuava,
Naõ ſentia do ſômno o brando effeito,
Nem ſeu ſuave alivio aproveitava,
Antes nas horas, em que os mais dormiaõ,
Mais agudos deſvelos o feriaõ.

III.

Mandára no principio deſta guerra,
Por cautella maior, mais ſegurança,
Revalidar no reyno de Inglaterra
A nobre fé da antiga confiança;
Mas poſtoque alcançou naquella terra
Renovar huma ſólida aliança,
Naõ tinha produzido eſte Tractado
O ſoccorro de gentes deſejado.

IV.

Apenas alguns poucos Cavalleiros
Paſſado tinhaõ deſta parte os mares,
Em qualidade mais de aventureiros,
Do que em fórma de tropas regulares;
Mas deſtes meſmos poucos companheiros
Lograva diſtincçoens particulares,
Hum delles, que Monferro ſe appellida
Cavalleiro de fama eſclarecida.

Com

V.

Com eſte largamente conferido
Tinha Joaõ da noite a melhor parte,
Ora ſobre o ſoccorro appetecido,
Ora ſobre queſtoens do irado Marte;
E depois quaſi já de haver medido
O termo, com que a noite ſe reparte,
Por divertir occupaçoens taõ ſerias
Tratavaõ variamente outras materias.

VI.

Dos Imperios do mundo mais florentes,
Das acçoens mais illuſtres dos paſſados,
Dos varios uſos das Naçoens preſentes,
Eſtranhas leys, coſtumes encontrados,
Do traje, e lingua de diverſas gentes,
Dos modos de viver mais apartados,
E de outras couſas taes, de que a noticia
Serve aos ouvidos cultos de delicia.

VII.

Era experto Monferro, e viajára
Largos paîzes deſde a tenra idade,
Onde varios eſtilos obſervára,
Ouvîra relaçoens da antiguidade;
E depois que de algumas informára
Ao nobre Defenſor com claridade,
Eu deſejo, lhe diz, ſe vos naõ peſa,
Que me informeis da Hiſtoria Portugueza.

VIII.

Mas quizera, ſe o tempo o permittiſſe,
Os principios ſaber da gente Luſa,
Qual antiga Naçaõ a produziſſe,
Se he propria do paiz, ſe foi intruſa,
Se na ſórte das armas foi felice,
Que Reys tem tido, os Capitaens, que accuſa,
Os grandes caſos, e as facçoens de eſpanto,
Se póde em breve hiſtoria caber tanto.

IX.

Eu contarei, o Defenſor reſponde,
De tudo brevemente alguma parte,
Bem que a minha inſtrucçaõ naõ correſponde
Aos deſejos, que tenho de agradar-te:
Muita luz das hiſtorias ſe me eſconde,
Pois mais, que ás Muſas, ſervi ſempre a Marte,
Mas do pouco, que ſei como ſoldado,
Te farei hum compendio abreviado.

X.

Os principios de todos os Eſtados
Saõ cobertos de fabulas groſſeiras,
Que a diſtancia dos annos dilatados
Deſfigura as noticias verdadeiras;
Taes ſaõ no meu conceito os celebrados
Principios deſte Reyno, em que as primeiras
Illuſoens dos antigos confundiraõ
Os ſucceſſos, com ſonhos, que fingiraõ.

Anti-

XI.

Antiga tradiçaõ nos aſſegura,
Que Tubal, de Noé notorio neto
Deu á noſſa Naçaõ origem pura,
De quem guarda Setuval o epitéto;
Mas nos longes do tempo he taõ eſcura
Aquella fama, que ainda o meſmo affecto
Da gloria nacional naõ ſei ſe obriga
A defender noticia taõ antiga.

XII.

Da meſma ſórte deixo na incerteza
Da fé devida, alguns Heróes famoſos,
De quem ſe diz, que a terra Portugueza
Foi theatro de empenhos glorioſos;
Taes ſaõ os Geryoens, tal julgo a empreza
Dos Oſiris, dos Hercules zeloſos,
Por mais, que ſe acreditem na porfia
Dos Ozorios, da Torre, e da Geria.

XIII.

Nem mais abono dos primeiros annos
Os Monarchas merecem nacionaes,
Os Iberos, os Brigos, os Hiſpanos,
Os Tagos, os Sicoros, e outros taes;
Mas aquellas verdades, ou enganos
A toda a Heſpanha vem a ſer geraes;
E o tempo breve apenas me conſente
As memorias contar da minha gente.

Em

XIV.

Em Luſo, ou Liſias filho, ou companheiro
Do fabuloſo Deos da antiga Niza,
Pertendem mil memorias, que o primeiro
Nome dos Luſos claro ſe diviza:
Conſtante tradiçaõ no Reyno inteiro
Deſta noticia a fama immortaliza;
Mas com tudo naõ ſei ſe eſte conceito
He ſó da analogîa hum puro effeito.

XV.

Foi grande a confuſaõ daquella idade,
Saõ poucos, ou nenhuns os monumentos,
Em que poſſaõ firmar-ſe da verdade
Seguramente os nobres fundamentos;
E quanto mais remota antiguidade,
Nos convida com raros documentos,
Tanto mais duvidoſa ſe deſcobre
Da primitiva gente a origem nobre.

XVI.

O que tenho por certo he que os Fenicios,
Povos bem conhecidos nas hiſtorias,
Buſcando do commercio os beneficios,
Eſtas praias fizeraõ mais notorias;
Nellas gentes, coſtumes, e edificios
Deixáraõ por Padroens de eternas glorias,
E do fructo talvez, que alli acháraõ
O nome da Provincia fabricáraõ.

Eſtes

XVII.

Eſtes das letras ſabios inventores,
E naõ menos nas armas inſtruidos,
Foraõ talvez os nobres precurſores
Dos Luſitanos Capitaens luzidos;
Mas ſendo nos projectos domadores
Pelas Punicas gentes ſuccedidos,
Eſtas foraõ, depois, com proprio damno,
Quem fez mais claro o nome Luſitano.

XVIII.

Porque depois de haver, por varias vezes,
Provado com ſeu riſco, o braço forte,
O peito firme, os brios Portuguezes,
As duras armas, o valente córte,
Souberaõ conſeguir com ſeus cortezes
Tratamentos, ganhalos de tal ſórte,
Que nas guerras fataes, que entaõ tratáraõ
Sempre os Luſos fieis os ajudáraõ.

XIX.

Já nas terras viſinhas de Carthago;
Já na fertil Trinacria, e na ruina
Dos vaſſallos de Venus, cujo eſtrago
Horror da falſa Deuſa ſe imagina;
Já nos riſcos do mar incerto, e vago,
Que frequentava a gente peregrina,
Foraõ ſempre os pendoens Carthagineezes
Suſtentados dos braços Portuguezes.

Mas

XX.

Mas onde com mais riſco, e maior gloria
Se fez illuſtre o povo Luſitano
Foi na guerra cruel, com que a memoria
Lhe eterniza a lembrança do Romano,
Deſſa gente feliz na larga hiſtoria,
Se repete com dor do proprio damno,
Deſde a Punica guerra athé Auguſto,
O nome Portuguez com paſmo, e ſuſto.

XXI.

Pelos meſmos contrarios confeſſada
Nos Romanos annaes ſe vê patente
A deſtreza fatal da Luſa eſpada,
O generoſo ardor da noſſa gente;
Alli da meſma inveja acreditada
A fama Portugueza illuſtremente,
Se publica nos Templos, nas offertas
Naõ menos, que em ruinas deſcobertas.

XXII.

Alli tremula maõ involuntaria
De Jaſpe naõ, porém de proprio ſuſto
Deixou formada a eſtatua extraordinaria
Do Luſo Viriato Heróe auguſto;
A meſma infamia da traiçaõ contraria
A grandeza lhe avulta ao nobre buſto,
Cuja baſe ſe adorna com Popillio,
Unimano, Pompeo, Plaucio, e Servillio.

De

XXIII.

De outros muitos Varoens daquella idade,
Que a ſoberba abateraõ dos Romanos,
Se eterniza a memoria na igualdade,
Dos reſpeitos da patria ſoberanos;
Ella ſe honra da nobre dignidade,
Que deu aos Ceſaroens, aos Apimanos;
E pois o baſtaõ Luſo o fez notorio,
Ella ſe honra da gloria de Sertorio.

XXIV.

Mas naõ ſó dos Varoens na fama clara
Se honra a Luſia provincia bellicoſa,
No ſexo de belleza lhe prepara
Novas glorias a eſtrella venturoſa;
Naõ foi huma ſó vez, que a ſórte rara
Fez a graça das Damas animoſa;
Mas pois muitos o tempo naõ conſente,
Dois caſos deſtes contarei ſómente.

XXV.

No tempo, que o ſegundo Viriato,
Nome ſempre fatal aos inimigos,
Por caſtigar de Galba o infame trato,
Se vingava de Roma nos amigos;
E augmentando com bellico apparato
A nobre gloria dos tropheos antigos,
Derrotado o Pretor da Luſa terra,
Levava ás outras o furor da guerra.

Os

XXVI.

Os Romanos, que ſempre procuravaõ
A vingança dos damnos padecidos,
E no ſuſto ſómente disfarçavaõ
Os impulſos dos odios concebidos;
Inſultados os póvos, que ſe achavaõ
Na auſencia do Varaõ mal defendidos,
Devaſtando no campo os dons de Ceres,
Levaraõ varios homens, e mulheres.

XXVII.

O medo fez guardar com mais cuidado
Os homens fortes em priſoens ſeguras,
Fiando o debil ſexo delicado
Do ſimples laço de humas cordas duras:
Aſſim da noite o eſpaço dilatado
Paſſáraõ todos entre magoas puras,
Tendo as Damas com tudo alli diſpoſtas
As maons ligadas ſobre as tenras coſtas.

XXVIII.

Huma noite, que o vinho, e a confiança
De haver ſahido os termos Luſitanos,
Com brando ſomno, e torpe ſegurança
Todo o campo occupava dos Romanos,
As maltratadas Damas, que a lembrança
Deſpertava cruel de tantos damnos,
E volvendo na idêa mil projectos,
Formavaõ mil arbitrios incompletos.

Ven-

XXIX.

Vendo a fraca priſaõ, que as maons mimoſas
Mais opprime na dor, que na firmeza,
E ſómente nas voltas cautelloſas
Se aſſegura da força, e da deſtreza;
Reſolvêraõ com furias generoſas
Cortar daquellas cordas a dureza
Com as armas nativas, que do agrado
Coſtumaõ ſer indicio, e naõ do enfado.

XXX.

De huma ſó na priſaõ as mais enſayaõ
Da boca bella os claros inſtrumentos,
Reſiſte o laço vil, mas naõ deſmayaõ
Das Matronas os nobres penſamentos;
Repete-ſe a porfia athé que cayaõ
Reduzidos a areſta os ligamentos;
Perde os laços aquella, e já liberta,
Por ſua maõ as outras deſaperta.

XXXI.

Paſſaõ logo taõ fortes, como bellas
A's priſoens dos maridos, e parentes,
E taõ ditoſas ſaõ, que os ſentinellas
Achaõ todos diſperſos, e dormentes:
Alegres entre exceſſos, e cautellas
Soltando vaõ dos ferros as correntes,
E ao meſmo tempo as armas dos Romanos
Entregando nas maons dos Luſitanos.

Del-

XXXII.

Dellas munidos os varoens robuſtos
Sobre os contrarios correm furioſos,
Que do torpe deſcuido os premios juſtos
No proprio ferro provaõ temeroſos:
A morte, a confuſaõ, o horror, os ſuſtos
Fructo ſaõ dos deſpreſos orgulhoſos;
Morrem huns, fogem outros, outros gritaõ,
Mas todos no pavôr ſe precipitaõ.

XXXIII.

Creſce o ſuſto Romano no recato
Da ignorada interpreza das captivas,
Pois julgaõ ſobre ſi de Viriato
Toda a força das armas vingativas:
Confirma aquella idêa o eſtrondo ingrato
Das Luſitanas vozes offenſivas,
Que ſoltaõ neſte tempo os Portuguezes
Em gritos repetidos muitas vezes.

XXXIV.

Da noite as ſombras o terror lhe augmentaõ;
Mas nem a luz do dia os deſengana,
Que as Damas arrogantes repreſentaõ
Hum bom corpo de gente Luſitana.
Com bellicoſo adorno alli ſe oſtentaõ
De duro ferro armadas á Romana,
E ficaõ neſte eſtado em modos varios
Duas vezes temiveis aos contrarios.

Del-

XXXV.

Delles os mais por força do deſtino
Acabáraõ a vida ás maons dos Luſos,
Foge o reſto com cégo deſatino,
Naõ menos derrotados, que confuſos;
Deixando o campo cheio de ouro fino,
De deſpojos ſoberbos, e profuſos,
De que adornada a gente Portugueza
Os trophéos fabricou daquella empreza.

XXXVI.

Ella foi propriamente hum raro effeito
Do nobre arrojo das valentes Damas,
A quem da liberdade o amor perfeito
Enchia o coraçaõ de illuſtres chamas:
Ella póde, ſe a caſo o meu conceito
Se atreve a comparar antigas famas,
Eternizar-lhe a gloria de Heroînas,
Mais do que ás Gregas, mais do que ás Latinas.

XXXVII.

Mas naõ ſó na ambiçaõ da liberdade
Se illuſtráraõ as Damas Luſitanas,
Que ſe negaõ ás Clelias igualdade,
Naõ invejaõ Lucrecias ás Romanas:
De Oſmia a triſte tragedia em qualidade
Similhante á de Roma, e nas tiranas
Circunſtancias maior abona o exceſſo,
Que faz áquelle caſo eſte ſucceſſo.

Era

XXXVIII.

Era Oſmia da Luſa gentileza
Maravilha fatal, prodigio raro,
Em quem ſe unia aos dotes da belleza
O dom ſublime de hum engenho claro;
E apurando as liſonjas da riqueza
Nos eſmaltes do ſangue mais preclaro
Tinha ſido ditoſo precipicio
De mil almas em doce ſacrificio.

XXXIX.

Hum nobre Luſo em fim, ou mais ditoſo,
Ou mais digno talvez, que os mais amantes,
Soube alcançar o termo glorioſo
Dos votos da Naçaõ mais relevantes:
A maõ de Oſmia, com goſto ambicioſo
Entre applauſos lograva triunfantes,
Quando hum dia os Romanos de repente
Hum, e outro captivaõ triſtemente.

XL.

Teve por ſórte a Dama malograda
Ficar preſa de hum nobre Cavalleiro,
Que notando a belleza delicada,
Ficou della naõ menos priſioneiro:
Oſmia arraſta as cadêas indignada,
Elle tem por ſuave o captiveiro;
Mas naõ he mais feliz neſte combate,
Que nos ferros de amor naõ há reſgate.

Lar-

XLI.

Largo tempo abrasado em chama nobre
Geme o peito Romano mudamente;
Perde o susto depois, depois descobre
Os effeitos de amor já livremente:
Naõ lhe fica fineza, que naõ obre,
Projecto algum naõ há, que naõ intente;
Porém de Osmia o decóro he taõ perfeito
Que athé no vencedor impõem respeito.

XLII.

O mais difficil bem mais se appetece,
Irrita-se a paixaõ na resistencia,
Já do antigo respeito amor se esquece,
Já despreza os clamores da decencia,
De Osmia o recato nos excessos cresce;
Mas he do vencedor tanta a impaciencia,
Que houve de ter por fim no seu dominio
A sorte de Lucrecia com Tarquinio.

XLIII.

Sentio a nobre Dama a sua injuria,
Quanto deve sentir hum peito honrado,
Ver-se victima torpe da luxuria
A's maõs de hum cégo ardor sacrificado:
De huma justa vingança a nobre furia
Lhe occupa o coraçaõ desesperado;
Mas naõ quer, que se arrisque na incerteza
De hum golpe intempestivo, a nobre empreza.

Com

XLIV.

Com cautella disfarça a dor activa,
Que o peito lhe devóra em magoa pura;
Finge agora a paixaõ já menos viva,
Inculca a condiçaõ já menos dura;
Já parece aos suspiros compassiva,
Já da voz naõ se assusta da ternura;
E tanto encobre em fim o seu projecto,
Que a mesma indignaçaõ parece affecto.

XLV.

De apparencias taõ doces enganado
Se applaude o vencedor do seu successo,
Acreditando o vaõ prazer de amado,
Como effeito feliz do ousado excesso;
Julga de Osmia o rigor em fim domado,
Já naõ teme das iras o progresso,
Já seguro de amor lhe facilita
Mil meios a vingança, que medita.

XLVI.

Aos doces mimos de Morfèo rendido
Huma noite se achava o cégo amante,
Mitigando nas tregoas do sentido
Os desvelos do affecto vigilante;
Quando de Osmia o furor mal reprimido
Nos mentidos disfarces do semblante,
Rompendo da cautella o fero engano,
Lhe destina o castigo mais tirano.

XLVII.

Á garganta infeliz, que o ſômno opprîme,
Do proprio ferro o fio agudo applica;
Aſſuſta a falta de uſo a maõ ſublime;
Mas da injuria a lembrança a fortifica:
Levanta em fim a eſpada, o golpe imprime
No atrevido offenſor, que á fé dedîca,
E com forças, que a gloria lhe prepára,
A cabeça do corpo lhe ſepara.

XLVIII.

Com ella em huma maõ, em outra a eſpada,
Fumante ainda da cruenta empreza,
Buſca o Eſpoſo infeliz, a quem proſtrada,
Quer declarar o caſo com pureza:
Principîa; porém a voz gelada
De horror lhe fica na garganta preza,
Que naõ acha o pudor palavras dignas
Para expôr circunſtancias taõ malignas.

XLIX.

Diſſe o que pôde; diz o mais o pranto;
Mas naõ perde no pranto o nobre alento,
Que ſe o pejo lhe cauſa á voz eſpanto,
Naõ lhe impede o valôr ao penſamento:
Quebrada a fé do laço ſacroſanto,
Naõ ſe emenda o deſar no ſentimento;
Oſmia ſabe, que a morte ſó dezata
Os grilhoens de huma infamia; ella ſe mata.

L.

Tal foi de Oſmia a tragedia, e taõ valente
He na Luſa Naçaõ o amor da gloria,
Que naõ teme da morte a horrenda frente,
Por fazer a virtude mais notoria.
Mil provas deſte affecto illuſtremente
Miniſtra ao penſamento a antiga hiſtoria;
Mas naõ ſofre do tempo a brevidade
Caſos narrar de igual heroicidade.

LI.

A's noticias geraes do Eſtado todo
Voltarei outra vez, bem que de Auguſto
Athé a introducçaõ do Imperio Godo
Pouco aſſumpto deixou o tempo injuſto;
Mas ſe a fama nos rouba deſte modo
Das nobres glorias do valôr robuſto;
Outras glorias naõ menos ſingulares
Nos prepára a mudança dos Altares.

LII.

Chegára em fim o tempo venturoſo
Nos ſacroſantos Livros indicado,
A' eſperança dos juſtos precioſo,
E dos Santos Profetas ſuſpirado,
Em que á terra abatido o Deos piedoſo
Devia ſer o Mundo reſgatado;
E já deſde os confins da Paleſtina
Se eſpalhava ás Naçoens a luz Divina.

Mas

LIII.

Mas nas trevas da céga idolatria,
Que as Provincias Romanas occupava,
Mal diſtincto o fulgor da fé luzia
Entre os erros groſſeiros, que encontrava;
Já por largo paiz ſe difundia,
Mas toda-via o rito ſe occultava;
Porque as aras das falſas Divindades
Se armavaõ do poder das Mageſtades.

LIV.

Portugal, cuja ſorte em tudo rara,
He ſer nos ſacros cultos extremoſo,
E com puros affectos adoptára
Da Ley nova o fervor religioſo,
No zêlo ſanto da Doutrina clara
Se moſtrava ás mais gentes vantajoſo;
E por eſta razaõ com mais porfia
Era objecto da cega tyranîa.

LV.

Bebido tinha nas mais puras fontes
Os Dogmas principaes da Chriſtandade,
Quando apenas da Igreja os Oriſontes
Se illuſtravaõ dos rayos da verdade:
Quem troxe a Ley da Graça aos Luſos montes
Naõ he facil dizer com claridade;
Pois he na tradiçaõ problema vago
Ser Saõ Pedro, Saõ Paulo, ou Santiago.

LVI.

Mas, ou todos, ou hum foi certamente
Do Collegio de Chriſto reſpeitavel
O Meſtre, ou Meſtres, que entre a Luſa gente
Enſináraõ ſeu Santo nome amavel;
E com fructo taõ prompto, e taõ patente,
Que abraſado de hum zêlo incomparavel,
Já no tempo de Nero, com fé pia,
Por Chriſto o Luſo ſangue ſe vertia.

LVII.

Mil palmas de martyrio a Luſa terra
Produzio felizmente aquelles annos,
Cuja fama immortal a hiſtoria encerra
Para eterna vergonha dos Tyranos.
Naquella dos Chriſtaons primeira guerra,
Indelevel injuria dos Romanos,
Se diſtinguem os nomes de Cicîlio,
Pedro, Eufrazio, Torcato, e de Baſilio.

LVIII.

Nem menos entre os Luſos precioſa
A lembrança de Mancio ſe conſerva,
Mancio, cuja doutrina fez ditoſa
A Cidade, que honrou a antiga Cerva:
Allî patente á inveja eſcrupuloſa
A columna fatal inda ſe obſerva,
Onde Mancio com ſangue rubricára
A verdade do Dogma, que enſinára.

O

LIX.

O meſmo nobre empenho repreſenta
Celerina Matrona Luſitana,
Secundino, Donato, e mais de oitenta
Companheiros, Victor, e mais Suſana;
O meſmo as nove Irmans, de quem ſe oſtenta
Braga patria feliz, bem que tyrana,
Donde fugindo todas ſe aſſegura
Serem victimas ſantas da fé pura.

LX.

Por ella illuſtremente em tempos varios,
Outros muitos Varoens, muitas Donzellas
Dos deſpójos da vida voluntarios
Adornáraõ na Liſia as almas bellas;
A Hiſtoria ſecular, os Breviarios,
Os Altares, os Templos, as Capellas
Abonaõ, ſem ceſſar em toda a idade
A conſtancia da Luſa Chriſtandade.

LXI.

Empreza digna de mais alto canto
Seria repetir diſtinctamente
As acçoens, que o fervor de hum zêlo ſanto
Fez obrar ao valor da Luſa gente:
A' meſma voz da fama aſſombro, e eſpanto
Póde ſer eſte aſſumpto eternamente,
E da meſma materia a dignidade
Me nega de a tratar a liberdade.

He

LXII.

Hé notoria no Mundo a tyrania,
Que os primeiros tres ſeculos da Igreja
Maquinou aos Chriſtaons a idolatria,
A avareza, a ambiçaõ, o odio, a inveja:
Ella foi taõ geral, tanta a porfia
Dos martyrios, que a furia vil manêja,
Que naõ teve a virtude outro deſtino
Deſde Nero cruel a Conſtantino.

LXIII.

Eſte grande Monarcha, a quem propicio
Por alta permiſſaõ da Providencia,
O Ceo guardava o ſummo beneficio,
De apurar dos altares a decencia;
Auctorizando o Santo Sacrificio,
Com juſta Ley, com pura reverencia
Suſpendeo dos martyrios a torrente,
Rendendo a Chriſto o culto competente.

LXIV.

Elle foi geralmente praticado
Nas Provincias de Roma tributarias,
E nos Luſos limites celebrado
Com finezas de zêlo extraordinarias;
E bem que alguma vez foſſe infamado
Algum particular de acçoens contrarias,
Foi ſempre em Portugal pura, e conſtante
A Ley da graça o culto dominante.

Nem

LXV.

Nem dos meſmos Monarchas a cegueira
Póde apagar a fé da Luſa gente,
Por mais, que a Ley deſprezem verdadeira
Juliano, Conſtancio, e mais Valente;
Sempre firme a Naçaõ contra a groſſeira
Idolatria, contra a vil ſemente
Das hereſias, foi do zêlo empório
Do grande Conſtantino athé Honorio.

LXVI.

No tempo deſte froxo, e mal ſervido
Imperador por ſorte, ou por enganos,
Sendo o Imperio Romano acomettido
Pelas armas dos Godos, dos Alanos,
Suevos, e Selingos, e partido
Em retalhos por maõs deſtes tyranos,
Foi a Luſa Provincia mal guardada,
Deſtas barbaras gentes aſſolada.

LXVII.

Os Suevos, e Alános vencedores
Dos Romanos nas terras Portuguezas,
Foraõ logo entre ſi competidores
No dominio das Luſas fortalezas:
Daquî novas queſtoens, novos horrores,
Novas perſeguiçoens, novas cruezas
Vem á Religiaõ, ao Eſtado, á gente,
A' honra, e á vida miſeravelmente.

LXVIII.

O theatro da guerra he quem padece
Sempre o damno maior da meſma guerra,
Ou ſó nelle deveras ſe conhece
Todo o mal, que eſte açoute em ſi encerra;
E bem, que o uſo deſte horror podeſſe
Menos ſuſto cauſar na Luſa terra,
Era agora taõ forte eſte caſtigo,
Que faria eſquecer qualquer antigo.

LXIX.

Pois ſendo neſtes Gétas conhecida,
Tyrana a condiçaõ, céga a braveza,
Groſſeira a criaçaõ, barbara a vida,
Natural o rigor, propria a fereza,
No nome de inimigo enfurecida
A dura propenſaõ da natureza,
Pareciaõ mais feras indomaveis,
Do que homens racionaes, e ſociaveis.

LXX.

Hydropica ambiçaõ de ſangue humano
Era affecto vulgar na fera gente,
Sendo objecto igualmente ao golpe inſano
O varaõ forte, e o timido innocente;
Tudo affóla indiſtincto o ardor tyrano;
Mas de tantos eſtragos na torrente
Fazia mais horror a barbaria
Dos coſtumes, que a meſma tyrania.

LXXI.

A polîcia Romana introduzida
Nos eſtîlos, nos moveis, no ſuſtento,
Foi na Luſa Naçaõ ſubſtituîda
De hum barbaro, feroz procedimento;
Deſterrado o bom goſto, a luz perdida
Das ſciencias, das artes, do ornamento,
Deſtruîa igualmente a furia bruta
O Palacio, o Jardim, a fonte, a gruta.

LXXII.

O reſpeito dos Templos profanado,
Os ſagrados Miniſtros perſeguidos,
O ſanto Dogma de erros maculado,
Os Divinos Miſterios confundidos,
O moral das acçoens prevaricado,
Os principios geraes deſconhecidos,
Nenhuma applicaçaõ, nenhum eſtudo,
Tudo em fim era horror, deſgraça tudo.

LXXIII.

Reſplandiano fôra o Rey primeiro,
Que os Alanos guiára á terra Luſa,
De quem Atáces foi filho, ou herdeiro
No governo cruel da gente intruſa:
Era Atáces mancebo, era guerreiro
De eſfera naõ vulgar, bem que confuſa,
Por falta de inſtrucçaõ; mas valoroſo,
Incançavel, robuſto, e ambicioſo.

Eſte

LXXIV.

Eſte depois de haver com maõ pêſada
Domado Portuguezes, e Romanos
Na Provincia, que fora em ſorte dada
A's tiranas emprezas dos Alanos,
Movîdo de ambiçaõ deſordenada
De eſtender os limites ſoberanos,
Contra os meſmos Suevos ſeus amigos
Convertia das armas os caſtigos.

LXXV.

Com preſteza fatal, com maõ potente
Sobre a antiga Collimbria em fim diſpára
Toda a furia da raiva impaciente,
Que a guerra ordena, que o rigor prepara:
Arrazada a Cidade inteiramente,
Réſta apenas do nome a fama rara;
Mas taõ pouco diſtincta, que ſó deixa
Ver, que fora Collimbria, onde he Condeixa.

LXXVI.

Das cinzas quentes deſte eſtrago duro
Nova Fenis Coimbra ſe levanta,
Onde o barbaro Rey para o futuro
Por padraõ da victoria os ſeus tranſplanta;
Mas no meſmo eſplendor do novo muro
Segundo Pharaó ao mundo eſpanta,
Atáces fero, que a penſoens vulgares
Sujeitava os Miniſtros dos altares.

LXXVII.

Allî ſe via com aſſombro, e ſuſto,
Entre a plebe groſſeira equivocado,
O Sacerdote ſanto, o Biſpo juſto,
Aos mais duros ſerviços condemnado:
A gróſſa barra, o alviaõ robuſto,
A pavióla, o ceſto, e o mal lavrado
Braço do cabreſtante era o exercicio
Da maõ uſada ao Santo Sacrificio.

LXXVIII.

Em quanto deſta ſorte entre inſolencias,
Creſcia de Coimbra o muro altivo,
Igualmente manchado de indecencias,
Que illuſtrado de adorno defenſivo,
Os Suevos movidos das violencias,
A que as tropas de Atáces daõ motivo,
Deſde as praias do Lima vem correndo
A caſtigar eſtrago taõ horrendo.

LXXIX.

Mas temendo igualmente os dois partidos
O ſucceſſo fatal de huma batalha,
Ou de antigos affectos commovidos,
Que a politica voz aſtuta eſpalha,
Dos impulſos das iras eſquecidos;
Cada qual pela doce paz trabalha,
E terminaõ-ſe os triſtes embaraços
No fim ditoſo de ſuaves laços.

Do

LXXX.

Do Rey Suevo Hermenerico a filha
Cindaſunda, Princeza reſpeitavel,
Em quem no ſummo grão ſe oſtenta, e brilha
A virtude, e belleza incomparavel,
Foi de Atáces o premio, a que ſe humilha
Tanto a ſua ſoberba incontraſtavel,
Que trocada a braveza em rendimento,
Fez de hum barbaro amor hum culto attento.

LXXXI

Da força illuſtre deſte affecto claro
Tira a nova Coimbra o timbre auguſto,
Que Atáces lhe entregou no objecto charo
Repreſentado em marmore robuſto,
Allî dura, apeſar do tempo avaro,
Da famoſa Princeza, o nobre buſto
Entre huma ſerpe, e hum leaõ metido,
Que inſignias ſaõ do Pay, e do Marido.

LXXXII.

Pouco tempo durou da paz ſerena
O dezejado fructo entre os Alanos,
Que huma liga fatal o odio ordena
Entre Vandalos, Godos, e Romanos,
Eſtas Naçoens, a quem cauſara pena
Ver unidos os Reys dos Luſitanos,
Dos progreſſos de Atáces temeroſas
Em ſeu damno conjuraõ furioſas.

Jun-

LXXXIII.

Junto a Merida, entaõ Côrte luzida;
De que hoje reſta apenas a memoria,
A confuſos veſtigios reduzida
A ſoberba fatal da antiga gloria,
Acaba em fim de Ataces a temida
Ambiçaõ, com deſgraça taõ notoria;
Que perdida a batalha inteiramente,
Perde Eſtados, e vida juntamente.

LXXXIV.

Allî extincta a gloria dõs Alanos,
Dos Suevos renaſce a Monarchîa,
Cujo termo em dominios ſoberanos
Pouco ávante do Douro ſe eſtendia;
Mas vendo agora os póvos Luſitanos
Sem governo formal, ſem Rey, ſem guia;
Com induſtrias de agrados, e amizades,
Se faziaõ ſenhores das cidades.

LXXXV.

Brevemente com mutuas alianças
Suevo, e Luſo ſangue ſe miſtura,
Firmando o parenteſco as ſeguranças
Da mais bella uniaõ, da fé mais pura;
E creſcem tanto as nobres confianças
Nos penhores fieis, que ſe figura
Huma naçaõ ſómente, o povo vario,
Que tantas vezes fora já contrario.

Lar-

LXXXVI.

Largo tempo logrou Hermenerico
O dominio geral da Luſa terra,
De quem foi ſucceſſor, no Trono rico
Rechilla, Rey feliz em paz, e guerra;
Deſte o filho Rechiario, e Theodorico
Rey dos Godos de lá da Alpina ſerra,
Sendo em laços eſtreitos aliados,
Se fizeraõ contrarios declarados.

LXXXVII.

Porque Sendo o Rey Godo, dos Romanos
Aliado fiel, conſtante amigo,
De quem agora o Rey dos Luſitanos
Se moſtrava implacavel inimigo,
Pertendendo evitar da guerra os damnos;
De que conhece bem todo o perigo,
A Rechiario, com prudente intento
Quiz deſviar daquelle penſamento.

LXXXVIII.

Mas eſte, que aſpirava ao Trono auguſto
De toda Heſpanha, e julga ſer inveja
A cauſa principal daquelle ſuſto,
Que naõ crê, que de amor ſincero ſeja,
Lhe reſponde ſoberbo, altivo, injuſto,
Que os proprios riſcos mais attento veja;
Porque a guerra, que Heſpanha agora ſente,
Lhe irá fazer em França brevemente.

Paſſa

LXXXIX.

Paſſa o Godo indignado da reſpoſta
Da grande ſerra as duras eminencias,
Onde a triſte Pyrene a vida expoſta
Vio dos brutos ás féras inclemencias;
E achando Heſpanha ainda mal diſpoſta,
Vaõ cedendo ao furor as reziſtencias,
Athé que em fim, vencido Rechiario
Deixa a vida nas maons de ſeu contrario.

XC.

Com elle eſpira o ſangue reſpeitavel
Dos Monarchas Suevos taõ temidos,
Abatendo-ſe o Ceptro ineſtimavel
A' ſugeiçaõ dos Godos atrevidos;
E bem que largos annos perduravel
Foſſe o nome de Rey entre os vencidos,
Eraõ Reys dependentes, de algum modo,
Do dominio geral do Imperio Godo.

XCI.

Athé que em fim no tempo em que reynava
Leovigildo cruel, e ambicioſo,
Cujo genio feroz naõ reſpeitava
Nem juſtiça, nem termo generoſo;
Taõ tirano por fim, que executava
No proprio filho o odio furioſo,
Perdido totalmente o nome Regio,
Ficou ſimples Provincia o Reino egregio.

Co-

XCII.

Como tal confundida entre os eſtados
Da vaſta altiva Goda Monarchia,
Seguio a Luſa gente os varios fados,
Que a ſorte áquelle Imperio repartia;
Athé que em fim os vicios deſcarados,
Com que o Trono Real ſe invilecia
Deſafiando os Céos para o caſtigo,
O conſeguîraõ no infeliz Rodrigo.

XCIII.

Eſte infauſto Monarcha, a quem guardava
O deſtino fatal para eſcarmento
Das deſordens, que o Reino lamentava
De hum dominio cruel, torpe, e violento;
Completando a medida, que eſperava
Da Juſtiça Divina o ſofrimento,
Foi o ultimo Rey da gente Goda
Ruina univerſal de Heſpanha toda.

XCIV.

Era Rodrigo illuſtre deſcendente
Do ſangue Godo mais eſclarecido;
Antes de Rey, affavel, bom, valente;
Depois froxo, ſoberbo, e deſabrido;
No governo do Reyno negligente,
Em paſſatempos vaons ſó divertido,
Ao Conde Juliaõ com liberdade
Confiava o poder da Mageſtade.

XCV.

Tinha o Conde huma filha, a quem dotára
De huma gentil figura a natureza,
Que brilhava a peſar da ſorte avara,
Entre aceyos, agrados, e viveza,
Maravilha da Corte, inveja rara
Do juizo, da graça, e da belleza;
Era Florinda, em fim de todo modo
O prodigio maior do Imperio Godo.

XCVI.

Vio Rodrigo eſte aſſombro, e namoralo,
Que era divida amor a tal aſpecto,
Lhe tributa nas aras do cuidado,
Continuas oblaçoens de puro affecto;
Mas ſendo o culto ardente deſprezado,
Da altiva indignaçaõ do doce objecto,
Lhe conſagra com voto mais rendido
Fé de Eſpoſo, palavra de Marido.

XCVII.

Já propicia Florinda ao rogo amante
Acceitava benigna em cultos varios,
Os obſequios do Principe arrogante,
E os parabens dos Povos tributarios;
Quando a ſorte invejoſa, ou vacillante
Por coſtume, nos bens extraordinarios,
Fez conduzir á Corte de Rodrigo
Egilona, de amor novo perigo.

XCVIII.

Era eſtranha Egilona, e mal tratada
No mar de huma tormenta furioſa,
Tinha ſido das ondas arrojada
Sobre as coſtas de Heſpanha bellicoſa;
E ſendo logo ao Rey apreſentada,
Bem que adora a Florinda por formoſa,
Foi a nova belleza mais bem quiſta,
Senaõ já por maior, por menos viſta.

XCIX.

Perde Florinda em fim por hum acaſo
A maõ do Rey, e o Trono promettido,
Que Egilona ſó deve ao triſte caſo
De hum naufragio nas ondas padecido;
Foi aquelle navio o triſte vaſo
De Pandóra, na Heſpanha introduzido,
Donde foraõ ſahindo os males todos
Para eſtrago geral dos nobres Godos.

C.

Porque a bella Florinda injuriada,
Deſcompoſtos do Conde os penſamentos,
Nem podem ſupportar a dor peſada,
Nem querem ſujeitar-ſe a ſofrimentos;
Florinda altiva, ou menos diſfarçada,
Naõ diſſimula os triſtes ſentimentos;
Mas o Conde de enganos meſtre antigo
Jura a perda do Rey com roſto amigo.

Era

CI.

Era o Conde Politico famoſo,
Nas intrigas das Cortes inſtruido,
Vingativo por genio, e ambicioſo;
Mas por arte agradavel, e ſofrido;
Sem fé, ſem probidade, impetuoſo,
Nas paixoens, nos projectos deſmedido,
Implacavel nas iras, avarento,
Suſpeitoſo, cruel, ſanguinolento.

CII.

Era do Rey valîdo, e de maneira,
Que eclipſada do affecto a Mageſtade,
Paſſava o valimento a ſer cegueira,
Paſſava a ſujeiçaõ a humanidade;
Pois abuſando o Conde da ligeira
Inclinaçaõ do Rey á ocioſidade;
Deixando-lhe ſómente o nome Regio,
Lhe uſurpáva o poder, e o privilegio.

CIII.

Os beneficios, as mercês, as graças
Pelo arbitrio do Conde ſe faziaõ,
Os caſtigos, as penas, as deſgraças
Do ſeu goſto ſómente dependiaõ;
O governo das Armas, e das Praças
Pelo ſeu parecer ſe commettiaõ;
E finalmente o Rey do ſeu cuidado
Finva a direcçaõ de todo o Eſtado.

CIV.

Deſte meſmo favor, deſta privança
Faz o perfido Conde injuſto meyo,
Para lograr mais promptos da vingança
Os fins, que occulta no mentido ſeyo;
Porque enchendo de vil deſconfiança
O animo Real com torpe, e feyo
Fingimento de zêlo, o precipita
Na ruina fatal, que premedita.

CV.

Faz-lhe crer, que os vaſſallos reſpeitoſos
Lhe ſaõ pouco fieis, e mal ſofridos,
E que os Povos ferozes, e orgulhoſos
Podem ſer facilmente commovidos:
Que he preciſo evitar com cuidadoſos
Artificios perigos taõ ſubidos;
E que o meyo melhor para evita-los,
He deſarmar Cidades, e vaſſallos.

CVI.

Perſuade-ſe o Rey do triſte engano,
Porque crê cegamente o falſo amigo,
E manda deſarmar em proprio damno,
Todo o Reyno, ſobpena de caſtigo:
Depoem a gente Goda o ferro ufano,
Das praças ſe arruina o muro antigo,
E fica o Eſtado expoſto ao riſco duro,
Quando o Rey ſe imagina mais ſeguro.

Funda-

CVII.

Fundamentado assim o vil projecto,
Se offerece a Rodrigo o Conde astuto
Como effeito fiel de hum puro affecto;
A conseguir dos Mouros maior fructo;
Porque sabendo, que o primeiro objecto
Dos cuidados do Rey saõ Sisebuto,
E Evan seu irmaõ refugiados
Entre os Mouros, e delles estimados.

CVIII.

Lhe aconselha, que mande huma embaixada
A' Corte Mauritana, e que faria
Elle perfido Conde esta jornada,
Que de outro Embaixador pouco confia;
E pondo em praxe a idèa refinada,
Parte o traidor infame á Barbaria,
Mais que a tratar dos fins, que astuto affecta,
A dispor a vingança, que projecta.

CIX.

Entre tanto Rodrigo ambicioso
Dos thesouros, que a fama publicava,
Encerrar de huma Torre o vaõ famoso
Que occulto ha muitos annos se guardava,
Onde o susto do povo temeroso
Mil prestigios de encanto imaginava,
E de largas idades se dizia
Ser funesto presagio se se abria.

Despre-

CX.

Deſpreſando rumores populares,
Que imagina illuſoens do vulgo inculto,
E que na fé de idéas regulares
Fazem ſempre pequeno, ou nenhum vulto;
Quebranta os varios ferros tutellares,
Que ſaõ das portas, mais que guarda, inſulto
Em raſaõ dos horrores, que authoriſaõ
Neſſe meſmo recato, que eterniſaõ.

CXI.

Examina da Torre o centro eſcuro;
Mas nella naõ vê mais, que hum cófre breve,
Que guardado com fecho bem ſeguro,
Toſco á viſta parece, ao tacto leve;
Excita o novo objecto ardor mais puro,
Que a romper o myſterio em fim ſe atreve;
Mas patente o motivo do ſegredo,
Quanto fora alvoróço, he ſuſto, e medo.

CXII.

Porque dentro do cófre eſtá dobrado
Sómente hum triſte véo, que apenas toca,
Quando hum corpo de tropas vê pintado,
Que no traje com Mouros ſe equivoca;
A poſtura a fereza, e geſto irado
Tudo á guerra parece, que provoca;
Mas o riſco mais claro annunciava
Hum letreiro, que aſſim ſe decifrava.

No

CXIII.

No momento fatal, que for aberta
Deſta Torre vedada a porta inculta,
E por maons imprudentes deſcoberta
For a pintura, que eſte cófre occulta,
A conquiſta de Heſpanha inteira, e certa
A' gente aqui notada ſe faculta;
Tema qualquer, que o véo tocar ouſado,
Que nelle eſtá ſeu riſco retratado.

CXIV.

Aſſuſtado Rodrigo, e vacilante
Treme de horror á viſta do protento,
E nas pálidas cores do ſemblante
Mal disfarça o pavor do penſamento;
Mas na fé dos prodigios inconſtante,
No ſilencio ſepulta o ſentimento;
E ſahindo das portas mal ſeguras,
As carrega de novas fechaduras.

CXV.

Crê, que baſta a cautela do ſegredo
A fruſtrar os horrores do ameaço;
E com rogos, promeſſas, ſuſto, e medo
Aſſegura das vozes o embaraço;
Mas naõ póde evitar o cego enredo
O decreto cruel do fado eſcaço,
Que o Trono auguſto em fim ſe precipita
Deſde o tempo, que a Torre ſe viſita.

Tal

CXVI.

Tal he a tradiçaõ de Heſpanha inteira
Nos mais ſerios eſcriptos abonada,
Se huma noticia tal por verdadeira
Póde ſer de algum modo auctoriſada;
Livre á luz da raſaõ fique a carreira
Nos exames de fé taõ dilatada,
Que eu ſeguindo da hiſtoria o cégo inſtincto,
Vou contando o que lì, naõ o que ſinto.

CXVII.

Entre tanto na Corte de Rodrigo,
Com emprego de Dama da Raynha,
Aſſiſtia Florinda, em quem o antigo
Amor do Rey fataes raizes tinha;
E mal firme a raſaõ contra o perigo,
Das ſubtis impreſſoens da luz viſinha,
Novamente inflamado o Regio peito,
Da mais céga paixaõ padece o effeito.

CXVIII.

Arde Rodrigo em chamas indecentes
Mais activas talvez, por mais impuras,
Que he coſtume de affectos imprudentes
Por culpaveis moſtrar forças mais duras;
Saõ agora mais bellas, mais valentes
Da deixada Florinda as graças puras;
E exaltada nas aras do deſejo,
Quanto fôra deſpreſo, he já cortejo.

Tem

CXIX.

Tem por graves os laços precioſos,
Que dos proprios affectos fabricára,
E ſuſpira com votos vergonhoſos
Pelas meſmas cadêas, que quebrára;
Contemplada com olhos cubiçoſos
Aquella luz, que ha pouco reprovára,
Cega agora o diſcurſo, abraſa a idêa,
Sem mais outra raſaõ, que ſer alhêa.

CXX.

Mas conſerva Florinda na memoria
Viva a dor do deſpreſo intoleravel,
E naõ lhe ſofre o amor da propria gloria,
Ser de Rodrigo ás ancias favoravel;
Nas vinganças de offenſa taõ notoria
Paſſa a ſer o rigor ira implacavel,
E quanto mais amante o Rey parece,
Tanto mais de Florinda o deſdem creſce.

CXXI.

Aſſiſtencias, obſequios, gentilezas,
Liſonjas, attençoens, mimos, agrados,
Deſvelos, votos, cultos, e finezas,
Rogos, ſuſpiros, ancias, e cuidados,
Tudo emprega Rodrigo com deſtrezas
De amante experto em riſcos namorados;
Mas a tudo reſiſte a Dama altiva
Naquelle tempo mais que Dafne eſquiva.

Creſce

CXXII.

Creſce a céga paixaõ na reſiſtencia,
Effeito natural do amor tirano,
Que imitando dos rayos a violencia,
Nas durezas ſe emprega mais ufano:
Fruſtrada da brandura a diligencia,
Da força ſe aproveita o Rey inſano;
E qual outro Tarquinio furioſo,
Perde o Ceptro com crime vergonhoſo.

CXXIII.

Porque a nova Lucrecia injuriada,
Naõ menos, que a Romana, mal ſofrida,
Nem medita vingança mais calada,
Nem quer ſatisfaçaõ menos luzida.
Ao Pay intîma em carta abreviada
A noticia da afronta padecida,
E lhe pede com rogo impaciente
O caſtigo de acçaõ taõ inſolente.

CXXIV.

Recebe o Conde a carta, e vêm voando
Deſde a Africa aduſta athé Tolledo,
Onde eſpera de caſo taõ nefando
Informar-ſe melhor, com mais ſegredo;
E diſcurſos malignos atalhando
Com finas illuſoens de aſtuto enredo,
Publîca concluida a diligencia,
Que fazia preciſa a ſua auſencia.

Ao

CXXV.

Ao meſmo Rey engana deſta ſorte,
A quem rende por zêlo a brevidade,
E occultando no peito a pena forte,
Affecta a mais feliz tranquilidade;
Mas depois, que da Filha, e da Conſorte
Se informa bem da triſte novidade,
Largando a rédea toda á ira céga,
Ao mais duro furor em fim ſe entrega.

CXXVI.

Pequeno ſacrificio lhe parece
A vingança cruel, que premedita,
E na ſua ſoberba naõ conhece
Limites a ambiçaõ, que o peito incita;
Na céga idêa mil projectos tece,
Em mil furias de horror ſe precipita;
E jura, que Florinda em dôr tamanha
Outra Helena ha de ſer da triſte Heſpanha.

CXXVII.

Diſſimula, com tudo, cauteloſo
A dôr feroz, que o peito lhe devora;
E nos cultos do Rey mais cuidadoſo,
Ou mais attento ſe deſvela agora;
Athé que conſeguido o fim damnoſo
Da torpe adulaçaõ, que a honra ignora,
Paſſa ſegunda vez de Africa os mares,
Governador das Praças Militares.

Como

CXXVIII.

Como penhor fiel da fé devida,
Deixa o perfido Conde com cautela;
A peſar da ſaudade enternecida,
No ſerviço do Paço a Filha bella;
Mas ſeguido da Eſpoſa mal ſofrida,
Que naõ menos nas iras ſe deſvela,
Parte emfim a buſcar com triſte engano;
A vingança no ferro Mauritano.

CXXIX.

Facilita-lhe a féra viſinhança
Os duros meyos da traiçaõ, que intenta;
E de Muça, na antiga confiança,
Os mais certos ſoccorros fundamenta:
Deſte fia o ſegredo da vingança,
Os aggravos do Rey lhe repreſenta,
E lhe jura com torpe rebeldia,
Sujeitar-lhe de Heſpanha a Monarchia.

CXXX.

Era Muça dos Mouros Cõmandante,
Naõ menos que valente, induſtrioſo,
Nos combates intrepido, arrogante,
Nos contratos prudente, e cauteloſo,
E nos riſcos preſentes vacilante,
A' propoſta ſe affecta duvidoſo;
Mas o Conde com fortes argumentos
Lhe deſvanece os dubios penſamentos.

Faz-

CXXXI.

Faz-lhe ver com raſoens bem ponderadas,
E por deſgraça certas, e patentes,
Que haõ de ſer facilmente executadas
As empreſas, que nota de imprudentes;
Que as Cidades eſtaõ deſmanteladas,
Os ſoldados ſem armas competentes,
Deſgoſtoſa a Naçaõ, queixoſa a Corte,
Malquiſto o Rey, e máo de toda a ſorte.

CXXXII.

Que no Reyno tem grande quantidade
De parentes, amigos, e vaſſallos
Que eſtaõ promptos a toda a novidade
Com ſoldados, com armas, e cavallos;
Que os portos tem ſeguros na amiſade
De ſujeitos diſpoſtos a entrega-los;
E que qualquer projecto bem medido
Lograria o ſucceſſo pertendido.

CXXXIII.

Perſuadido em fim o Mouro aſtuto
Deſtas raſoens, e de outras ſimilhantes,
De que vê claramente o nobre fructo,
Que podem dar empreſas taõ brilhantes,
Lhe promette animoſo, e reſoluto
Miniſtrar-lhe ſoccorros abundantes,
Com que poſſa naõ ſó vingar aggravos,
Mas claramente fulminar eſtragos.

Certo

CXXXIV.

Certo já do ſoccorro deſejado,
Paſſa o Conde com torpe providencia
A diſpor a perfidia do Tractado,
Dos amigos na céga complacencia;
Mas na meſma cegueira acautelado,
Naõ ſe eſquece da propria dependencia,
E dos riſcos da Filha receoſo,
A faz ſahir do Paço ruinoſo.

CXXXV.

Finge, que a Mãy ferida mortalmente
De agudo mal, com triſte fantaſia,
Quer ao menos na morte ter preſente
Da chara Filha a doce companhia;
E com cores de empenho taõ decente,
Avivadas da luz de que ſeria
Pouca a demora, em fim do Rey conſegue;
Que a formoſa Florinda ſe lhe entregue.

CXXXVI.

Livre já de attençoens, de ſuſto iſento
O perfido, traidor, infame Conde
Tira a maſcara vil do fingimento,
Com que as torpes acçoens ao Mundo eſconde;
E deſcoberto o feyo penſamento,
Que taõ mal a ſeu ſangue correſponde,
Sobre a Patria de Mouros rodeado
Apparece inimigo declarado.

Mortes,

CXXXVII.

Mortes, roubos, eſtragos, e inſolencias
Vai o monſtro feroz executando,
Primeiro, que do Rey as negligencias
Acreditem delicto taõ nefando:
Parecem-lhe illuſoens as evidencias
De crime taõ atroz, taõ execrando;
E quando em fim conhece a vil mudança,
He mais tempo de dor, que de vingança.

CXXXVIII.

Porque os Mouros depois de haver corrido
Grande parte de Heſpanha ſem diſputa,
E por varias Provincias commettido
Mil inſultos crueis com furia bruta;
Satisfeitos do fructo conſeguido,
Para os portos do mar com marcha aſſuta,
De luzidos deſpojos carregados
Já voltavaõ com paſſos apreſſados.

CXXXIX.

Quando Rodrigo ainda mal deſperto
Do letargo fatal em que vivia,
A taõ barbara afronta, e mal taõ certo
Froxamente o reparo prevenia:
Hum debil, mal armado, e nada experto
Exercito lhe oppoem, em quem ſe via
Mais que a força do Rey auctoriſada,
A miſeria do Reyno retratada.

Pois

CXL.

Pois ſendo breve o numero da gente,
Era menos, que a gente, o provimento;
Faltando á triſte Tropa juntamente
Armas, ordem, veſtido, e mantimento:
Eraõ pedras da rua indignamente,
As vergonhoſas forças do armamento,
E ſimilhante em tudo era a ruina
No veſtido, na paga, e diſciplina.

CXLI.

E ſendo ſem trabalho deſtruida
Pelas armas do Conde aquella gente,
E na ſua ruina confundida
Toda a força de hum Reyno taõ potente;
Deixando toda a Heſpanha eſtremecida,
Se recolhe o traidor impunemente,
Sem que achaſſe na Goda negligencia
Senaõ caſtigo, ao menos reſiſtencia.

CXLII.

Animados os féros Africanos
Do primeiro ſucceſſo, e cubiçoſos
De mais altas empreſas, que os tiranos
Exercicios de roubos vergonhoſos,
A' Libia voltaõ de maiores damnos
A prevenir os meyos orgulhoſos,
E deſſipada a idéa do perigo,
He já nobre alvoroço o ſuſto antigo.

Já

CXLIII.

Já de Muça prudente á vaſta idéa
Nos cuidados do Conde naõ deſcança;
Já da cega ambiçaõ a paixaõ feya,
Mais projectos lhe inſpira, que vingança;
Já da gloria immortal ſe liſonjeia
De huma nobre conquiſta, e na eſperança
De huma nova fortuna alvoroçados,
Todos os Mouros querem ſer ſoldados.

CXLIV.

Entretanto Rodrigo eſtremecido
Dos triſtes éccos do primeiro ſuſto,
E dos gritos dos povos commovido
A buſcar providencia ao damno injuſto,
Já da cega torpeza arrependido,
Com que havia manchado o Trono auguſto,
Se diſpunha com paſſos diligentes
A precaver os riſcos emminentes.

CXLV.

Gente manda aliſtar, tomar cavallos,
Reparar fortalezas, e muralhas,
Levantar eſquadroens, e doutrina-los
Na ſciencia terrivel das batalhas;
Ferros manda fundir, e prepara los
Nos ardentes enſayos das fornalhas,
Forjar Lanças, Eſpadas, Capacetes,
Arnezes, Sayas, Grévas Braceletes.

CXLVI.

Capitaens manda vir a toda a preſſa
Dos preſidios da Gallia bellicoſa,
Chama a Nobreſa, os povos intereſſa
Na defeſa da Patria glorioſa;
Conſelheiros convoca, o riſco expreſſa,
Dinheiros pede em copia numeroſa,
E por todos os modos ſe prepara
Contra o golpe cruel da ſorte avara.

CXLVII.

Igual no reyno todo a providencia
Se manifeſta em nobres exercicios,
Que ſe fôra contagio a negligencia,
Saõ agora geraes os bons officios;
Qual da guerra ſe inſtrue na ſciencia,
Qual das Praças ſe applica aos beneficios,
Qual acode á muralha, qual á mina,
Qual a outros empregos ſe deſtina.

CXLVIII.

Mas em quanto nos nobres apparatos
De huma guerra futura, mas diſtante,
Se occupava dos Godos mais cordatos
Toda a força do zêlo vigilante,
Pelas Portas Herculeas os ornatos
Vem ſurgindo da Lua fulminante,
Com que o torpe Mafoma faz famoſas
As bandeiras de Agar ſempre horroroſas.

CXLIX.

Vinte vezes dez mil peoens armados,
Com mil vezes quarenta cavalleiros
Foraõ logo nas Prayas vomitados
Do vaſto ſeyo dos Baixeis guerreiros;
Do famoſo Tarif alli guiados,
Que já fora Mandante dos primeiros,
E do perfido Conde, a quem ſe unîa
Nova copia de infames cada dia.

CL.

Junto ao Calpe famoſo, antiga méta
Dos triunfos illuſtres do Thebano,
Que a tradiçaõ dos Gregos indiſcreta
Aquî ſuppôz ao mar dar paſſo ufano,
Se alója o Mouro aduſto em paz quieta,
Sem que alguem ſe lhe opponha a tanto damno
Porque o triſte Rodrigo naõ penſava,
Que taõ prompta a perfidia o procurava.

CLI.

Mas já certo do proximo perigo
Parte em fim de Toledo, e vai buſcando
De Guadalête o campo, onde o inimigo
Vinha as torpes bandeiras tremulando:
Alli diſpoſto o Ceo para o caſtigo
Do cégo Rey, do povo miſerando
Tinha o triſte theatro, e alli ſe aſſenta
Hum, e outro arraial com ancia attenta.

CLII.

Dois dias ſe obſervárão mutuamente
Os dois campos oppoſtos; mas chegada
Era a hora fatal, que a Goda gente
Devia ſer dos fados caſtigada:
Inveſtirão-ſe em fim tyranamente
Huns, e outros, e foi tão porfiada
A raiva dura, que a queſtão guerreira
Durou huma ſemana toda inteira.

CLIII.

Mas inclinou-ſe em fim ao Mouro aduſto
Da brilhante victoria o vulto altivo,
E no campo Chriſtão o triſte ſuſto
Foi deſcobrindo o geſto penſativo
Céde á força do fado o brio auguſto
Dos nobres Godos, céde o genio eſquivo,
O valôr, a conſtancia, e finalmente
Céde tudo a favor da bruta gente.

CLIV.

Rodrigo foge, o Reyno ſe ſugeita
Ao barbaro poder; e nas Heſpanhas
Inunda de Mafoma a torpe ceita
As Cidades, as Villas, as Campanhas:
Aſſim acaba a gloria mais perfeita
Das humanas grandezas, e façanhas;
Hum ſó golpe baſtou para caſtigo
Da ſoberba do reyno, e de Rodrigo.

Elle

CLV.

Elle ſoube emendar a triſte ſorte;
Buſcando na deſgraça a penitencia,
E na antiga Vizeu com ſanta morte
Pôz fim ditoſo á larga paciencia;
Mas o Eſtado infeliz do golpe forte
Reſtaurar-ſe naõ pôde, e na indecencia
De hum captiveiro infame envolto todo,
Para ſempre perdêo o nome Godo.

FIM DO CANTO III.

A LIBERDADE

A LIBERDADE

CANTO IV.

ARGUMENTO.

DESTRUIDO o Imperio dos Godos, ſe retîraõ muitos deſtes pelo mar a Paizes deſconhecidos, e outros ſe embrenhaõ pelas montanhas mais aſperas, athé, que juntos baſtantes nas ſerras das Aſturias, elegem por Principe a D. Pelayo, que ganhando algumas terras aos Mouros, ſe acclama Rey de Leaõ. Os ſeus Succeſſores continuaõ a conquiſtar, e ElRey D. Fernando o Grande, Senhor já de tres Eſtados, os reparte por tres filhos, e faz D. Garcia Rey dos Portuguezes, a quem ſuccede D. Affonſo conhecido por Imperador. No tempo deſte vem ſervir ás Heſpanhas varios Principes, e entre eſtes o Grande Henrique de Borgonha, a quem o Rey dá huma filha em cazamento, e em dote as terras conquiſtadas em Portugal, e as

e as que podesse conquistar. Succede-lhe seu filho o Senhor Rey D. Affonso I, a quem Christo Senhor Nosso apparece, e dá a investidura do Reyno de Portugal. Prosegue-se a historia dos Reys athé o Senhor D. Fernando. Casa este Principe com a Senhora D. Leonor, que pertende arruinar os Principes da Caza Real. Tragico successo da Senhora D. Maria Telles. Cazamento da Princeza filha do Senhor Rey D. Fernando. Morte deste Principe, e origem da guerra. Pertende auzentar-se o Heroe, e o povo de Lisboa o embaraça, pedindo o seu amparo, e nomeando-o Defensor do Reyno. Entra em Portugal ElRey de Castella, a quem a Raynha pertende entregar o governo, e elle a manda prender em hum Convento. Atêa-se a guerra, e se fórma o cerco de Lisboa, que o Defensor pessoalmente sustenta, e manda Nuno Alvares Pereira defender as Provincias.

A LIBERDADE

CANTO IV.

I.

DEpois que o Ceo Supremo foi ſervido,
Por altiſſimos fins da Providencia,
Abolir totalmente o Trono erguido,
O nome illuſtre, a maxima opulencia
Da gente Gôda, o povo reduzido
A' eſcravidaõ da barbara inſolencia,
Diſperſo, e vacilante em tanto aperto,
Errava ſem deſtino, e ſem concerto.

Al-

II.

Alguns a triſte vida confiando
Ao arbitrio das ondas inconſtantes,
Quaes de Troya no caſo miſerando
Os amigos de Eneas trepidantes,
Por incognitos mares navegando,
A paizes paſſáraõ taõ diſtantes,
Que naõ pôde athé agora com certeza
Saber-ſe o certo fim daquella empreza.

III.

Outros na meſma patria deſterrados
Pelos montes, e penhas cavernoſas
Do barbaro furor refugiados,
Se occultavaõ nas brenhas horroroſas;
Athé que ſendo muitos congregados
Das Aſturias nas ſerras pavoroſas,
Foi D. Pelayo delles eſcolhido
Para cabeça ſer deſte partido.

IV.

Era Pelayo Principe valente
Reſpeitado na Corte em tempo antigo;
Do Regio ſangue claro deſcendente,
Primo, e ſobrinho do infeliz Rodrigo:
Era bravo na guerra, era prudente
No conſelho, conſtante no perigo,
Popular, liberal, benigno, e juſto,
Activo, ſobrio, agil, e robuſto.

Eſte

V.

Eſte foi o Noé do povo Godo,
Na ruina geral daquella gente,
A quem o Céo benigno deſte modo
Patriarcha fez deſte continente:
Delle procede o Regio ſangue todo,
Que reſtaurou de Heſpanha a perda ingente,
E nelle meſmo teve logo effeito
Da reivendicaçaõ o ſaõ direito.

VI.

Porque ganhando aos Mouros muitas terras,
E chegando a formar hum novo Eſtado,
Já deixado o pavor das toſcas ſerras,
Pôde ſer de Leaõ Rey acclamado;
E com largos trabalhos, duras guerras,
Grande perigo, e tempo dilatado,
Foi libertando de oppreſſaõ tamanha
Huma breve porçaõ da antiga Heſpanha.

VII.

Da meſma ſorte os Reys ſeus ſucceſſores,
Qual mais, qual menos foraõ recobrando
Da eſcravidaõ dos barbaros horrores
As provincias, e povo miſerando;
Athé que entre mais altos eſplendores
De hum treplicado Ceptro, o Graõ Fernando,
Entre os filhos partindo a Monarchia;
Fez Rey da Luſa gente a D. Garcia.

VIII.

Viveo pouco Garcia, e ſuccedido
Foi de Affonſo Monarcha valoroſo,
Em quem ſegunda vez ſe vio unido
Dos tres Ceptros o peſo glorioſo:
Eſte foi nas Heſpanhas conhecido
Por alto Imperador, Rey poderoſo
E de varias Naçoens Principes varios
A ſervi-lo paſſáraõ voluntarios.

IX.

Entre os mais conhecidos nas hiſtorias,
Henrique, o Grande Henrique he celebrado,
Cuja fama adornou de immortaes glorias
A fundaçaõ do Portuguez Eſtado:
Eſte fez noſſas armas mais notorias,
Noſſo nome maior, mais levantado,
E foi em fim o tronco da grandeza
Da Regia, Auguſta Caſa Portugueza.

X.

Era Henrique do ſangue deſcendente
Dos Reys de França por direita linha,
Digno fructo do ramo floreſcente,
Que o nobre Eſtado de Borgonha tinha;
Era moço gentil, era valente,
E a ſeus altos projectos naõ convinha
O lugar, que lhe dera a ſorte avara
De filho quarto na familia clara.

A ſaus

XI.

A fama illuſtre das acçoens brilhantes,
Com que a guerra de Heſpanha ennobrecia,
Athé meſmo nas Cortes mais diſtantes,
De outros Principes taes a valentia,
Lhe incitou os deſejos arrogantes
A vir provar com elles a ouſadia;
E deixando da patria o doce agrado,
A's Heſpanhas paſſou a ſer ſoldado.

XII.

Aqui ſervio por dilatados annos,
Em diverſos empregos ſempre honroſos;
Sendo dos Mouros infaliveis damnos
Todos os ſeus progreſſos bellicoſos;
Athé que em fim logrando mais ufanos
Galardoens dos trabalhos glorioſos,
Teve a filha de Affonſo por conſorte,
Por dote Portugal, o mais por ſorte.

XIII.

Porque a parte maior do Eſtado auguſto,
Que o Rey por eſte ajuſte lhe cedia,
Na dura eſcravidaõ do Mouro aduſto,
Em torpes ferros infeliz gemia;
E a naõ ſer providencia do Céo juſto,
A fundaçaõ da Luſa Monarchia,
Podéra, mais que a graça ſer perigo
Hum dote nos dominios do inimigo.

Mas

XIV.

Mas Henrique, que os riſcos eſtimava,
Com que os grandes Heróes ſe fazem claros;
E no dote cedido contemplava
Inſentivos de gloria mais preclaros,
Novas expediçoens já meditava
Do Sagrado Hymeneu entre os preparos;
E paſſando das nupcias ás victorias,
Fez as ſuas conquiſtas mais notorias.

XV.

Deſde o Porto, cabeça entaõ do Eſtado,
A que dera feliz novo appellido,
Ennobrecendo em Portugal mudado
De Luſitania o nome eſclarecido,
Sahio Henrique a demandar ouſado
Os direitos do dote promettido;
E foi taõ venturoſo na diſputa,
Que ganhou grande parte á gente bruta.

XVI.

Toda a fertil Provincia, que ſe eſtende
Por entre o Douro, e Minho, e grande parte
Da Beira, e Traz os montes, já ſe rende
A's armas duras deſte novo Marte:
Já do Tejo o poder lhe naõ ſuſpende
Os triunfos, que a ſorte lhe reparte,
E Lisboa com Cintra já domadas
As portas lhe tributaõ franqueadas.

Outras

XVII.

Outras muitas Cidades, e lugares
Foraõ do ſeu valor troféo preclaro,
Em que a fama das honras militares
Se conſerva a peſar do tempo avaro;
E ſem contar acçoens particulares,
Que deve Portugal ao ſeu amparo,
Só das grandes, que a hiſtoria lhe repete
Chega o numero illuſtre a dezeſete.

XVIII.

Mas naõ ſó das Heſpanhas no deſtricto,
Entre os barbaros Mouros orgulhoſos
Foi temido de Henrique o braço invicto,
Sua eſpada, ſeus golpes furioſos;
Pois da ſanta Cidade no conflicto
Vio Siaõ ſeus alentos generoſos,
Aſſiſtindo naquella illuſtre empreza
Com ſoccorro de gente Portugueza.

XIX.

Digno filho de Henrique, e mais ouſado
Affonſo lhe ſuccede, a beneficio
De cujas altas prendas empenhado
Se moſtrou claramente o Céo propicio;
Pois naõ ſó das victorias no cuidado;
Mas dos meſmos milagres no exercicio
Se vio a maõ de Deos diſtincta, e clara
Fabricar deſte Heróe a gloria rara.

XX.

He tradiçaõ geral, fama conſtante
Abonada de antigos monumentos,
Que naſcera imperfeito o tenro Infante
Fruſtrados dos dois pés os movimentos;
E que o zêlo de hum Ayo vigilante
Para romper os duros ligamentos,
Conſeguira da ſumma Omnipotencia
Hum prodigio de publica evidencia.

XXI.

Mas onde ſe moſtrou mais claramente
Da protecçaõ Divina o ſummo amparo,
Foi no campo de Ourique onde patente
Se fez o meſmo Deos por modo raro:
Era Affonſo da terra entaõ Regente,
Que fora dada em dote ao Pay preclaro,
E ſe dizia Principe, ou Infante
Daquelle Eſtado ainda vacilante.

XXII.

Tinha ſido mil vezes inſultado
Do viſinho poder do Mouro aduſto,
E tinha com fortuna libertado
Diverſos povos do dominio injuſto;
Mas achava-ſe agora ameaçado
De novos riſcos de mais alto ſuſto;
Porque em ſeu damno finco Reys unidos
Se armáraõ contra os Luſos atrevidos.

Todos

XXIII.

Todos juntos em corpo poderoso
Se oſtentavaõ de Ourique na campina;
Projectando com animo orgulhoſo
Ao nome Portuguez total ruina;
E mais tyrano o genio furioſo
Nas ventagens, que o numero lhe enſina,
Com ſoberbos, e barbaros clamores
Inculcavaõ o goſto entre os horrores.

XXIV.

Era taõ grande a copia dos contrarios,
Que athé nos meſmos peitos mais valentes,
Bem uſados a caſos temerarios
Faziaõ ſuſto riſcos taõ patentes;
Toda a gente de Affonſo em modos varios,
Se achava conſternada, e nos preſentes
Effeitos do pavor, e da triſteza,
Se contava perdida aquella empreza.

XXV.

A vil murmuraçaõ principiava
A dominar nos peitos alterados,
E do torpe veneno, que exalava
Creſcia o triſte horror entre os ſoldados:
Por céga obſtinaçaõ ſe reputava
O querer combater; pois bem contados
Os inimigos, eraõ tantas vezes
Cem Mouros, quantas huma os Portuguezes.

XXVI.

Mas Affonſo, que as nobres confianças
Demais altos principios deduzia,
E tinha poſto as ſuas eſperanças
Naquelle cujo culto defendia,
Firmando na fé pura as ſeguranças
Do terrivel empenho, em que ſe via,
Com devoto fervor, com zêlo raro
Se animava dos Céos no certo amparo.

XXVII.

Huma noite já quando a luz ſerena,
Das brilhantes eſtrellas declinava,
E na doce inacçaõ, que o ſomno ordena,
Grande parte da gente deſcançava;
Fatigado tambem da larga pena
Affonſo a ſocegar principiava;
Quando a rogos de hum velho venerando
Foi deſpertado do ſocêgo brando.

XXVIII.

O' tu, lhe diz o velho, a quem deſtina
O Céo Supremo a nobres exercicios,
Mortal feliz, em quem a maõ Divina
Quer derramar immenſos beneficios,
Naõ temas, naõ eſtragos, ou ruina,
Naõ te aſſuſtem do riſco vaons indicios,
Que nos olhos de Deos Omnipotente
He grato o teu empenho, he innocente.

Vence-

XXIX.

Vencerás certamente, e ſempre honrado
O teu nome ſerá na larga hiſtoria;
Pois ſe moſtra o Senhor intereſſado
Na feliz duraçaõ da tua gloria;
Elle tem ſobre ti determinado,
E ſobre a tua próle mais notoria
Pôr os olhos da ſua compaixaõ
Athé decima ſexta geraçaõ.

XXX.

Atenuada entaõ a próle auguſta
Será, por altos fins da Providencia;
Mas neſſa meſma atenuada ajuſta
Feliz Epoca a Summa Omnipotencia;
E porque a multidaõ da gente aduſta
Naõ turbe do teu zêlo a diligencia,
O meſmo Deos pertende confortar-te,
E com altos favores animar-te.

XXXI.

Elle manda, que eſtejas prevenido
Para ſahir do Campo áquella hora,
Que no meu Oratorio ſor ouvido
O ſom da campa, que precede á Aurora:
Diſſe o ſanto Varaõ, e deſpedido
De Affonſo, parte, que ſubmiſſo adora
A bondade ineffavel, que lhe ordena
Taõ grande alivio em taõ grande pena.

XXXII.

Já da noite ſombria o manto eſcuro
Menos denſo cobria os altos montes,
E da luzida eſtrella o fulgor puro
Já mais claros fazia os Horizontes;
Porém inda nas ſombras mal ſeguro
Naõ ſoltava Titaõ da luz as fontes,
Quando Affonſo do termo aſſignalado
Pela voz do metal foi aviſado.

XXXIII.

De zêlo ſanto, de valor brilhante
Inflamado o Heróe parte anciolo;
Mas do proprio arrayal pouco diſtante
O ſuſpende hum ſignal prodigioſo:
Da parte Oriental naquelle inſtante
Deſcer obſerva hum rayo luminoſo;
E pondo nelle os olhos com receyo,
Vê, que huma grande Cruz lhe occupa o meyo.

XXXIV.

Repara mais attento, e claramente
Na meſma Cruz, que tinha diviſado,
O Salvador do Mundo vê pendente,
De Celeſtes Miniſtros rodeado;
Proſtra-ſe Affonſo humilde, e reverente
Na preſença do Deos humaniſado,
E adorando ſubmiſſo a Divindade,
Lhe falla em fim com eſta liberdade.

Que

XXXV.

Que fim, Senhor, que cauſa vos obriga
A prodigio taõ grande em meu proveito?
Por ventura quereis da fé antiga
Accreſcentar em mim o puro effeito?
Em mim, Senhor? A quem no ſeyo abriga
A voſſa Igreja, a que naſci ſujeito?
Apparecei, Senhor, aos infieis,
Que naõ ſabem quem ſois, quanto podeis.

XXXVI.

Naõ preſumas, reſponde o Deos piedoſo,
Que augmentar tua fé foi meu cuidado;
Confortar-te no caſo duvidoſo,
He effeito feliz do meu agrado:
Confia, Affonſo, em mim, ſerás ditoſo,
Naõ ſó neſte combate receado;
Mas em quantas batalhas, e perigos
Te moverem da Cruz os inimigos.

XXXVII.

Acharás tua gente alegre, e forte
Para a guerra preſente, e perſuadido
Serás della a provar do riſco a ſorte,
Com titulo de Rey ſempre applaudido;
Naõ duvides toma-lo, e naõ te importe
Qualquer receyo vaõ, mal entendido,
Que eu ſou ſó quem os Reynos edifica,
Quem os abate, quem os multiplica.

Eu

XXXVIII.

Eu quero em ti, e tua deſcendencia
Para mim conſtruir hum novo Imperio,
Donde ſeja o meu Nome cõm decencia
Levado á gente eſtranha em culto ſerio;
E porque ſe conſerve na evidencia
O principio feliz deſte myſterio
Tomarás por inſignia o preço unido,
Com que eu comprei o Mundo, e fui vendido.

XXXIX.

Diſſe, e dos olhos do Varaõ ditoſo
Deſapparece qual brilhante rayo,
Que nas noites do Eſtio caloroſo
Por entre as nuvens faz da luz enſayo:
Rende as graças Affonſo fervoroſo,
E já ſeguro do mortal deſmayo
Da ſua gente, volta para a tenda
A dispôr os preparos da contenda.

XL.

Vinha a nitida Aurora afugentando
As eſtrellas da viſta dos mortaes,
De purpureos reflexos matizando
Perſpectivas brilhantes de criſtaes,
Quando a gente de Affonſo deſpertando
Animada de alentos Marciaes,
A' barraca do Rey corre atrevida
A pedir-lhe a batalha antes temida.

Mas

XLI.

Mas primeiro, lhe diz, que os ferros duros
Neſſa turba infiel hoje empreguemos,
Todos juntos, Senhor, com votos puros
Huma graça de vós ſó pertendemos;
Que permittais, que em voſſo amor ſeguros
Por noſſo Rey, aqui vos acclamemos,
E que adornado deſte nome agora
Nos leveis ao combate ſem demóra.

XLII.

Reſpeita Affonſo a Summa Divindade
Nos effeitos da ſua providencia,
E ſe rende ſubmiſſo á dignidade,
Que recebe da maõ da Omnipotencia;
Rey ſe deixa chamar, e na igualdade
Das vozes da geral benevolencia,
Outra vez reconhece a maõ Divina,
Que taõ altos favores lhe deſtina.

XLIII.

Tal foi do noſſo Reyno a inveſtidura,
Tal o primeiro Rey, que em fim guiado
Pela maõ do Senhor, com fé ſegura,
Sobre os contrarios corre confiado;
E bem, que a multidaõ da gente impura
Algum tempo reſiſte; em fim fruſtrado
Do poder Mauritano o torpe exceſſo,
Servio ſó para gloria do ſucceſſo.

Igual-

XLIV.

Igualmente de gloria reveſtidas
As armas deſte Rey por largos annos,
Foraõ ſempre com palmas repetidas
Terror geral dos feros Mauritanos;
Naõ podem ſer a conta reduzidas
As batalhas, que deu; mas ſem enganos
Se ſabe, que ſaõ tantas as victorias,
Quantas ſuas emprezas bem notorias.

XLV.

Lisboa, Santarem, Palmella, Almada,
Elvas, Evora, Béja com Trancoſo,
Mafra, Cintra, e Alenquer da ſua eſpada
Saõ pequeno troféo defectuoſo;
Pois nos longes da fama já gaſtada
Das injurias do tempo ambicioſo,
Inda o vulto lhe adorna em nóbres viſtas
Mais copioſo eſmalte de conquiſtas.

XLVI.

Mas naõ ſó das conquiſtas no proceſſo
Se fez do grande Affonſo a fama clara;
Pois de ſantas virtudes no progreſſo
Outra gloria alcançou, naõ menos rara;
Do ſeu zêlo piedoſo o nobre exceſſo
Conſervado a peſar da ſorte avára,
Entre outras fundaçoens fazem patente
Santa Cruz, Alcobaça, e Sam Vicente.

Alli

XLVII.

Alli o tempo todo, que reſtava
Dos cuidados do Reyno indiſpenſaveis,
O devoto Varaõ com Deos gaſtava
Em deſvelos de obſequio inſaciaveis:
Alli com zêlo ſanto ſe empregava
Em actos de humildade incomparaveis;
Obſervando com pia reverencia
O mais puro rigor da penitencia.

XLVIII.

Aſſim ditoſamente repartida
Em cuidados de gloria, e de piedade
Por todo o modo foi de Affonſo a vida
Hum modelo feliz de Heroicidade:
Foi ſua morte á vida parecida;
E paſſando a gozar da eternidade,
Em Coimbra ſeu corpo exiſte inteiro
De Santa Cruz guardado no Moſteiro.

XLIX.

Sancho filho de Affonſo, ao Pay ſuccede
Naõ ſómente no Trono, mas na gloria;
Pois a ſorte benigna lhe concede
Multiplicadas palmas de victoria;
Mas o luſtre maior de que procede
Ser eterno dos noſſos na memoria,
Foi o zêlo feliz do ſeu governo
Nas providencias do reparo interno.

Os

L.

Os deſertos incultos fabricados,
Povoadas as Villas deſtruidas,
Outros povos de novo edificados,
As antigas Cidades guarnecidas,
Os cultores dos campos animados,
As fadigas humildes protegidas
Saõ eternos padroens, em que ſuſtenta
As memorias de Sancho a fama attenta.

LI.

De Sancho ſucceſſor, e filho auguſto
Foi Affonſo ſegundo, a cuja eſpada
A ſoberba cruel do Mouro aduſto
Cedeo, mais de huma vez, deſanimada:
Permanente, a peſar do tempo injuſto,
Vive a ſua memoria eternizada,
Com abono immortal de illuſtres provas
Em Alcacere, em Moura, e Torres novas.

LII.

Pela falta de Affonſo, o Trono altivo
Outro Sancho occupou, Principe brando,
A quem o povo indocil, ſem motivo,
Subſtituio o Irmaõ no Regio mando;
Mas foi feliz o crime, ſe nocivo
Naõ foſſe á honra exemplo taõ nefando,
Pois de Affonſo terceiro o nome egregio
Foi adorno immortal do Solio Regio.

Eſte

LIII.

Eſte foi o primeiro, em cuja frente
Se vio com largas palmas adornado,
Duplicado Diadema permanente,
De Caſtellos, e Quinas matizado,
Unindo a Portugal conſtantemente
Dos Algarves o Reyno conquiſtado;
Elle em fim conſeguio nas ſuas terras
Render os Mouros, acabar as guerras.

LIV.

Succedeo-lhe Diniz Principe egregio
De relevantes prendas aſſiſtido,
Em cujas maons florente o Ceptro Regio
Brotou mil fructos de valor ſubido;
Logrou de Pay da patria o privilegio
Por diverſos motivos conſeguido;
Pois foi ao meſmo tempo recto, affavel,
Liberal, cuidadoſo, e reſpeitavel.

LV.

Das ſciencias, das leys, da agricultura
Zelozo Protector, Meſtre elegante,
Elle fez ſucceder á guerra dura
Da policia civil a luz brilhante;
Elle meſmo das Muſas a doçura
Accommodou á lingoa diſſonante,
E foi Auctor da Rima Portugueza,
Que praticou com graça, e com deſtreza.

Affonſo

LVI.

Affonſo quarto, de Diniz herdeiro
Foi no Trono Real, por ſua morte,
Conhecido por bravo, e juſticeiro,
Porém de animo illuſtre, e peito forte:
Eſte, ſendo do Genro companheiro
Contra o Mouro poder, com alta ſorte,
Nas memoraveis margens do Saládo
Deixou ſeu claro nome eternizado.

LVII.

Fora ſempre feliz a ſua gloria
Na lembrança de acçaõ taõ bem lograda,
Senaõ manchaſſe as palmas da victoria
Com ſevero rigor na paz dourada;
Mas desluſtra-lhe os cultos da memoria
O triſte horror da furia envenenada,
Com que fez da belleza, e da innocencia
Eſcandaloſo objecto da violencia.

LVIII.

Era naquelle tempo eſmalte claro
Dos adornos da Corte Portugueza,
Ignez, a bella Ignez, prodigio raro
De virtudes, de prendas, e belleza,
Que ajuſtando, a peſar do fado avaro,
As graças da figura ás da viveza,
Do Succeſſor do Reyno glorioſo
Era doce priſaõ, laço goſtoſo.

Mas

LIX.

Mas o Pay, que ſevero, e recatado
Taõ ſuaves cadèas abomina,
De conſelhos perverſos incitado,
Em quem a torpe inveja ſó domina,
Por caſtigo do Filho namorado,
Tirar Ignez do Mundo determina;
E pelas meſmas maons da inveja infame
Faz, que o ſangue innocente ſe derrame.

LX.

Enganou-ſe porém no ſeu conceito
Dos Miniſtros crueis a confiança;
Pois do Principe illuſtre o claro peito
Naõ ſofre injuria tanta ſem vingança,
Antes mais irritado o duro effeito
Dos repetidos golpes da lembrança,
Sobre o Trono ſubindo, brevemente
Lhe fez ſentir a pena competente.

LXI.

Eſte foi o famoſo Pedro auguſto,
Rey naõ menos activo, do que amante;
Obſervador das leys, ſevero, e juſto;
Mas de graças naõ menos abundante;
Foi dos vicios terror, dos crimes ſuſto;
Mas da virtude amparo taõ conſtante,
Que chamava perdido aquelle dia,
Em que alguma mercê naõ diſpendia.

Deſte

LXII.

Deſte o ſer recebi, deſte a memoria
Em meus cultos ſerá ſempre applaudida;
E da luz immortal da ſua gloria
Será ſombra fiel a minha vida;
Naõ ſerá, ſe eu puder, a ſua hiſtoria
Pela minha fraqueza deſmentida;
Mas eu que digo! Sabe Deos ſe a ſorte
Me permitte imitar Varaõ taõ forte.

LXIII.

Succedeo-lhe Fernando no governo,
Principe bom, mas leve, e deſcuidado;
De preſença gentil, de peito terno,
Mas inconſtante, e mal aconſelhado;
Appetitoſo do dominio externo,
Nunca contente do ſeu proprio eſtado,
Liberal ſem medida, impetuoſo
Nas paixoens, nos projectos orgulhoſo.

LXIV.

Perdôe a natureza, ſe offendidos
Os reſpeitos de Irmaõ, culpo a Fernando;
Mas dos ſeus deſconcertos ſaõ naſcidos
Os eſtragos do Reyno miſerando;
Elles foraõ no tempo já ſentidos
Daquelle triſte Rey; porém cobrando
Novas forças o mal, por ſua morte,
Na céga confuſaõ ſe fez mais forte.

Tinha

LXV.

Tinha ſido Fernando deſpoſado
Já com duas Princezas ſem effeito,
Fruſtrando ſempre a fé do nó ſagrado
A leveza fatal do ſeu conceito;
Quando de hum torpe amor deſordenado,
Sem defenſa rendido o brando peito,
Uſurpou para Eſpoſa, indignamente,
A legitima Eſpoſa de hum parente.

LXVI.

Daqui teve principio a deſventura,
Daqui toda a deſordem foi naſcida;
Que ſempre foi penſaõ da formoſura
Ser de eſtragos fataes cauſa luzida;
Porque a nova Raynha, em quem ſe apura
O rigor da perfidia mais creſcida,
Receando do fado as contingencias,
Quiz fazer das ruinas providencias.

LXVII.

Pareceo-lhe, que os grandes orgulhoſos
Moſtravaõ pouco goſto em ſeus cortejos,
E que os filhos de Pedro perigoſos
Podiaõ ſer, talvez, a ſeus deſejos;
E cogitando meyos horroroſos,
Para perder qualquer, mais que ſobejos,
Pelo Infante Diniz principiando
A ruina do Irmaõ foi meditando.

Mereco

LXVIII.

Merece a compaixaõ deſte ſucceſſo
Mais diſtincta attenção na ſua hiſtoria;
E por iſſo talvez no ſeu progreſſo
Darei mais largas vélas á memoria;
Mas naõ recêes, naõ, que algum exceſſo
Desfigure tragedia taõ notoria;
Porque as côres ſómente da verdade
A faraõ laſtimoſa á toda a idade.

LXIX.

Tinha ſido Diniz já deſterrado,
Por diſputar obſequios á Raynha,
E daquelle ſucceſſo horrorizado
Aprendido a teme-la o Reyno tinha:
De todos o ſeu culto era obſervado,
Talvez mais, do que a todos nos convinha;
Mas Joaõ de Diniz Irmaõ inteiro,
Era neſtes obſequios o primeiro.

LXX.

Affectava a Raynha aſtutamente,
Eſtimar rendimentos taõ brilhantes;
E no perfido vulto indignamente
Lhe moſtrava os agrados mais conſtantes;
Mas tendo projectado, infamemente,
A preciſa ruina dos Infantes,
Abuſando da meſma complacencia,
Fez ſervir para éſtrago a confidencia.

Era

LXXI.

Era Irmã da Raynha outra belleza
De naõ menos agrado, e mais candura;
A cujas prendas, com gentil fineza,
Votava o claro Infante a fé mais pura;
E julgando com triſte ſubtileza
Tirar do amor os meyos da ventura,
Lhe déra as maons de Eſpoſo na eſperança
De alcançar da Raynha a confiança.

LXXII.

Mas aquella, que os laços mais ſagrados
Da fé, da natureza, e da amizade
Reputava ſómente vaons cuidados
De huma timida, vil ſimplicidade,
Abuſando dos meſmos predicados,
Em que a ley da affeiçaõ funda a verdade,
Da ruina da Irmã com torpe objecto
Fez a baze cruel do ſeu projecto.

LXXIII.

Pois moſtrando eſtimar do nobre Infante
Agora mais que nunca as claras prendas,
E cobrindo do zêlo mais brilhante
As idêas do odio mais horrendas,
De pranto vil o perfido ſemblante
Banhado todo, em vozes eſtupendas,
Lhe verte em fim hum dia nos ouvidos
O veneno cruél deſtes gemidos.

LXXIV.

Ah ! quanto, Illuſtre Infante, ah ! quanto cuſta
Ser fiel na amizade ; e quem podera,
Sem faltar ao dever da fé mais juſta,
Disfarçar da verdade a voz ſevera :
Eu temo parecer ao Mundo injuſta ;
Mas eu ſou voſſa amiga, eu ſou ſincera,
E naõ devo por ſuſto, ou por engano,
Occultar-vos mais tempo hum deſengano.

LXXV.

Minha Irmã naõ conhece a honra illuſtre,
Que de ſer voſſa Eſpoſa lhe reſulta,
E com termo infiel, com vil desluſtre,
Da fé ſagrada as ſantas leys inſulta ;
O Mundo falla, temo, que ſe fruſtre
Algum disfarce, com que o crime occulta ;
E naõ quero, que poſſa parecer-vos,
Que eu concorro tambem para offender-vos.

LXXVI.

Bem ſei, que neſte aviſo, inſulto ingrata
As leys mais puras do amor fraterno ;
Mas a taõ grande exceſſo me arrebata
A triſte força de hum horror interno ;
Pois ſe a pena do crime ſe dilata,
Se fará no rumor da fama eterno ;
E ficará das gentes na memoria,
Manchada a voſſa honra, e a minha gloria.

Eu

LXXVII.

Eu ſinto a voſſa dôr; mas talvez ſeja
Providencia do Ceo eſta deſgraça,
De cuja execuçaõ preciſa eſteja
Dependente do Reyno a ſorte eſcaça;
Pois talvez a peſar da torpe inveja,
A Portugueza gloria aſſim renaſça
Do ſeu proprio eſplendor, que amortecido
Se via quaſi a cinzas reduzido.

LXXVIII.

Vós ſabeis, que eu naõ tenho de Fernando
Mais do que huma ſó Filha, a quem deſtina
O cuidado do Rey o Regio mando,
No conſenſo do povo, que domina;
E que dentro da Patria naõ achando
Caſamento decente, determina
Dar-lhe hum Principe eſtranho por Eſpoſo,
Projecto a Portugal ſempre odioſo.

LXXIX.

Mas pois agora a ſorte vos faculta
Os meyos de romper o laço indigno,
Que os empenhos ſómente difficulta,
De que o voſſo valôr vos faz taõ digno;
Quebrada a vil priſaõ, que vos inſulta,
A' Princeza aſpirai; que o Rey benigno
Nada deſeja tanto; e deſte modo
Ficará ſatisfeito o Reyno todo.

LXXX.

Diſſe, e cada palavra acompanhada
De huma enchente de perolas fingidas,
Parecia por força articulada
Dos impulſos das magoas mais ſentidas;
E com tantos ſuſpiros abonada
A torpeza das culpas repetidas
Era capaz de obrar o ſeu effeito
No mais prudente, mais diſcreto peito.

LXXXI.

Ouvia o triſte Infante, entre cuidados,
A cruel relaçaõ da ſua afronta,
E naõ menos os meyos indicados
A ſubir ſobre o Trono em paz mais prompta;
Mas recordava os nobres predicados
Da chara Eſpoſa, cuja fama aponta
Tantas provas de amor, de honra, e verdade,
Que mal póde ſuppór-lhe falſidade.

LXXXII.

Da dôr, e da ambiçaõ o cégo effeito
Lhe inſpirava projectos horroroſos;
Mas naõ menos a fé no terno peito
Lhe miniſtrava impulſos generoſos;
Ora triunfa amor no ſeu conceito,
Ora a força dos eccos aleivoſos;
Mas em fim póde mais, do que a virtude,
A vingança, e ambiçaõ, que o peito illude.

Preci-

LXXXIII.

Precipitado, cégo, e ſem reparo
Parte logo a Coimbra o triſte Infante,
Onde a ſcena fatal o fado avaro
Para a tragedia armava mais tocante;
Alli da fé mais pura, e exemplo raro,
Entre applauſos do povo circunſtante
Exiſtia a belliſſima Maria,
Em virtudes mais clara cada dia.

LXXXIV.

Alli do charo Eſpoſo o nome amado,
Sem ceſſar, repetia ardentemente,
E com doces memorias o cuidado
Divertia da auſencia, honeſtamente;
Alli o tempo em obras occupado
De virtudes Reaes, de amor decente,
Os momentos, que a Deos naõ conſagrava,
Nas lembranças do Eſpoſo os empregava.

LXXXV.

Huma noite, que a força da ternura
Mais cruel lhe fazia a larga auſencia,
Ou do riſco imminente a ſombra eſcura
Lhe inſpirava preſagios de violencia,
Ferido o coraçaõ de dor mais pura,
Por occultar eſtragos da impaciencia,
Do leito a ſolidaõ buſcou mais cedo,
Para poder chorar com mais ſegredo.

Alli

LXXXVI.

Alli ſó dos ſeus males aſſiſtida,
Dos ſeus ſuſtos, das ſuas ſaudades,
E de occultos horrores commovida,
Que lhe arguiaõ triſtes novidades,
Soltando a redea toda á dor creſcida,
Para dar-ſe da queixa ás liberdades,
Eſtas vozes dirige magoada,
De hum retrato do Eſpoſo á viſta amada.

LXXXVII.

He poſſivel talvez, querido Eſpoſo,
Que te eſqueças de mim! Tu que fazias
As delicias do tempo mais goſtoſo,
Das doces horas ſó, que me aſſiſtias!
He poſſivel, que ſeja mais forçoſo,
No teu peito fiel, por tantos dias,
Hum pequeno negocio, que te prende
Do que a nobre paixaõ, que em ti ſe accende.

LXXXVIII.

He poſſivel, que a força da fineza,
Que tanto póde em mim, tanto me obriga,
Obre em ti com taõ pouca fortaleza,
Que arrancar-te da Côrte naõ conſiga?
Acaſo vive em ti menos acceſa
A chama nobre da paixaõ antiga?
Ou te parece em fim menos decente
A priſaõ, que beijavas reverente?

Eu

LXXXIX.

Eu naõ mereço menos por ser tua,
Antes prézo taõ alta qualidade,
Que a ventura feliz me perpetúa
De gozar teu amor com liberdade;
Pois como póde ser; que em ti deſtrúa
O nó da fé os laços da vontade?
E ſe alhêa podia merecer-te,
Como por tua poderei perder-te?

XC.

Eu ſou a meſma ſempre, o meſmo peito,
O meſmo coraçaõ, o meſmo goſto
Acharás ſempre em mim, preciſo effeito
De hum dever por affecto, e fé impoſto;
Pois ſe em mim vive eterno amor perfeito;
Como poſſo ſuppôr em ti deſgoſto?
Mas ah! que póde ſer, que o meſmo tracto
Com exceſſos de amor te faça ingrato.

CXI.

Ingrato diſſe; e foi a vez primeira,
Que lhe deu eſte nome; mas o Fado
A fez por mal de todos verdadeira,
Na prompta execuçaõ do golpe irado;
Pois a penas o ſom da voz ligeira
Ferira brandamente o ár delgado,
Quando á porta ſe moſtra do apoſento,
Do cégo Infante o vulto turculento.

En-

CXII.

Entre ſuſto, e prazer ſobreſaltada,
Querido Eſpoſo, diz; mas naõ proſegue;
Porque logo nas vozes atalhada,
Se vio ás maons crueis da raiva entregue;
De dois barbaros golpes traſpaſſada,
Nem poder ſer ouvida em fim conſegue,
E cahindo do leito eſmorecida,
De hum ſuſpiro exalou a triſte vida.

CXIII.

Foi geral deſta morte o ſentimento,
Geral o triſte horror do golpe indigno,
Geral a indignaçaõ contra o violento
Vil proceder do Principe maligno;
Mas aquelle, que o cégo penſamento
Occupava no credito benigno,
Que eſperava lograr por eſta empreza,
No ſublime Conſorcio da Princeza,

CXIV.

Deſpreſando com barbara ouſadia
Os clamores da propria conſciencia,
Outra vez para a Côrte os paſſos guia
A tractar deſte empenho a conſequencia;
Mas onde em fim julgava, que acharia
Auxilio certo, encontra a reziſtencia;
Porque a Raynha em lagrimas banhada,
Se affectava do caſo exaſperada.

Co-

XCV.

Conheceo porém tarde o torpe engano,
O desgraçado Infante, e perseguido
Pela mesma, que origem foi do damno,
Obrigado a fugir, se vio perdido;
Pois entrando no Reyno Castelhano,
Alli entre prisoens geme opprimido,
Com que o Rey inimigo em proprio abono
Lhe impede os passos para o patrio Trono.

XCVI.

Mas em tanto, que errante, e fugitivo
Entre sustos, pagava o triste Infante
O castigo do erro vingativo,
E da cega ambiçaõ pena bastante;
A Raynha tomando por motivo
Interesses do Trono vacilante,
Com ElRey de Castella em firme laço
A Princeza ajuntou, sem embaraço.

CXVII.

Era o fim principal do seu projecto
Fazer o seu poder mais respeitado,
Pela morte do Rey, de cujo affecto
Bem via ser sómente derivado;
Mas cobrindo com termo circunspecto
Os seus intentos de razoens de Estado,
Dispoz em fim a fórma deste ajuste,
De fórte, que a Naçaõ se naõ assuste.

Ajustou-

XCVIII.

Ajuſtou-ſe, que o dote da Princeza
Seria agora o meſmo, em que já fôra
Abonada outra Infanta Portugueza,
Que tambem de Caſtella foi Senhora;
Que lograria as terras, e riqueza
Da Raynha de Heſpanha anteceſſora,
E que faltando filhos a Fernando,
Herdaſſe em Portugal o Regio mando.

XCIX.

Porém, que em todo caſo, ſeparado
Eſte Reyno ſeria, e dividido
Do dominio Heſpanhol, auctorizado
Por proprio Rey, ſó nelle obedecido;
Que eſte ſeria o fructo ſazonado
Deſte novo Conſorcio produzido;
E que os filhos naſcidos da Princeza
Se criaſſem na Côrte Portugueza.

C.

Que faltando Fernando antes, que o neto
Por ſi reger podeſſe a Luſa gente,
O governo do Reyno entaõ completo
Gozaria a Raynha livremente;
E que em falta daquella, o ſeu diſcreto
Arbitrio poderia finalmente
Nomear nacionaes Governadores,
Dos Tractados fieis executores.

Que

CI.

Que os empregos Civis, e Militares
Dos Nacionaes ſómente verdadeiros
Seriaõ pertençoens particulares,
Com perpetua excluſaõ dos Eſtrangeiros;
E que na privaçaõ deſtes lugares,
Se reputaſſem ſempre foraſteiros
Os meſmos Portuguezes, que a Caſtella
Serviraõ contra a Patria em damno della.

CII.

Que os foros, iſençoens, e liberdades,
Ou por leys, ou coſtume auctorizadas;
Seriaõ ſem mudança, ou novidades,
Em toda ſua força conſervadas.
Que os privilegios, terras, e Cidades,
Que algum Rey Portuguez tiveſſe dadas,
Igualmente ſeriaõ permanentes
Na Raynha, e Vaſſallos dependentes.

CIII.

Eſtes foraõ, ſe bem recordo agora,
Os principaes artigos de hum Tractado,
Que os Reys ambos juráraõ ſem demora,
Sobre o Corpo de Chriſto conſagrado;
Mas que foi apeſar da fé, que implora,
Por Caſtella taõ mal executado,
Que das ſuas crueis faltas perjuras
Procedem todas noſſas deſventuras.

Pois

CIV.

Pois apenas da Parca o golpe avaro
De Fernando cortou o triſte alento,
Quando a cega ambiçaõ por modo claro;
O véo raſgou do torpe fingimento;
E quebrantadas, com deſprezo raro,
As leys da honra, e a fé do juramento,
Servio ſó de pretexto á tyrania
O mais ſagrado laço da harmonia.

CV.

Ficára, pela falta de Fernando,
Confórme do Tractado a providencia,
A Raynha Viuva governando
O Reyno, com total independencia;
E dos meſmos contractos obſervando
As condiçoens tocantes á Regencia,
Eſperava, que o Céo lhe concedeſſe
Hum neto, a quem o Reyno obedeceſſe.

CVI.

Mas o Rey de Caſtella, em cujo peito
Para ſua ruina, e noſſos damnos,
Fazia da ambiçaõ o cégo effeito
Revolver penſamentos mais tyranos,
Accuſando por falta de reſpeito,
Eſta juſta iſençaõ dos Luſitanos,
Com as armas na maõ, na Luſa terra
Se oſtentou promptamente, em tom de guerra.

Aſſuſ-

CVII.

Aſſuſtou juſtamente eſte projecto
Huma Naçaõ, que adora a liberdade,
E da meſma Raynha o terno affecto
Se horroriſou daquella novidade;
Acodio-ſe á defenſa, e foi completo
O geral alvoroço em toda a idade,
Homens, mulheres, velhos, e meninos
Todos buſcaõ das armas os deſtinos.

CVIII.

Eu fui naquella empreza nomeado
Para guardar algumas das Fronteiras,
E com ordens preciſas obrigado
A rebater as armas eſtrangeiras;
E aſſim outros tambem, a que o cuidado
Da Raynha deu moſtras verdadeiras,
De querer defender a todo o cuſto,
O paiz natural, de hum jugo injuſto.

CIX.

Mas durou pouco tempo a chama pura
Do patrio amor, no peito da Raynha,
Em quem vivia ſempre mal ſegura
A firmeza da fé, que lhe convinha;
Porque logo o rigor da ſórte dura,
Que a noſſa divitaõ jurado tinha,
Lhe miniſtrou motivos de peſares
Naſcidos de razoens particulares.

Del-

CX.

Delles queixoſa, com tyrano intento,
De vingar-ſe ſómente dezejoſa,
Sacrificando tudo ao ſentimento,
Se retirou da Côrte, deſgoſtoſa;
E ſeguida de hum grande ajuntamento
De parentes, e gente officioſa,
Se paſſou de Alenquer á Fortaleza,
Praça ſua, ſe bem que Portugueza.

CXI.

Allî creſcendo mais a força activa
Da dura raiva, em odio dos culpados
Na ſua indignaçaõ ſempre mais viva;
A peſar dos perdoens ſolicitados,
Confundindo na furia vingativa
Todo o reſto dos Luſos deſgraçados;
Ella meſma incitava o Genro injuſto
A tomar Portugal a todo o cuſto.

CXII.

Mas naõ fora preciſa aquella inſtancia;
Suppoſto que goſtoſa, ao Rey tyrano,
Que a peſar já da meſma repugnancia,
Entrára pela Beira, em noſſo damno:
Creſceo com tudo agora de arrogancia
Mayor ardor no peito Caſtelhano,
E paſſando da Beira á Eſtremadura,
Da Sogra a companhia em fim procura.

Eu

CXIII.

Eu entaõ, ſobre quem mais claramente
Fulminava a Raynha os ſeus enfados,
E que já do ſeu odio antigamente,
Tinha provado effeitos porfiados,
Aconſelhado de hum temor prudente
A precaver ſucceſſos mais peſados,
Deixar determinava a patria terra,
E paſſar ao ſerviço de Inglaterra.

CXIV.

Mas apenas no povo de Lisboa
Se ouvio algum rumor do meu intento,
Quando a parte mayor da gente boa
Se me ajuntou á porta do apozento;
E com vozes, que a dor ſómente entoa
Nos impulſos de hum vivo ſentimento,
Me pediaõ, que houveſſe de leva-los,
Ou naõ quizeſſe aſſim deſampara-los.

CXV.

Commoveo-me, confeſſo, aquelle aſpecto,
Commoveo-me a ternura deſta gente;
E ſuppoſto que firme em meu projecto,
Me ſentia abalar, internamente,
Concorria da Patria o proprio affecto
A fazer eſte empenho mais valente;
Mas a força do riſco, em que m[illegible] via,
Mudar de opiniaõ já naõ ſoffria.

Deſ-

CXVI.

Desci a consola-los magoado
De naõ poder ser mais agradecido,
Nos effeitos supprindo de hum agrado
As faltas do remedio appetecido;
Mas dos braços de todos rodeado;
A penas fui por elles recebido,
Me vi mais opprimido da ternura
Entre lagrimas, rogos, e brandura.

CXVII.

Fiz-lhe ver do meu risco a contingencia;
O poder da Raynha, e Rey contrario,
A malfundada dor da minha ausencia,
Os perigos de hum caso temerario,
De huma guerra civil a consequencia,
A inconstancia do vulgo sempre vario;
Mas a tudo sómente era reposta,
Que em mim toda a esperança estava posta.

CXVIII.

Crescia o meu pesar; mas naõ podia
Convencer-se a razaõ do sentimento;
Porque a toda a ternura resistia
Do meu risco o fatal conhecimento;
Porém quando mais firme parecia
Na prompta execuçaõ do meu intento,
Entaõ Go[illegible] Cavalleiro illustre, e forte
Principia a fallar-me desta sórte.

Se

CXIX.

Se naõ baſta, Senhor, o deſamparo
Deſte povo infeliz, que afflicto chora,
Amover voſſo eſpirito preclaro,
A nobre compaixaõ, que vos implora,
Se he inutil o rogo, e ſem reparo
Deixais huma Naçaõ, que vos adora
Ao menos permitti, que o noſſo affecto
Pondere ſem paixaõ voſſo projecto.

CXX.

Supponhamos talvez, que de Inglaterra
No ſerviço fazeis grandes progreſſos,
E que a ſórte feliz em paz, e guerra
Vos concede os mais proſperos ſucceſſos:
Porventura eſperais naquella terra,
Depois de mil fadigas, mil exceſſos,
Alcançar algum premio mais formoſo,
Do que hoje recuſais eſcrupuloſo?

CXXI.

Quando ſereis Senhor de huma Cidade
Porquem deva Lisboa ſer trocada?
Ou donde encontrareis mais lealdade
Do que por vós agora he deſpreſada?
Pois ſe aqui tendes certa a dignidade,
O poder, e grandeza deſejada;
Porque razaõ deveis deixar agora
O que haveis de eſtimar em outra hora?

CXXII.

E ſe a gloria ſómente he quem vos chama
A's illuſtres fadigas de Mavorte,
E de hum nome immortal a nobre fama
Vos convida a buſcar mais alta ſórte,
Onde póde da guerra a clara chama
Luzir mais glorioſa, arder mais forte,
Do que nas diſſençoens, com que hoje aſſuſta
Ao valor Portuguez a ſórte injuſta.

CXXIII.

Pois ſe a favor da patria liberdade,
Da ternura, e da fé da propria gente,
Podeis benigno, em noſſa utilidade
Oſtentar o valor taõ dignamente,
Que razaõ, que receyo, ou que impiedade
Vos ſepara de nós tyranamente?
Ah! Senhor, ſe taõ fortes voſſos ſuſtos,
Naõ ſaõ noſſos receyos menos juſtos.

CXXIV.

Nós todos eſtimamos noſſas vidas;
Mas eſtimamos mais a Patria amada,
Por cuja liberdade bem perdidas
Seraõ, ſe aſſim o quer a ſorte irada;
E ſe em nós taes finezas ſaõ devidas,
De vós mais alta empreza era eſperada,
Pois nós ſomos patricios ſimpleſmente,
Vós Principe, e patricio juntamente.

Nós

CXXV.

Nós devemos ſervir; a vós tocava
Suſtentar os direitos deſte Eſtado,
Que dos voſſos alentos confiava
A direcçaõ de empenho taõ honrado:
Em vós da Regia prole contemplava
Hum reſto precioſo, em quem guardado
Julgava ter o reyno, em toda a idade,
Hum ſeguro penhor da liberdade.

CXXVI.

Nós naõ tememos os crueis effeitos
Dos Caſtelhanos feros ameaços,
Naõ nos turba o receyo os nobres peitos,
Nem nos prende o temor os fortes braços;
O que faz vacillar noſſos conceitos,
O motivo dos noſſos embaraços,
A falta he ſó de hum Principe benigno,
Que dos noſſos reſpeitos ſeja digno.

CXXVII.

O voſſo auguſto Irmaõ, a quem devido
Eſte reyno ſeria, ſem diſputa,
Entre indignas priſoens geme opprimido
Da tyrana ambiçaõ cautela aſſuta,
E na falta do Principe impedido,
Eſperava eſta gente reſoluta
Achar em vós hum Defenſor valente,
Que amparaſſe a Naçaõ illuſtremente.

CXXVIII.

Naõ malogreis, Senhor, noſſa eſperança,
Nem recuſeis taõ nobre qualidade,
Que a peſar da ambiçaõ, e da vingança,
Vos fará immortal em toda a idade;
Fiai de nós a voſſa ſegurança,
Patrocinai a noſſa liberdade;
E nos riſcos da Patria naõ ſe creia,
Que buſcais por temor a terra alheia.

CXXIX.

Se o Principe quebrar os duros laços,
Voſſa gloria ſerá ſalvar-lhe o Trono;
Pois ſereis a peſar dos embaraços,
Da Patria Defenſor, do Rey Patrono;
E ſe o fado cruel lhe impede os paſſos,
Trabalhareis, Senhor, em noſſo abono:
E de qualquer maneira a fé devida
Achareis ſempre em nós por toda a vida.

CXXX.

Ponderai bem agora a differença
De ſervir em paiz deſconhecido,
Ou de ſervir da Patria na defenſa;
Dos voſſos nacionaes obedecido:
Lá ſerá ſempre incerta a recompenſa,
Aqui tendes o premio conſeguido
No reſpeito de todos, na ternura,
Na conſtante amizade, na fé pura.

Nós

CXXXI.

Nós todos vos amamos, nós naõ temos
Intereſſes dos voſſos ſeparados;
Pois os meſmos eſtragos, que tememos,
Saõ por voſſo reſpeito originados.
Por vós, Senhor, por voſſo amor nos vemos
A taõ duros empenhos obrigados,
Agora vêde bem ſe em taes perigos
Nos deixareis nas maons dos inimigos.

CXXXII.

Naõ diſſe mais; porém o triſte aſpecto,
Os ſoluços de todos, a ternura
De algumas expreſſoens do fino affecto,
E mil outros ſignaes da fè mais pura
Fizeraõ tal mudança em meu projecto,
Que vencida a prudencia da brandura,
Lhe reſpondi por fim, que eu me rendia
A ſeus rogos, e nelles conſentia.

CXXXIII.

Convocou-ſe a Nobreza, os Magiſtrados,
O Clero, e todo o Povo da Cidade,
Porque foſſem por todos approvados
Penſamentos daquella qualidade,
E por votos geraes auctoriſados
Os projectos da noſſa liberdade,
Defenſor deſte reyno me acclamaraõ,
E ſervir-me fieis todos juraraõ.

En-

CXXXIV.

Entre tanto a Raynha, em quem ardia
Da vingança cruel o fego activo,
E na vinda do Genro preſumia
Satisfazer o genio vingativo;
Paſſando a Santarem, dalli fazia
Avultar das diſcordias o motivo,
E com vivas inſtancias apreſſava
As armas Caſtelhanas, que implorava.

CXXXV.

Chegou em fim o Rey, foi recebido
Com lagrimas crueis, queixas tyranas,
E com rogos infames impellido
A's vinganças mais duras, mais inſanas,
Mas aquelle, que tinha no ſentido
Mais altivas emprezas, mais ufanas,
Conhecendo da Sogra a crueldade,
A converteo em propria utilidade.

CXXXVI.

Fez-lhe crer, que ſeria neceſſario
Transferir-lhe os direitos da Regencia,
Para mais livremente o povo vario
Reprimir no caſtigo da inſolencia;
E querendo por modo extraordinario
Tirar toda a razaõ de competencia,
Apenas conſeguio o ſeu intento,
A prendeo na clauſura de hum convento.

Fez-

CXXXVII.

Fez-se logo sentir por toda a parte
O ruido das armas estrangeiras,
E deposto o rebuço, o duro Marte
Se desatou nas iras mais grosseiras:
Por todo o Portugal o Rey reparte
Soldados, armas, capitaens, bandeiras;
Mas a força maior da sua armada
Sobre a triste Lisboa foi mandada.

CXXXVIII.

Era grande o poder, e se augmentava
Das nossas mesmas cegas competencias;
Pois parte da Naçaõ facilitava
Dos contrarios as duras insolencias;
Entre irmaons, pays, e filhos se ostentava
A discordia com varias apparencias,
Se hum a Patria constante defendia,
Outro a torpe ambiçaõ favorecia.

CXXXIX.

Huma Praça seguia o meu partido,
Outra as portas abria ao Rey tyrano;
Aquî era o meu nome obedecido,
Acolá se acclamava o Castelhano,
Hum lugar resistia, outro opprimido
Lamentava da guerra o triste damno;
E cada qual pedia instantemente
Assistencia maior de armas, e gente.

Eu

CXL.

Eu naõ podia em tantos embaraços;
A todos aſſiſtir, era forçoſo
Servir-me do valôr de alheios braços
No ſoccorro do Reyno laſtimoſo;
Prendia-me a razaõ com fortes laços
De Lisbôa no riſco pavoroſo;
E naõ era prudencia em tanto aperto,
Confiar o poder a peito incerto.

CXLI.

Só Nuno, o grande Nuno, em meu conceito
Era capaz de tanto: o ſeu cuidado,
A fé nobre, o valôr daquelle peito
Era no Reyno todo acreditado;
Deſte fiz eleiçaõ, do ſeu reſpeito
O ſoccorro fiei de todo o Eſtado,
E partidas as forças da Corôa,
Elle anima as Provincias, eu Lisbôa.

CXLII.

Nuno tem derrotado em campo aberto
Os inimigos por diverſas vezes,
E de louros, e palmas já coberto,
Faz reſpeitar os brios Portuguezes;
Eu tenho ſuſtentado em duro aperto
Hum aſſedio cruel de quatro mezes;
E naõ creio ter tido maior damno,
Do que tem recebido o Rey tyrano.

Se

CXLIII.

Se o Ceo irado a gloria Portugueza
Escurecer de todo determina,
Mal póde dos mortaes a fortaleza
Impedir dos seus golpes a ruina;
Mas se nossa razaõ, nossa firmeza
Merece a protecçaõ da maõ Divina,
Naõ será desta vez o Luso Trôno
Profanado dos pés de intruso dôno.

CXLIV.

Se o charo Irmaõ os ferros aleivosos
Quebrar podér em nosso beneficio,
O Ceptro empunhará, seraõ ditosos
Os projectados fins do meu officio;
E se a força dos fados rigorosos
Naõ consente succesſo taõ propicio,
Defendida a Naçaõ, livre Lisbôa,
Disporáõ do governo, e da Corôa.

FIM DO CANTO IV.

A LIBERDADE.

A LIBERDADE

CANTO V.

ARGUMENTO.

CONTINUAVA a pratica do Defensor com Monserro, quando foraõ interrompidos pela voz dos tambores, que tocavaõ á Alvorada da manhã. Marcha o Defensor para a muralha; mas observa, que para a parte do mar se alvoroçaõ os Soldados, e que desembarcava hum homem na praya: encaminha-se áquella parte, e sabe, que he hum mensageiro, que lhe traz a certeza de ser chegada a Armada do Porto. A noticia deste soccorro se divulga no Campo Castelhano, e o Rey chama a Conselho de Guerra, para rezolver se deve combater a Armada fóra da Barra, ou dentro do rio. Entra a Armada pela Barra, e o Defensor arma toda a qualidade de embarcaçoens, que tem em Lisbôa, e se embarca com alguma gente para facilitar a passagem; mas o Genio infernal excîta huma tempestade, que desbarata

ta as embarcaçoens do Defenſor, e leva algumas da Armada do Porto ás maõs dos inimigos, e arruinaria tudo, ſe o Genio Tutellas dos Portuguezes naõ vieſſe affugentar a Furia, e ſocegar os ventos. Com eſte auxilio ſe ſalva facilmente a Armada, a excepçaõ de tres Náus, das quaes o Rey manda, que lhe levem hum dos priſioneiros de mais conta, e foi Vaſco Leitaõ. Reprehençaõ do Rey a Vaſco, e reſpoſta deſte. Indigna-ſe mais vivamente o Rey, e ſe pertende a proveitar athé dos meyos mais infames. Traiçaõ de D. Pedro de Caſtro, e máo ſucceſſo della. Novo projecto do Genio infernal, que ſe disfarça na figura de hum Engenheiro, que eſtava preſo na Cidade, e ſuppondo-ſe fugido, vai dar alguns aviſos ao Rey, e pôem a Cidade no mais rigoroſo bloquêio, a que ſe ſegue a mais cruel fome. Providencias tomadas ſobre eſte ponto, e inutilidade dellas: deſmayo do povo, deſeſperaçaõ da Tropa, e afflicçaõ do Defenſor. Chama eſte a Conſelho de Guerra, e propõem morrer com as armas na maõ em defenſa da liberdade; mas o Genio Tutellar de Portugal ſe queixa ao Deos Supremo, das inſolencias das Furias infernaes, e impiedade dos Caſtelhanos, e Deos os manda ferir com peſte; pelo que ſe levanta o cerço.

A LIBERDADE

CANTO V.

I.

JÁ da risonha Aurora a luz serena
As cabeças dos montes prateava,
E das aves a varia cantilena
A chegada do dia annunciava,
Quando ainda o Varaõ, em fraſe amena,
A Monferro mil caſos relatava;
E cada vez Monferro mais attento
Lhe pedia mais largo documento.

Mas

II.

Mas do rouco tambor o forte brado
Fez ſuſpender a doce conferencia,
E dos riſcos preſentes o cuidado
Os chamava a mais dura diligencia:
O trabalho das armas coſtumado,
O deſvélo da nobre reſiſtencia,
Succedeo ás noticias, ás hiſtorias
Dos Luſos faſtos, das antigas glorias.

III.

Para a forte muralha encaminhava
O Defenſor illuſtre os nobres paſſos,
E com altas îdéas ſe occupava
No remedio de tantos embaraços:
Quando vio, que do mar deſembarcava
Da Gente militar quaſi nos braços
Hum Varaõ, a que o povo recebia
Com ſignaes exceſſivos de alegria.

IV.

Quem ſeja naõ conhece; porque a gente
Lhe impede a viſta no concurſo vario,
Adianta-ſe a ver, mas brevemente
Se lhe permitte o goſto neceſſario;
Porque o Varaõ rompendo diligente
O tumulto do povo extraordinario,
A ſeus pés ſe apreſenta, e deſta ſorte
Principia a fallar-lhe attento, e forte.

Eu

V.

Eu, Senhor, ſou do Porto: aquella terra,
Naõ menos, que Lisbôa, vos eſtima,
E nos caſos preſentes deſta guerra
Naõ menor ambiçaõ ſeu povo anîma;
Igual amor da patria em nós ſe encerra,
Igualmente o ſeu riſco nos laſtima,
E da vil ſervidaõ o penſamento
Naõ nos faz menos dôr, menos tormento.

VI.

Ruy Pereira, Senhor, por ordem voſſa
Nos convidou á honra deſta empreza,
Em que unir-ſe a Naçaõ quanto mais poſſa
Deve a favor da gloria Portugueza:
Se vós ſois Defenſor, a cauſa he noſſa,
E ſervir-vos naõ he grande fineza;
Mas, ou grande, ou pequena, he ſem diſputa,
Voluntaria, ſincera, e reſoluta.

VII.

Os Navios, os bens, as proprias vidas
E quanto he noſſo, em fim tudo diſpoſto
A ſervir-vos eſtá: de vós regidas
Noſſas forças ſeraõ com muito goſto;
Já na bôca do Tejo prevenidas
Trinta vélas eſtaõ, em cujo poſto
Voſſas ordens eſperaõ dezejoſas
De ſervir-vos fieis, e valoroſas.

VIII.

E Pereyra ſabendo, que eu devia
Ter a honra, Senhor, de proteſtar-vos
A fé da minha patria, e pertendia
Eſte pequeno obſequio anticipar-vos,
Confiando de mim, que eu poderia
Tambem dos ſeus projectos informar-vos;
Conſentio, que tomaſſe a liberdade
De introduzir-me occulto na Cidade.

IX.

Hontem quando da noite a ſombra eſcura
Mais denſa as apparencias occultava,
E dos varios objectos a figura
Mais facilmente a viſta equivocava,
Sacrificando a vida mal ſegura
A's inſtancias da fé, que me animava,
Atraveſſei ſem ſuſto dos perigos
Por entre as meſmas Náus dos inimigos.

X.

E fruſtrando cautelas, e cuidados
Dos contrarios, que o rio tem coberto,
Ora com largos giros ſimulados,
Ora occulto nas ſombras de mais perto,
Huns deixando na viſta equivocados,
Outros no ſom da voz mal deſcoberto,
Pude em fim, ſem ſer delles conhecido,
Tocar da praya o termo apetecido.

Mas

XI.

Mas pois a ſorte amiga me concede
Chegar aos voſſos pés, Principe auguſto,
E taõ ditoſamente emfim ſuccede
Ao perigo o prazer, a gloria ao ſuſto,
Dos negocios, que trago o peſo pede,
Que prompto vós informe; aſſim he juſto,
Que em lugar mais occulto, e ſocegado
Poſſa, Senhor, de vós ſer eſcutado.

XII.

Approva o Defenſor o ſabio intento
Do fiel menſageiro, a quem benigno
Agradece taõ nobre atrevimento,
De hum peito Portuguez projecto digno;
E por fruſtrar qualquer vil penſamento
De algum eſpia, algum traidor maligno,
O retira comſigo para o Paço,
Onde ſós ſe entretém ſem embaraço.

XIII.

Mas em tanto no campo Caſtelhano,
Onde a fama mais livre diſcorria,
Porque o poder do Principe tyrano
A maiores diſtancias ſe eſtendia,
Já do novo ſoccorro Luſitano
A noticia patente ſe fazia,
E com todo o cuidado ſe tractava
De embaraçar-lhe os ins, que projectava.

XIV.

Que ſe deve atacar a Armada Luſa,
Antes que toque o pôrto da Cidade,
He geral parecer, que naõ recuſa
Official de alguma auctoridade;
Mas ſe ha de ſer no mar, ou quando incluſa
Já no rio ſe vir, a variedade
Faz dos votos, que em varia competencia,
Interpretaõ das armas a ſciencia.

XV.

Huns dizem, que ſerá mais vantajoſo
Pelejar no mar largo; porque ſendo
O poder Heſpanhol mais copioſo
Mais eſpaço de frente fica tendo;
E que dentro do rio embaraçoſo,
Deſte exceſſo valer-ſe naõ podendo,
Perde o corpo da Armada Caſtelhana
A vantagem, que faz á Luſitana.

XVI.

Outros dizem, que eſtando guarnecidas
As fronteiras do rio de hum dos lados
Pelas Tropas de Heſpanha, e defendidas
De outra parte com Praças, e Soldados,
Podem melhor as Náus ſer ſoccorridas
Em quaeſquer lances mal affortunados,
Combatendo no rio, e deſta ſorte
Eſte lugar abonaõ por mais forte.

Foi

XVII.

Foi o voto primeiro do Almirante,
E varios Capitaens do seu partido,
A quem de Marte o espirito arrogante
Incitava a combate mais luzido;
Mas o voto segundo mais constante
Acceitaçaõ logrou, e foi seguido
Pelo Rey, que julgou razaõ prudente
O poder soccorrer a sua gente.

XVIII.

Deraõ-se as ordens, apromptou-se a Armada,
Escolheo se o lugar mais adequado,
Para, se acaso fosse derrotada,
Ter lugar o soccorro meditado:
A tudo assiste o Rey com desvelada,
Com prudente attençaõ, e no cuidado
Das sabias prevençoens, que assim repete,
Huma certa victoria se promette.

XIX.

Mas naõ menos na gente Portugueza
Mostrava a prevençaõ os seus effeitos,
Dispondo-se a favor da mesma empreza
Por sua parte os meyos mais perfeitos;
Ajudada do estudo a natureza
Ministrava de todos nos conceitos,
Para salvar as vidas opprimidas,
As mais seguras, mais fieis medidas.

XX.

Reſolveo-ſe, que a Armada Luſitana
Entraſſe ſem demora, e que evitaſſe
Quanto poſſivel foſſe a Caſtelhana,
Por mais que eſta a combate a provocaſſe;
E què ſendo atacada a Capitana,
Ou qualquer outra Náu, naõ perturbaſſe
Eſte accidente a ordem das mais vélas,
Inda meſmo no riſco de perde-las.

XXI.

Que trabalhaſſe a toda a diligencia
Por conſeguir do pôrto a liberdade;
Porque nelle acharia providencia
De ſoccorro de toda a qualidade;
E que augmentada a força na aſſiſtencîa
Dos Navios, e gente da Cidade,
Provaſſem todos juntos os perigos,
Voltando ſobre as Náus dos inimigos.

XXII.

Com eſte aviſo parte o menſageiro
Outra vez para a Armada, e nos cuidados
Se occupa o Defenſor de dar inteiro
Cumprimento aos preparos meditados;
Elle quer ſer nos riſcos o primeiro;
Elle intenta os trabalhos mais peſados,
E faz com ſeu exemplo toda a gente
Zeloſa, firme, forte, e diligente.

Ar-

XXIII.

Armaõ-ſe as Náus, que havia, armaõ-ſe as fuſtas,
As meſmas barcas ſe diſpõem á guerra,
Fazem-ſe promptas, fracas, ou robuſtas
Quantas embarcaçoens o pôrto encerra;
Geme o Téjo debaixo das aduſtas
Maons dos duros remeiros, treme a terra
Com o peſo das armas, e ſoldados,
Que concorrem á praya alvoroçados.

XXIV.

Todos deſejaõ ter parte na gloria,
De abater os orgulhos inimigos,
E quando ſeja incerta huma victoria,
Todos querem ter parte nos perigos:
O meſmo Defenſor, bem que a notoria
Afflicçaõ da Cidade, e dos amigos
O pertenda impedir, em fim ſe embarca
Deſpreſando o rigor da dura Parca.

XXV.

Mas o Genio tyrano, que domîna
As trevas do Cocîto, e que aborrece
A Luſa gente, irado determîna
Impedir-lhe o ſucceſſo, que appetece;
Sobre a face do Tejo cryſtalina
Rodeado de horrores apparece,
As agoas turba, offuſca a luz ſerena,
Commove os ares, tudo deſordena.

XXVI.

Vinha ſurgindo a Armada auxiliadora
Já no meyo do rio, e alvoroçados
Com a luz da eſperança enganadora
Se apartavaõ da praya os ſitiados;
Quando o Genio cruel, a quem devora
Hum deſejo immortal de ver fruſtrados
Tantos preparos, com impulſo horrendo
Agita os ventos ſobre o mar tremendo.

XXVII.

Pela bôca da barra os precipita
Sobre as miſeras Náus, em quem pervêrte
A ordem neceſſaria, e facilita
O combate ás contrarias; depois vérte
Toda a força das furias, que vomita
Sobre as Náus da Cidade, Armada inerte
Na ſciencia dos ventos, quanto forte
Em deſpreſar o riſco, o ferro, a morte.

XXVIII.

De balde a força dos robuſtos braços
Quer luctar contra o vento, o remo duro
Cede á força das ondas; já pedaços
He o páu, que foi maſtro; hum Palinuro
O leme naõ regêra; os fortes laços
Das cordas quebraõ; foge mal ſeguro
Cada vaſo, ſeguindo cégamente
O deſtino das agoas inclemente.

Hum

XXIX.

Hum volta ſobre a praya, outro apartado
A corrente do Tejo vai rompendo,
Tal ſe encontra na aréa já varado,
Tal vai de Santarém as torres vendo;
A Náu grande, em que entaõ era embarcado
O Defenſor, ſuſter-ſe naõ podendo,
Sobre a terra varou; mas felizmente
Salvou-ſe o Defenſor, ſalvou-ſe a gente.

XXX.

Em tanto a Capitania a quem regîa
Ruy Pereyra, Varaõ de grande alento,
Que por mais volumoſa, mais ſoffria
Os eſtragos crueis do fero vento;
Deſordenado o rumo, que ſeguia
Impellida do Genio turbulento,
Entre as Náus inimigas foi levada,
E logo por tres dellas afferrada.

XXXI.

Naõ deſmaya Pereyra, e largo eſpaço
Com forças deſiguaes firme reſiſte;
Mas cança de ferir o forte braço,
Bem que o valôr conſtante naõ deſiſte;
Cançado morre de matar: eſcaço
Foi com eſte Varaõ o fado triſte,
Que ſe as forças no corpo iguaes lhe dera
A's do valôr, taõ cêdo naõ morrêra.

Ren-

XXXII.

Rende-se a Nau, e tem igual ſucceſſo
Outras duas da Armada Luſitana,
A quem da tempeſtade o raro exceſſo
Levou ás maons da gente Caſtelhana:
Continuava a Furia o ſeu progreſſo,
E ſeria a derrota mais tyrana,
Se o Genio Tutelar da Luſa terra
Naõ fizeſſe ceſſar taõ torpe guerra.

XXXIII.

Mas vendo o Sacro Genio do brilhante
Aſſento cryſtalino, que occupava
No luminoſo Olympo, a Armada errante,
O mar turbado, o rio, que voltava
Outra vez para traz, que fulminante
A torpe Furia as Náus precipitava
Na mais triſte ruina, e que nos ventos
Inſpirava a ſeu goſto os movimentos.

XXXIV.

Com mais rapido vôo, do que o rayo
A nuvem raſga, ſobre o Tejo deſce,
E fazendo de luz alegre enſayo,
Sobre os hombros dos ventos apparece:
Quanto neſtes foi ira, he já deſmayo,
Ceſſa o furor, que as aguas intumece,
Deſapparece a Furia com preſteza,
Que a ſombra foge á luz por natureza.

Tudo

XXXV.

Tudo muda de face; a Armada Luſa
Segue alegre o ſeu rumo, a dos contrarios
Já naõ ouſa ſegui-la, era confuſa
Inda entaõ a victoria, e caſos varios
Se viaõ nas tres Náus, que a fama accuſa,
Largo tempo de empenhos temerarios;
Mas renderaõ-ſe em fim, já quando a Armada
Se achava toda livre, e retirada.

XXXVI.

Manda o Rey Caſtelhano, que eſcolhido
Entre os preſos das Náus, algum ſoldado
De maior diſtincçaõ foſſe trazido
Logo á ſua preſença, e executado
O mandato Real, foi conduzido
Para ſer do Monarcha examinado,
Vaſco Leitaõ, em quem a fama pinta
O valor, e nobreza mais diſtincta.

XXXVII.

Eſtava-lhe fazendo attentamente
O Rey varias perguntas; quando paſſa
Por accaſo a Raynha, e ouſadamente
Vaſco de lhe fallar pertende a graça:
A ſeus pés chega, e logo reverente
A maõ lhe beija, que a fortuna eſcaça
Naõ tem poder para fazer groſſeiro
Hum bem criado, e nobre Cavalleiro.

Mas

XXXVIII.

Mas indignou-se o Rey deste cortejo,
Que devêra louvar; porque imagina,
Que este obsequio naõ nasce do desejo;
Mas do susto sómente da ruina:
Vós sois, lhe diz, indigno, aquelle bêjo
He hum bêijo de Judas, que me enclina
A cortar-vos os beiços, com que ousado
Profanais o decoro mais sagrado.

XXXIX.

Fingis dar á Raynha os justos cultos,
Que lhe deveis por vossa Soberana,
E naõ tendes vergonha dos insultos,
Com que a vossa cegueira a fé profana;
Seguis armado as vozes dos tumultos,
E julgais, que hum cortejo nos engana;
Hum Vassallo, que offende a lealdade,
Insulta quando incensa a Magestade.

XL.

Naõ he isso, responde o Varaõ forte,
O que entre nós se entende: a fé sagrada
Nos liga firmemente; e sempre a morte
Accesa encontra em nós a chama honrada:
A Raynha devemos desta sorte
Respeitar por quem he, que a Lusa espada
Naõ offende as Senhoras; mas attenta
Os direitos da patria só sustenta.

Vós

XLI.

Vós, Senhor, vos privaſtes do direito
De dominar nos Luſos, quebrantando,
Os ſolemnes Tractados, ſem reſpeito
A' voſſa meſma fé, precipitando
O tempo eſtipulado; e no conceito
De huma facil conquiſta, atropelando
Com as armas na maõ, como inimigo,
Os privilegios de hum paiz amigo.

XLII.

Vós nos fazeis a guerra, nós ſómente
Defendemos a propria liberdade
A voſſa pertençaó faz innocente
A noſſa natural fidelidade;
Em nós eſta conſtancia propriamente
Naõ he orgulho, he ſó neceſſidade
De defender a patria, que opprimida
Se vê de armas eſtranhas invadida.

XLIII.

Se o ſer fiel á patria, ſer conſtante
Na fé dos juramentos he delicto?
Réo ſou, Senhor, de crime taõ brilhante,
Nem deſculpar-me delle ſolicito;
Mas ſe he virtude a fé, ſe o ſer amante
Da patria naõ he culpa, e niſto imitto
Os Varoens mais illuſtres, certamente
Vós meſmo me honrareis por innocente.

Ouvia

XLIV.

Ouvia o Rey com geſto furioſo
As vozes de Leitaõ ; mas naõ podia
Deſmentir o caracter luminoſo
Da verdade , que nellas conhecia :
A Valaſco procura impetuoſo ,
O que deſtes diſcurſos entendia ;
Aquillo meſmo , diz o nobre velho ,
Vos temos nós expoſto no Conſelho.

XLV.

Na verdade , Senhor , os Portuguezes
Tem alguma deſculpa : os ſeus Tractados ,
Como dito vos tenho muitas vezes ,
Foraõ por nós ſem cauſa quebrantados :
Vós tendes Conſelheiros mais cortezes ,
Que abonaõ eſta acçaõ : eſſes letrados
Reſponderáõ , Senhor , com mais clareza
A's inſtancias da gente Portugueza.

XLVI.

Indignou-ſe o Monarcha da reſpoſta ,
Como já do diſcurſo ſe indignára ;
Porque a verdade livremente expoſta ,
Offende do reſpeito a ley avara :
Naõ ſe convence já , ſó ſe deſgoſta
Da força da razaõ , que deſpreſára ;
Silencio impõem ás vozes de Valaſco ,
E manda retirar o nobre Vaſco.

Em

XLVII.

Em priſoens rigoroſas determina,
Que preſo fique, e firmemente jura
Abater da Cidade na ruina
A ſoberba fatal da Naçaõ dura;
Mais apertado ſitio lhe deſtina,
Novas tropas convoca, a força apura
De todo o ſeu poder, e nas violencias
Se vale athé das meſmas indecencias.

XLVIII.

Com promeſſas intenta liſongeiras
Comprar a fé de alguns dos ſitiados,
Em quem do brio as chamas verdadeiras
Os fulgores moſtravaõ mais cançados:
Tal julgou, a peſar de acçoens guerreiras,
A Dom Pedro de Caſtro, e praticados
Os infames ajuſtes da maldade,
Se pacteou a entrega da Cidade.

XLIX.

Commandava Dom Pedro por deſgraça
Huma parte dos muros, e podia
Com qualquer illuſaõ, com qualquer traça,
A perfidia cumprir, que promettia;
Nada os torpes intentos embaraça,
Ajuſtou-ſe o lugar, a hora, o dia,
Diſpoſeraõ-ſe os meyos neceſſarios,
Que nunca faltaõ meyos a falſarios.

Aſſen-

L.

Assentou-se, que a noite glorioſa
Do fauſtiſſimo dia, que nos cultos
Se illuſtra da Aſſumpçaõ prodigioſa,
Da que de Mãy, e Virgem goſa indultos,
Foſſe o termo perfixo á cavilloſa
Execuçaõ de intentos taõ occultos,
E que o ſitio ſeria adonde acceſa
Foſſe huma luz farol da torpe empreza.

LI.

Que munidos de eſcadas os ſoldados
Vieſſem demandar os triſtes muros
Com preciſo ſilencio, que eſcalados
Facilmente feriaõ; pois ſeguros
Lhos teria Dom Pedro deſarmados,
Ou poſtada nos ſitios mais eſcuros
Alguma gente ſua, que inſtruîda
Eſtaria do caſo, e prevenida.

LII.

Era complice em crime taõ nefando
Joaõ Lourenço da Cunha, que já fôra
Da Raynha viuva de Fernando
Algum dia Marido, e que a traidora
Acçaõ ſentio taõ pouco, que adornando
Da meſma injuria a frente ſoffredora,
Era a peſar da ſolida nobreza,
Eſcandalo da gloria Portugueza.

Eſte

LIII.

Eſte deu a Ruy Freire algum indicio
Das traiçoens maquinadas, e ſeria
Providencia talvez do Ceo propicio,
Para fruſtrar a infame aleivoſia:
Porque o claro Varaõ, que o torpe vicio
Da perfidia aborrece, e que devia
Ao nobre Defenſor antigo affecto,
Lhe foi logo dar parte do projecto.

LIV.

Tinha ſido por Cunha revelado
O dia, o ſitio, e ſenha da interpreſa,
E no tempo preſcripto examinado,
Se achou deſerto o muro, a luz acceſa;
Acautelou-ſe logo com cuidado
O lugar ſuſpeitoſo, e ſendo preſa
A gente de Dom Pedro ſem ruido,
Foi o meſmo Dom Pedro ſurprendido.

LV.

Chega a gente de Heſpanha confiada
Nas traidoras promeſſas, eſperando
A muralha encontrar deſoccupada,
Ou guarnecida de hum preſidio brando;
O ſitio buſca, e quando mal guiada
Da falſa luz o muro vai tocando,
Os Luſos ferros vê deſcer brilhantes
Sobre as triſtes cabeças vacilantes.

Huma

LVI.

Huma chuva de tiros de arremeço;
Hum diluvio de ferro furioſo
Foi da torpe perfidia o juſto preço,
Foi o fructo do engano vergonhoſo,
As eſcadas ſerviraõ de tropeço,
De embaraço os petrechos; laſtimoſo
Eſcarmento de idêas fementidas,
Que quaſi ſempre ſaõ mal ſuccedidas.

LVII.

Sentio o Rey contrario vivamente
Aquelle máo ſucceſſo, e mais irado,
Na conquiſta ſe obſtina impaciente
De hum valor taõ activo, e porfiado;
Mas naõ menos a raiva infauſtamente
Incita o Genio horrivel, que fruſtrado
Tinha viſto o deſvelo, com que os ventos
Convocára a favor dos ſeus intentos.

LVIII.

Mil idêas na mente revolvia
De vingança cruel, eſtragos varios,
Varios modos de guerra diſcorria,
Para perder os Luſos temerarios;
Abater-lhe os alentos naõ podia,
Que ſaõ dotes do fado extraordinarios;
Mas por meyo de aſtucias meditava
Maquinar-lhe a ruina, que intentava.

Das

LIX.

Das cavèrnas funeſtas, em que habita,
Triſte eſfera de anguſtias, e de horrores,
Sáhe a Furia cruel, e ſe habilita
Para ſoffrer do Sol os reſplendores,
As negras azas ferozmente agita
Por entre nuvens de infernaes vapores,
Sobre os ares ſe eleva, e de mais perto
Obſerva da Cidade o triſte aperto.

LX.

Vio os duros eſtragos, que ſoffria
O miſeravel povo; mas que ouſado,
Os rigores da morte preferia
A' vil eſcravidaõ, vio, que abraſado
De hum generoſo ardor, naõ deſiſtia
Da conſtancia primeira, e que indignado
Das meſmas vexaçoens, ſó receava
A fome, que a ſentir principiava.

LXI.

Vio quanto aquelle ſuſto era prudente
Na falta já ſenſivel de alimentos;
Pois a peſar de hum zêlo providente,
Eraõ quaſi no fim os mantimentos,
Conheçeo, que ſeria brevemente
A ruina geral, ſe os provimentos
Naõ entraſſem de fóra, e deſte aviſo,
Que ſe aproveite o Rey julga preciſo.

LXII.

De humano vulto finge as apparencias,
A voz, e o geſto imita de Artimáde,
E mentindo ſuppoſtas negligencias,
Se publica fugido da Cidade:
Era Artimáde hum velho, que as ſciencias
Cultivava com rara habilidade,
E que ſeguindo o Rey, como Engenheiro,
Fora feito dos Luſos priſioneiro.

LXIII.

Como tal foi no campo recebido,
Feſtejado por todos, e levado
A' preſença do Rey, que prevenido
Fora logo do caſo inopinado;
Delle pertende o Rey ſer inſtruido
Com clareza maior, e perguntado
Em diverſas materias, tudo explica
Com raſoens, que a prudencia juſtifica.

LXIV.

Mas notando, que o genio vingativo
Do Rey feroz mais ira reſpirava,
Que maduro conſelho; e que por vivo,
Das cautelas talvez ſe deſcuidava;
Do ſeu zêlo tomando por motivo
A noticia completa, que affectava
Do eſtado da Cidade, aſtuto pede
Licença de fallar, que o Rey concede.

Logo

LXV.

Logo o perfido geſto acommodando
As cauteloſas vozes, que medita,
Aſſim vai o veneno derramando
Nos ouvidos, que o Rey lhe facilita:
Vós, Senhor, bem ſabeis, que o genio brando
O meu vicio naõ he, nem me habilita
Para conſelhos froxos; mas a gloria
He quaſi ſempre o fructo da victoria.

LXVI.

O valor he louvavel; mas prudente
Deve ſer o valor; que de outra ſorte
Naõ he virtude, he vicio, que deſmente
O caracter feliz do Varaõ forte:
Deſprezar pela gloria illuſtremente
A deſpeza, o trabalho, o riſco, a morte,
He empenho de Heróes; mas ſem proveito,
Naõ merece a braveza tal conceito.

LXVII.

Vós, Senhor, abraſado em chama pura
De bellicoſo ardor, contra a Cidade
Fulminais ha ſeis mezes guerra dura
Com trabalhos de toda a qualidade:
Mas taõ poucas vantagens nos procura
Eſta noſſa porfia, que a verdade
Nos obriga a dizer, que os Portuguezes
Nada tem afroxado em tantos mezes.

LXVIII.

He grande a guarniçaõ, naõ desfalece
Na repetida furia dos assaltos,
Nem a morte de poucos enfraquece
A multidaõ, que borda os muros altos:
Se a Cidade algum damno assim padece,
Todo o damno consiste em sobresaltos,
E naõ póde render-se desta sorte
Huma Naçaõ feroz, hum povo forte.

LXIX.

Mas póde ser, Senhor, que se consiga
Aquelle mesmo fim bem facilmente,
Sem desconto de risco, ou de fadiga
A favor de outro meyo mais prudente;
Neste assedio sómente se prosiga
Com precisa exacçaõ, e brevemente
Se verá quanto mais, que a guerra dura,
He funesta á Cidade a fome pura.

LXX.

Eu, Senhor, a pesar do triste estado
De captivo, e de preso, em que gemia,
Tenho bem fixamente calculado
O poder de hum paiz, que descobria;
Sei, que he grande o presidio, que animado
A morrer pela patria parecia;
Mas sei tambem, que a falta de alimentos
Lhe assusta fortemente os pensamentos.

Elles

LXXI.

Elles tem varias vezes conſeguido,
Com injuria das armas de Caſtella,
Provimento de fóra, introduzido
Pelo Tejo, de noite, com cautela;
Mas ſe o noſſo cuidado prevenido
Em guardar eſte paſſo ſe deſvela,
Preciſamente a fome na Cidade
Se ha de ſentir com muita brevidade.

LXXII.

Eu ſei, que jà com menos abundancia
Se reparte o preciſo mantimento,
Que o governo com cauta vigilancia
Faz diſpender do povo no ſuſtento:
Sei que apenas com grande repugnancia,
Se concede bem pouco; em que argumento
Huma falta geral, ou já preſente,
Ou que eſtá pelo menos imminente.

LXXIII.

Ella ſerá de todo inevitavel,
Se o ſoccorro, Senhor, ſe lhe embaraça,
Diligencia a meu ver taõ praticavel,
Que de poſſivel a ſer facil paſſa;
Eſte arbitrio ſe obſerve, e reſponſavel
Eu ſerei da fortuna, ou da deſgraça
Deſta empreza; porém com tal contracto,
Que ha de ſer o cuidado o mais exacto.

Diſſe

LXXIV.

Diſſe, e logo de todos approvado
Foi o ſeu parecer, logo applaudido
Pelo meſmo Monarcha intereſſado
Na eſperança, que havia concebido;
Logo manda, que ſeja executado
O projecto fatal, logo eſcolhido
Para ſer director daquella empreza
Foi o perfido auctor deſta deſtreza.

LXXV.

Elle as guardas diſpoem, elle vigia
Sobre a ſua exacçaõ, elle acautela
Os paſſos todos, elle deſconfia
De qualquer movimento, elle atropela
As diligencias todas, que podia
Intentar o preſidio, e ſe deſvela
Tanto neſte cuidado, que fruſtrada
Lhe faz toda a eſperança imaginada.

LXXVI.

Aſſim ſe vio logrado brevemente
O tyrano projecto, e na Cidade
Se fez logo ſentir amargamente
Da triſte fome a torpe atrocidade;
A meſma copia da cercada gente
Apreſſava a geral calamidade,
E foi preciſa a dura providencia
De recuſar de alguma a ſubſiſtencia.

Expul-

LXXVII.

Expulſou-ſe dos muros com effeito,
Alguma gente inutil, foi forçoſo
Matar as beſtas, e tirar proveito
Das ſuas carnes, fez-ſe induſtrioſo
Paõ de varias materias, em defeito
Do paõ commum, e nada fructuoſo
Pôde ſer muito tempo; porque a fome
Tudo devora em fim, tudo conſome.

LXXVIII.

Já ſem rebuço, a pálida indigencia
Se deſcobre patente; já ſe eſcuta,
A peſar dos esforços da paciencia,
O clamor da miſeria; já reputa
Impoſſivel o povo a providencia,
E do meſmo governo a mente aſtuta,
Já naõ póde occultar, por mais que faça,
Os horroroſos golpes da deſgraça.

LXXIX.

Viaõ-ſe os innocentes deſmayados,
Entre os braços das Mãys inutilmente
Inda preſos aos peitos já privados
Do ſuco natural conveniente;
Viaõ-ſe os triſtes velhos encoſtados
Nas paredes das caſas froxamente
Reſpirar, ſem mover-ſe intropecidos
Da fraqueza, a que eſtavaõ reduzidos.

Viaõ-

LXXX.

Viaõ-ſe já proſtrados, macilentos,
E ſem forças os meſmos mais robuſtos,
A quem da morte os triſtes penſamentos
Já mais no coraçaõ cauſaraõ ſuſtos;
E ſuppoſto, que os nobres ſoffrimentos,
A peſar dos eſtragos mais injuſtos,
Os fizeſſem conſtantes, bem ſe via
Já no roſto de todos a agonia.

LXXXI.

Convoca o Defenſor os mais prezados,
Mais illuſtres varoens, de quem confia
Os ſegredos mais puros, mais guardados,
Em obſequio da fé que lhes devia;
E mandando, que todos ſocegados
Attençaõ lhe preſtaſſem, pois queria
Ouvir depois a todos, deſta ſorte
Principia a fallar o Varaõ forte.

LXXXII.

Vós, Senhores, ſabeis o triſte aperto,
Em que todos nos vemos, a pobreza,
Em que geme a Cidade, o deſconcerto,
Em que o povo fluctúa, na incerteza
Do ſuſtento preciſo, o pouco acerto
Dos arbitrios fundados na deſtreza
De occultas diligencias, nem preciſo
Vos he neſta materia mais aviſo.

LXXXIII.

Se algum de vós, em tanta desventura
Algum meyo discorre praticavel,
Com que possa a Cidade mal segura
Por mais tempo fazer-se defensavel,
Cada qual, a favor da chama pura,
Que em nós accende o zêlo mais louvavel,
O seu voto declare, e se prosiga
Nos nobres meyos da constancia antiga.

LXXXIV.

Mas se em tanta desgraça já naõ resta
Esperança de algum soccorro humano,
E na luz da razaõ se manifesta
Inevitavel o presente damno,
Menos triste será, menos funesta
Nos apertos de hum risco taõ tyrano,
Huma morte por armas glorioſa,
Do que em froxa inacçaõ injurioſa.

LXXXV.

Antes que a torpe fome inteiramente
Nos precipite em languidos desmayos,
E se faça a ruina mais patente
Da fraqueza nos ultimos ensayos,
Procuremos ao menos dignamente
Vender as vidas, e nos claros rayos
Da glorioſa chama das vinganças
Abrazemos as noſſas esperanças.

Hum

LXXXVI.

Hum ſó recurſo tem os deſgraçados
Nos extremos maiores, que conſiſte
Em poder, de huma vez, deſeſperados
Arriſcar ſem reparo a vida triſte,
E ſe o rigor cruel dos duros fados,
A que poder humano naõ reſiſte,
Preciſa faz a perda da Cidade,
Perça-ſe a vida com a liberdade.

LXXXVII.

Decida de huma vez o ferro agudo
A diſputa cruel, dicte a fortuna
A ſentença fatal, perca-ſe tudo,
Ou tudo ſe reſtaure; huma opportuna
Temeridade he gloria; o nobre eſtudo
De hum arrójo feliz foi a columna,
Com que Ceſar ſuſteve diligente
O ſeu poder já quaſi decadente.

LXXXVIII.

Provemos o que póde a força dura
Da deſeſperaçaõ; rompa-ſe o laço
De huma triſte cautela mal ſegura,
Que já agora ſó ſerve de embaraço;
Ou vencer, ou morrer com gloria pura
Seja em fim permittido ao Luſo braço;
Com as armas na maõ ſe acabe a guerra;
Ou ſe morra, ou ſe ſalve a patria terra.

Eſte

LXXXIX.

Eſte o meu parecer; agora diga
Cada qual o que o zêlo fervoroſo
Lhe dictar a favor da glória antiga
Do nome Portuguez ſempre famoſo;
Que, ou na guarda dos muros ſe proſiga,
Ou ſe approve projecto mais luſtroſo,
Eu ſerei o primeiro em qualquer parte,
Que a frente inſulte do ſoberbo Marte.

XC.

Diſſe, e todo o congreſſo alvoroçado
Applaudio o ſeu voto; e reſolvido
Foi por todos, que foſſe executado
Sem demora projecto taõ luzido;
Mas havendo depois bem ponderado
O poder dos contrarios taõ creſcido,
Houve quem diſcorreo ſer opportuno
Dar aviſo do caſo ao grande Nuno.

XCI.

Era Nuno da gente Portugueza
Eſperança ſegunda, e guarnecia
De Alemtejo a Provincia onde a dureza
De ſeus golpes Heſpanha já temia;
E podendo-ſe achar na dura empreza
Aſſiſtido das armas, que regia,
Na diverſaõ das forças Caſtelhanas
Faria grande amparo ás Luſitanas.

Logo

XCII.

Logo toda a Aſſembléa acordemente
Eſte arbitrio adoptou com tanto exceſſo;
Que já delle reputa dependente
Do primeiro projecto o bom ſucceſſo;
Mas notando, que o tempo competente
A demora do aviſo em ſeu progreſſo
A Cidade arriſcava á contingencia
De faltar-lhe de todo a ſubſiſtencia;

XCIII.

Segunda vez ſe ordena, que expulſada
Foſſe logo dos muros opprimidos
Toda a gente de inutil accuſada,
Ou menos propria a riſcos taõ ſubidos;
Mas apenas das portas ſeparada
Era a triſte porçaõ dos expellidos,
Quando ſe vio gemer em duros laços
Entregue á furia de inimigos braços.

XCIV.

Naõ fez grande impreſſaõ eſte accidente
No conſtante preſidio; porque a ſorte
Dos primeiros expulſos lhe deſmente
Todo o riſco, que aſſuſta o peito forte:
Tinha ſido levada aquella gente
Entre ameaços de priſaõ, ou morte
A' preſença do Rey, mas deſpedida
Foi toda livre, toda ſoccorrida.

Igual

XCV.

Igual ſucceſſo agora ſe eſperava;
Porém naõ foi aſſim, porque Artimade,
Ou o genio feroz, que ſe occultava
No ſeu perfido vulto, a liberdade
Affectando do zêlo, que inculcava
No commettido aſſedio da Cidade,
Dos expulſos ſe entrega, e lhe deſtina
A mais infame, mais cruel ruina.

XCVI.

Manda, que foſſem todos açoutados
Defronte das muralhas, que o ſuſtento
Defendido lhe foſſe, e que levados
Junto das portas neſte abatimento,
Alli foſſem com guardas obſervados,
Athé, que a duraçaõ de hum tal tormento
Os podeſſe extinguir, ou conſeguiſſe,
Que a Cidade outra vez os conſentiſſe.

XCVII.

Naõ póde mais ſoffrer o Genio claro,
Que a guarda tem da gente Portugueza,
E prompto implora o Sacroſanto amparo
Do Soberano Auctor da Natureza:
Supremo Deos, lhe diz, principio raro
Dos entes todos, immortal grandeza,
A quem o Céo ſe proſtra, a terra adora,
Reſpeita o mar, e quem nas trevas mora.

Por

XCVIII.

Por ti, Senhor, me foi em ſórte dada
A protecçaõ da Luſa Monarchia,
Por ti a ſirvo, por ti meſmo amada
He de mim eſta gente: a vil porfia
De huma guerra cruel, e dilatada
A tem quaſi perdida; mas ſoffria
Eſte golpe o meu zêlo, porque os damnos
De huma guerra ſaõ ſórte dos humanos.

XCXIX.

Porém, que as Furias do ſoberbo Inferno
Façaõ guerra tambem á Luſa gente,
He inſulto, Senhor, que hum Deos Eterno
Deve vingar com braço Omnipotente:
Como póde, Senhor, o peito terno
De hum Deos benigno, recto, e providente
Conſentir tal exceſſo? Acaſo a terra
Em ſi males baſtantes naõ encerra?

C.

He preciſo, que os Genios infernaes
Se armem contra Lisboa? O duro effeito
Da ambiçaõ, e vingança entre os mortaes
Neceſſita de auxilio? O fero peito
De hum Rey tyrano os meyos naturaes
Ignora do rigor? Hum tal conceito
Só o póde formar o Genio eſcuro,
Que o campo infeſta com influxo impuro.

CI.

A ti, Senhor, pertence a providencia
Deſte caſo fatal: os teus projectos
Naõ ſe pódem mudar, que a Omnipotencia
Naõ varîa já mais os ſeus decretos:
Por ti firmada foi a ſubſiſtencia
Do Trono Portuguez; os indiſcretos
Empenhos, que ſe oppoem á tua mente
Devem ſer caſtigados duramente.

CII.

Ouvio o grande Deos o rogo puro
Com benigna attençaõ, e ſocegado
Lhe reſponde: Naõ póde o Genio eſcuro
Alterar o deſtino; he bem fruſtrado
O ſeu deſvelo, o ſeu trabalho duro
Contra as leys immortaes do claro fado;
Mas a ſua ſoberba, e falſidade
Provaráõ do caſtigo a gravidade.

CIII.

Tu lhe vai intimar da minha parte,
Que o campo largue, e no fatal momento
Nova porçaõ de penas lhe reparte,
Com que pague taõ louco atrevimento,
E pois que as iras do cruento Marte
Adoptáraõ taõ perfido inſtrumento;
Provaráõ igualmente os Caſtelhanos
De huma tal companhia os juſtos damnos.

Iſto

CIV.

Iſto dizendo, ſem demora chama
Hum dos Genios, a quem foi dado em ſórte
O fazer mal á terra, e que derrama
Sobre os mortaes a dor, a peſte, a morte;
Vai, lhe diz, ſobre o campo; alli te inflãma
De terrivel furor, de impulſo forte
Os teus golpes diſpára ſobre as tendas,
Só do Rey a peſſoa naõ offendas.

CV.

Vôaõ ambos os Genios promptamente
A cumprir ſeu deſtino, hum executa
Sobre a Furia a ſentença, outro inclemente
Sobre as tendas inclina a reſoluta
Peſada maõ, que os golpes triſtemente
Multiplica no campo ſem diſputa,
Sendo de golpes taes rara a ferida,
Que naõ cuſte a Caſtella alguma vida.

CVI.

Fez-ſe logo no campo formidavel
Da dura peſte o rapido progreſſo;
Pois ſem deſcanço a Parca inexoravel
Se vê cortar das vidas o proceſſo:
Nem ſómente no vulgo miſeravel
O contagio ſe obſerva, igual ſucceſſo
Tem os mais pobres, mais deſamparados,
Que os mais ſervidos, e mais bem tractados.

Já

CVII.

Já o grande Toledo, o bravo Lara,
O nobre Sandoval, o bom Sarmento,
O Famoſo Thoar a vida clara
Tem rendido, nem pôde o forte alento
De Valaſco evitar a ſórte avara,
Nem Samora Varaõ de alto talento,
A quem fez Alverneda companhia
Com Benavides, Roxas, e Mexia.

CVIII.

Já vinte vezes cem bravos ſoldados
Eraõ mortos no campo, e cada Aurora
Mais duzentos moſtrava ſeparados
Do commercio dos vivos, já devóra
O funeſto pavor os mais ouſados;
Já toda a tropa deſmayada chora
O ſeu triſte deſtino; mas no peito
Do Rey tyrano nada faz effeito.

CIX.

Conſelhos, rogos, lagrimas, gemidos,
Inutil tudo he, elle ſe obſtina
Cada vez mais, nem quer preſtar ouvidos
A's lamentaveis vozes da ruina:
Nada lhe afroxa os odios concebidos;
Porque a torpe ambiçaõ, que lhe domina,
O coraçaõ, os meyos lhe embaraça
De conhecer o peſo da deſgraça.

CX.

Mas o braço potente, que opprimia
A ſoberba Heſpanhola, e naõ ceſſava
De tirar ſobre as tendas, cada dia
Os ſeus golpes fataes multiplicava;
E fazendo mais certa pontaria
Sobre a tenda Real, onde ſe achava
A formoſa Raynha, a fere attento
De hum golpe naõ mortal, porém violento.

CXI.

Eſte tiro levou a liberdade
A' famoſa Lisboa; porque o ſuſto
Póde em fim dominar a crueldade
No coraçaõ feróz do Rey injuſto:
Retirar-ſe reſolve da Cidade
No ſilencio da noite: o muro auguſto
Prova o doce ſocego, e o campo nobre
Livre, a luz matutina em fim deſcobre.

FIM DO CANTO V.

A LIBERDADE

CANTO VI.

ARGUMENTO.

LEVANTADO o cerco de Lisboa, o povo alvoroçado, com a liberdade, sahe ao campo a ver, e notar o sitio, em que estiverão os inimigos: mas no rio se conservava a Armada de Castella, e alli se ouvem tocar trombetas, que obrigaõ o Defensor, e os Soldados a concorrer á praya, donde observaõ, que o ruido vem todo de hum pequeno batel, que vem passando pelo meyo da Armada Castelhana, conduzindo muito pouca gente, e no meyo della hum Cavalleiro armado todo, e a cara coberta com a viseira do Elmo. Chega em fim á praya este Cavalleiro, que se reconhece ser o grande Nuno Alvares Pereyra, que vai cortejar o Defensor, e dar-lhe parte das suas expediçoens. Conta-lhe como passando

do ao Alemtejo, ajuntára hum pequeno Exercito para soccorrer Fronteira; susto dos Soldados, pratica de Nuno; victoria dos Azoleiros, e soccorro de Fronteira. Parte Nuno a dar graças a Deos ao Templo de Assumar, que acha profanado pelos Castelhanos, que delle haviaõ feito Cavalhariça, e o faz limpar. Passa a Evora, livra Alvaro Gonçalves da maõ dos Castelhanos, e sabendo da Armada, que se aparelha no Porto, parte àquella Cidade para embarcar-se nella; mas chegando a Coimbra, sabe ser já partida, e que arribára a Buarcos, onde pertende hir embarcar; mas o General da Armada o naõ espera. Volta para o Alemtejo, e no caminho toma hum grande comboy de Castella. Chegado ao Alemtejo recupera a Praça de Monsaras. e desbarata Castanheda, General Castelhano, e depois deste, a outro chamado Sarmento. Marcha sobre Palmella, e toma esta Praça, onde recebe o aviso do aperto da Cidade, e da resoluçaõ do Defensor, de atacar os Castelhanos no campo; mas quando se prepara a passar, recebe a noticia de ser levantado o Cerco, e se mette com pouca gente em hum batel para passar a Lisboa de madrugada; mas amanhecendo lhe no meyo da armada Castelhana, manda tocar as trombetas, o que mette em confusaõ os Castelhanos, e Nuno chega felizmente á praya.

A LIBERDADE

CANTO VI.

I.

Illuminava o Sol da bella Aſtrea
A celeſte morada, e das antigas
Nonas o dia aſſignalava a idéa
Da duraçaõ do mez, quando as fadigas
Da guerra dura, da miſeria feia,
Motivadas das armas inimigas,
A Cidade deixáraõ finalmente
Reſpirar ſobre a terra alegremente.

Abrem-

II.

Abrem-se as portas, corre alvoroçada
A gente Lusa, a ver desempedido
O patrio campo, a terra aliviada
Do peso duro do arrayal temido:
Qual de ver as trincheiras mais se agrada;
Qual das tendas o sitio aborrecido;
E cada qual recorda em cada passo
Hum passado perigo, hum embaraço.

III.

Aqui, dizia algum, me vi hũm dia
Cahido neste fosso, alli cercado
De Castelhanos, outro respondia,
Me vi quasi perdido; alli deixado
Fui por morto, contente repetia
Algum já livre, e saõ, e do passado
Perigo na lembrança mais gostosa
Se faz a liberdade, que se gosa.

IV.

Presistia, com tudo, inda o bloqueio
Pela parte do mar, porque occupava
Do crystalino Téjo o aureo seyo
A Castelhana Armada, em quem durava
A constancia primeira, sem receyo
Dos perigos, que a terra ameaçava,
Insistindo no damno da Cidade
Com insultos de toda a qualidade.

Ouvem-

V.

Ouvem-ſe neſte tempo os eccos duros
Das trombetas ſoar naquella parte,
Alvoroſſam-ſe os Luſos mal ſeguros,
Novo riſco ſuppoem do fero Marte;
Fecham-ſe as portas, outra vez dos muros,
Pelo recinto a gente ſe reparte;
Mas para a praya vêm chegar ſómente
Hum pequeno batel com pouca gente.

VI.

Hum Varaõ Mageſtoſo ſe deſcobre
A bordo do batel, a quem parece,
Que os outros obedecem; porém cobre
De huma viſeira o roſto, e naõ conhece
Alguem quem elle ſeja: hum talhe nobre
O diſtingue ſómente, e lhe merece
As attençoens dos Luſos, que paſmados
Pela borda da praya eſtaõ poſtados.

VII.

Já chega junto á terra, he Nuno, grita
O grande Defenſor, he Nuno, he Nuno,
Nem podia ſer outro; o affeĉto incita
O Varaõ a moſtrar-ſe: o grande alumno
Apparece de Marte, e precipita
O corpo do batel taõ opportuno,
Que ſaltou juſtamente, onde ſe achava
O Defenſor, que os braços lhe alargava.

Bem

VIII.

Bem vê Nuno qual honra lhe deſtina
Do Principe benigno o claro peito;
Porém cumprir primeiro determina
Os ſagrados devêreſ do reſpeito;
Para beijar-lhe a maõ attento inclina
Sobre a terra o joelho, mas já feito
Era o laço feliz, com que a bondade
Do Defenſor lhe impede a liberdade.

IX.

Que pertendes, lhe diz internecido
O Principe modeſto? Hum Varaõ forte
De taes palmas, e louros reveſtido
Se abate aſſim vendido deſta ſorte?
A mim, que neſtes muros recolhido
Naõ tenho obrado acçaõ, que á Patria importe?
Eſperavas que foſſe taõ ingrato,
Que te ſoffreſſe taõ humilde trato.

X.

Naõ, meu Principe, naõ, torna goſtoſo
O grande Nuno, em vòs naõ ha defeito;
Nem o póde em mim ſer o decoroſo
Empenho dos meus cultos: o reſpeito
Naõ me impede a ternura; o fervoroſo
Ardor de vos ſervir, faz no meu peito
Diſputar-ſe com digna competencia
A fé, o amor, o zêlo, a reverencia.

Vós

XI.

Vós deveis permittir, que eu ſatisfaça
Hum taõ juſto dever: do Luſo Eſtado
Vós ſois hoje a cabeça, e na deſgraça
Em que o Reyno ſe vê deſpedaçado
Por hum ſciſma infeliz, quem ſe embaraça
Nos tributos da fé, mal declarado
Deixa o ſeu ſentimento, e naõ conſente
O meu zêlo deſar taõ indecente.

XII.

Diſſe, e quaſi a peſar do generoſo
Modeſto Defenſor, a maõ auguſta
Reverente lhe beija; logo airoſo
Se levanta da terra, e dando a juſta
Attençaõ aos amigos, vai goſtoſo
O terror diſſipar, que o povo aſſuſta;
Fazendo ver a todos, que o rebate
Incitava a prazer, naõ a combate.

XIII.

Volta depois já livre de embaraços
A' preſença do Principe, que aperta
Outra vez o Varaõ nos fortes braços,
Com ternura mayor, mais deſcoberta;
Mas depois que a ſoltar os doces laços
O claro Defenſor emfim acerta;
Informar-ſe pertende dos progreſſos
Das ſuas armas, e dos ſeus ſucceſſos.

Vós

XIV.

Vós sabeis, lhe diz Nuno, que obrigado
De hum zêlo puro, de hum desvelo ardente
Pela gloria da Patria, acompanhado
Mais de instrucçoens, e de ordens, que de gente,
Partî desta Cidade encarregado
De animar com soccorro diligente
A Provincia, que fazem taõ ufana
As correntes do Tejo, e Guadiana.

XV.

Fui pois, Senhor, daqui para a Cidade,
Que algum dia Sertorio fez famosa,
Allî fiz ajuntar com brevidade
Alguma gente armada, e valorosa;
E confirmado o povo na vontade
De dar a vida pela fé glorioſa,
Marchei para Estremôz, onde esperava
Alguma gente mais, que allî chamava.

XVI.

Foi pouca, a que chegou, porque o receyo
Do poder inimigo já visinho,
Tinha por toda a parte o povo cheyo
De horror, e confusaõ; nem já caminho
Havia algum seguro, pois no seyo
Da Provincia, com torpe desalinho,
Perturbava a perfidia petulante
Dos fieis nacionaes a fé constante.

Allî

XVII.

Allî tive noticia, que do Crato
Catraleucas Cidade de algum dia,
Praça agora de Heſpanha, por contracto
Contra a fé, que á Naçaõ guardar devia,
Se avançava com bellico apparato
Muita gente inimiga, que entendia
Empregar-ſe no cerco de Fronteira
Villa noſſa fiel, e verdadeira.

XVIII.

Aſſentei de impedir-lhe aquella empreza;
Bem que falto de forças competentes;
Mas o zêlo da gloria Portugueza
Me inſpirava projectos taõ valentes:
Chamei a minha gente, e com pureza
Lhe expuz os meus intentos; fiz patentes
As razoens deſte empenho, e dos motivos,
Que deviaõ fazer-nos mais activos.

XIX.

Repreſentei-lhe as vidas, as fazendas
Expoſtas ao furor dos inimigos,
As conſortes, os filhos, as vivendas,
A ruina do ferro, e dos caſtigos,
A patria liberdade, entre as horrendas
Sombras da eſcravidaõ, os bons amigos
De contrarios cercados; porém nadà
Pôde animar a Trópa deſmayada.

Hum

LIGEA NACIONAL COIMBRA

XX.

Hum ſilencio ſombrio, hum pavôr triſte
Todo o Campo occupava, e ſem effeito
Me canſava em move-lo: elle preſiſte
Largo tempo calado, e emfim desfeito
Da vergonha o reparo, em que conſiſte
Toda aquella inacçaõ, o ſeu conceito
Cada qual deixa ver, e claramente
Se eſcuſa de ſeguir-me a mais da gente.

XXI.

Eu notando, que o amor, que o zêlo puro
Da patria liberdade naõ baſtava,
Que era inutil o rogo, e mal ſeguro
O reſpeito; que o ſuſto atropellava
Os deveres mais ſantos, que era duro
Forçar tantas vontades; mas que eu dava
Hum terrivel exemplo, ſe cedia
Do primeiro projecto, que emprendia;

XXII.

Vendo, acaſo, hum regato, que bem perto
De nós guiava a placida corrente,
E traçava em redor do Campo aberto,
Huma linha de prata tranſparente,
Cortando do diſcurſo o fio incerto,
Paſſei ao lado oppoſto, e tendo em frente
A deſmayada Trópa, deſta ſorte
Lhe fallei reſoluto ao ferro, e á morte.

Eu

XXIII.

Eu naõ pertendo ſer acompanhado
Por coraçoens forçados, eſta empreza
He ſó digna de quem vive inflamado
De hum nobre ardôr de gloria Portugueza:
Quem naõ ſente eſte impulſo, ou penetrado
Se vê de hum pavôr torpe, a fortaleza
Naõ perturbe dos mais; póde auſentar-ſe,
Vá bem longe de nós acautelar-ſe.

XXIV.

Mas ſe alguns Portuguezes verdadeiros,
Que eu ſei, aqui os ha, querem ter parte
Na gloria deſta acçaõ, e companheiros
Querem ſer no valôr, que o claro Marte
Me inſpira neſte inſtante, dos primeiros
Se affaſtem logo, cada qual ſe aparte;
Paſſe o regato, quem ſeguir-me intenta,
Fique, quem de ficar mais ſe contenta.

XXV.

Maravilhoſo effeito da vergonha!
Que mais do que o valôr, mais do que o zêlo,
Póde ás vezes nos homens! ſem que eu ponha
Mais diligencia alguma por movê-lo,
O Campo paſſa inteiro; que eu diſponha
Quer já do ſeu deſtino, e com deſvelo,
Cada qual ſe adianta a perſuadir-me
Do dezejo, que inculca de ſeguir-me.

Dei

XXVI.

Dei a todos mil graças, mil louvores
Por taõ brioſa acçaõ; mas brevemente
Querendo aproveitar os ſeus ardores,
Fiz pôr o Campo em marcha diligente:
Já ſoavaõ trombetas, e tambores
Na eſtrada de Fronteira, já contente
A gente parecia, e deſejoſa
De aventurar a ſorte duvidoſa.

XXVII.

Quando ao longe ſe moſtra hum Cavalleiro;
Que a toda a rédea para nós corria,
E na preſſa, e no traje hum menſageiro,
Ou Correio de Campo parecia;
Chegou em fim a nós, e verdadeiro
Poſtilhaõ diſſe ſer, e que trazia
Para mim hum recado; eu me adianto;
Mas o vê-lo me faz horror, e eſpanto.

XXVIII.

De meu Irmaõ D. Pedro era hum criado,
Com que vergonha, com que raiva o digo!
De meu Irmaõ, que cégo, e mal guiado
Vinha mandando as armas do inimigo:
Por ordem ſua vinha encarregado
De encarecer-me a força do perigo,
A que expôr-me queria, e ſe podeſſe
De tentar-me por parte do intereſſe.

Naõ

XXIX.

Naõ acabei de ouvir huma Embaixada
Taõ infame, taõ vil, taõ indecente,
Que igualmente offendia a fé ſagrada,
Que inſultava o valôr do peito ardente;
Cortei-lhe o fio, e mal diſſimulada
A colera, na voz impaciente,
O Menſageiro envîo da propoſta
Com eſta breve, e ſolida reſpoſta.

XXX.

Dizei a meu Irmaõ, que eu naõ pertendo
Seguir ſeus pareceres, nem preciſo
Das ſuas compaixoens; que deſattendo
O ſeu torpe conſelho, e ſeu aviſo;
Que cuide mais em ſi, porque eu entendo
Fazer-lhe ver bem cedo o prejuiſo
Da ſua opiniaõ; e vós agora
Correi, porque eu vos ſigo ſem demora.

XXXI.

Aſſim o fiz; mas ſendo o meu recado
Dos contrarios no Campo recebido,
Pelos Chéfes das Trópas ponderado,
E com votos diverſos diſcutido,
Bem que foſſe de muitos reputado
Hum ameaço vaõ, mal entendido,
Aſſentou-ſe por fim, que eu poderia
Suſtentar a promeſſa, que fazia.

XXXII.

E julgando preciſo anticipar-ſe
A ganhar hum terreno, onde mais certa
A vantagem podeſſe aſſegurar-ſe
Do numero mayor, que deſcoberta
No ſeu partido eſtava, e dilatar-ſe
Em Campina mais raſa, mais aberta
Abandonando o ſitio, que formavaõ,
Contra nós igualmente ſe avançavaõ.

XXXIII.

Duas milhas, ou menos de diſtancia
De Fronteira ſe achava a minha gente,
E com moſtras de zêlo, e de conſtancia
Mais ouſada marchava, mais contente,
Quando a bellica rouca conſonancia
Das trombetas contrarias ſe preſſente,
Acompanhada do tumulto vago,
Com que Marte annuncia o féro eſtrago.

XXXIV.

Fiz alto, dei as ordens neceſſarias
Para a proxima acçaõ, e furioſa
Se ſeguio promptamente; porque as varias
Soberbas gentes, que na portentoſa
Multidaõ confiadas, as contrarias
Bandeiras vem ſeguindo, a valoroſa
Condiçaõ de taõ poucos naõ temendo,
Sobre nós ſem demora vem correndo.

No

XXXV.

No Campo, que ſe diz dos Atoleiros
Se trava em fim a bellica diſputa,
Gonçalves de Sevilha entre os primeiros
Mil eſtragos nos noſſos executa;
Eu o vî, de tres golpes, tres guerreiros
Derribar com acçaõ taõ reſoluta,
Que me pôde fazer a maõ peſada
Se naõ inveja, emulaçaõ honrada.

XXXVI.

Puz-me diante delle ouſadamente
A pé, como me achava, e logo a lança
Contra mim fulminando impaciente
Atropellar-me intenta ſem tardança,
Mas, bem que foi o golpe taõ valente,
Que a ferir-me no peito o ferro alcança,
A reſpoſta foi tal, que lança, e braço
Ihe foi cahir dallî naõ curto eſpaço.

XXXVII.

Alvoroçou-ſe toda a gente Luſa
Com a viſta do golpe venturoſo,
Já naõ teme a vantagem, nem recuſa
Qualquer lance por forte, ou perigoſo;
Qual buſca o mayor riſco entre a confuſa
Competencia dos golpes, qual raivoſo
Pelos ferros ſe mete, e finalmente
Cada qual vence, ou morre illuſtremente.

XXXVIII.

Mas naõ menos nos peitos dos contrarios
Ardem chamas vorazes de vingança,
Obrando cada qual exceſſos varios;
Produzidos da raiva, e da eſperança;
A vantagem lhe inſpira os ordinarios
Esforços naturaes da confiança;
E deſpreſando as noſſas ouſadias,
Opprimi-las eſperaõ nas porfias.

XXXIX.

Indeciſa a Victoria largo eſpaço
Hum, e outro partido attenta olhava,
Já benigna ao valór do Luſo braço,
Já propicia ao poder, que reſpeitava;
Quando vendo durar eſte embaraço,
O Gram Meſtre gentil de Calatrava,
Com impulſo feroz, e deſtemido
A quiz fazer entrar no ſeu partido.

LX.

Qual o bravo Leaõ, que encarniçado
O rebanho das rezes vai rompendo,
Deixando alli hum touro eſquartejado,
Outro acolá nas guarras desfazendo,
Confunde, aſſuſta, precipita o gado
No pavor mais funeſto, mais horrendo,
E mais inda que o damno, faz ſenſivel
A deſordem mais triſte, mais terrivel.

Tal

XLI.

Tal o forte guerreiro enfurecido
Pelos noſſos Soldados vai entrando
Hum deixando de hum golpe mal ferido,
Outro de hum duro encontro atropellando;
Revolve tudo, tudo confundido
Precipita no horror, que vai cauſando,
E cobrindo de horror a Trópa triſte,
Tudo lhe foge; nada lhe reſiſte.

XLII.

De ſangue, e pó coberto, inſaciavel
De feridas, e mortes, cobiçoſo
De vingança, e de gloria, impenetravel
A golpes ordinarios, ſó goſtoſo
De encontrar reſiſtencia mais notavel,
O Campo corre todo, e furioſo
Por toda a parte a plebe atropellando,
Os Capitaens mais fortes vai buſcando.

XLIII.

Encontrou-ſe comigo, o foi no acerto
Mais ditoſa, que a ſua, a minha ſorte,
Que eu hum golpe tirei ſó deſte aperto,
Elle tirou naõ menos do que a morte:
Seguio-ſe a ella triſte déſconcerto
Nos inimigos todos, que taõ forte
He hum golpe tal vez, ſe acaſo tópa
A cabeça do Chefe de huma Trópa.

XLIV.

Havia mais alguns nas Caſtelhanas
De notorio valôr, mas neſte dia
Naõ poderaõ das armas Luſitanas
Embaraçar a nobre valentia;
Empenhada a fortuna, as mais ufanas,
Mais patentes vantagens nos confia;
Tudo céde, declara-ſe a victoria,
Dando novos troféos á Luſa gloria.

XLV.

Della foi prompto fructo a liberdade
Da Praça de Fronteira, e mais formoſo
A conquiſta de Arronches, e a humildade
De Alegréte, que rende obſequioſo
As portas, ſem diſputa, e na lealdade
Se confirma do zêlo generoſo,
Que o nacional affecto lhe dictava,
E que a força violenta embaraçava.

XLVI.

Chegava o dia grande, o fauſto dia
Ao mais alto Myſterio conſagrado,
Em que o Filho de Deos, e de Maria,
Querendo ſer por nós ſacrificado,
O proprio Corpo, e Sangue convertia
Em ſuave manjar ſantificado,
Para alentar os coraçoens mais puros
Pela ſerie dos ſeculos futuros.

XLVII.

E Deſpertando taõ feliz memoria
O Catholico zêlo em noſſos peitos,
Conhecendo bem claro, que a victoria
Fôra favor do Ceo, que os ſeus effeitos
Eraõ do meſmo Ceo graça notoria;
Para render-lhe os mais fieis reſpeitos,
Buſcando da piedade o norte juſto,
Marchámos de Aſſumar ao Templo auguſto.

XLVIII.

Mas qual horror á viſta nos prepara
Aquelle lugar ſanto, conſagrado
A' Raynha dos Ceos, á Mãy preclara
Do meſmo Deos! O Templo profanado
Achamos dos cavallos: Quem penſára
Hum taõ barbaro exceſſo! allî formado
Tinha ſido o quartel daquelles brutos,
Pelos noſſos contrarios diſſolutos.

XLIX.

De immundicias coberto o pavimento
Eſtava ainda todo: Enternecidos
O varremos; porém com penſamento
De expiar algum dia enfurecidos
Com o ſangue dos réos, taõ torpe intento;
E limpo em fim o Templo, entre gemidos,
Allî rendemos reverentemente
Noſſas graças ao Deos Omnipotente.

Voltei

L.

Voltei logo a Eſtremóz, e deſta Praça
A' famoſa Cidade de Sertorio,
Onde o nobre motivo da deſgraça
Do bom fiel Gonçalves foi notorio,
Livra-lo projectei por força, ou traça,
Da priſaõ vil; mas era peremptorio
O termo do remedio; porque della
O queriaõ paſſar para Caſtella.

LI.

Mandei alguns Soldados eſcolhidos,
Com ordem de eſpiar o dia, e hora
Da mudança do preſo, que eſcondidos
Nos pinhaes, que a campina tem bem fóra
Ja de Villa Viçoſa, e prevenîdos
Para todo o ſucceſſo, ſem demóra
Podeſſem ſurprender os eſperados
Conductores do preſo deſcuidados.

LII.

E taõ ditoſa foi, tam bem lograda
A penſada interpreza, que ſuppoſto
Huma eſcolta bem grande, e bem armada
Foſſe em guarda do preſo; a penas poſto
Foi no ſitio preciſo da emboſcada,
Quando os noſſos moſtrando o féro roſto,
Dos naons lho tiraõ, tudo desbarataõ,
Ferem huns, prendem outros, outros mataõ.

Em

LIII.

Em tanto tive aviſo dos preparos,
Que no Porto fazia o zêlo nobre
Daquelle povo, e dos Varoens preclaros,
Em que a fé nacional mais ſe deſcobre,
Soube como applicando esforços raros,
A que ajuda com goſto o rico, e o pobre,
Huma Armada formavaõ deſtinada
Ao ſoccorro da Côrte bloqueada.

LIV.

E deſejando ter alguma parte
Na honra, e luſtre deſta nobre empreza,
A que incîta igualmente o ardor de Marte,
E o deſvelo da gloria Portugueza;
Só com duzentas lanças, que reparte
O meu empenho a penas da pobreza
De hum taõ pequeno Campo, fui marchando
As correntes do Douro procurando.

LV.

Mas a penas pizava as graciosas
Celebradas ribeiras do Mondego,
Avançando com marchas trabalhoſas
Toda aquella diſtancia ſem ſocego,
A penas entre idéas glorioſas
Da riſonha Coimbra á viſta chego;
Quando certa noticia me foi dada
De ter levado ferro toda a Armada.

Senti

LVI.

Sentî muito, confeſſo, ver fruſtrados
Tantos deſvelos, tantas diligencias;
Porque entendi, que foraõ deſpreſados
Pela ambiçaõ de algumas precedencias;
Mas como os meus projectos regulados
Braõ do zêlo, naõ de competencias,
Occultando no peito o meu deſgoſto,
Para voltar eſtava já diſpoſto.

LVII.

Quando tive noticia, que obrigada
De precizaõ de varios provimentos,
De Buarcos nas prayas ancorada
Se achava entaõ a Armada; e penſamentos
Renovando da empreza deſejada,
Dei parte ao Capitaõ dos meus intentos,
Prevenindo com prompto menſageiro
Qualquer ſucceſſo menos liſonjeiro.

LVIII.

Mas igualmente foi aqui perdido
Todo o deſvelo do meu zêlo ardente
Servindo aquelle aviſo recebido
De apreſſar a partida taõ ſómente;
Soltou vélas á Armada, e foi ſabido,
Que de mim ſe apartava: eu juſtamente
Satisfaçaõ pedira; mas naõ peço,
Quero ſó ponderar eſte ſucceſſo.

O

LIX.

O General em Chéfe deſta Armada
Era o Conde de Neiva, e de Faria,
Em quem fora por mim renunciada
Grande parte dos bens, que poſſuía:
Vós ſabeis, que eſta acçaõ foi ſó fundada
Na eſtimaçaõ da ſua companhia;
Elle, por evitar a minha, agora
Duas vezes ſe auſenta, ſem demora.

LX.

Voltei para Alemtejo, e no caminho
Soube junto a Punhete com cautela,
Que devia paſſar alli viſinho
Hum comboy importante de Caſtella;
Que conſtava de gado, paõ, e vinho,
De dinheiro, de roupas, e baxella,
E que a gente de guerra, que trazia,
Pouca mais do que a minha ſer podia.

LXI.

Imaginei, que o Ceo compadecido
Deſtinava com eſta providencia
Supprir a grande falta, que ſoffrido
Tinha da minha gente a paciencia;
Porque havendo de todo conſumido
Os provimentos, poſta na indigencia
Mais manifeſta, a penas ſe animava
Da conſtancia fiel, que profeſſava.

LXII.

De ſorte, que a noticia deſte aperto
Deu motivo em Thomar, a que quizeſſe
Algaduxe, hum Hebreo, traſtante eſperto,
Tentar a noſſa fé com intereſſe;
E ſuppoſto que teve pouco acerto
Naquella ſugeſtaõ, bem ſe conhece,
Que lhe deu occaſiaõ para a ouſadia
A miſeria fatal, em que nos via.

LXIII.

Querendo pois ſupprir de alguma ſorte
Aquella triſte falta, e cubiçoſo
Da gloria de vingar com braço forte
Tanto roubo cruel, e laſtimoſo,
Dando á minha jornada hum breve córte,
O retiro buſquei de hum valle umbroſo,
Onde o corpo do monte mais viſinho
Me eſcuſava ſer viſto do caminho.

LXIV.

E pondo ſobre o cume deſte outeiro
Algumas ſentinellas prevenidas
Para darem aviſo verdadeiro
Da chegada das gentes pertendidas;
Nas agradaveis margens de hum ribeiro
Deſcançâmos hum pouco das creſcidas
Fadigas da viagem, com vontade
De alimentar a fraca humanidade.

Mas

LXV.

Mas a penas as meſas preparadas
Com pobres iguarias, nos incitaõ
A refazer as forças quebrantadas,
Que os trabalhos continuos debilitaõ,
Quando algumas das guardas avançadas
Com inſtante fervor nos ſolicitaõ,
Que paſſemos o monte; porque a gente
Inimiga ſe vê já claramente.

LXVI.

Naõ houve quem tiveſſe mais vontade
De comer, ou beber; cada qual corre
A's armas com a furia, e brevidade,
Que preciſa no caſo ſe diſcorre;
Montamos ſem demora a extremidade
Da viſinha Colina, donde morre
A viſta do Horizonte, e já bem perto
Todo o Comboy ſe moſtra deſcoberto.

LXVII.

Entaõ rompendo repentinamente
O ſilencio por todos obſervado,
Mandei dar as trombetas vivamente
O ſignal de inveſtir taõ deſejado;
E dando prompta, mas compoſtamente
Sobre a Trópa, que a paſſo deſcuidado
Pela eſtrada marchava, a penas ver-ſe
Pôde em fórma capaz de defender-ſe.

Moſtrou

LXVIII.

Moſtrou com tudo alguma reſiſtencia;
Bem que póde durar pequeno eſpaço,
Naõ lhe baſtando toda a diligencia
A deter o furor do Luſo braço;
Ficou-nos o Comboy por conſequencia,
E Caſtella tirou deſte embaraço
A perda delle, e os damnos effectivos
De mais de oitenta mortos, e captivos.

LXIX.

Chegado em fim ás terras Tranſtaganas,
Allî tive noticia, que o Caſtello
De Monſarás ás armas Caſtelhanas
Tributára infiel o ſeu deſvelo;
E vendo, que as fronteiras Luſitanas,
Além do riſco de hum taõ máo modelo,
Podiaõ receber daquella parte
Inſultos graves nas queſtoens de Marte.

LXX.

Recuperar tentei daquelle Forte
O dominio perdido; mas tractavel
Naõ era aquella empreza ao duro córte
Do valor, ou da força mais notavel;
O ſitio do Caſtello he de tal ſorte
Inacceſſivel, duro, e inexpugnavel,
Que ſeria perder o tempo, e gente,
Fazer-lhe a guerra deſcobertamente.

Pro-

LXXI.

Projectei pois haver por manha, ou traça;
O que á força das armas naõ podia;
Que a deſtreza o valôr naõ embaraça,
Nem a ſubtil aſtucia he cobardia;
E ſabendo, que entaõ a ſorte eſcaça
O Caſtello de carnes mal provia,
Huma noite lhe fiz lançar defronte
Algumas vacas no viſinho monte.

LXXII.

E mandando marchar alguns Soldados
Com cautela, ſegredo, e diligencia
A ganhar os rochedos, que chegados
O Forte tem do monte na eminencia,
Lhe dei ordem, que nelles alojados
Eſperaſſem da ſórte a providencia,
E que vendo patente alguma entrada
A ganhaſſem com furia accelerada:

LXXIII.

Que eu em tanto de ſitio competente
Acudiria prompto, e vigilante,
Com ſoccorro mayor de armas, e gente,
A ſegurar-lhe o paſſo vacilante;
E ſendo tudo obrado promptamente
Com zêlo puro, com valor conſtante,
Foi tambem ſuccedida eſta interpreza,
Que foi recuperada a Fortaleza.

Tive

LXXIV.

Tive logo noticia, que chegára
A Badajóz com grande companhia
Caſtanheda Varaõ de fama clara,
Que encontrar-ſe comigo pertendia;
E quando o meu cuidado ſe prepara
A cumprir-lhe o deſejo, que trazia,
Por hum trombeta manda inſinuar-me,
Que no dia ſeguinte vem buſcar-me.

LXXV.

Reſpondi-lhe, que eu tinha prevenido
Eſcuſar-lhe o trabalho da jornada,
Que junto a Badajóz foſſe ſervido
Receber a viſita inſinuada;
E com eſta reſpoſta deſpedido
O trombeta; naquella madrugada
Sahi de Elvas com toda a minha gente
A cumprir a palavra promptamente.

LXXVI.

Naõ madrugáraõ tanto os Caſtelhanos,
Porque o recado naõ acreditavam;
Fundados na vangloria, e nos enganos,
Que as vantagens das forças lhe inſpiravaõ;
Mas recebendo agora os deſenganos
Pela voz das trombetas, que eſcutavaõ,
Pelas portas ſahindo da Cidade,
Se vêm moſtrando em grande quantidade.

Fo-

LXXVII.

Foraõ logo cumpridos cabalmente
De huns, e outros os votos fervoroſos,
Caſtelhanos, e Luſos igualmente
De provar-ſe parecem cubiçoſos:
Eu buſquei Caſtanheda attentamente
Entre os ſeus Capitaens mais valoroſos;
Mas naõ pôde lograr o meu cuidado
Aquelle encontro de ambos deſejado.

LXXVIII.

Accendeo-ſe nos peitos arrogantes
De hum, e outro partido a chama activa
Da raiva Marcial, que os fulminantes
Peſados golpes mutuamente aviva;
Qual ſe ajuda das forças importantes,
Qual da deſtreza, que o valor cultiva,
Qual fere venturoſo, qual ferido
Vingar procura o golpe recebido.

LXXIX.

Mas durou eſte ardor pequeno eſpaço
Nos Caſtelhanos peitos, que cedendo
Pouco, e pouco ao valor do Luſo braço,
Para os muros ſe foraõ recolhendo;
Nós os fomos ſeguindo, em quanto o paſſo
Achou livre o valor, athé que tendo
Encerrados de todo na muralha,
Para o campo voltámos da batalha.

Neſ-

LXXX.

Neſte campo poſtados novamente,
Eſtivemos de fronte da Cidade
Largo tempo, por ver ſe aquella gente
Tentaria da ſórte a variedade;
Mas conhecendo em fim bem claramente,
Que naõ tinhaõ da offerta já vontade,
Nos recolhemos, conduzindo ufanos
Por troféo vinte preſos Caſtelhanos.

LXXXI.

Igual ſoberba, e menos valentia
Encontrei em Sarmento, outro famoſo
Capitaõ de Caſtella, que regia
Hum corpo de Heſpanhoes mais numeroſo;
Eſte, e outros, que em ſua companhia
Se ajuntáraõ no Crato, onde raivoſo
Caſtanheda chegou do máo ſucceſſo,
Da vingança ſe empenhaõ no progreſſo.

LXXXII.

E confiados orgulhoſamente
Na vantagem das forças, que mandavaõ,
Julgando intimidar-me indignamente
Com ameaços vaons, que publicavaõ;
Me dirige Sarmento huma inſolente
Indecoroſa carta, em que ſe achavaõ
Mais injurias, que letras, e a confia
De hum Soldado, por quem me deſafia.

Hu-

LXXXIII.

Huma eſpada por gage da batalha,
Pelo meſmo me envia, e me convida,
A que pouco diſtante da muralha,
A viſita lhe acceite offerecida;
Accreſcentando mais, que elle trabalha
Por faze-la taõ breve, que duvida
Receber já reſpoſta do recado,
Se naõ dentro no campo inſinuado.

LXXXIV.

Naõ fiz caſo da carta, que naõ tinha
Por eſcripto reſpoſta congruente,
Eſperando de dar-lhe, na viſinha
Occaſiaõ do combate, a competente;
Reſpondi-lhe ſómente, que eu convinha
Na propoſta viſita, e que patente
Lhe faria no campo, cára a cára,
Quanto daquella carta me obrigára.

LXXXV.

E com eſta reſpoſta deſpedido
O portador da carta, ſatisfeito
Igualmente do termo comedido,
Que do firme valor do Luſo peito,
Paſſei ordem, que tudo prevenido
A qualquer invaſaõ, qualquer effeito,
Ou da força, ou da aſtucia, a toda a hora
Nos podeſſe encontrar dos muros fóra.

LXXXVI.

Com effeito partido o menſageiro,
Chegou logo noticia, que marchando
Deſde Arrayólos, com furor guerreiro
Vinha Sarmento o campo devaſtando;
E fazendo-ſe á viſta verdadeiro
Brevemente eſte aviſo, fui poſtando
A minha gente fóra da muralha,
Diſpoſta toda em fórma de batalha.

LXXXVII.

Mas foi eſte proſpecto ſó baſtante
A ſuſpender taõ fortes ameaços;
Sarmento taõ feróz, taõ arrogante
Naõ ſe atreve a provar os Luſos braços:
Confuſo pára, e logo vacilante
Eſperando da noite os embaraços,
Della ſe vale para a retirada,
Sem chegar a tirar no campo a eſpada.

LXXXVIII.

Deſcarregou com tudo os ſeus furores
Sobre os pobres paizanos deſarmados,
Commettendo mil roubos, mil horrores
Pelos povos, que achou deſamparados;
Sobre os gados, e bens dos lavradores
Foraõ todos ſeus golpes fulminados,
E com eſtas façanhas ſatisfeito,
Para a Praça de Almada foi direito.

Era

LXXXIX.

Era Governador daquella Praça,
E nella tinha a ſua reſidencia,
Depois que pôde em fim a fórte eſcaça
Aparta-la da Luſa obediencia,
E nella agora à cuſta da deſgraça
Dos paizanos, com torpe providencia
Se encerrou carregado de deſpojo,
Que podera cauſar vergonha, e nojo.

XC.

Foi-me logo preſente o grave damno,
Que a Provincia ſoffrera deſte inſulto;
Mas já quando ſe achava o Caſtelhano
Nos fortes muros torpemente occulto,
Com tudo fez o eſtrago deshumano
Na minha indignaçaõ taõ grande vulto,
Que a peſar do trabalho, e do perigo,
Aſſentei de lhe dar algum caſtigo.

XCI.

E ſabendo, que a Praça de Palméla
Sinco legoas diſtante ſó de Almada,
Que o partido ſeguia de Caſtella,
Mais por força, que affecto regulada;
Com menos attençaõ, menos cautela,
Da guarniçaõ ſe achava mal tractada,
Com ajuda de alguns dos habitantes
A quiz livrar dos ferros dominantes.

XCII.

E ſendo taõ feliz eſta interpreza,
Que chegar, e vencer naõ teve meyo;
Sendo viſta a bandeira Portugueza
No caſtello, primeiro que o receyo,
Outro golpe tentei, outra ſurpreza
Fulminar ſobre Almada, em cujo ſeyo
Deſejava vingar os féros damnos,
Que Sarmento cauſou nos Tranſtaganos.

XCIII.

Com effeito marchando occultamente
Entre as ſombras da noite, acompanhado
De huma boa porçaõ da minha gente
Com diverſos pretextos diſfarçado,
Abandonada a eſtrada competente,
Por naõ ſer dos contrarios obſervado,
Com varias contramarchas encoberto
Appareci em fim de Almada perto.

XCIV.

Porém já neſte tempo o Sol brilhante
Pelas portas do Oriente apparecia,
E nos muros, e campo circunſtante,
Qualquer objecto a viſta diſtinguia;
E ſendo condiçaõ taõ importante
Para lograr o fim, que pertendia
O ſegredo da marcha cautelloſa,
Logo julguei a ſórte duvidoſa.

Mas

XCV.

Mas por naõ ver fruſtrado inteiramente
Todo o trabalho deſta diligencia,
E naõ voltar o roſto indignamente
A' face do perigo, e reſiſtencia;
Em quanto a guarniçaõ confuſamente
Do Caſtello diſpoem a providencia,
A's entradas da Villa me adianto,
Onde mais fluctuava o horror, o eſpanto.

XCVI.

Alli era o clamor dos habitantes,
O ruido das armas, e Soldados
Taõ confuſos, que os ecos penetrantes
Os ouvidos deixavaõ atroados;
Mas a peſar dos gritos diſſonantes,
A peſar de mil golpes alternados,
O valor Portuguez abrio entrada
Pelas ruas da Villa perturbada.

XCVII.

Acudiaõ com tudo os Caſtelhanos
A cada paſſo com mayor deſvelo;
Mas a furia dos golpes Luſitanos
Mais reparo naõ tinha, que o Caſtello;
Nelle em fim ſe recolhem, nelle os damnos
Preſenceiaõ da Villa, que o mais bello,
Mais luſtroſo deſpojo nos guardava
Nos cavallos, e armas, que encerrava.

Alli

XCVIII.

Alli vi Caſtanheda; mas agora
De encontrar-me naõ tanto cubiçoſo,
Pois apenas me aviſta, ſem demora
Se retira com paſſo indecoroſo;
Igual temor a muitos mais devóra,
Cujo nome no Mundo era famoſo;
Só Sarmento naõ vi, dizem que eſtava
Entaõ no campo, aonde ElRey ſe achava.

CXIX.

Outra vez a Palméla recolhido,
Alli me deu hum voſſo menſageiro
Huma carta, na qual ſendo ſervido
De fazer-me ſaber o verdadeiro
Eſtado da Cidade, era incumbido
De paſſar deſta parte, em ſom guerreiro,
Para achar-me na voſſa companhia
Na glorioſa acçaõ, que ſe emprendia.

C.

Poucas vezes, Senhor, na minha vida
Tive goſto mayor: O meu affecto,
O zêlo Portuguez, a fé devida
A' Naçaõ, a grandeza do projecto,
Tudo me inflamma, tudo me convida
Com taõ viſtoſo, taõ briſhante aſpecto,
Que naõ creyo, que as glorias mais formoſas
Poſſaõ ter attracçoens mais poderoſas.

Deſe-

CI.

Deſejei partir logo; mas devia,
Segundo a meſma carta me ordenava,
Novo aviſo eſperar do ſitio, e dia,
Que para a grande acçaõ ſe deſtinava,
E quando a dilaçaõ já mal ſoffria
Da noticia, que tanto me tardava,
Outro aviſo me chega acelerado
De ſer o cerço em fim abandonado.

CII.

Naõ pude reſiſtir á força unida
Do alvoroço, do goſto, e da ſaudade,
Que me obriga, me incita, e me convida
A paſſar deſta parte da Cidade;
E ſuppoſto, que certa, e bem ſabida
Reſtava a principal difficuldade,
Da paſſagem do rio, que guardada
Se achava do poder de toda a Armada.

CIII.

O fogo da payxaõ, que em mim ſe accende,
Naõ ſe apaga com ſopros de receyo;
Que he bem froxo o deſejo, que ſe rende
A's torpes ſugeſtoens do medo feyo;
E como o meu projecto ſó depende
Do meu riſco, ſem grave damno alheyo,
O primeiro batel, que achei vaſio
Me deu os meyos de paſſar o rio.

Ca-

CIV.

Cabia nelle muito pouca gente,
Nem eu quizera grande companhia;
Mas fazendo jornada taõ contente,
Quiz trazer inſtrumentos de alegria;
E paſſando no meyo da corrente,
Quando apenas a aurora deſcobria
Os primeiros fulgores, que mal davaõ
Huns indicios da luz, que annunciavaõ.

CV.

Vendo o grande ſocego, que na Armada
Dos contrarios reinava, ſem cautela
Dormindo a gente allî taõ ſocegada
Como ſe o rio foſſe de Caſtella,
Lhe fiz dar de repente huma alvorada,
Pelas minhas trombetas, com taõ bella,
Taõ venturoſa ſórte, que ſem damno
Deixei tudo no ſuſto mais tirano.

CVI.

E buſcando com prompta diligencia
O dezejado pôrto, o Céo piedoſo
Concede á minha viva impaciencia
Na voſſa viſta o fim mais venturoſo;
Permitta agora a ſua providencia,
Que o meu zêlo vos ſeja proveitoſo,
E que em voſſo ſerviço, e deſte Eſtado
Poſſa ver-ſe o meu nome acreditado.

Aſſim

CVII.

Assim fallava Nuno, e novamente
Do Defensor nos braços apertado
A resposta recebe competente
Com justas expressoens de nobre agrado;
E recolhidos ambos juntamente
A mais proprio lugar, mais retirado,
Allî por varias vezes examinaõ
Varios pontos de guerra, que combinaõ.

FIM DO CANTO VI.

A LIBERDADE.

CANTO VII.

ARGUMENTO.

EM quanto Nuno entretinha o Defenſor, alguns Capitaens obſervárão da parte dalém do rio hum combate, de que não podérão bem notar as circunſtancias, e ſómente parecia não ſer entre muita gente; mas dando conta diſto ao Defenſor, eſte ſe inquieta extraordinariamente e quer, que paſſe algum dos Capitaens mais atrevido, á parte oppoſta a ſaber a qualidade do caſo: Nuno ſe offerece, e havendo paſſado, lhe envia hum menſageiro, que declara, que o caſo obſervado fora huma eſcaramuça entre alguns Soldados de Nuno, e alguns Caſtelhanos, que excoltavão ſinco preſos, e huma Dama. Alvoraça-

roça-se muito mais o Defensor, manda aprom-ptar gente, embarca, e marcha sobre Almada, para onde lhe disseraõ, que os Castelhanos levaraõ os presos. No Rio declara o Defensor a Vasconcellos a suspeita, que tem de que a prisioneira seja a bella Ignez. Conta-lhe os amores, que teve com esta Dama, e os embaraços, que teve com seu Pay. Chega a Almada, toma a Villa, e acha dentro a bella Ignez; conta esta os seus successos, e se inflamma novamente o Defensor, tanto no seu affecto, que se descuida dos negocios mais importantes; mas o Genio Tutelar de Portugal, que receya as consequencias desta paixaõ do Principe, lhe prepára hum avîso por meyo de hum sonho. Descreve-se a habitaçaõ dos sonhos, e se declara a differença delles. Expõem-se a representaçaõ do sonho do Defensor, e a sua explicaçaõ, em que se apontaõ as glorias de Portugal em todas as quatro partes do Mundo. Cede a paixaõ do amor á paixaõ pela gloria no coraçaõ do Defensor, que em fim recolhe a bella Ignez em hum Convento, e prosegue a gloriosa empreza da defensa do Reyno.

A LIBERDADE

CANTO VII.

I.

EM tanto, que durava a conferencia
Dos dois Heroes, que o peſo ſuſtentavaõ
Dos negocios da Patria, e na prudencia
Naõ menos, q̃ em valôr, ſe avantajavaõ;
Alguns dos Capitaens, que a confidencia
Mais ſegura do Chefe deſfructavaõ,
E nos ſeus embaraços acudiaõ
A' direcçaõ dos caſos, que occorriaõ.

Ha-

II.

Havendo attentamente examinado
Alguns fortes, e poſtos importantes;
Donde bem ſe obſervava o rio armado,
E naõ menos as terras circunſtantes,
Em hum ſitio naõ muito deſviado
Do caminho de Almada, fulminantes
Armas vêm rutilar, confuſamente,
Correr Cavallos, combater-ſe gente.

III.

Mal podem diſtinguir-ſe as circunſtancias
Do combate; mas bem ſe reconhece,
A peſar dos enganos das diſtancias,
Que hum partido ſobre outro prevalece,
Naõ ſe enculca de grandes importancias
Qualquer dos dois, no vulto, que apparece;
Mas o furor, que nelles reluzia
Algum caſo bem grave promettia.

IV.

Qual ſeja aquelle caſo, ou qual partido
O favor da fortuna desfructava,
O mais vivo deſvelo, o mais creſcido
Naquelles Capitaens eſtimulava;
Mas o paſſo do rio defendido
Pela Armada inimiga, embaraçava
Examinar com mais fiel certeza
Do preſente ſucceſſo a natureza.

Em

V.

Em tanta confuſaõ embaraçados,
O Defenſor procuraõ cuidadoſos,
A quem fazem ſaber os obſervados
Movimentos, e paſſos duvidoſos;
E ſendo os ſentimentos elevados
Daquelle coraçaõ, taõ generoſos,
Que o perigo maior, mais manifeſto
Já mais pôde alterar-lhe o firme geſto.

VI.

Eſte pequeno caſo, eſte incidente
Taõ natural naquella conjunctura,
Que podéra julgar-ſe indifferente
A' fórte principal da guerra dura,
Commove agora taõ tiranamente
Aquella alma ſublime, que procura
De balde disfarçar o grande aballo
Com que eſta relaçaõ pôde agitalo.

VII.

Que paſſe logo quer, á parte oppoſta
Algum dos Capitaens mais deſtemidos,
Com ordem de enviar prompta reſpoſta
Sobre aquelles encontros mal ſabidos;
Porém Nuno, que tinha já diſpoſta
A vontade a partir, e prevenidos
Os meyos da viagem, ſe offerece
A mandar-lhe a noticia, que apetece.

VIII.

E partindo com prompta diligencia;
Brevemente chegou hum menſageiro,
Que ſe abona de ter certa ſciencia
Do principio do caſo verdadeiro;
Mas como o Defenſor tanta impaciencia
Moſtra neſte negocio, quer, primeiro
Do que explique o ſucceſſo, ſer levado
A' preſença do Principe adorado.

IX.

Allî chegádo, e delle recebido
Com moſtras de alvoroço, e de bondade;
Por Soldado de Nuno conhecido,
E por homem de esforço e de verdade
Pelo Principe meſmo requerido,
Que fallaſſe com toda a liberdade,
Diante do concurſo illuſtre, e fórte
Principia a dizer-lhe deſta fórte.

X.

Vós, Senhor, já ſabeis, que a Luſa gente,
Que o grande Nuno trouxe ſobre Almada,
Depois do grande caſo, e da valente
Expediçaõ de todo conſumada,
Em quanto o General eſteve auſente,
Em Palméla ficou aquartellada,
E que pelos contornos diſcorria
Em pequenas patrulhas cada dia.

Hum

XI.

Hum deſtes pois, que havia huma partida
Pela eſtrada de Almada adiantado
Os ſeus paſſos, e tinha já vencida
Mais de meya diſtancia, hum miſturado
Rumor de gente, e brutos, que convîda
A maior attençaõ foi eſcutado
De hum caminho viſinho, que embocava
No meſmo, que a partida entaõ levava.

XII.

O Commandante deſta por cautela,
Bem que adornado de valôr auguſto,
Receando, que foſſe de Caſtella
Algum corpo de Tropas mais robuſto,
Da eſtrada ſe apartou; mas junto della
Dois Soldados deixou de menos ſuſto,
Que podeſſem occultos ſem perigo
Reconhecer as forças do inimigo.

XIII.

E ganhando com ſabia providencia
Hum boſque mais eſpeſſo, e naõ diſtante,
Que encoberto ficava da imminencia
De hum outeiro, que havia dominante,
Deixou ordem, que a toda a diligencia
Qualquer dos dois Soldados, que o ſemblante
Obſervaſſe da gente, que paſſava,
Lhe levaſſe a noticia, que eſperava.

XIV.

Eu fui, Senhor, hum deſtes dois Soldados,
A quem coube por ſórte aquelle empenho,
E por iſſo dos riſcos obſervados
Certeza mais cabal, mais clara tenho:
Eſtava-mos os dois já ſocegados
Cadaqual por detráz de hum gróſſo lenho
De azinheira, cobertos da verdura
Das eſtêvas, carraſco, e ſylva dura.

XV.

Quando pelo caminho prevenido
Apparecem quarenta Cavalleiros,
Que armados todos vém de aço luzido
Em cavallos ſoberbos, e guerreiros;
No meyo trazem quaſi ſem ſentido,
Huma Dama com ſinco priſioneiros,
Que alguns peoens armados vem cercando
A deſmayada Dama ſuſtentando.

XVI.

Fazia compaixaõ a maltratada
Reſpeitavel belleza, em quem apura
Neſte meſmo deſar de deſmayada,
Os ſeus mais ricos dons a formoſura:
A téz mimoſa, a péle delicada
Hé mais clara, que a neve na brancura,
O nariz, bôca, frente, e ſobrancelhas
Só na copia de Venus tem parelhas.

As

XVII.

Às desmayadas faces conservando
Hum resto só da pura côr de rosa,
Na candura o deliquio equivocando;
A faziaõ mais bella, mais formosa;
Os dourados cabellos fluctuando
Pelas costas, e cinta melindrosa,
Luzida emulaçaõ ao Sol fazendo,
Eraõ risco naõ menos estupendo.

XVIII.

Mas naõ era de todo descoberto
O thesouro das graças mais brilhantes;
Onde o poder de Amor seguro, e certo
O preço tinha das paixoens amantes;
Os olhos finalmente havendo aberto,
Da sua luz os rayos penetrantes
Entre agrado, viveza, e composlura
Mostraõ todo o valôr da formosura.

XIX.

Os olhos abre em fim, que ao Ceo levanta,
Os olhos; porque as maons ligadas tinha,
Que a fereza dos guardas era tanta,
Que em tyranas prisoens atada vinha;
E como quem do estado vil se espanta,
Que taõ pouco por certo lhe convinha,
Exalando hum suspiro magoado,
Desta sôrte accusava o duro fado.

LIVRARIA JOÃO III COIMBRA

XX.

„ Que crime foi o meu, ou qual delicto
„ Huma fraca mulher deſamparada
„ Póde fazer das armas no conflicto,
„ Que deva deſta ſórte ſer tractada?
„ Eu por ventura a fama ſolicito
„ De Amazona feróz? Eu fui achada,
„ Ou no Campo veſtida de armas fortes,
„ Ou nos congreſſos concitando mortes?

XXI.

„ Eu tive algum preſidio, alguma praça
„ Entregue a meu cuidado? Alguma gente
„ Sujeita ás minhas ordens, com que faça
„ Hum partido na guerra competente?
„ Deu-me algum ſenhorio a ſórte eſcaça?
„ Algum poder? Ou fez-me algum valente
„ Capitaõ, de quem poſſa o peito fórte
„ Fazer da guerra vacillar a ſórte?

XXII.

„ Se o ſer fiel á Patria, em que naſcida,
„ Em que educada fui, ſe o ſer conſtante
„ Nos primeiros affectos, na devida
„ Obſervancia da fé me dá baſtante
„ Cauſa para a ruîna, e perſeguida
„ Sou ſómente por ſer perſeverante
„ Em taõ nobres cuidados, que tormentos
„ Guarda o Ceo para peitos fraudulentos?

Ah,

XXIII.

„ Ah, meu Principe, e quando penſaria
„ A tua firme Ignez, que o teu amparo
„ Algum dia faltar-lhe poderia
„ Nas ſuas affliccoens! Se o fado avaro
„ Alguma vez.....„ Mas como proſeguia
Na ſua marcha o ſom já menos claro
Da doce vóz perdido na diſtancia,
Fruſtrou em fim a minha vigilancia.

XXIV.

Partimos promptamente a dar avîſo
Eu, e meu camarada ao Commandante,
Que julgou naõ ſó juſto; mas preciſo
O deſpique de acçaõ taõ petulante;
E querendo evitar o prejuizo
De qualquer dilaçaõ, no meſmo inſtante
Manda marchar do monte pela volta
A pequena partida á redea ſolta.

XXV.

Com effeito chegamos juſtamente
A ganhar o caminho deſejado,
Quando vinha por elle a eſtranha gente
Apparecendo a paſſo ſocegado:
Naõ ſófre mais a furia impaciente
Do noſſo Commandante arrebatado;
A elles, grita, e ſem fazer demora
Hum dos contrarios pôz da ſella fóra.

Ou-

XXVI.

Outro, e outro depois, em breve eſpaço;
Igual fórte tiveraõ, nem deixára
Cavalleiro na ſella o fórte braço,
Se no terceiro a lança naõ quebrára;
Mas naõ moſtra menor deſembaraço,
Depois que na maõ toma a eſpada clara;
Pois cada golpe féro, que fulmina,
Ou deſpedaça, ou mata, ou arruîna.

XXVII.

Seguimos todos com vontade acceſa
Do Commandante os paſſos valoroſos;
Cada qual quer moſtrar naquella empreza
Quanto valem ſeus brios generoſos;
A compaixaõ incîta a fortaleza,
Anîma a dôr os peitos bellicoſos;
E da Dama infelîz a ſórte dura
Emmendar, ou vingar qualquer procura.

XXVIII.

Dos primeiros encontros vaõ rodando
Pelo campo naõ poucos inimigos,
E da eſpada nos fios vaõ provando
Nada menos funeſtos os caſtigos;
Mas em quanto ſe via fluctuando
A victoria no meyo dos perigos,
Do numero maior embaraçada,
E do Luſo valôr ſolicitada.

XXIX.

Alguns dos Cavalleiros incumbidos
Do cuidado dos preſos, ou zeloſos
Da ſua ſegurança, enfraquecidos
Vendo dos ſeus os peitos duvidoſos,
Para os muros de Almada conhecidos
Se dirigem com paſſos cuidadoſos,
E na praça recolhem por cautela
Os ſinco preſos, com a Dama bella.

XXX.

Naõ ſofre o Defenſor, que mais profiga
Na triſte relaçaõ o menſageiro;
Porque a viva paixaõ, que n'alma abriga,
Lhe accende a chama do furor guerreiro;
Naõ tem ſocego em quanto naõ caſtiga
Deſacato taõ féro, e taõ groſſeiro;
E julga por deſár qualquer demóra
Na vingança, que o peito lhe devóra.

XXXI.

Qual a brava leóa, a quem roubára
Atrevido paſtor algum filhinho,
Em qnanto delle auſente procurára
O ſuſtento, que tráz ao vago ninho,
Furioſa do damno, que obſervára,
Bramindo parte, e ſegue no caminho
Do roubador os paſſos, que no muro
Da cabana ſe julga já ſeguro.

Tal

XXXII.

Tal o fórte Varaõ enfurecido
Na noticia do caſo laſtimoſo,
Havendo nos ſignaes reconhecido
A Dama, que o rigor ſofre aleivoſo,
Das ſuas afflicçoens enternecido,
E na vingança dellas furioſo,
Seguir quer, a peſar dos embaraços,
Dos inimigos para Almada os paſſos.

XXXIII.

Apromptar manda a toda a diligencia
Armas, embarcaçoens, e provimentos;
Porque a gente ſe aliſta á competencia;
Taes eraõ da Naçaõ os ſentimentos.
Felizmente, por alta providencia
Da fortuna, que ajuda atrevimentos,
Em quanto dos preparos ſe tractava,
O maior embaraço ſe acabava.

XXXIV.

Porque as Náus Caſtelhanas, que ancoradas
Eraõ do Tejo no formoſo ſeyo,
E da guarda do rio encarregadas,
A paſſagem cobriaõ de receyo;
De repente das prayas apartadas,
Sem que poſſa accuſar-ſe impulſo alheyo,
Humas atráz das outras, ſem demóra,
Se vaõ nadando pela barra fóra.

Paſ-

XXXV.

Paſſa o rio já livre de perigos
O grande Defenſor, acompanhado
Do zêlo nobre dos fieis amigos,
E de hum corpo de Tropas bem armado;
Mil eſtragos medita, mil caſtigos
Em vingança do caſo relatado,
E com vozes, e premios liſonjeiros,
A diligencia anîma dos remeiros.

XXXVI.

Mas em quanto do rio na corrente,
Em ſocego forçoſo, ſe occupava
Nos motivos da raiva impaciente,
Que o bravo coraçaõ lhe devorava,
Vaſconcellos, que mais attentamente
Os diverſos affectos lhe obſervava,
E lograva conſtante no ſeu peito
Da mais pura amizade o doce effeito.

XXXVII.

Pretextando com zelo generoſo
De cuidado fiel, de affecto puro,
O natural deſejo ambicioſo
De penetrar myſterio taõ eſcuro;
Com inſtancia lhe pede obſequioſo,
Que lhe queria dizer, ſe o fado duro
Algum riſco maior lhe repreſenta,
Com que o ſeu fórte peito ſe atormenta.

Ah!

XXXVIII.

Ah! reſponde ó Varaõ, e quanto engana
Huma apparencia van da fortaleza!
Tu me crês fórte, e toda a dôr tyrana,
Que me atormenta, naſce da fraqueza:
Bem ſei, que eſta expreſſaõ talvez profana
A minha gloria; mas a natureza
Naõ iſenta os Heróes da triſte ſórte
De huma cega paixaõ, mais que elles fórte.

XXXIX.

Deva-me o teu affecto a confidencia,
Que a ninguem mais fizera. Eu amo amigo;
E amo cegamente: huma imprudencia
Foi origem talvez do meu perigo;
Mas hoje he honra pura, he já decencia
O cuidado, que ſinto; e no caſtigo,
Com que vingar de Amor offenſas tracto,
Cumpro o dever do brio mais exacto.

XL.

Tu ſabes, que eu vivi baſtantes annos
Nas terras, que de nós divide o Téjo,
Em quanto as diſſençoens dos Caſtelhanos
Naõ deraõ mais aſſumpto ao meu deſejo:
Allî bem livre de odios inhumanos,
A que o briga das armas o manejo
Em paſſeyos, em jogos, e caçadas,
Tinha todas as horas occupadas.

XLI.

Hum dia de prazer, que os moradores
De Veiros, com fervor ſolemniſavaõ,
Nas Igrejas com Hymnos de louvores,
E nas praças com feſtas, que ordenavaõ;
Attrahido das vozes, e clamores,
Que eſta grande funçaõ annunciavaõ,
Paſſei áquella Villa, bem alheyo
Do mal, que me guardava no ſeu ſeyo;

XLII.

Mas apenas na praça disfarçado
Entre maſcaras mil, procuro attento;
Dar á viſta o recreyo coſtumado,
Das bellezas no vaſto luzimento,
Quando logo me ſinto arrebatado
Dos poderes do mais felîz portento;
Que em debuxos de graça, e gentileza
Pôde idêar a ſabia natureza.

XLIII.

Bem defronte do ſitio, em que eu me achava,
Eſte raro prodigio apparecia,
E na graça, e decôro, que oſtentava,
No reſpeito os agrados confundia;
Huma nuvem de nácar moderava
Os exceſſos da luz, que difundia;
Porque em cortina de brocado envolta
Nem de todo ſe prende, nem ſe ſolta.

Eu

XLIV.

Eu naõ pertendo agora retratar-te
Aquelle auguſto mageſtoſo vulto,
De cujas perfeiçoens a menor parte
Excede a força do pincel mais culto;
A luz da idea, os primores da arte
Naõ ſaõ capazes de taõ nobre indulto,
E mais que empenho, fora ſacrilegio
Pertender taõ ditoſo privilegio.

XLV.

Quero ſó, que tu poſſas no conceito
De huma egregia completa formoſura,
Deſculpar as fraquezas do meu peito,
Perdoar-me os exceſſos da ternura;
Se tu já foſte ás leys de Amor ſujeito,
Facilmente o farás, e ſe taõ dura
He tua condiçaõ, que amor naõ ſente,
Que ſentirá nos males de outra gente.

XLVI.

Mas ſeja como for, eu ſei que expoſto
A'-viſta deſte aſſombro de belleza
Me ſenti tranſportar de paſmo, e goſto,
De alvoróço, de ſuſto, e de fraqueza;
Deſejava de hum taõ brilhante roſto
De mais perto notar a gentileza;
Mas hum timido pêjo me prendia,
E nem dar hum ſô paſſo me atrevia.

Im-

XLVII.

Immovel, qual eſtatua hum largo eſpaço
Neſte eſtado paſſei; porém vencendo
Os primeiros receyos do embaraço,
Foi o deſejo os ſuſtos excedendo;
Ouſado me adianto, e nada eſcaço
Me foi o fado entaõ; porque antevendo
Quantos males Amor me prevenia,
Quiz fazer-me mimoſo neſte dia.

XLVIII.

Pois chegando debaixo da janella,
Que taõ rico theſouro em ſi guardava,
Da liberdade uſando, e da cautela,
Que o diſfarce da maſcara abonava,
Pude notar naõ ſó da Nympha bella
O brilhante explendor, que me encantava;
Mas gozar a maior felicidade
Da ſua vóz na doce ſuavidade.

XLIX.

Acabou de encantar-me inteiramente
A ſua gravidade, o ſeu juizo,
A mimoſa pronuncia, a vôz cadente,
O gracioſo olhar, o doce riſo,
E ſobre tudo o eſtylo competente
A's materias, que tracta, ora conciſo,
Ora grave, ora alegre, e ſempre nobre,
Onde a graça, e decencia ſe deſcobre.

Apar-

L.

Apartei-me dallî ſem liberdade,
E ſem ſaber quem della me privava;
Porque o nome, a vivenda, a qualidade
Deſte aſſombro fatal, tudo ignorava;
Mas querendo informar-me da verdade,
Como os paſſos Amor me encaminhava,
Antes de ſe acabar de todo a feſta,
De tudo tinha idéa manifeſta.

LI.

De Pedro Eſteves, hum dos mais honrados
Moradores de Veiros, era filha
Eſta illuſtre belleza, e celebrados
Seus dotes naturaes por maravilha,
Ignez era o ſeu nome, a quem proſtrados
Os dourados farpoens Amor ſe humilha,
Porque na vóz da fama era conſtante,
Ser nada menos fera, que brilhante.

LII.

Mil coraçoens inutilmente acceſos
Dos ſeus olhos nas luzes ſe abraſáraõ,
Mil alvedrios, ſem arbitrio preſos,
A ſeus pés cegamente ſe proſtráraõ;
Mas ſómente rigóres, e deſpreſos
Por fructo dos ſeus votos alcançáraõ,
Sem que entre tantos hum ſómente houveſſe,
Que a mais leve attençaõ lhe mereceſſe.

Eſta

LIII.

Eſta meſma altivez, eſta fereza,
Que podera ſervir de deſengano
A meus nobres deſvelos, na certeza
De hum peito duro, hum coraçaõ tyrano;
Foi maior incentivo da firmeza
Dos meus votos ardentes; porque o damno
Padecido dos mais, me promettia
Maior gloria no riſco, que emprendia.

LIV.

Naõ te poſſo contar as diligencias,
Os trabalhos, deſvelos, e cuidados,
Penas, ſuſtos, deſgoſtos, contingencias,
A que foraõ meus cultos obrigados;
Baſtará ſó ſaber, que as conſequencias
De exceſſos taõ fieis, taõ porfiados,
Foraõ por fim taõ doces, taõ ditoſas,
Quanto as primiſſias foraõ trabalhoſas.

LV.

Algum tempo vivemos desfructando
Mutuamente do Amor os goſtos puros;
Em ſuave deſcuido aproveitando
Da ſorte varia os mimos mal ſeguros;
Mas o tempo feliz paſſa voando,
Por decreto fatal dos fados duros,
Eſte tempo paſſou, e deſta gloria
Só ficáraõ as ſombras na memoria.

LVI.

Já duplicado fructo occultamente
O noſſo amor havia produzido,
Sem que foſſe de Ignez o Pay ſciente
Deſte commercio ás luzes eſcondido;
Mas teve em fim ſuſpeita, e claramente
Soube parte do caſo ſuccedido,
Com que o ſeu nobre alento, ſem tardança,
Os caminhos buſcou para a vingança.

LVII.

Era Eſteves honrado, e naõ queria
Huma injuria vingar com outra injuria
Lavar ſim com meu ſangue pertendia
O decóro da filha, a propria incuria;
Mas hum fraco aſſaſſinio parecia
Indecente exercicio á ſua furia,
E com mais nobre idêa o ſeu deſgoſto
Deſafogo buſcou mais bem diſpoſto.

LVIII.

Sabendo, que eu paſſava incautamente,
Por hum ſitio naõ muito frequentado,
Sem companhia alguma, e taõ ſômente
Das ordinarias armas adornado,
Aſſaltando-me nelle de repente,
Com o ferro na maõ já preparado
Me expôem a ſua queixa, e com a vida
Que pague quer a offenſa commettida.

Diſpuſ-

LIX.

Diſpuſ-me a defender-me, e foi forçoſo
Servir-me bem das maons aquelle dia,
Contra as iras de hum homem valoroſo;
Que em deſpique da honra combatia;
Mas ſe naõ mais valente, mais ditoſo
O meu braço ſahio neſta porfia,
Porque hum golpe tirado com ventura
Lhe fez beijar por força a terra dura.

LX.

Julgou-ſe morto Eſteves, mas eu vendo
A victoria ſegura, e taõ barata,
E naõ menos tambem reconhecendo,
Que he valente quem vence, naõ quem mata;
A maõ lhe dando, aſſim lhe fui dizendo,
Levantai-vos, naõ queira a ſorte ingrata
Que eu cometta a villeza de matar-vos
Quando chego indefeſo a contemplar-vos.

LXI.

Ficou immovel, mudo, e penſativo
O bravo Eſteves por hum largo eſpaço
Depois de levantar-ſe, hum incentivo
Sendo de outro incentivo eſtorvo, ou laço;
Offendido ſe achava; e vingativo
O brio de furor lhe armava o braço;
Mas devia-me a vida, e naõ queria
Ser tyrano com quem lha concedia.

LXII.

Venceo em fim no ſeu honrado peito
A virtude a paixaõ, e dominado
Da vingança feroz o duro effeito,
Aſſim fallou valente, e ſocegado.
O Ceo naõ quer, que eu ſeja ſatisfeito,
Seja aſſim, viverei injuriado,
Mas naõ hei de intentar ſer homicida,
De quem cortez poupou a minha vida.

LXIII.

Aſſim dizendo, com feroz ſemblante
As coſtas me voltou precipitado,
Deixando-me ſuſpenſo, e vacilante
Entre mil confuſoens embaraçado:
Depois na voz da fama foi conſtante
Haver-ſe occultamente retirado
Neſte dia da Villa, e conduzido
A bella Ignez a ſitio naõ ſabido.

LXIV.

Neſte tempo por ordem de Fernando
A' Corte fui chamado, e brevemente
A guerra ſe rompeo, arrebatando
Toda a minha attençaõ eſte incidente;
E ſupoſto que Amor no peito brando
Acceſa conſervaſſe a chama ardente,
O deſejo da gloria, a que aſpirava,
A melhor parte d'alma me occupava.

Seguio-

LXV.

Seguio-ſe logo á guerra o caſamento
Da Raynha de Heſpanha, e logo a morte
De Fernando, da qual o ſentimento
Inda agora me cauſa a dôr mais forte;
Depois della, tu tens conhecimento
Dos apertos crueis da minha ſorte,
E bem vês, que mal poſſo ter ſabido
O deſtino de Ignez qual tenha ſido.

LXVI.

Mas pela relaçaõ deſte ſoldado,
Que a noticia nos deu da gentileza
Daquella priſioneira, o meu cuidado
Preſume ſer Ignez a Dama preſa;
Agora julga tu ſe intereſſado
Devo ſer no ſucceſſo deſta empreza,
E ſe juſto motivo tenho agora,
Para a céga affliccaõ, que me devora.

LXVII.

Aqui na ſua hiſtoria internecido
O namorado Principe chegava,
Quando foi por hum grito interrompido,
Que Marcial feſtejo annunciava;
Era clamor da gente, procedido
De conhecer, que á terra já chegava,
Com que todos ſe encheraõ de alvoroço,
Superado do rio o largo foſſo.

LXVIII.

Diſpoz-ſe o deſembarque promptamente ;
Aproveitando aquelle ardor brioſo ,
Que he das victorias ordinariamente
Quaſi certo preſagio venturoſo ;
E taõ activo foi , taõ diligente
O valor dos ſoldados furioſo ,
Que por chegar á praya , que buſcavaõ ,
Muitos delles nas aguas ſe arrojavaõ.

LXIX.

Foraõ todos marchando , em diligencia
Sobre a Villa , que logo foi entrada ,
E rendida ſem grande reſiſtencia ,
Sendo pelo preſidio abandonada ;
Porque a gente da terra a preſiſtencia
Deſejando moſtrar da fé guardada ,
A peſar das deſgraças neſte dia
A ditoſa interpreza ſoccorria.

LXX.

Ganhada a Praça , ſocegada a gente ,
Senaõ ſocega o peito cuidadoſo
Do namorado Principe , impaciente
De deſatar o laço rigoroſo ,
Que opprime a bella Ignez , e naõ conſente
O ſeu nobre deſvelo attencioſo
Celebrar hum triunfo , em quanto chora
Perdida a liberdade o bem , que adora.

Manda

LXXI.

Manda vir da priſaõ, em que gemiaõ
Na fortaleza em ferros opprimidos
Todos, quantos os damnos padeciaõ
Dos Caſtelhanos odios procedidos;
E como os mais do caſo naõ ſabiaõ
Os amantes myſterios eſcondidos,
Vaſconcellos amigo, e confidente
Neſta acçaõ ſe moſtrou mais diligente.

LXXII.

Partio correndo, como quem buſcava
O mais bello troféo deſta victoria,
Para o Principe amante, em quem notava
Nada menos paixaõ de amor, que gloria;
E como o beneficio conſervava
Da confidencia impreſſo na memoria,
Deſejava pagar-lhe em diligencia,
A fineza daquella complacencia.

LXXIII.

Voltou em fim alegre, e acompanhado
Dos preſos todos, entre os quaes ſe via
Rodeada do povo alvoroçado,
Marchar a bella Ignez, que difundia,
A peſar do rigor daquelle eſtado,
Taõ brilhante fulgor, que a luz do dia
Naõ he mais agradavel, quando apura
Os ſeus rayos rompendo a noite eſcura.

Sahio

LXXIV.

Sahio a recebe-la enternecido
O magnanimo Principe, occultando
Nos disfarces de hum genio agradecido,
As finas attençoens de hum peito brando;
Porém logo depois de haver cumprido
Este publico objecto, desejando
Dar mais livre exercicio a seus affectos,
A Vasconcellos disse os seus projectos.

LXXV.

E procurando aquelle confidente
Satisfazer-lhe o gosto, com cautela,
Despedido o concurso brevemente
Pôz na sua presença a Dama bella:
Alli qualquer dos dois taõ vivamente,
Em ternuras amantes se desvela,
Que só quem já provasse hum tal effeito,
Pôde delles formar justo conceito.

LXXVI.

Mil cousas mutuamente os dois amantes
Se perguntavaõ, mil se respondiaõ,
E mil vezes nas mais interessantes,
Com diversas questoens, se interrompiaõ;
Mas passados em fim alguns instantes
Naquelle doce enleyo, em que se viaõ
Confusos os sentidos; os progressos
Assim contou Ignez dos seus successos.

Depois

LXXVII.

Depois daquelle triſte, infauſto dia,
Em que meu Pay, ſabido o noſſo tracto,
Lavar com voſſo ſangue pertendia
O manchado eſplendor do meu recato,
Buſcando-vos no Campo, e na porfia
Sendo mais infeliz, foi taõ ingrato
Para mim ſempre o fado, que o ſemblante
Já mais vî da alegria hum ſó inſtante.

LXXVIII.

Por meu Pay conduzida occultamente
Fui com cautela tal a huma herdade,
Que nem da propria caſa a meſma gente
Teve mais de fallar-me a liberdade;
Aſſim paſſei tres annos, lentamente
Conſumindo em chorar a minha idade,
Athé que as irrupçoens dos Caſtelhanos
Fizeraõ recear maiores damnos.

LXXIX.

Entaõ meu Pay, que mais me naõ fallára
Deſde o ponto fatal do ſeu enfado,
E que a barba tambem já mais cortára,
Depois de ſe julgar injuriado;
Podendo nelle mais da Patria chara
O verdadeiro amor, que o genio irado,
Entrando no meu quarto, ſem que ouviſſe
Outra peſſoa alguma, aſſim me diſſe.

Ignez

LXXX.

„ Ignez os teus delictos saõ taõ feyos;
„ Que me accusaõ da falta do castigo;
„ Mas se a fortuna me embaraça os meyos,
„ Nem por isso me abate o brio antigo;
„ Algum dia a pesar destes enleyos
„ O Ceo mais liberal será comigo,
„ Mas agora convém, que a minha furia
„ A' Patria sacrifique a minha injuria.

LXXXI.

„ Os Castelhanos, contra a fé jurada
„ Nos solemnes Tractados, tem rompido
„ A promettida paz, e declarada
„ A guerra contra o Reyno enfraquecido
„ Pela falta de Rey, e pela errada
„ Fórma do seu governo dividido
„ Em partidos contrarios, que impugnando
„ Huns a outros se vaõ debilitando.

LXXXII.

„ A gente mais amante, e mais zelosa
„ Da liberdade, e gloria Portugueza,
„ Segue o Mestre de Aviz, que agora gosa
„ De Defensor dos povos a grandeza,
„ E supposto, que a honra escrupulosa
„ Deva delle apartar-me, a natureza
„ Do negocio me obriga, a que prefira
„ O publico interesse á propria ira.

Nesta

LXXXIII.

„ Neſta Provincia Nuno a liberdade
„ Defende da Naçaõ, e favorece
„ Os intentos do Meſtre, que a Cidade
„ De Lisboa por Chéfe reconhece:
„ Eu pertendo partir com brevidade
„ A ſervir no ſeu Campo, e me parece,
„ Que tu ſó ficas bem, de tua Tia
„ Da Villa de Portel na companhia.

LXXXIV.

Aſſim ſe fez; mas logo a Fortaleza,
Por culpa da mulher do Commandante,
Tomou voz por Caſtella, e da villeza
A Villa toda fez participante;
Naõ por goſto do povo, que a triſteza
Bem ſe via de todos no ſemblante;
Mas pela ſujeiçaõ, que lhe cauſava
A guarniçaõ, que os muros occupava.

LXXXV.

Eu conhecendo em muitos moradores
A repugnancia deſta obediencia,
Fundada ſimpleſmente nos temores
De alguma mais funeſta contingencia,
Lamentando com elles os rigores
Deſta dura oppreſſaõ, e com prudencia
Tentando de alguns delles os affectos,
Os diſpuz a favor dos meus projectos.

Eraõ

LXXXVI.

Eraõ eſtes privar os Caſtelhanos
Da poſſe de Portel, e metter nella
Outra vez os expulſos Luſitanos,
A peſar dos preſidios de Caſtella;
Mas ſendo taõ temiveis os enganos,
Em materia taõ grave, eſta cautela
Suſpendeo largo tempo o meu cuidado,
Sem tomar confidente declarado.

LXXXVII.

Achava-ſe em Portel, de tempo antigo,
Hum Sacerdote Portuguez zeloſo
Da honra da Naçaõ, que o ſeu perigo
Deſpreſava com peito generoſo
Em obſequio da Patria, e por caſtigo
Contava aquelle jugo injurioſo
Dos Heſpanhoes; por cujos ſentimentos
Só delle confiei meus penſamentos.

LXXXVIII.

Eſte ganhou com varias diligencias,
Grande parte da gente, e disfarçando
Com pretexto de algumas dependencias
Huma breve jornada, deſpreſando
De hum taõ grave perigo as conſequencias;
A Evora paſſou, onde informando
Nuno deſte negocio; concertada
Deixou com elle a empreza projectada.

Foi

LXXXIX.

Foi ella com tal arte conduzida,
Com tal ſegredo, com taõ boa ſorte,
Que a peſar da muralha defendida
De hum poder grande, de hum preſidio forte,
Foi a gente de Nuno introduzida
Dentro da Villa, ſem cuſtar-lhe a morte
De hum ſó Soldado, ſendo mais goſtoſa
A victoria por menos trabalhoſa.

XC.

Porém antes que foſſe inteiramente
Ganhada a Fortaleza, foi ſabido
Dos Caſtelhanos, como a Luſa gente
Convidada do povo tinha ſido;
E que eu fora motora, ou confidente
Daquelle occulto tracto, introduzido
Por meyo da jornada, que affectára
O Sacerdote, a quem o confiára.

XCI.

Com eſta indignaçaõ naõ ſe atrevendo
A vingar-ſe de todos; procuráraõ
Em mim deſcarregar o golpe horrendo
Da ſua raiva, e preſa me leváraõ,
Com mais ſinco peſſoas; mas temendo
Os furores de Nuno, ſe apartáraõ
Das eſtradas de Heſpanha, e quiz a ſorte,
Que eſta Praça elegeſſem por mais forte.

Aſſim

XCII.

Assim fallava Ignez, e transportado
O Principe de gosto, e de ternura,
Novamente no peito namorado
Sente crescer de amor a força dura;
Qual incendio, que em cinzas sepultado
Algum tempo se occulta, e desfigura;
Mas com mais furia as chamas multiplica,
Se inflamavel materia se lhe applica.

XCIII.

Tal no peito do Principe escondido
O fogo da paixaõ impetuoso,
De cuidados, e sustos opprimido,
Ausente ardia menos luminoso;
Mas de novo nos olhos accendido
Da bella Ignez, se inflamma furioso,
E nas chamas, que atêa a luz tyrana,
Da prudente cautela o véo profana.

XCIV.

A Lisbôa passou; mas igualmente
Ignez passou tambem, que a paixaõ viva
De qualquer dos amantes naõ consente
Provar mais da distancia a pena esquiva:
Allî suave, mas inutilmente
Nos vaons desvelos, que este ardor motiva
Entretido do Principe o cuidado,
De tudo o mais vivia descuidado.

Mas

XCV.

Mas o Genio, que tem da Luſa terra
A direcçaõ por ſorte, e que zeloſo
Aſſiſte a ſeu governo em paz, e guerra,
Sempre conſtante, ſempre officioſo,
Vendo quanta paixaõ no peito encerra
O claro Defenſor, e que forçoſo
Seria corromper-lhe o grande alento
A duraçaõ daquelle encantamento.

XCVI.

Querendo precaver os triſtes damnos,
Que hum taõ grave deſcuido ameaçava
A's nobres pertençoens dos Luſitanos,
Que o Ceo taõ favoravel abonava;
Na meſma eſcura fragoa dos enganos
Hum aviſo fiel lhe preparava,
Pelo meyo de hum ſonho, que em figura
Lhe moſtraſſe da gloria a face pura.

XCVII.

Ha na caſa do Sôno hum apoſento
Vaſto, eſpaçoſo, porém mal formado,
Sem luz, ſem ordem, ſem repartimento,
De indigeſtas materias fabricado;
Altas torres lhe ſervem de ornamento
Feitas de fragil vidro, mas lavrado
Com taõ irregular, taõ varia norma,
Que a luz nellas em ſombras ſe transfórma.

As

XCVIII.

As paredes ſe adornaõ do edificio
Dos mais altos troféos da gloria humana;
Confundidas, com raro deſperdicio,
As inſignias da ſorte mais ufana,
As Tógas, e Baſtoens no fronteſpicio
Pendentes livremente a maõ profana,
E Tiaras, e Ceptros; mas ſómente
Hum momento toca-los ſe conſente.

XCIX.

Igualmente os metaes mais precioſos,
As mais luzidas pedras, mais brilhantes;
Ouro, prata, topazios luminoſos,
Eſmeraldas, ſafiras, e diamantes
Por varias partes moſtraõ ſumptuoſos
Deſperdicios, theſouros arrogantes;
Mas promptamente os muda, e deſfigura
Hum toque de razaõ livre, e ſegura.

C.

De outro lado ſe moſtraõ rodeadas
As paredes de objectos formidaveis,
Deſgraças fêyas, afflicçoens peſadas,
Riſcos funeſtos, odios implacaveis,
Lobos crueis, Serpentes enroſcadas,
Tigres féros, Leoens inſaciaveis,
Tudo allî ſe deviſa, mas a tudo
Hum ſô rayo de luz ſerve de eſcudo.

Cep-

CI.

Spectros disformes, espantosos vultos,
Giganteseas figuras, monstros feyos,
Errantes almas, corpos insepultos
Se vêm girar em rapidos passeyos;
Mas igualmente vaons os seus insultos,
Igualmente saõ vaons os seus enleyos,
Porque todo o terror, toda alegria
He sómente illusaõ da fantasia.

CII.

Neste aposento o Sôno tem guardado
Os filhos, que lhe pare a Noite escura,
Que Sônhos dos mortaes foraõ chamados,
Entes de varia côr, varia figura;
De enganos taõ sómente alimentados,
O fingimento he sua composturá;
Mas entre estes tambem a Divindade
Sônhos guarda, que nutre de verdade.

CIII.

Hum destes pois, que o Genio bem conhece
Entre a turba dos Sônhos ignorantes,
Por verdadeiro Sônho, e que merece
Ser correyo de avisos importantes,
Da prisaõ solta, e manda, que viesse
Visitar o Varaõ, que dos amantes
Desvelos todo o peito tinha cheyo,
Athé do Sôno no quieto seyo.

Vem

CIV.

Vem o Sonho voando, e toma aſſento
Sobre a meſma almofada, em que reclina
A cabeça o Varaõ, e no apoſento
Mil engenhoſas fabricas maquina,
Figuras finge, finge ſentimento
Nos fantaſticos vultos, que illumina;
Porque os ſonhos ou bons, ou falſos ſejaõ,
Fingem qualquer figura, que deſejaõ.

CV.

Quatro Damas de corpo agigantado,
De côr, figura, e trajes differentes,
No proſpecto de hum campo dilatado,
Julgava o Varaõ claro ver preſentes;
Huma dellas, que quaſi rodeado
O tinha de ſeus braços reverentes,
E mais bella de todas parecia
Na côr, ſemblante, e traje, que veſtia,

CVI.

De Tiaras, e Ceptros guarnecida
A clara fronte tinha, e ſuſtentava
Hum vaſo de Amalthea, que em florida
Confuſaõ a maõ bella equivocava;
Roupas de rica ſeda entretecida
De ouro fino, que a prata matizava,
Lhe ſerviaõ de adorno; mas no geſto
Dava de dôr indicio manifeſto.

Que

CVII.

Outra se via hum pouco mais distante,
De côr escura, de feiçoens grosseiras,
De grandes membros, de feróz semblante;
De acçoens soltas, e pouco lisonjeiras:
A cabeça adornava de hum Turbante;
O corpo meyo nú, e nas ligeiras
Maons hum arco trazia, e copia clara
Do metal, que idolatra a gente avára.

CVIII.

A terceira mais longe apparecia,
Dama gentil, mimosa, e delicada,
Que no terno melindre bem se via,
Ser a brandas delicias costumada;
Rica, vistosa touca lhe cingia
Os formosos cabellos, matizada
De peregrinas plumas, onde o vento
Se recreava em doce movimento.

CIX.

A garganta de perolas formosas
Rodeada mostrava; os pès, e braços
De brilhantes, e pedras preciosas
Ligados todos com custosos laços,
Roupas vestia ricas, e pomposas
Bordadas de ouro; e feitas em pedaços
Aromaticas plantas sustentava
A bella maõ, que o preço lhe augmentava.

CX.

Da figura da quarta mal divîſa
A luz dos olhos, turva nas diſtancias,
Mais que a grande eſtatura, que indeciſa
Deixa a viſta nas ſuas circunſtancias:
De côr baça parece, e na preciſa
Compoſtura taõ livre de jactancias,
Que de folhas, e penas taõ ſómente
Cobre parte do corpo, e cinge a frente.

CXI.

Mas a peſar daquelle traje inculto,
A peſar deſtas moſtras de pobreza,
Nas maons ſe obſervaõ do diſtante vulto
As mais raras inſignias da riqueza:
Enlaçados, e juntos em tumulto
Os mais mimoſos dons da natureza
Alli ſe viaõ, pedras precioſas,
Ricos metaes, e fructas ſaboroſas.

CXII.

Taes eraõ das matronas apparentes
Os ſimulados vultos, taes as bellas
Inſignias, que oſtentavaõ; mas patentes
As moſtras do peſar, em todas ellas
Se deixavaõ notar, athé que ardentes
Suſpiros exalando, e ſem cautelas
Soltando triſtes vozes, entoáraõ
Altos gritos, que o Principe acordáraõ.

Rom-

CXIII.

Rompia neſte tempo a luz do dia
As funebres priſoens da ſombra eſcura,
E nos primeiros rayos difundia
Sobre os mortaes os dons da chama pura;
Larga o Principe o leito, a fantaſia
Occupada do ſonho, e mal ſegura
Dos myſterios, que encerra, e que pertende
Ancioſo entender, mas naõ entende.

CXIV.

A Barrocas expôr o ſeu cuidado
Determina, com pio penſamento,
Da virtude nas luzes confiado,
Que he da ſciencia o firme fundamento;
Mas o Genio, que o tempo accommodado
A' concluſaõ notou do ſeu intento;
De Barrocas mudado na figura,
Lhe apparece naquella conjunctura.

CXV.

E depois que o Varaõ lhe communica
Toda a ſerie do ſonho portentoſo,
As matronas lhe pinta, o traje explica,
As diſtancias, e grito pavoroſo;
Com repetidas ancias lhe ſupplica,
Que lhe interprete o caſo duvidoſo,
E lhe diga ſe deve deſpreſa-lo,
Ou por alto prodigio reſpeita-lo.

CXVI.

Eu venho, diz o Genio, conduzido
Por impulsos do Ceo a procurar-te,
Que das tuas franquezas condoído
Quer de mais feyos erros libertar-te;
Por mim serás, se queres, instruido
Nos emblemas do sonho; mas guardar-te
Deves de provocar o Ceo clemente,
Que nem sempre será taõ paciente.

CXVII.

As mulheres, que viste, saõ figura
Das quatro divisoens da terra inteira,
Que bem, que hoje só tres a conta apura,
Outra tem nada menos verdadeira;
Aquella, que nos braços te segura,
Europa representa, que a guerreira
Lusa Naçaõ por meta reconhece
Na parte Occidental, onde fenece.

CXVIII.

Por isso nos seus braços te sustenta,
Como Mãy, que no seyo te creára,
E das tuas franquezas se lamenta,
Porque a mais altos fins te destinára;
Ella tinha no brio, que te alenta,
E na prole, que o fado te prepára,
A mais alta esperança; e se lastima
De ver, que Amor teus brios desanima.

A que

CXIX.

A que pouco diſtante ſe moſtrava
De ſemblante feroz, e mal veſtida;
Africa ardente alli ſignificava,
Terra de gente inculta, e deſabrida;
Contra ti juſtamente ſe indignava,
Porque ſendo-te a gloria concedida
Da conquiſta de terra taõ famoſa,
Amor te prende em rede vergonhoſa.

CXX.

Tu meſmo, contra ti ſeguramente
Te indignarias, ſe as futuras glorias
Podeſſes bem notar á luz fulgente,
Que há de accender a chama das victorias;
A mim, já por favor do Ceo clemente,
Algumas deſtas couſas ſaõ notorias,
E ſó por contemplar acçoens taõ bellas,
Mil graças dou a Deos, origem dellas.

CXXI.

A ſoberba de Ceuta já rendida
A's tuas armas vejo; vejo os braços
De teus netos, com furia repetida,
De outras Praças vencer os embaraços;
Alcacer forte, Arzîla defendida,
Azamor, Mazagaõ, dos torpes laços
Do Mauritano jugo libertadas,
A's Luſas Quinas vejo já proſtradas.

Cabo

CXXII.

Cabo Verde, Guiné, Angóla, e Mina,
Moçambique, Quiloa, com Mombaça,
E toda a negra Coſta, que illumina
O Sol viſinho, com luz nada eſcaſſa,
A' Luſa gloria vejo, que deſtina
Os mais claros trofeos; ſe huma deſgraça
Os naõ eſcurecer; mas proſigamos
Nas figuras do ſonho, que explicamos.

CXXIII.

A terceira, que adorno mais pompoſo
Em mayores diſtancias oſtentava,
Da fertil Aſia o nome glorioſo
Nas ſombras da viſaõ repreſentava;
Neſta parte do Mundo, o mais formoſo
Eſmalte á Luſa gloria preparava
A ſabia maõ do fado, e juſtamente
Teus indignos deſcuidos Aſia ſente.

CXXIV.

Ah! ſe podeſſes as acçoens preclaras
Dos vindouros ſaber; o nobre alento
De hum Gama, e de hũ Almeyda, as obras raras
De hũ Albuquerque, e hũ Cunha, o ſofrimento
De hum Maſcarenhas, e hũ Sylveira, as claras
Emprezas de hum Pacheco, o luzimento
Dos Ataîdes, Caſtros, e Menezes,
E de outros grandes nomes Portuguezes!

Ah!

CXXV.

Ah! ſe pudeſſes; .... mas a natureza
Dos miſeros mortaes já mais alcança
Entre as ſombras eſcuras da incerteza,
Dos incertos futuros a bonança;
Baſte, para animar-te na firmeza
De tanta gloria, a juſta confiança
Nos aviſos do Ceo, e com tal guia
Proſigamos do ſonho na porfia.

CXXVI.

A quarta das matronas, que encoberta
Em lugar mais eſcuro, que diſtante,
De folhas, e penachos mal coberta,
Oſtentava a riqueza mais brilhante;
Era neſta viſaõ imagem certa
De outra parte do Mundo, que ignorante
A deſconhece agora; mas que deve
Fazer nelle figura nada breve.

CXXVII.

Agora naõ tem nome, mas chamada
America ſera do nome claro
De hum ſabio Florentino, que a roubada
Gloria de hum Portuguez, por modo raro
Deixará, ſe naõ pura, bem vingada,
Fruſtrando felizmente o voto avaro
Da atrevida ambiçaõ de outro Eſtrangeiro,
Que há de aſpirar ás honras de primeiro.

Neſta

CXXVIII.

Neſta parte do Mundo tem guardado
A providente maõ da natureza
O ſeu maior theſouro deſtinado
Pelos fados á gloria Portugueza,
As pedras finas, o metal preſado
Por inſignia do fauſto, e da riqueza,
A cana doce, e as plantas mais formoſas
Alli teraõ as gentes cubiçoſas.

CXXIX.

Mas toda aquella luz, aquella gloria,
Que há de illuſtrar o nome Luſitano,
Depende do trabalho, e da victoria,
Da virtude, e valor mais ſoberano;
O teu ſe perde em diſtracçaõ notoria
Entre vans illuſoens de Amor tyrano,
E deſta ſorte podem ſer fruſtradas
Todas eſtas venturas eſperadas.

CXXX.

Se te naõ move o nobre ſentimento
Da tua propria gloria; ſe eſquecer-te
Podes tanto de ti, no abatimento,
A que Amor te reduz, poſſa mover-te,
Pelo menos o claro luzimento,
Que a teu ſangue ſe eſpera, e merecer-te
Poſſa em fim Portugal, que á ſua fama
Sacrifiques o fogo, que te inflamma.

Aſſim

CXXXI.

Aſſim fallou, e logo arrependido
O Varaõ do deſcuido, em que vivia;
A Barrocas abraça agradecido
A's ſantas inſtrucçoens, que lhe devia;
O Genio ſe retira; Amor vencido
Cede á gloria o lugar, que lhe impedia;
Em clauſura decente Ignez ſe encerra;
Proſegue com fervor a dura guerra.

FIM DO CANTO VII.

A LIBERDADE,
CANTO VII.

A LIBERDADE

CANTO VIII.

ARGUMENTO.

NAÕ ſatisfeito o Heróe de haver defendido Lisboa, pertende libertar todo o Reyno, e marcha ſobre Alenquer, que ſe lhe rende a partido; mas depois ſe torna a rebellar. O Defenſor a torna a ganhar, com Torres Vedras, Torres Novas, Sintra, Peniche, Leiria, e a maior parte da Provincia da Extremadura. A do Alemtejo ſegue já quaſi toda o ſeu partido. Na Beira muitos Lugares, e Villas lhe obedecem, com alguns de Tras os Montes. O Porto o ſerve, e algumas Praças do Minho ſe lhe rendem; mas vendo o Rey de Caſtella quanto ſe augmenta o partido do Deſenſor, e temendo, que os Portuguezes o acclamem ſeu Rey, pertende tirarlhe a vida, por meyo de huma traiçaõ, para que ſe vale do Conde de Traſtamara, que ſervia em Portugal. Deſcobre-ſe a traiçaõ ao Defen-

Defensor, que busca ao Conde só no campo, onde lhe declara a noticia, que tem do seu projecto, lhe offerece a commodidade para executar a sua commissaõ, e juntamente lhe afeya a sua perfidia, e o despede para Castella, sem querer vingar-se. Descobrem-se complices na traiçaõ alguns Fidalgos Portuguezes, de que huns fogem, outros se prendem; mas assustado o Reyno com estes perigos, pertende tomar mais prompta, e segura providencia sobre o Governo, e se ajuntaõ em Coimbra os Prelados, a Nobreza, e os Procuradores das Villas, e Cidades, para celebrarem Côrtes, a que vem assistir o Defensor, com os principaes Officiaes do seu Exercito, e junto á Cidade saõ recebidos por hum grande rancho de meninos, que clamaõ todos VIVA ElRey D. Joaõ. *Em quanto naõ chegaõ alguns Deputados dos lugares mais remotos, vai o Defensor gastar alguns dias na caça, e vai parar huma noite a casa de hum Cavalheiro, que vive retirado em huma Aldeia, chamado Camillo. Descreve-se Camillo, e a pratica que teve com o Defensor; as instancias do Principe, e resposta do mesmo Camillo. Despede se o Heróe hum pouco commovido das idéas Filosoficas; mas em sonhos lhe apparece a figura do Senhor D. Affonso, q̃ lhe expoem as glorias da Casa de Bragança, e animado de novo parte para Coimbra.*

A LIBERDADE

CANTO VIII.

I.

JÁ naõ conſente o brio Luſitano
Defender ſó Lisboa; já medita
Liberdade geral, já do tyrano
Eſtrangeiro dominio ſolicita
Evitar totalmente o triſte damno
No reſto da Naçaõ, e ſe habilita
Do grande Defenſor o nobre alento,
Para cumprir taõ alto penſamento.

Ma-

II.

Marcha ſobre Alenquer praça viſinha,
Que o partido ſuſtenta de Caſtella,
Como terra, que fora da Raynha,
Que o Genro introduzio na poſſe della;
E como a ſeus projectos naõ convinha
Fazer grande demora, por cautela,
Com partidos tentou primeiramente,
A Villa ſujeitar ſuavemente.

III.

Governava Camoens a Fortaleza,
Cavalheiro Heſpanhol bem conhecido,
Mas notado de alguma ligeireſa
Em mudar facilmente de partido;
E moſtrando por ſuſto, ou por deſtreza
Na preſença de riſco taõ creſcido,
Eſtimar a propoſta, em fim ſe rende;
Mas faltar brevemente á fé pertende.

IV.

Porque apenas as armas Portuguezas
Os muros de Alenquer deſaſſombráraõ,
E ſobre Torres Vedras mais acceſas
Da guerra as feras chamas ſe ateáraõ,
Quando Camoens com torpes ſubtilezas,
Que muitos dos ſeus meſmos reprováraõ,
Outra vez o partido Caſtelhano
Pertendeo preferir ao Luſitano.

Mas

V.

Mas eſte, e outros mais apaixonados
Pela cauſa de Heſpanha, que intentavaõ
Abater os troféos continuados,
Com que as Luſas emprezas ſe illuſtravaõ,
Serviaõ ſó de dar mais avultados
Eſmaltes ás victorias, que alcançavaõ,
Cada vez com ventagens mais famoſas,
Do Defenſor as armas glorioſas.

VI.

Porque a peſar dos grandes embaraços
Do poder Heſpanhol, e da porfia
De muitos Portuguezes, que entre os laços
Da ſervidaõ hum vil temor prendia,
Do grande Defenſor os fortes braços,
E dos ſeus parciaes a valentia
Triunfaõ ſem ceſſar por toda a parte,
Onde o vulto deſcobre o fero Marte.

VII.

Alenquer outra vez o jugo acceita,
Torres Vedras ſe rende, Sintra cede
A' força dos combates; já ſujeita
Se moſtra Torres Novas; já deſpede
Peniche os Caſtelhanos; já reſpeita
Leiria o Defenſor, e já ſe mede
Quaſi toda a Provincia com ſocego,
Deſde as margens do Tejo ás do Mondego.

Igual-

VIII.

Igualmente a Provincia, que se estende
Entre as agoas do Tejo, e Guadiana
Do Defensor a voz segue, e defende,
Contra o poder da gente Castelhana;
Da Beira a maior parte a fé lhe rende,
O Porto o serve, Chaves, com Vianna
Se sujeitaõ por força, com Linhares,
E varias outras Villas, e Lugares.

IX.

Mas vendo o Rey contrario quanto cresce
Cada dia o poder do Varaõ forte,
E como a Lusa gente lhe obedece
Despresando o castigo, o risco, a morte,
Temendo, que huma vez se resolvesse
A conferir-lhe em fim mais alta sórte,
Tirar-lhe a vida intenta ambicioso
Pelo meyo mais vil, mais horroroso.

X.

Andava em Portugal refugiado,
Por dissabores, que em Castella houvera,
Do mesmo Rey hum Primo, nomeado
De Trastamara Conde, a quem fizera
O Defensor mil honras, e abonado
Por prendas pessoaes de todos era
No Campo Lusitano, onde servia,
Com mostras de affeiçaõ, e valentia.

Des-

XI.

Deſte ſe vale o Rey para inſtrumento
Da traiçaõ vergonhoſa, que medita,
E perſuadir-lhe o torpe penſamento,
Com promeſſas, e rogos ſolicita;
Que mate o Defenſor hé ſeu intento,
Com disfarce de amigo: a tanto incita
Huma cega paixaõ precipitada,
Quando naõ hé por gloria motivada.

XII.

E ſendo facilmente convencido
O Conde das promeſſas, foi buſcando
Companheiros, de quem foſſe aſſiſtido
Nos perigos de empenho taõ nefando;
Nelle foi brevemente ſocorrido
Por Beça, e por Baldez, que militando
Em Portugal andavaõ, por cautela,
Como o Conde fugidos de Caſtella.

XIII.

Porém ſendo por todos ajuſtado
Matar o Defenſor em qualquer hora,
Que podeſſe encontrar-ſe deſcuidado,
Ou na propria barraca, ou della fóra,
Quiz o Conde, que o Rey foſſe aviſado
Deſte ajuſte por carta, e nella implora
Aſſiſtencia de gente, e Praça certa
Para depois da morte deſcoberta.

XIV.

Mas esta carta, ou fosse por desgraça,
Ou por culpa talvez do mensageiro,
Que com pouca cautela á vista passa
Da guarda de hum valente Cavalleiro,
Foi tomada bem perto já da Praça,
A que marchava, sendo prisioneiro
O portador, e logo confessado
O negocio de que era encarregado.

XV.

Por ella o Defensor foi instruido
Das feyas intençoens do Rey tyrano,
E do projecto infame, que emprendido
Havia o falso Conde Castelhano:
Mas tendo justamente concebido
Todo o devido horror daquelle engano,
Pôde mais no seu peito a bizarria,
Que a vingança, ou temor da aleivosia.

XVI.

Pois sabendo, que o Conde passeava
Do arrayal hum pouco separado,
Ou porque assim melhor aliviava
O desvelo cruel do vil cuidado,
Ou porque allî noticias esperava
Do portador, que havia despachado;
A'quelle mesmo sitio ousadamente
Se dirîge com animo valente.

XVII.

E disfarçando o justo sentimento
Com mostras de brandura, e de alegria,
Os obsequios do Conde acceita attento,
Que se apressa a fazer lhe companhia;
Mas depois que ambos sós, com vario intento,
Apartados se vêm, e já podia
Cada qual livremente, e sem disfarce
Da ventagem do sitio aproveitar-se.

XVIII.

O Defensor os passos suspendendo,
E voltando com gesto socegado
Para o perfido Conde, que entretendo
O hia do seu zêlo, e seu cuidado,
Assim lhe diz: Eu Conde conhecendo
As vossas intençoens, e confiado
Na discriçaõ, que o Ceo com vós reparte,
Quero de hum grave caso dar-vos parte.

XIX.

Eu sei quem infiél á minha vida
Traiçoens maquina com infame engano,
Abusando da honra, e fé devida
Com descredito seu, para meu damno;
Eu posso castigar este homicida;
Mas naõ quizera parecer tyrano;
Dizei-me vós o que em taõ grande aperto,
Imaginais acçaõ de mais acerto.

XX.

Dar-lhe morte cruel, lhe diz o Conde,
Naõ he ponto, que ſeja duvidoſo;
E a meſma morte apenas correſponde
A delicto taõ vil, taõ aleivoſo:
A tyrania ſó ſe accuſa adonde
He injuſto o caſtigo, ou ſuſpeitoſo;
Mas hum traidor, que offende a ſé ſagrada,
Toda a pena, que ſoffre he moderada.

XXI.

Vede bem, continúa o Varaõ fórte,
O que dizeis, o que me aconſelhais,
Que na ſentença, que dictais de morte,
A vós proprio talvez vos condemnais;
A mim, reſponde o Conde, e de que ſórte?
Pois acaſo, Senhor, imaginais,
Que eu poſſa ſer traidor? Se infamemente
Alguem o diz, eu moſtrarei que mente.

XXII.

Vós o dizeis, proſegue ſocegado
O Defenſor, a carta deſcobrindo,
Vede quem vos accuſa, e ſe informado
Eſtou bem das traiçoens, que andais ordindo;
Nós eſtamos em ſitio accommodado
Para o fim, que intentais, pois prevenindo
Eſte voſſo deſejo, eu meſmo venho
A dar prompta occaſiaõ ao voſſo empenho.

Aqui

XXIII.

Aqui me tendes só; dai cumprimento
A' vingança, que tendes promettido;
Que hum homem, como vós, para inſtrumento
De hum golpe occulto foi mal eſcolhido:
Iſto dizendo com brioſo alento,
Da cinta arranca o ferro eſclarecido,
E com elle na maõ eſpera ouſado
A reſpoſta do Conde rebellado.

XXIV.

Mas vendo, que emmudece, e que abatendo
Os olhos, qual de pedra eſtatua fica,
E perturbado do delicto horrendo,
Nem ſe defende, nem ſe juſtifica;
Com geſto irado o ferro ſuſpendendo,
Que penſais, lhe pergunta? aſſim ſe explica
Hum homem, como vós, quando arguîdo
He no Campo de haver mal procedido.

XXV.

Onde eſtá o furor, onde a arrogancia,
Que inculca eſte papel? Se a companhia
De Béça, e de Baldéz, he circunſtancia
Preciſa para o golpe; a cobardia
Faz mais feya a traiçaõ, e ſem jactancia,
Se ſouberem, que em vós falta ouſadia,
Qualquer delles dirá, que o ſeu alento
Era ſó quem vos dava atrevimento.

Con-

XXVI.

Conde ſe o voſſo zêlo, e o voſſo affecto
Por El-Rey de Caſtella, vos provoca
A ſer executor do ſeu projecto,
O riſco deſte empenho a vós ſó toca;
E ſe o temor vos fáz taõ circunſpecto,
Que as voſſas iras em peſares troca,
O Campo he livre agora, a eſtrada aquella,
Que vos póde guiar para Caſtella.

XXVII.

Pois ſe entre os Portuguezes for ſabida
A vil traiçaõ, a feya indignidade,
Com que intentaveis uſurpar-me a vida,
Naõ ſerá facil dar-vos liberdade:
Eu naõ quero vingança mais luzida;
Salvai-vos, ſe quereis, com brevidade:
Iſto dizendo as coſtas foi voltando,
E pela eſtrada o Conde foi marchando.

XXVIII.

Porém logo no Campo divulgada
Foi do Conde a fugida, e logo Béça
Suppondo a vil traiçaõ examinada,
De ſalvar-ſe tractou a toda a preſſa;
O meſmo quiz Baldéz; mas mal lograda
Foi deſte a diligencia; e ſendo expreſſa
A ſua culpa, logo foi punida
Com a pena de morte merecida.

Mas

XXIX.

Mas quando o Defenſor imaginava
Haver cortado o fio dos enganos;
Porque delles capazes ſó julgava
Os falſos coraçoens dos Caſtelhanos,
Se fez patente, que a traiçaõ graſſava
Entre alguns dos mais nobres Luſitanos,
E que della tractavaõ com ſegredo,
Dom Gonçalo, Dom Pedro, e Figueiredo.

XXX.

Dom Pedro ſegue logo os meſmos paſſos
Do Conde desleal para Caſtella,
Os outros dois temendo os embaraços
Da fugida, disfarçaõ por cautela;
Mas rôtos do ſegredo os cegos laços,
Facilmente o myſterio ſe revéla,
E conhecida a pertençaõ perjura
Foraõ metidos em priſaõ ſegura.

XXXI.

Cauſou geral horror eſte ſucceſſo,
Geral indignaçaõ na Luſa gente,
E fez accreſcentar com grande exceſſo
Da gloria Nacional o zêlo ardente;
Pois fazendo mais rapido progreſſo
No coraçaõ de todos, o prudente
Receyo de hum Governo eſtranho, e injuſto,
A providencia ſe éxaltou no ſuſto.

XXXII.

E congregados todos os Prelados,
Toda a Nobreza, e grande quantidade
De gente Popular, determinados
A tratar da ſuprema authoridade,
A' riſonha Coimbra ſaõ chamados,
Para mais regular ſolemnidade,
O Defenſor, e quantos Cavalleiros
O ſeguiaõ com fama de guerreiros.

XXXIII.

Mas chegando já perto da Cidade,
De meninos hum rancho copioſo,
Que em jogos proprios da innocente idade,
Se entretinhaõ no campo deleitoſo,
Correndo com gentil velocidade,
Encontrar vêm o Defenſor famoſo;
Todos juntos clamando em vóz feſtiva
Viva ElRey Dom Joaõ, Dom Joaõ viva.

XXXIV.

Nuno ſe anîma, o Defenſor adora
Da Providencia os paſſos, obſervando,
Como o ſucceſſo correſponde agora
A's palavras do Velho venerando;
Hum ſanto ſuſto o peito lhe devóra,
De Barrocas nas vozes contemplando,
Com quanta luz profetizou ſeguro
Os contingentes caſos do futuro.

XXXV.

E ſendo na Cidade recebido
Com moſtras de affeiçaõ, e de reſpeito,
E com publicos cultos aplaudido,
Do goſto univerſal notorio effeito,
A' morada Real foi conduzido,
Entre obſequios do povo ſatisfeito,
Que movîdo de impulſo mais que humano
O contemplava já por Soberano.

XXXVI.

Mas em quanto dos povos mais diſtantes
Alguns dos Delegados naõ chegavaõ
Para votar nos pontos importantes,
Que as attençoens de todos occupavaõ;
Por divertir deſvelos penetrantes,
Que o bravo coraçaõ lhe atormentavaõ;
Quiz o Varaõ da caça no exercicio
Fazer de algumas horas deſperdicio.

XXXVII.

E procurando os montes mais fragoſos
Da Provincia da Beira, onde eſperava
Lograr golpes mais bellos, mais viſtoſos
Nas bravas féras, que o paîz criava,
Proſeguindo os empenhos deleitoſos
Por diſtancia maior, do que penſava,
O ſurprendeo a noite em hum deſerto
De matos cheio, de arvores coberto.

XXXVIII.

A penas com trabalho, e diligencia
Pôde ganhar hum monte, donde alcança
A viſta já confuſa na apparencia,
De huma caſa, ou cabana a ſimilhança;
Naõ pôde diſtinguir com evidencia,
Ser apriſco, ou caſal; mas na eſperança
De haver caſa de gente allî viſinha,
A'quelle ſitio os paſſos encaminha.

XXXIX.

Hum paſtor o ſeu gado recolhia
Na ruſtica choupana, e perguntado
Se por eſtes contornos haveria
Alguma Villa, Aldeia, ou Povoado;
Lhe reſponde, que pouco diſtaria
Hum pequeno Lugar; mas ſe o cuidado,
Accreſcenta o paſtor, de achar abrigo
He quem vos move, a muito mais me obrigo.

XL.

Eu vos irei guiar a huma Quinta,
Onde achareis albergue mais ſeguro,
Bem que o corpo cançado mal conſinta
Andar deſcalço por caminho eſcuro;
Mas eu conheço a gente pela pinta,
Vós mereceis o bem, que vos procuro:
Aſſim fallando com groſſeiro eſtîlo,
O foi guiando á Quinta de Camillo.

Era

XLI.

Era Camillo cavalleiro honrado
Por naſcimento, e proprias qualidades,
Que de eſperanças vans deſenganado,
Se auſentára da Côrte, e das Cidades;
Neſte ſitio vivia retirado
Do tumulto do Mundo, e nas verdades
Da ſolida moral Filoſofia,
Os aggravos da ſorte divertia.

XLII.

Huma caſa ſem faſto, mas decente;
Hum adorno nem vil, nem precioſo,
Huma familia parca, mas contente,
Hum veſtido nem pobre, nem pompoſo;
Huma meſa modeſta, mas patente,
Hum proceder ſincero, e officioſo
O faziaõ a todos agradavel,
E nos viſinhos póvos reſpeitavel.

XLIII.

Chegado o Defenſor, foi recebido
Com civil attençaõ, com grande agrado;
E ſendo brevemente conhecido,
Com diſtinctos obſequios cortejado;
Camillo, que algum dia tinha ſido
Nos eſtilos da Côrte doutrinado,
Soube moſtrar no goſto, e no reſpeito
Do mais vivo alvoroço o claro effeito.

Alli

XLIV.

Alli paſſou a noite, e conhecendo
A candidez do genio de Camillo,
Alli paſſou dois dias entretendo
As horas todas por ſincero eſtylo;
Ora fructas, e flores eſcolhendo
Das meſmas plantas, ora o ſom tranquillo
Das fontes obſervando, ora a verdura
Do jardim, da campina, e da eſpeſſura.

XLV.

Mas neſtes meſmos ruſticos recreyos,
Nas hortas, nos jardins, e nos pomares,
Nos viveiros, nos boſques, nos paſſeyos,
E nos meſmos trabalhos mais vulgares
Notou o Defenſor alguns aceyos,
Algumas proporçoens particulares,
Que davaõ no ſeu tanto idéa clara
Do bom goſto, de quem as fabricára.

XLVI.

E combinado aquelle penſamento
Com varias reflexoens, que ponderava
Nas acçoens de Camillo, a quem attento
Deſde a noite primeira contemplava,
Sabendo que o ſeu claro naſcimento
A mais altos empregos convidava,
Naõ podia adaptar aquelle eſtado
A's idéas de hum homem cultivado.

Aſſim

XLVII.

Assim o disse por diversas vezes,
Censurando de inutil, e ociosa
Aquella vida, que entre os montanhezes
Desfructava Camillo em paz gostosa;
Dava razoens valentes, mas cortezes
Contra aquella inacçaõ indecorosa,
A que sempre Camillo respondia,
Que o seu destino mais naõ permittia.

XLVIII.

Mas huma noite, que mais vivamente
Foi notado do Principe guerreiro
Aquelle tom de vida de indecente,
Dos deveres de hum nobre cavalleiro;
Rompendo da cautela o vëo prudente,
Que occultava o motivo verdadeiro
Da supposta inacçaõ, em fim Camillo
Se resolve a fallar por este estylo.

XLIX.

Naõ queiras, naõ, meu Principe, as idèas
Formar dos homens pelos seus estados,
Que repetidas vezes saõ alhèas
As suas profissoens dos seus cuidados;
Estaõ os Tribunaes, e Tropas cheas
De Ministros venaes, fracos Soldados;
Lavra a rustica terra alguma gente
De peito puro, de animo valente.

Algum

L.

Algum tracta do publico intereſſe,
Que deſpreza no fundo do ſeu peito;
Outro, que penſar nelle naõ parece,
Sente talvez do zêlo o nobre effeito;
Hum negocios conduz, que naõ conhece;
Outro mais habil vive ſem conceito,
Hum alcança grandezas, que naõ buſca,
As diligencias de outro a ſorte offuſca.

LI.

Eu fui por largos annos combatido
De hum deſejo de gloria extraordinario;
E para ſer no Mundo conhecido,
Obrei quanto entendi ſer neceſſario;
Eſtudei, porém fui mal attendido,
No conceito da Côrte ſempre vario;
Quiz dedicar a Marte o meu ſocego,
Mas naõ pude nas armas ter emprego.

LII.

Deſenganado em fim, que naõ podia
Diſtinguir-me do Mundo no tumulto,
Que os meus nobres projectos abatia,
Com deſprezo fatal, com triſte inſulto;
Vendo como a fortuna aborrecia
Os ſacrificios deſte indigno culto,
Levado de hum ardor impaciente,
As coſtas lhe voltei groſſeiramente;

Deſte

LIII.

Deſte modo julguei, que me vingava
Dos ſeus cegos caprichos ignorantes,
Crendo, que as attençoens, que lhe negava;
Eraõ nos ſeus altares importantes;
Tanto naquelle tempo me cegava
O juvenil ardor, taõ arrogantes
Saõ os diſcurſos da primeira idêa,
Com que amor proprio a todos liſongea!

LIV.

Porém hoje, que o genio já maduro
Pelo decurſo de mais largos annos,
E pela luz de algum eſtudo puro
Sobre as paixoens mais proprias dos humanos;
Pode fazer juizo mais ſeguro,
Pode alcançar mais claros deſenganos,
Outras ſaõ as razoens, porque preſiro
A's grandezas do Mundo o meu retiro.

LV.

Sei, que os homens na ſumma Providencia
Tem o proprio deſtino aſſignalado,
E que a peſar de toda a diligencia
Devem cumprir os termos de ſeu fado;
Sei, que da ſorte a varia contingencia
Ninguem póde emendar acautelado;
Mas que tudo o que ordena o Ceo propicio,
He certamente em noſſo beneficio.

He

LVI.

He preciſo, que o Mundo ſe divida
Em varias condiçoens, que mutuamente
Se ſoccorraõ, e ajudem com devida
Proporçaõ no trabalho competente;
Naõ póde ſer a todos concedida
A diſtincçaõ de hum gráo mais eminente;
Mas pode cadaqual no ſeu eſtado
Alcançar dignamente hum nome honrado.

LVII.

O Monarca no Trono repartindo
A juſtiça nos póvos, que domina,
O General no Campo difundindo
O terror nas Provincias, que arruina,
O Miniſtro na Côrte diſcutindo
Os negocios, que a Patria lhe deſtina,
Todos ſaõ grandes, todos ſaõ famoſos
Se cumprem ſeus encargos glorioſos.

LVIII.

O Poeta, que em vivas apparencias
Retrata dos Heróes as acçoens claras,
O bom Hiſtoriador, que as evidencias
Das memorias conſerva mais avaras,
O Filoſofo douto, que as ſciencias
Explica, e adorna de noticias raras,
Tambem ſaõ grandes, tambem ſaõ louvados
Pela nobre attençaõ dos ſeus cuidados.

O

LIX.

O Cidadaõ, que educa dignamente
A familia, que á Patria sacrifica,
O Lavrador, que a terra diligente
Em proveito geral rompe, e fabrica,
O Artista, que á obra competente
A fim util, e justo se dedica,
Saõ tambem dignos, saõ tambem louvaveis
Nos seus mesmos trabalhos incansaveis.

LX.

Naõ saõ sómente as armas quem produzem
As honras, que os Varoens eternizáraõ;
Nem sómente a batalhas se reduzem
As acçoens, que seus nomes conservaraõ;
Varios meyos á gloria nos conduzem,
Que Alexandre, nem Cesar naõ gozáraõ
Mais constante respeito, mais sincero,
Doque goza Virgilio, e goza Homero.

LXI.

Em qualquer condiçaõ, qualquer estado,
Ou humilde, ou sublime, a gloria pura
Descobre a sua luz; hum peito honrado
A segue sempre na mayor altura,
Ou na mais baixa sorte, e o mesmo agrado,
A pesar da desgraça, ou da ventura,
Tem sempre nos seus olhos revestida
De nobre adorno, ou por si só despida.

LXII.

A virtude, que faz o fundamento
Neceſſario da gloria verdadeira,
Nem póde nas fortunas ter augmento,
Nem ſe abate na ſorte mais groſſeira,
Invariavel ſempre o ſentimento
Da honra pura, da verdade inteira
Regúla o coraçaõ do Varaõ forte,
Em qualquer condiçaõ da meſma ſorte.

LXIII.

Ama o Rey, ama a Patria, ama a Juſtiça,
Ama os ſeus ſimilhantes, e aborrece
Os inſultos, as fraudes, a cobiça,
A vil vingança, o ſordido intereſſe;
Deteſta o ocio torpe, a vã perguiça,
As intrigas infames naõ conhece,
Nem oſtenta ambiçaõ, nem deſalento,
A' ſua obrigaçaõ ſómente attento.

LXIV.

Satisfeito da ſorte concedida,
Nella vive goſtoſo, e ſocegado;
Nem inveja fortuna mais luzida,
Nem procura lugar mais ſublimado;
Nos ſeus proprios deveres entretida
Toda a ſua attençaõ, o ſeu cuidado
He ſómente obrar bem, e naõ repara
Nas cegas illuſoens da gente avara.

Em

LXV.

Em quanto a mim naõ tenho por caſtigo
Eſte modo de vida, que aqui paſſo,
Antes como favor do Ceo amigo,
Deſte eſtado me alegro, e ſatisfaço;
Aqui vivo mais longe do perigo,
Da deſordem, do engano, e do embaraço,
Com que as Côrtes enredaõ triſtemente
Hum peito puro, hum animo innocente.

LXVI.

Aqui naõ vejo o torpe fingimento
Do vil adulador, o feyo engano
Do traficante aſtuto, o ſoffrimento
Do triſte pertendente, o ar tyrano
Do ſoberbo Miniſtro, o deſalento
Do pobre deſpreſado, o geſto inſano
Naõ vejo do disfarce, com que ilinde
A falſidade os paſſos da virtude.

LXVII.

Aqui da propria côr da natureza
As paixoens ſe reveſtem, vêm-ſe os peitos
Nos ſemblantes pintados; a fraqueza
Apparece tremendo, os ſeus effeitos
Naõ encobre a vingança; e com pureza
Se annunciaõ deſpreſos, e reſpeitos,
Se manifeſta a boa, ou má vontade,
Os impulſos do odio, ou da amiſade.

LXVIII.

Aqui ſe paſſa o dia ſem cuidado,
Aqui a noute ſem temor ſe paſſa,
No puro, natural, ſincero eſtado,
Que o candido prazer naõ embaraça:
Aqui contemplo o campo matizado
De flores naturaes, com tanta graça,
Que o mais habil pincel já mais figura
Tantas côres diverſas na pintura.

LXIX.

Vejo naſcer a fonte graciosa,
O regato formar, que fertiliza
A viſinha campina deleitoſa;
Vejo como ſe augmenta, e formaliza
Já ribeira mais groſſa, e caudeloſa,
E rio em fim, que as margens tyraniza;
Vejo veſtir de folha o tronco bruto
Brotar a flor, e produzir o fructo.

LXX.

Vejo das plantas no fecundo ſeyo
Por deſtra maõ aberto ſubtilmente,
Creſcer, ſem repugnancia, o ramo alheyo,
Adornar-ſe de pomo incompetente;
Vejo romper a terra ſem receyo,
Pelo curvo inſtrumento, e brevemente
Cobrir de verde a face da lavoura,
Creſcer, e ſazonar-ſe a eſpiga loura.

Vejo

LXXI.

Vejo das aves, vejo dos inſectos
Os polidos trabalhos regulados
Por maõ da natureza, e taõ complectos,
Que podem ſer dos homens invejados;
Os curioſos ninhos, os ſecretos
Artificios dos fios delicados,
E os exemplos fieis, com que aconſelha
A próvida formiga, a ſabia abelha.

LXXII.

Vejo dos lavradores as fadigas,
Com agradaveis lucros alternadas;
Ouço dos pegureiros as cantigas,
Com ſylveſtre cadencia moduladas;
Obſervo de huns, e de outros as intrigas,
Sómente a fins honeſtos ordenadas;
E me entretenho em ver ſuas diſputas,
Suas trovas, ſeus jogos, ſuas lutas.

LXXIII.

Eu meſmo, neſtes jogos innocentes,
Neſtas diſputas vans, ruſticas trovas,
Incito emulaçaõ nos combatentes,
Miniſtro a ſeu deſvelo ideas novas;
Elles me ouvem ſinceros, e contentes,
E me rendem de amor goſtoſas provas,
Com verdadeiras moſtras de reſpeito;
Mas deſte em ſeu favor ſó me aproveito.

LXXIV.

Se ſuccede talvez que a venenoſa
Semente da diſcordia o fructo puro
Opprime da innocencia, ſe a raivoſa
Vingança, ou vil cobiça o vulto eſcuro
Aqui deſcobrem, logo a cuidadoſa
Providencia lhe applico, e lhe aſſeguro
A perturbada paz, ſem mais violencia,
Que moſtrar-lhe a razaõ com evidencia.

LXXV.

Eu reprimo com pura liberdade
Os orgulhos de alguns mais atrevidos,
Sem valer-me de mais auctoridade,
Que dos meus bons deſejos conhecidos:
Todos ſabem, que eu tracto com verdade
A todos igualmente; e convencidos
Deſte conceito, quaſi ſempre alcança
O meu arbitrio a ſua confiança.

LXXVI.

Já mais tomo partido, ou intereſſe
Nos negocios do povo, ou da juſtiça,
Eſta reſpeito, aquelle naõ merece
Os ſoccorros da luz, que deſperdiça;
Do poder da razaõ, que naõ padece
Os ultrajes da força, ou da cobiça,
Sómente me auctorizo, e neſte eſtado
Vivo contente, vivo ſocegado.

Mas

LXXVII.

Mas hum homem, que penſa nobremente,
Reſponde o Defenſor, naõ imagina
Ser naſcido no Mundo ſimpleſmente,
Para viver inutil; nem deſtina
Os ſeus talentos ocioſamente
A paſſar ſem cuidado: a honra enſina,
Que a Patria, que nos deu o naſcimento,
Pede de nós hum zêlo mais attento.

LXXVIII.

A honra, diz Camillo, he ſem diſputa
Inimiga do ocio; mas deteſta
Naõ menos as intrigas; quem eſcuta
Os ſeus dictames, nunca manifeſta
Repugnancia a ſervir; mas naõ tributa
Indecencias ao zêlo, e com modeſta
Diligencia, e trabalho ſe habilita
Para os cargos, mas naõ os ſolicita.

LXXIX.

Na verdade o caracter generoſo
De huma alma grande, de hum illuſtre peito,
Naõ ſe ſerve do eſtylo indecoroſo,
A que o genio da Côrte eſtá ſujeito;
Naõ rende hum culto infame, e vergonhoſo
A' liſonja; naõ vota o ſeu reſpeito
A's imagens indignas da vaidade,
Do favor, do poder, da dignidade.

Naõ

LXXX.

Naõ ſe ſujeita á cega irreverencia
De incenſar a perfidia, a tyrania,
A vil ingratidaõ, a inſolencia,
A torpeza, o engano, a hypocreſia;
Naõ ſe abate aos exceſſos da indecencia
De adular a familia, a companhia,
E ſervos dos Miniſtros; e ſem iſto
Nimguem pode dos Grandes ſer bemquiſto.

LXXXI.

Eu aſſiſtî na Côrte de Fernando
Alguns annos com firme penſamento
De render-lhe ſerviço, acreditando
A virtude por baſe, e fundamento;
Mas o tempo me foi deſenganando;
E depois de maior conhecimento,
Vî, que a virtude, a honra, e probidade
Naõ ſerviaõ allî de utilidade.

LXXXII.

O favor cegamente diſpenſava
Os deſpachos, e graças, ſem reſpeito
A coſtumes, ou prendas: quem lograva
Alguma protecçaõ, tinha direito
A quantas pertençoens ſolicitava,
Quem a naõ tinha, eſtava no conceito
De inutil, e incapáz dos beneficios,
Dos empregos, das honras, dos officios.

As

LXXXIII.

As intrigas, funeſta conſequencia
De hum Governo remiſſo, e deſcuidado;
Graſſavaõ ſem limite, e da indecencia
Das illuſoens o Solio era cercado:
A vil mentira, a cega complacencia,
A ſervil ſujeiçaõ, o deſcarado
Fingimento, e ambiçaõ mais importuna
Eraõ ſó os degráos para a fortuna.

LXXXIV.

O meu genio fiel, ſincero, e puro,
Apaixonado amante da verdade,
Naõ podia firmar paſſo ſeguro
Neſte abiſmo de horror, e falſidade;
Perdi-me ſempre neſte engano eſcuro,
Por ſeguir da razaõ a claridade,
Fui deſprezado, e hoje naõ me pêſa
Deſſe deſprezo, e deſta ſingeleza.

LXXXV.

Venturoſo mortal, que ſem inveja,
A tua ſórte julgas por ditoſa!
Exclama o Defenſor, o Céo te ſeja
Sempre propicio; o teu ſocego goza,
Pois que tanto te agrada: em ti ſe veja
Na conſtante alegria, e pas formoza
Hum exemplo felîz, de que a ventura
No deſprezo das honras ſe aſſegura.

Iſto

LXXXVI.

Iſto dizendo; nos robuſtos braços
Aperta de Camillo o puro peito,
E lhe aſſegura neſtes doces laços
Hum eterno penhor do bom conceito:
Communica-lhe os grandes embaraços,
A que o ſeu nobre emprego eſtá ſujeito;
E no reſto da noite largamente
Diſcorrem no paſſado, e no preſente.

LXXXVII.

Mas apenas os nitidos fulgores
Da matutina lúz ſe diviſáraõ,
E das aves os muſicos clamores,
A chegada da Aurora annunciáraõ,
O grande Defenſor, a quem maiores
Penſamentos o ſôno embaraçáraõ,
Deſpedir-ſe pertende, o beneficio
Agradecendo do ſincero hoſpicio.

LXXXVIII.

Quiz Camillo fazer-lhe companhia;
Mas o Varaõ illuſtre o naõ conſente,
E partindo com moſtras de alegria,
A Coimbra caminha diligente;
Mas occupada a clara fantaſia
Das raſoens de Camillo, e da prudente
Conducta, com que a ſua independencia
Dominava do fado a influencia.

Con-

LXXXIX.

Contemplando nos ſuſtos, e cuidados,
Nos perigos, e riſcos furioſos,
Nos trabalhos frequentes, e peſados,
Nos precipicios varios, e eſpantoſos,
A que eſtavaõ ſujeitos, e obrigados
Os ſeus grandes projectos glorioſos,
E na triſte inconſtancia dos ſucceſſos
A peſar dos mais proſperos progreſſos.

XC.

Hum pouco commovido, e vacilante
Nas illuſtres ideas, que tractava
No grande penſamento; e que a brilhante
Influencia da gloria lhe inſpirava,
Comſigo meſmo incerto, e a cada inſtante
Mais duvidoſo o ponto diſputava,
Se devia ſeguir a fama incerta,
Ou buſcar do ſocego a porta aberta.

XCI.

E fatigado deſtes penſamentos
Se entregou de Morfeo nos doces braços
Entre quatro carvalhos corpulentos,
Do Sol ardente freſcos embaraços;
Mas o Genio, que tracta dos augmentos
Da gloria Portugueza, e ſempre os paſſos
Obſerva do Varaõ, a quem preſente
Acompanha, e ſoccorre diligente.

Em

XCII.

Em ſonhos lhe apreſenta o vulto amado
Do terno Affonſo, fructo deleitoſo
Dos amores de Ignez, acompanhado
De outro vulto, mas feyo, e pavoroſo;
Eſtava o claro Infante ameaçado
Dos ultrajes do monſtro indecoroſo;
E quando no ſeu riſco ſe affligia,
Huma vóz eſcutou, que aſſim dizia.

XCIII.

Se te naõ move a gloria promettida
A' nobre deſcendencia, que o Ceo claro
Te deſtina; mas hoje conhecida
Naõ póde ſer de ti; ſe em ſeu amparo
Naõ queres arriſcar a fragil vida,
Os vaons prazeres, o ſocego avaro,
Mova-te o Filho, que aqui vêz preſente,
Que a ſórte tem da tua dependente.

XCIV.

Com elle o fado liberal ſe oſtenta,
Se tu meſmo naõ fruſtras as bonanças;
Pois que nelle, e ſeus filhos accreſcenta
A firmeza das Luſas ſeguranças;
Na ſua deſcendencia o Ceo ſuſtenta
A Portugal ſegundas eſperanças
De liberdade contra o vaõ projecto
Do poder Heſpanhol já mais complecto.

Ou-

XCV.

Outro Joaõ naõ menos venturoſo
Delle procederá, que o Trono Luſo
Há de livrar do jugo injurioſo,
Do tyrano poder já nelle intruſo;
Mas em quanto no Solio poderoſo
Naõ for do teu Affonſo o ſangue incluſo,
Naõ menos gloria a ſórte lhe prepara
De Bragança na Caſa ſempre clara.

XCVI.

Eſta ſerá naõ ſó na Luſa terra;
Mas nos Reynos eſtranhos reſpeitada
Com quantas preeminencias goza, e encerra
A grandeza mayor, mais elevada;
Eſta ſempre ſerá na paz, na guerra
Com egregios Varoens condecorada;
Mas para acreditar o ſeu deſtino
Baſta ſómente o grande Conſtantino:

XCVII.

Conſtantino, por quem o Indo eſpera,
Damaõ ſe aſſuſta, treme o Reyno injuſto
De Jafanapataõ, por quem ſe altera
O Gentio feróz, o Mouro aduſto;
A cega geraçaõ, a gente féra,
Que os Altares conſagra a torpe buſto,
A quem ha de enſinar no deſperdicio
A pia execraçaõ do ſacrificio.

XCVIII.

Vê tu, se queres, no socego indigno
De huma vil inacçaõ, indecorosa,
Frustrar tanto favor do Céo benigno,
Mal lograr tanta fama gloriosa:
Esse que vês alli Monstro maligno,
Que ameaça de Affonso a luz mimosa,
He o triste Descuido, que a ventura
Mais brilhante converte em sombra escura.

XCIX.

Segue agora, se queres, seus dictames
Em despreso da gloria concedida,
E do vil ocio nas prisoens infames
Consume tristemente a chara vida;
Mais Defensor da Patria te naõ chames,
Nem da prole te lembres promettida,
Se tanto teus desejos lisonjea
Huma triste inacçaõ escura, e fea.

C.

Calou-se a voz: os vultos apparentes
Se desvanecem, qual a sombra escura
Se desfáz entre os rayos refulgentes,
Na presença do Sol, ou da luz pura,
O Varaõ despertou; mas taõ presentes
As fingidas imagens lhe figura
A fatigada idêa, que acordado
Inda busca de Affonso o vulto amado.

CI.

E ſuppoſto que em fim ſe deſengana
Ser tudo ſonho, tudo fingimento;
Nem por iſſo do ſuſto a dôr tyrana
Em páz lhe deixa o claro penſamento;
Já lhe parece, que o valor profana
Com brandas illuſoens de abatimento,
Já ſe accuſa de froxo; porque déra
Attençaõ de Camillo á voz ſincera.

CII.

E de novo nas chamas abrazado
Do deſejo da gloria, e fama eterna,
Que he quem ſempre no riſco mais peſado
Os penſamentos dos Heróes governa,
Naõ ſoffrendo demoras no cuidado,
Que lhe accreſcenta inſpiraçaõ ſuperna,
Monta a cavallo, e cheio de ouſadia
A' riſonha Coimbra os paſſos guia.

FIM DO CANTO VIII.

A LIBERDADE.

CANTO IX.

ARGUMENTO.

A LIBERDADE.

CANTO IX.

ARGUMENTO.

CONGREGADOS os Prelados, a Nobreſa, e os Procuradores dos Povos, e junta a Naçaõ em Côrtes, Joaõ das Regras famoſo Juriſconſulto faz huma larga falla ao Congreſſo, em que explica os principios da Sociedade Civil, a origem do Poder Soberano, as diverſas qualidades delle as varias Conſtituiçoens dos Eſtados, e a particular de Portugal. Moſtra que eſte Reyno he de legitima ſucceſſaõ; mas pertende provar, que naõ ha legitimos Succeſſores dos ultimos Reys, que devam juſtamente pertender a Coroa Portugueza. Para iſto impugna o Direito do Rey de Caſtella, e da Raynha ſua Mulher: intenta moſtrar, que

esta naõ he Filha legitima do Senhor Rey D. Fernando, pela nullidade do casamento de sua Mãy, e por outras razoens: que esta Princeza naõ he legitimamente casada com El-Rey de Castella; e que no caso de faltarem todas estas nullidades, tinhaõ perdido aquelles Reys toda a justiça, que podessem ter á succeſſaõ de Portugal, pelos mesmos Tractados, em que fundavaõ a sua pertençaõ; pois haviaõ faltado ás condiçoens ajustadas, e incorrido nas penas, que elles mesmos se imposeraõ. Depois pertende o Doutor provar, que os Principes Filhos da Senhora D. Ignez de Castro, naõ foraõ legitimos Filhos do Senhor Rey D. Pedro, e para isto intenta impugnar a realidade do casamento dos Pays, e mostrar, que ainda no caso de ter sido effectuado, seria nullo o tal casamento; tirando por conclusaõ de todo o seu discurso, que o Trono Portuguez se acha verdadeiramente vago, que o direito de eleger Rey pertence aos Povos, e que o Estado alli congregado póde eleger a seu arbitrio. Depois aponta as bellas qualidades, e prendas do Defensor, as obrigaçoens, que lhe deve o Reyno, e as esperanças, que nelle póde fundar. A mayor parte do Congresso parece aplaudir esta opiniaõ; porem Martim Vasques falla a favor dos

dos Filhos da Senhora D. Ignez com valente reſoluçaõ, e ſe alteraõ taõ variamente os animos, que nada ſe póde rezolver por aquella vez. Em tanto o Genio infernal, vendo a occaſiaõ opportuna, ſe vale da Diſcordia para que vá perturbar as idéas do Congreſſo. Falla a Diſcordia a Martim Vaſques, e havendo inflamado o coraçaõ de Vaſques, e ſeus partidarios, paſſa a commover o peito do grande Nuno, a quem irrita de ſorte, que projecta matar a Vaſques, e para iſto falla ao Defenſor, que deteſta ſimilhante propoſta, e o reprehende de taõ baixo penſamento. Ajunta-ſe de novo o Congreſſo, e ſe embaraça cada vez mais a duvida; mas chegando a fallar Affonſo Domingues de Aveiro, Procurador de Coimbra, pondéra as razoens de hum, e outro partido; abona humas, e impugna outras; conſidera o eſtado preſente do Reyno; e moſtra finalmente a preciſaõ indiſpenſavel de eleger hum Rey, e que eſte deve ſer o Defenſor.

A LIBERDADE

CANTO IX.

I.

JÁ promptos em Coimbra os Deputados
Das Cidades, e Villas mais famoſas,
Os Fidalgos, os Grandes, os Prelados,
E da Plebe as peſſoas mais zeloſas,
Em fórma de Comicios congregados,
Quaes de Roma nas eras glorioſas,
Se diſpunhaõ com brava confiança
A regular do Reyno a ſegurança.

Di-

II.

Dizia-se com plena liberdade,
Que o Trono estava vago; que o direito
De conferir a Regia Dignidade
Era proprio do Estado, e que em defeito
Da legitima antiga auctoridade,
Aquem o Reyno todo era sujeito,
O poder, que dos Povos procedera,
Aos mesmos outra vez se revertera.

III.

Destas grandes idéas possuidos,
E do zêlo da gloria Portugueza,
Ou de occultos influxos commovidos,
Com que animava o Céo a dura empreza,
Em severos Juizes erigidos,
Da pertençaõ mais alta da grandeza,
Os Povos inquietos fluctuavaõ
Sobre a nova eleiçaõ, que meditavaõ.

IV.

Huns nos Filhos de Ignez justiça bella
Descobriaõ, com fórtes fundamentos;
Outros tem na Raynha de Castella
Occupados os altos pensamentos;
Huma parte da gente se desvela
Em frustrar da contraria os argumentos;
Mas os mesmos partidos mais opostos
No Defensor os olhos tinhaõ postos.

Che-

V.

Chegado em fim o tempo, em que devia
Diſputar-ſe a queſtaõ publicamente
Na Aſſemblea geral, que pertendia
Ser Tribunal no caſo competente;
Joaõ das Regras, Varaõ em quem ſe unia
Huma vaſta ſciencia ao mais patente
Zêlo pela Naçaõ, com firme aſpecto,
Aſſim rompe o myſterio do projecto.

VI.

Fortiſſimos Varoens, em quem o nobre
Amor da Patria, e publico intereſſe
Taõ conſtante, taõ puro ſe deſcobre,
Que as antigas façanhas eſcurece;
Se hum peito fraco, ſe hum diſcurſo pobre
De hum Cidadaõ fiel, que reconhece
Os ſeus devêres, e prezar proteſta
O nome Portuguez, vos naõ moleſta.

VII.

Permittî, que eu exponha ſem diſfarce,
A's voſſas attençoens, o deſamparo,
Em que o Reyno ſe obſerva, ſe explicar-ſe
He neceſſario hum mal, que eſtá taõ claro;
Ponderemos ſe póde acautelar-ſe
O tyrano rigor do fado avaro,
Que parece deſtina a Luſa gloria
A perder-ſe das gentes na memoria.

Vos

VIII.

Vós ſabeis todos, nem alguem duvîda,
Que todo o corpo para ſer perfeito,
Cabeça deve ter, em que rezida
De reger os mais membros o direito;
Eſte corpo, que Eſtado ſe appellîda,
Segue a regra geral, e no conceito
De Politico Corpo, huma cabeça
Preciſamente he força, que conheça.

IX.

Em quanto os homens poucos, e groſſeiros
Viveraõ livres, e ſem ley, formava
Cada Familia hum Corpo, e dos primeiros
Reſpeitos, como Chefe, o Pay gozava;
Porém logo depois que os verdadeiros
Principios da Policia, a gente brava
Conheceo com mais luz, foi neceſſario
Novos Corpos formar por modo vario.

X.

Nelles todos os membros congregados
Em commum beneficio mutuamente,
Para ſerem ſervidos, e abonados
Huns dos outros, em fórma competente,
Nos illuſtres objectos occupados
De huma vida civil, conveniente
A' doce condiçaõ de gente amiga,
Foi preciſo alterar a regra antiga.

XI.

O receyo dos riſcos imminentes,
Aſ triſte ſolidaõ, falta de amparo,
Na ſoberba cruel dos inſolentes,
Na vil cobiça de hum viſinho avaro,
Nas impunes acçoens dos delinquentes,
Nos inſultos, e fraudes, ſem reparo,
Foi a cauſa primeira, ou fundamento
Deſte Corpo, ou civil ajuntamento.

XII.

E ſendo indiſpenſavel, que tiveſſe
Hum tal Corpo Cabeça reſpeitavel,
Que dirigir, que regular podeſſe
Os progreſſos da vida Sociavel,
Foi preciſo, que nella depozeſſe,
Com pura demiſſaõ inalteravel,
Cada qual o poder, que poſſuîa
Sobre ſi, ſobre os filhos, que regia.

XIII.

Foi preciſo ceder da liberdade
Do eſtado natural, e do direito
Da primittiva origem da igualdade,
Que competia a todos, no conceito
Procedido da propria dignidade
De homens livres, fazendo mais perfeito
Aquelle ſacrificio a nobre idea
De abonar mutuamente a ſorte alhea.

XIV.

Daqui vem o poder illimitado
Das Republicas, Reys, Imperadores,
E de outros Chéfes de qualquer eſtado
Reconhecidos nelle por Senhores;
Com qualquer deſtes nomes reſpeitado
O ſupremo poder dos Regedores
Conſtitue a Cabeça veneravel
De todo, e qualquer Corpo Sociavel.

XV.

Eſta Cabeça, ou ſeja ſimpleſmente
Hum ſó homem, ou ſejaõ mais unidos
No ſupremo Poder independente,
Hé quem governa os membros repartidos:
Sem ella naõ ſe anima a competente
Aura vital dos Reynos mais luzidos,
Sem ella os membros de qualquer Eſtado
Tem todo o ſeu vigor deſalentado.

XVI.

Nella conſiſte a força Soberana,
Que premea, caſtiga, e determina
As acçoens principaes da eſpecie humana,
Que a viver civilmente ſe deſtina;
Nella tem protecçaõ a vîl cabana,
O Palacio dourado, a ſeda fina,
O ruſtico burél, o paſtor pobre,
O Miniſtro, o Soldado, o Grande, o Nobre.

Dels

XVII.

Della depende toda a economía
Do Politico Corpo, que deſcança
Na ſua providencia, e lhe confia
Os cuidados da propria ſegurança;
Ella goza o Poder, que competia
A todos geralmente, e que a eſperança
De ſer mais juſtamente praticado,
Lhe fez ceder por bem de todo o Eſtado.

XVIII.

Eſſe grande Poder foi conferido
Variamente, confórme a natureza
Do Governo; por muitos repartido,
Ou entregue á prudencia, e fortaleza
De hum ſó homem; ſó deſte poſſuido,
Ou vinculado com maior firmeza,
Na ſua deſcendencia, mas conſtante
Irrevogavel, firme, e dominante.

XIX.

Os que tem ſó por annos, ou por vida
Eſte Poder, e fica dependente
A ſucceſſaõ da honra concedida,
Dos ſuffragios do Povo novamente,
Saõ Cabeça do Eſtado conhecida;
Mas no termo preſcripto ſimplesmente,
Paſſado o qual, o Povo tem direito
A pôr no ſeu lugar qualquer ſugeito

XX.

Os que alcançaõ aquella dignidade
Por ſucçeſſaõ, e gozaõ do direito
De tranſmittir a ſumma auctoridade
A' ſua deſcendencia, ſem reſpeito
A ſuffragios do Povo, a faculdade
Tem de imperar ſeguros no conceito,
De que devem achar nos ſeus Eſtados
A meſma ſujeiçaõ, que os ſeus paſſados.

XXI.

Deſte numero ſaõ os glorioſos
Monarchas Portugueſes ſem diſputa,
A cujo ſangue os cultos reſpeitoſos
Da fé mais pura o noſſo amor tributa;
A legitima prole dos famoſos
Reys primitivos, ſem queſtaõ, desfructa
O Governo do Eſtado; mas agora
Em confuzaõ mais triſte ſe labora.

XXII.

Qual ſeja aquella prole, ou ſe em verdade
Hoje alguma ſe dá, que juſtamente
Se atribúa taõ alta qualidade,
He o ponto da duvida preſente:
Eu direi o que ſei, com liberdade;
Com ella cada qual diga o que ſente,
Que em materia taõ grave naõ he juſto,
Que ſe attenda amizade, ou odio, ou ſuſto.

Por

XXIII.

Por morte de Fernando, extincta a linha
Dos auguſtos Varoens, a quem fiado
O leme do Governo o Reyno tinha,
Do grande Affonſo o ſangue venerado;
Reſta ſó de Caſtella na Raynha,
Ou nos filhos de Ignez; porém manchado
Com ſombras taes, defeitos taõ patentes,
Que pouco, ou nada abona os pertendentes.

XXIV.

No que tóca á juſtiça da primeira,
Por Filha de Fernando, he couſa clara,
Que ella fora a mais certa, e verdadeira,
Se dignamente della ſe abonára;
Ser a Filha dos bens do Pay herdeira
Naõ he couſa taõ nova, nem taõ rara,
Que podeſſe metter-ſe em argumento
A juſtiça daquelle fundamento.

XXV.

Mas a ſórte fatal deſta Princeza,
Digna de melhor Mãy, melhor Marido,
Lhe embaraça o direito, que á grandeza
Da ſua qualidade era devido:
Ella o perde primeiro na incerteza
De legitima Filha haver naſcido,
E depois no Conſorcio inceſtuoſo,
Que contrahio com inconceſſo Eſpoſo.

Que

XXVI.

Que a Raynha de Heſpanha ſe naõ deva
Legitima dizer, he taõ patente,
Que duvido, que alguem já mais ſe atreva
Hum ponto a conteſtar taõ evidente;
Naõ ſerá neceſſario, que ſe eſcreva
Dilatado papel, ou que eloquente
Orador, com diſcurſos elegantes,
Manifeſte verdades taõ conſtantes.

XXVII.

Vós Senhores ſabeis, que o caſamento
De Fernando ſó teve na apparencia
O Sagrado valor de Sacramento,
Sendo hum ſimples rebuço da violencia;
O cego amor, que fez o fundamento
Deſte abſurdo fatal, deſta indecencia
Romper podia as Leys; mas naõ podia
Legitimar á força, que fazia.

XXVIII.

A Raynha no tempo, que Fernando
Por Mulher a tomou, era caſada,
E bem claro ſe moſtra, que durando
O primeiro Conſorcio, embaraçada
Para ſegundo eſtava, e que abuſando
O Rey do ſeu poder, contra a jurada
Fé do laço Sagrado, eſcurece-lo
Podia ſim, mas nunca diſſolve-lo.

Ser

XXIX.

Ser casada a Raynha he taõ constante,
Taõ notorio, taõ certo, e taõ sabido,
Que naõ creyo, que alguem haja ignorante
De hum taõ publico facto; e se arguido
Foi de alguns, como nullo, e repugnante
A's Canonicas Leys, por contrahido
Entre parentes; estes dispensados
Foraõ da Santa Sé nos grãos vedados.

XXX.

Naõ fallo do pretexto impertinente
De naõ ser consumado este Contracto;
Que a Raynha affectou astutamente
Por fazer seu amor ao Rey mais grato;
Pois Alvaro da Cunha aqui presente,
Fructo deste Consorcio, o mais exacto
Testemunho he daquella circunstancia,
Abonada do Pay sem repugnancia.

XXXI.

Mas quando ser podesse dissolvido
O primeiro Contracto, ou Sacramento,
O que ser naõ podia, he bem sabido,
Que restava com tudo impedimento:
O primeiro Marido conhecido
Primo de ElRey, fazia o casamento
Segundo incestuoso, e mal podia
Hum taõ torpe Contracto ter valia.

Podé-

XXXII.

Podéra accreſcentar á nullidade
Daquelle Matrimonio algum defeito
Na Princeza, que a pouca lealdade
Da Máy deſcobre; mas no meu conceito
Naõ tem valor a vil malignidade
Das calumnias do Povo, e ſem reſpeito
A torpes detracçoens, direi ſómente
Os defeitos do laço incompetente.

XXXIII.

O Rey de Heſpanha Tio em gráo terceiro
Era deſta Princeza, nem podiaõ
Contrahir Matrimonio verdadeiro
Taes parentes, que bem ſe conheciaõ;
E ſuppoſto, que o voto liſongeiro
Dos que aquelle Conſorcio defendiaõ,
Allegue a ſeu favor certa diſpenſa,
Nada póde ſervir-lhe de defenſa.

XXXIV.

Eſta graça naõ he de algum proveito
Para a firmeza do Sagrado laço,
Porque falta o poder, falta o direito
Em quem ſoltar queria eſte embaraço;
O legitimo Papa, que o defeito
Só podia emendar com forte braço,
Armado do poder do Omnipotente,
Nem diſpenſou, nem ſe lhe fez patente.

Do

XXXV.

Do intruſo Antipapa aquella graça,
Ou fantaſtico indulto foi firmado,
Porque aquelle Monarcha por deſgraça
Se fez ſeu partidario declarado,
E bem longe de que ella ſatisfaça
Aquelle impedimento ponderado,
Outros novos lhe argúe, e manifeſta
Contra o direito, que orgulhoſo atteſta.

XXXVI.

O meſmo Papa em pena deſte crime,
E do Sciſma nefando, que protege
Eſte Principe cego, nos exime
Da ſua ſujeiçaõ; e como herege
Nos ſeus proprios Eſtados lhe ſupprime
O dominio ſupremo, com que rege
Erradamente os Povos; mas tractemos
Das queixas peſſoaes, que delle temos.

XXXVII.

Das inſollencias fallo, que ſoffrido
Temos deſte perjuro Rey de Heſpanha
Inimigo do Eſtado, e conhecido
Como tal no theatro da Campanha;
Elle fôra por nós ſempre excluido
Só por Principe ſer de gente eſtranha;
Mas as ſuas acçoens abominaveis
Nos miniſtraõ razoens mais reſpeitaveis.

XXXVIII.

Eſte Principe injuſto, ambicioſo
Deſpreſador das Leys, e da verdade,
Inquieto, feróz, duro, e orgulhoſo,
Sem fé, religiaõ, nem probidade,
Inſtrumento tem ſido rigoroſo
Das deſgraças de toda a qualidade,
Que chora a noſſa Patria, e com que aſſuſta
A noſſa liberdade a ſórte injuſta.

XXXIX.

Todos vós teſtemunhas oculares
Sois das promeſſas, ſois dos juramentos
Tributados na face dos Altares,
A's condiçoens, que foraõ fundamentos
Do contracto dotal: vós pelos ares
Levar os viſtes dos ligeiros ventos,
Vós viſtes converter em tyrania
As eſperanças doces da harmonia.

XL.

Nos Contractos ſolemnes celebrados
Nas nupcias deſte Rey, e da Princeza,
De que elle quer, que ſejaõ derivados
Os direitos, que oſtenta com fereza,
Expreſſamente foraõ declarados
O tempo, as condiçoens, a natureza
Da ſucceſſaõ do Reyno, a qualidade
Do Dominio, governo, e auctoridade.

O

XLI.

O meſmo Rey com grandes aparatos
Na preſença do Auguſto Sacramento
Duas vezes firmou eſtes contractos,
Com Sagrado ſolemne juramento,
Elle ſe impoz, nos termos mais exactos,
A pena deperjuro, e perdimento
De todos ſeus direitos, ſe algum dia
Faltaſſe ás condiçoens, que promettia.

XLII.

Que tem faltado a todas, alterando
O tempo, a fórma, e ordem promettida,
Deſde a morte funeſta de Fernando,
He verdade patente, e bem ſabida:
Todo o Reyno opprimido eſtá clamando
Contra tanta inſolencia commettida,
Porém baſtava a guerra, que tem feito
Para perder de todo o ſeu direito.

XLIII.

Por ella tem perdido naõ ſómente
Eſſe direito, ſe algum teve antigo;
Mas incorrido rigoroſamente
Nas penas, que ſe impoz para caſtigo;
Ellas ſaõ muitas; mas preſentemente
Baſta ſó dever ſer por inimigo
Conhecido do Eſtado, e reputado
Perjuro inhabil, falſo, e reprovado.

XLIV.

Reſta ver ſe a juſtiça favorece
Mais os filhos de Ignez, e Pedro auguſto,
Em quem parte do Povo reconhece
A' ſucceſſaõ direito claro, e juſto:
He bem certo, que nelles reſplandece
Dos Luſos Reys o ſangue, e que o robuſto
Sexo lhe dá mais firmes fundamentos,
Para abonar aquelles penſamentos.

XLV.

Mas o triſte problema, em que labora
O matrimonio da infelice Dama,
Menos ſolida, e firme faz agora
Aquella opiniaõ, que o Povo acclama;
Eu reconheco, nem alguem ignora,
Que o Rey o atteſtou; porém a fama
Em contrario, tem provas taõ valentes,
Que abona bem as duvidas preſentes.

XLVI.

El Rey poſto que Rey, era ſujeito
A naturaes paixoens da humanidade,
De que naõ vive izento o grande peito
Dos mais claros Varoens na herocidade;
Amor, como ſabeis o tinha feito
Commetter erros de alta qualidade,
E naõ lhe offende o culto reverente
Examinar o caſo attentamente.

Em

XLVII.

Em dois pontos conſiſte o fundamento
Da diſputa, que deve examinar-ſe,
Hum ſe foi certo aquelle caſamento,
Outro ſe ſendo, deve bom julgar-ſe;
Na balança do noſſo entendimento
Com prudente exacçaõ, devem peſar-ſe
As razoens com que impugna, ou favorece,
Qualquer deſtas queſtoens, quem as conhece.

XLVIII.

No tempo, que do Reyno o duro freyo
Affonſo Pay de Pedro moderava,
Quando o Principe amante o terno ſeyo
A' mais viva paixaõ ſacrificava,
Tendo o prudente Pay algum receyo
De que eſte amor do Filho (que já dava
Eſcandalo no Reyno) ter podeſſe
Raiz, que ſer cortada naõ deveſſe.

XLIX.

Em ſeu nome mandou dois Conſelheiros,
Hum dos quaes he Pacheco, aqui preſente,
A ſaber os progreſſos verdadeiros
De huma paixaõ taõ céga, e taõ vehemente;
E ponderando aquelles menſageiros
A materia da duvida preſente,
Como ponto, do qual dependeria
A conducta, que o Pay tomar devia.

Na

L.

Na preſença do Principe amoroſo
Com inſtancias, e rogos porfiados,
A certeza do caſo duvidoſo
Pediraõ pelo Rey auctoriſados;
Mas prevendo, que o Filho receoſo
De occaſionar deſgoſtos mais peſados,
Poderia por ſuſto, ou por cautela
Occultar a verdade, ou parte della.

LI.

Lhe atteſtáraõ debaixo da firmeza
Da palavra Real, que o Pay faria
Tractar a bella Ignez como Princeza,
Se por ſua mulher a conhecia;
Que a ſincera verdade com certeza
Saber delle ſómente pertendia,
Para bem regular os ſeus projectos,
E ſocegar rumores indiſcretos.

LII.

Mas a peſar daquella ſegurança,
A peſar dos impulſos da ternura,
Que poděra vencer-ſe da eſperança
De lograr o ſeu goſto em paz mais pura,
O Principe inflexivel na bonança,
Como nos riſcos da fortuna eſcura,
Naõ ſó negou aquelle caſamento,
Mas que já mais tiveſſe hum tal intento.

Vede

LIII.

Vède pois, como póde accreditar-ſe
O que depois de Rey quiz dar por certo,
Pertendendo com ſuſtos deſculpar-ſe,
De ter hum caſo tal ſempre encoberto;
Se eſte ſuſto podeſſe concorda-ſe
Com as feyas acçoens, que em campo aberto
Obrou contra ſeu Pay, ao menos fora
Mais veroſimil eſta eſcuſa agora.

LIV.

Mas hum filho que póde ſem receyo,
Tomar as armas, declarar a guerra
Contra o Pay, contra o Rey, romper o freyo
Das regras todas, que o dever encerra;
Oſtentar de innimigo o nome feyo,
Devaſtar cruelmente a Patria terra,
Naõ ſe atreve a dizer, que eſtá caſado,
Porque teme do Pay o triſte enfado?

LV.

E que razoens de ſuſto, ou de embaraço,
Depois de morto Affonſo, haver podia,
Para naõ publicar o Santo laço
Se legitimo, e firme o conhecia?
Em tres annos naõ teve hum Rey eſpaço
Para tratar materia, que pedia
Taõ prompta providencia? Naõ lhe dava
Cuidado a prole, que taõ terno amava?

Só

LVI.

Só quaſi já no fim de quatro annos
Depois que o Regio Ceptro manejava
Se lembrou eſte Principe dos damnos,
Que eſta triſte incerteza occaſionava;
E corrida a cortina dos arcanos,
Que do publico os olhos aſſombrava,
Foi facil de provar o caſamento
Com alheios, e proprio juramento.

LXVII.

Porém, que vale aquella diligencia
No juizo dos homens mais prudentes?
Que ſe póde julgar da inconſequencia
Das meſmas aſſerçoens dos aſſiſtentes?
O Rey diz, que naõ tem certa ſciencia
Do dia, nem do mez: hum dos preſentes
Affirma com certeza, que ſabia
Ser de Janeiro no primeiro dia.

LVIII.

Ora vede, que dia, e que ſucceſſo
Para ſer eſquecido, ou mal notado!
O dia o mais ſolemne, o mais expreſſo,
O ſucceſſo o mais digno de cuidado;
Quem credulo ſerá com tanto exceſſo,
Que em taes contradiçoens embaraçado,
Naõ duvide da fé daquella prova,
Que a ſuſpeita naõ tira, ſim renova.

Mas

LIX.

Mas nem podia ser solidamente
Celebrado o Consorcio pertendido,
Porque o Principe augusto era parente
Da contrahente esposa em grão prohidido:
Era seu Tio, e era juntamente
Seu Compadre, e no caso de haver sido,
Seria sempre nullo o desposorio,
Por mais que fosse certo, e bem notorio.

LX.

Nestes termos extincta a descendencia
Do grande Affonso, he certo, que o direito
De dar ao Trono nova providencia,
He só proprio do Estado; e que Sujeito
Pode mais merecer a preferencia
Dos affectos, do gosto, e do respeito
Dos Póvos, doque o mesmo, que tem sido
Por Defensor do Reyno conhecido.

LXI.

Vós todos conheceis o grande alento,
O nobre coraçaõ, o zelo puro,
O genio doce, o claro entendimento,
O constante valor, o braço duro,
A justiça, a piedade, o sofrimento,
O generoso amor, e bem seguro
Deste illustre Varaõ, que em nosso amparo
De si tem dado testemunho claro.

Vós

LXII.

Vôs ſabeis, que por nós tem padecido
Trabalhos grandes, riſcos horroroſos,
Que nos tem governado, e dirigido
Sabiamente nos caſos duvidoſos;
Sabeis, que em ſuas veias tranſmittido
Dura o ſangue dos Luſos Reys famoſos,
E com taes qualidades me parece,
Que os ſuffragios de todos bem merece.

LXIII.

Diſſe, e todo o Congreſſo alvoroçado
Parecia aplaudir goſtoſamente
Aquella opiniaõ; mas ſocegado
O primeiro rumor da baixa gente,
Martim Vaſques, varaõ acreditado
Por cortezaõ diſcreto, e por valente,
Que dos filhos de Ignez, de tempo antigo
Fôra ſempre fiel, e certo amigo.

LXIV.

Levantando-ſe em pé, com fero geſto,
Com impulſo arrogante, e moſtras de ira,
Inculcando deſgoſto manifeſto
Do diſcurſo, que Regras proferira,
Deſta ſorte fallou: Eu naõ conteſto
Do Defenſor as prendas; mas naõ tira
O ſeu merecimento á minha idéa
A luz brilhante da juſtiça alhea.

Na

LXV.

Na minha opiniaõ he ſem diſputa,
Legitima de Ignez a prole clara,
E neſta opiniaõ, quanto executa
Em prejuizo ſeu a ſorte avara,
Me parece injuſtiça; quem lhe imputa
Defeitos neſta parte, ou naõ repara
No reſpeito, que deve á Mageſtade,
Ou naõ quer convencer-ſe da verdade.

LXVI.

Alterou-ſe o Congreſſo variamente,
Segundo cada qual favorecia
Os diverſos partidos, que igualmente
Com razoens bem fundadas defendia;
E porque o tempo breve naõ conſente
Decidir-ſe a queſtaõ naquelle dia,
Diſſolveo-ſe a Aſſemblea, transferido
Para ſegundo, o ponto debatido.

LXVII.

Mas o Genio cruel, que naõ ceſſava
De maquinar deſordens, e perigos
A' gloria Portugueza, e que buſcava
Os meyos de exercer odios antigos;
Achando agora, como dezejava,
Deſunidos os animos amigos,
Se propôz conſeguir deſta porfia
A ruina total da Monarquia.

Com

LXVIII.

Com eſte horrivel penſamento digno
Das idéas do Pay da falſidade;
A Diſcordia buſcou, Monſtro maligno,
Filha cruel da barbara maldade;
Eſta Furia, que o peito mais benigno
He capaz de inflammar em crueldade,
Promptamente o ſoccorre, e ſem ſocego
Vôa ligeira ás margens do Mondego.

LXIX.

Alli Vaſques, com grande companhia
De parentes, e amigos paſſeava,
E com elles o ponto conferia,
Que o cuidado de todos occupava,
Cada qual variamente diſcorria
Sobre a queſtaõ, que Vaſques propugnava,
E já muitos com zelo deſcoberto
Alguns meyos propunhaõ de concerto.

LXX.

Quando a feya Diſcordia ſe apreſenta
Na figura de hum velho reverente,
Que no ſemblante, e no veſtido oſtenta
Apparencias de hum homem penitente,
A companhia nelle achar intenta
Conſelhos ſantos, inſtrucçaõ prudente,
E com animo pio lhe declara
O motivo, que alli os ajuntára.

Mas

LXXI.

Mas a Furia fingindo o zêlo puro,
Que deteſta no fundo de ſeu peito,
E disfarçando a raiva, e odio duro,
Que ſaõ do ſeu furor preciſo effeito,
Deſta ſorte lhe falla: Eu naõ procuro
Lizonjear alguem; o meu conceito
Tem ſó por fundamento invariavel
A juſtiça, a verdade inalteravel.

LXXII.

O Trono naõ he vago; o claro Infante
Filho de Ignez he Rey por naſcimento;
Vós naõ podeis faltar á fé conſtante,
Que lhe deveis por juſto rendimento:
Qualquer nova eleiçaõ naõ he baſtante
A ſoltar-vos do firme juramento
Preſtado pelos voſſos aſcendentes
Na peſſoa de Affonſo, aos deſcendentes.

LXXIII.

Diſſe, e cada palavra articulada
Pela lingua do Monſtro furioſo,
Deixava a companhia invenenada
Do mais cruel ardor, mais fervoroſo:
Cada qual a favor da confirmada
Opiniaõ proteſta eſcrupuloſo
De naõ mudar já mais deſte conceito,
E defender do Principe o direito.

Em

LXXIV.

Em tanto o monſtro fero procurando
Completar o projecto abominavel,
Nos coraçoens mais nobres derramando
O contagio da raiva inſaciavel,
O grande Nuno buſca, que ordenando
Andava com deſvelo incomparavel
Os meyos de attrahir a ſeu partido
O ſuffragio de Vaſques atrevido.

LXXV.

Na figura de hum bravo Cavalleiro
Seu camarada antigo, e confidente
Lhe apparece a Diſcordia, e no guerreiro
Coraçaõ lhe miniſtra a furia ardente;
Como pode, lhe diz com tom groſſeiro,
Soffrer voſſo valor, que abertamente
Embaraſſe ſó Vaſques atrevido
Do voſſo empenho o fructo apetecido.

LXXVI.

Hum homem ſó he juſto que pertenda
Contra nós, contra toda a qualidade
De votos, ſuſtentar eſta contenda
Excitado por propria authoridade?
Soffrereis vós, que exponha, e que defenda
Outra vez no Congreſſo a dignidade
Dos Infantes, que a ſua confiança
Legitîma com tanta ſegurança?

Onde

LXXVII.

Onde eſtá voſſo zêlo, e voſſo affecto
Pelo Meſtre de Aviz? Eu naõ ſoffrera
Deixar engroſſar mais eſte projecto,
Se como vós, taõ claro procedera:
Todos ſabem, que o voſſo grande objecto
He fazer acclamar com paz ſincera
O Defenſor; vós meſmo claramente
Fazeis gloria de ſer ſeu confidente.

LXXVIII.

O Reyno todo alegre, e ſatisfeito
Se diſpoem a cumprir noſſa vontade,
E com moſtras de affecto, e de reſpeito,
Todos tem por geral felicidade
Eſta digna eleiçaõ, que por direito
O corpo da Naçaõ tem liberdade
De fazer em tal caſo, nem duvida
Alguem deſta verdade taõ ſabida.

LXXIX.

Só Vaſques arrogante he quem diſputa
A feliz concluſaõ do noſſo intento,
E na face de todos executa
Taõ feroz, taõ ſoberbo penſamento;
Porém ſe elle taõ bravo ſe reputa,
Que ſe julga capaz de dar alento
A contrarias facçoens, eu imagino,
Que he facil de curar tal deſatino.

Naõ

LXXX.

Naõ diſſe mais; porém inficionando
Com venenoſo influxo o peito forte
Do conſtante Varaõ, foi derramando
Por outros coraçoens da meſma ſorte
O contagio cruel, inſinuando
Nos bellicoſos filhos de Mavorte
Deſconfianças, odios, e vinganças,
E nos Letrados ſuſtos, e mudanças.

LXXXI.

Confundio-ſe o projecto, que devêra
Os animos unir: já variamente
Cada qual diſcorria; já naõ era
A gloria Nacional o fim decente
Dos cuidados de todos; já fizera
Da Diſcordia cruel a peſte ardente
Deſmayar com fraqueza, em mais de hum peito
Do zelo Portuguez o claro effeito.

LXXXII.

Nuno vivo por genio, e mal ſoffrido,
E pela Furia horrenda alucinado,
Vendo neſta inacçaõ quaſi perdido
O fructo de hum trabalho porfiado,
E julgando, que tudo procedido
Era das ſuggeſtoens, com que alterado
Havia Vaſques orgulhoſo, e cego
Dos ignorantes Póvos o ſocego.

Com

LXXXIII.

Com animo feroz, e mal disposto
Contra quem pertendia, que incentivo
Era das dissençoens, e do desgosto,
Que tanto lhe opprimia o peito altivo,
O Defensor procura, e tendo exposto
Dos seus nobres pesares o motivo,
Desta sorte com vivo sentimento
Lhe declara o seu bravo pensamento.

LXXXIV.

Vós, Senhor, conheceis o zelo puro
Com que vos sirvo, com que me interesso
Na vossa exaltaçaõ; o bem seguro
Affecto, a diligencia, o grande excesso
Do desvelo, e attençaõ, com que procuro
Franquear-vos o Trono, que confesso
Ser premio diminuto; mas devido
A's penas, que por nós haveis soffrido.

LXXXV.

Toda a Naçaõ em corpo congregada
A taõ gostoso empenho concorria,
E no rosto de todos retratada
Brilhava a doce imagem de alegria;
Tudo nesta funçaõ bem concertada
O mais feliz succesSo promettia;
Hum homem só de espirito imprudente
Se oppoem á voz de todos insolente.

LXXXVI.

Só Vaſques arrogante he quem ſuſtenta
O partido contrario, ou por exceſſo
De antigas affeiçoens, ou porque oſtenta
Altiva independencia: eu vos confeſſo,
Que o vehemente peſar, que me atormenta
Na duvida cruel deſte ſucceſſo,
Me perturba de ſorte a cega mente,
Que já meyos ſuaves naõ conſente.

LXXXVII.

Se vós me permittis a liberdade
De cortar a raiz deſte embaraço,
Eu prometto ſoltar com brevidade
Os duros nexos deſte cego laço;
Hum ſó golpe a fatal ambiguidade
Fará deſvanecer em breve eſpaço;
Extincto Vaſques, fica ſem patrono
A facçaõ nova, que vos nega o Trono.

LXXXVIII.

Proſegia a dizer; mas ſuſpendido
Foi pelo claro Heróe, que horrorizado
Do projecto por Nuno concebido,
Aſſim lhe falla firme, e ſocegado:
Eu tenho em todo tempo conhecido
O voſſo grande affecto, bem provado
Com acçoens glorioſas, e de alento
Digno do voſſo illuſtre naſcimento.

Po-

LXXXIX.

Porém nunca eſperei, que vos podeſſe
O zêlo alucinar de tal maneira,
Que em materia taõ grave vos fizeſſe
Incauto diſcorrer com tal cegueira;
Hum homem, como vós tanto ſe eſquece
Da virtude, e da gloria verdadeira,
Que pertende abonar o ſeu partido
Por meyo de hum delicto aborrecido.

XC.

Se eu quizeſſe abuſar do voſſo alento
Para taõ torpes fins, ou conſentira
Fazer-ſe o voſſo ardor, vil inſtrumento
Da indecente ambiçaõ, da feroz ira,
Eu meſmo horrorizado deſte intento,
Taõ indigno do Solio me ſentira,
Que me fora mais pêjo, do que gloria
O caracter do Rey, com tal memoria.

XCI.

O fervoroſo impulſo, com que inflamma
A fiel amizade o voſſo peito,
He bem digno de vós, e de quem ama
Os deveres do zêlo mais perfeito;
Mas ſe podeſſe ſer, na vóz da fama,
Injuſta cauſa de hum taõ vil effeito,
Seria mancha indigna da grandeza
Do voſſo coraçaõ, e fortaleza.

XCII.

Hum taõ nobre, taõ puro ſentimento
Naõ deve produzir huma indecencia,
Nem das luzes de hum claro penſamento
Podem naſcer as ſombras da violencia;
Se a Naçaõ com geral contentamento
Me eſcolher para Rey, a preferencia
Me ſerá ſempre grata; mas ſómente
Sendo preſtada voluntariamente.

XCIII.

Eu naõ pertendo com acçoens atrozes
Tyranizar da Patria a liberdade;
Empreza ſó de eſpiritos ferozes
Inimigos crueis da humanidade;
Da barbara ambiçaõ as torpes vozes
Naõ me illudem já mais; ſe a dignidade
De ſer Rey, hum delicto infame cuſta,
Seja Rey, quem do crime naõ ſe aſſuſta.

XCIV.

Diſſe, e logo de novo congregado
O Corpo da Naçaõ, foi novamente
O ponto da queſtaõ examinado
Pelos membros do Eſtado attentamente;
O partido maior, mais avultado
O Defenſor acclama abertamente;
Porém Vaſques, e todos ſeus ſequazes
Se lhe oppoem com razoens muito effiquazes.

Outra

XCV.

Outra vez o Congreſſo irreſoluto
Naõ ſabe decidir, e ſe embaraça;
E na triſte incerteza o Povo bruto
Já maiores deſordens ameaça,
Da Diſcordia feroz o genio aſtuto
Inſpira ſediçoens, odios enlaça,
E já quaſi ſe applaude do ſucceſſo,
Com que alterado tem todo o Congreſſo.

XCVI.

Quando chega a fallar hum Cavalleiro,
Da famoſa Coimbra Deputado,
Em quem da vil Diſcordia o ſom groſſeiro
Já mais póde illudir o zèlo honrado,
Eſte Affonſo Domingues he de Aveiro;
Na Cidade bemquiſto, e reputado
No Congreſſo por ſabio, juſto, e forte,
E propoem o ſeu voto deſta ſórte.

XCVII.

Da preſente materia a gravidade,
A grandeza das ſuas conſequencias,
A triſte confuſaõ, a variedade
Dos affectos, razoens, e diligencias,
Com que os meſmos amantes da verdade
Tem perturbado as ſuas evidencias,
Nos enleaõ de ſórte, que he preciſo
Sobre tudo formar novo juizo.

O

XCVIII.

O discurso de Regras, que pertende,
Que o Trono está vacante, em tal supposto
Mostra bem, que dos Povos só depende
Acclamar Rey, que seja do seu gosto;
Mas as outras razoens, com que defende
A certeza daquelle presupposto,
Por mais que sejaõ todas elegantes,
Naõ saõ todas seguras, e bastantes.

XCIX.

Vasques, que tem diversos pensamentos,
E cabeça se faz de outro partido,
Naõ explica as razoens, ou fundamentos
Porque deve o seu voto ser seguido
Guiado só dos proprios sentimentos,
E de antigos affectos commovido,
Quer, que os nobres impulsos da amizade
Sejaõ provas bastantes da verdade.

C.

O Doutor justamente dá por certo,
Que o direito do sangue só podera
Ver-se nos Reys de Hespanha descoberto,
Ou na prole de Pedro, que nascera
Da mal lograda Ignez, se longe, ou perto
Em qualquer dos projectos naõ houvera
Impedimentos graves, que elle explica,
Patentêa, e suppoem, que justifica.

Mas

CI.

Mas nem ſempre conſegue o ſeu deſejo
Por exceſſo talvez de diligencia,
Que até das meſmas luzes o ſobejo
Póde ſer embaraço da evidencia,
Em alguns dos defeitos, eu naõ vejo
A peſar dos adornos da eloquencia,
Aquellas nullidades, que elle aponta,
E por offenſas do direito conta.

CII.

Por exemplo, quem póde ſeriamente
Convencer-ſe, que hum erro de doutrina
Deva privar os Reys expreſſamente
Dos direitos, que o ſangue lhe deſtina?
Que ſeja inaptidaõ de hum pertendente
A's honras ſeculares a ruina,
Que nos membros da Igreja tem cauſado
A cegueira de hum Sciſma deſgraçado?

CIII.

Por ventura naõ ſaõ reconhecidos
Por legitimos Reys hereditarios
Os Monarchas de França eſclareçidos,
De Navarra, Aragaõ, e outros varios?
Saõ dos ſeus Povos menos attendidos,
Porque ſaõ de Clemente partidarios?
Que tem de ver do Sciſma as diſſençoens
Com o pleito das Regias Succeſſoens.

CIV.

A que fim a noticia indecorosa
Dos crimes de Leonor, mal disfarçada
Com destra reticencia industriosa,
Só para ser de todos mais notada?
A' Raynha naõ he pernicioſa
A desordem da Mãy mal reputada,
Essa infamia, ou injusta, ou merecida
Foi depois da Princeza ser nascida.

CV.

Similhantes razoens daõ mais idêa
De huma cega payxaõ incorrigivel,
Desordenada, cega, iniqua, e fea,
Que da recta justiça irreprehensivel;
E para que he buscar materia alhea
Da proposta questaõ, sendo infalivel
A justiça dos outros fundamentos,
Em que firma o Doutor seus pensamentos?

CVI.

Quem póde duvidar, que saõ bastantes
Para negar no Rey qualquer direito,
As nullidades claras, e constantes
Dos matrimonios, o geral conceito
De inimigo do Estado, as importantes
Insolencias, e faltas, que tem feito
Nas promessas juradas, nos Tractados,
E na fé dos deveres mais Sagrados?

Ago-

CVII.

Agora no que toca á prole auguſta
Da mal lograda Ignez, mais duvidoſo
Me parece o negocio, e menos juſta
A ſentença, que julga fabuloſo
O conſorcio dos Pays; porque me aſſuſta
O reſpeito de hum Rey taõ glorioſo,
Taõ juſticeiro, e amante da verdade,
Como Dom Pedro foi na realidade.

CVIII.

O Doutor meſmo accuſa o juramento
Deſte Principe auguſto, em que declara
A certeza daquelle caſamento,
Que por juſtos motivos occultára;
Elle confeſſa, que eſte ſentimento
Geralmente no Povo ſe eſpalhara,
E que fora abonado legalmente
Com a familia, e Biſpo entaõ preſente.

CIX.

Eu naõ ſei como provas mais patentes
Poſſaõ dar-ſe de factos ſimilhantes,
Quando para faze-los evidentes
As teſtemunhas ſós foraõ baſtantes:
Aqui duas depoem, que ambas preſentes
Foraõ no caſamento, ambas conſtantes,
Ambas dignas de fé, hum por honrado,
Outro pelo caracter de Prelado.

Que

CX.

Que importa, q̃ hum ſe lembre, outro ſe eſqueça
Do mez, e dia, ſe ambas na ſubſtancia
Do negocio concordaõ? Que intereſſa
A noticia daquella circunſtancia?
He poſſivel, que nella eſtabeleça
Algum homem prudente a repugnancia
A' ſua fé, notando a identidade,
Com que ſe abona o fundo da verdade?

CXI.

Mas que neceſſidade, ou dependencia
Há de taes teſtemunhas, para effeito
De reduzir ás luzes da evidencia
Eſte ponto dos doutos no conceito;
Depois de ElRey tomar a providencia
De atteſtar pelo modo mais perfeito
A certeza do caſo, he bem ſabido,
Que ſem mais prova, fica decidido.

CXII.

Neſtes termos, ſe algum dos dois Infantes
Filhos de Ignez, e Pedro aqui ſe viſſe,
Ou por outras razoens mais importantes
Impedido talvez ſenaõ ſentiſſe,
A peſar dos defeitos mal ſoantes,
Que a malicia inſolente preſumiſſe,
Eſte ſó fora Rey no meu conceito
Por todas as razoens do bom direito.

Mas

CXIII.

Mas o triſte deſtino, que parece
Da deſditoſa Mãy herança eſcura,
Com funeſtos influxos deſvanece
Dos claros Filhos a juſtiça pura;
Elle primeiramente lha eſcurece
Nas infauſtas razoens, com que procura
Em vida de Fernando deſgoſta-los,
E dos paternos Reynos ſepara-los.

CXIV.

Hum delles por altivo, outro obrigado
Do temor do caſtigo merecido,
Por hum crime de todos reputado
Com o effeito de hum genio enfurecido;
Qualquer delles das furias agitado,
De hum bellicoſo ardor mal entendido,
Se expatriou, tomando cegamente
As armas contra o Eſtado, e propria gente.

CXV.

Nós ouvimos com o ferro vingativo
Ferozes aſſolar noſſas Fronteiras,
Talar os campos do paiz nativo,
Lançar o fogo ás patrias ſementeiras;
Nós os vimos ſervindo de incentivo
A' Vingança das armas eſtrangeiras,
Oſtentar-ſe no campo varias vezes
Inimigos crueis dos Portuguezes.

De-

CXVI.

Depois de hum erro tal, continuando
O triſte influxo da maligna eſtrella,
Logo depois da morte de Fernando,
Foraõ preſos na Côrte de Caſtella;
Alii ſem liberdade eſtaõ chorando
A pouca diſcripçaõ, pouca cautela
Da paſſada conduta; mas ſem meyos
De evitar, ou romper os grilhoens feyos.

CXVII.

Odioſos á Patria, e deſpojados
Da propria liberdade, o ſeu direito
A peſar dos principios mais provados,
Naõ póde produzir algum effeito;
A lembrança dos Povos magoados
Inimigos os pinta; e no conceito
De captivos, ou preſos, a deſgraça
O caminho do Trono lhe embaraça.

CXVIII.

O Reyno pede prompta providencia,
Que naõ póde eſperar de hum priſioneiro,
Que em ſi meſmo, dos ferros na violencia,
Naõ póde exercitar dominio inteiro,
Conferir-lhe de Rey a preeminencia
Fora ſó confirmar-lhe o captiveiro,
E perder ſem alguma utilidade
Elle, e nós para ſempre a liberdade.

Neſ-

CXIX.

Neſtes termos, parece indiſpenſavel
Eleger outro Rey; mas ſe o patente
Riſco geral do Eſtado he quem louvavel
Faz eſta acçaõ, ſem elle incompetente,
Naõ he de ſórte alguma deſculpavel
Demorar com diſputa impertinente
O remedio de hum damno, que ameaça
Em qualquer dilaçaõ fatal deſgraça.

CXXI.

No Defenſor nos dá o Ceo piedoſo
Hum Rey, qual nos convém, do ſangue Auguſto
Dos antigos Monarchas, glorioſo
Pelas proprias acçoens, valente, juſto,
Sabio, pio, prudente, generoſo,
Amante da Naçaõ, forte, e robuſto;
Se a luz do patrio zêlo he quem nos guia,
Acclama-lo devemos á porfia.

FIM DO CANTO IX.

A LIBERDADE

CANTO X.

ARGUMENTO.

A LIBERDADE.

CANTO X.

ARGUMENTO.

EM quanto nas Côrtes de Coimbra ſe tractava a diſputa ſobre a eleiçaõ de Rey, o Genio Tutellar de Portugal repreſenta ao Supremo Deos o miſeravel eſtado da Naçaõ, e ſe queixa de que ſe empenhem na ſua ruina, naõ ſó os ordinarios inſtrumentos do caſtigo dos Eſtados, a guerra, e a deſuniaõ; mas que as meſmas Furias do Inferno ſe conjurem deſcobertamente, no ſeu eſtrago, intentando fruſtrar as promeſſas feitas pelo meſmo Deos ao Reyno Portuguez, e ſupplica efficazmente á Divindade, que confunda taõ ſoberbos projectos, e ampare os Portuguezes. Aſſim o concede o Deos Supremo; e acabando de fallar neſte

neſte tempo o Procurador de Coimbra, todo o Congreſſo applaude o ſeu parecer, e com goſto geral ſe acclama o Defenſor, Rey de Portugal. Paſſa o novo Rey ao Porto, toma Guimaraens, Braga, e Ponte de Lima; mas em tanto, que o Rey reſtaura a Provincia do Minho; entraõ os Caſtelhanos na Beira, onde fazem damno conſideravel, pela deſuniaõ dos Cappitaens Portuguezes; mas Pacheco os concorda, e junto com elles deſbarata os inimigos. Entra em fim em Portugal ElRey de Caſtella com poderoſo Exercito, e atraveſſando a Beira, paſſa a Eſtremadura. Relaçaõ do Exercito Caſtelhano. Marcha o novo Rey Portuguez do Minho, e chega a Abrantes, onde faz reviſta da ſua gente. Arrogancias de alguns Portuguezes, e Voto temerario de Vaſco Martins de Mello. Encontram-ſe os Exercitos no Campo de Aljubarrota, e ſe dá batalha. Acçoens valoroſas do novo Rey Portuguez, do grande Nuno, de Vaſconcellos, de Almada, e de outros Portuguezes. Foge ElRey de Caſtella; morre Vaſco Martins no ſeu alcance, triunfa o novo Rey Portuguez, e com eſta victoria eſtabelece firmemente a independencia da Coroa, e a Liberdade de Portugal.

A

A LIBERDADE

CANTO X.

I.

EM tanto, ſobre o claro Firmamento,
Onde habitaõ os Genios vigilantes,
A quem foi dado em ſórte o regimento
Dos Imperios da terra vacilantes;
Lá onde o Deos Supremo o ſummo aſſento
Poz do Solio Celeſte, a quem conſtantes
Aſſiſtem ſempre os Choros deſvelados
Dos Eſpiritos bem-aventurados.

II.

Onde os caſos mais graves deſta vida
Se decidem com firme ſegurança;
Se diſtribue a ſórte concedida,
Ou da triſte deſgraça, ou da bonança:
Na preſença tremenda, e apetecida
Do Grande Deos da paz, e da vingança,
O Genio Tutellar do Luſo Eſtado
Aſſim fallou de zêlo penetrado.

III.

Omnipotente Pay, principio eterno
De toda a natureza, Deos Amavel,
Deos Temivel, Benigno, Brando, Terno,
Juſto, Recto, Severo, e Reſpeitavel,
Deos Unico, e Deos Trino, Rey Supremo
Dos Monarchas, Senhor Inconteſtavel
Dos Imperios, por quem os Reys da terra
Reynaõ, porquem lhe he dada a páz, e guerra.

IV.

O Luſitano Eſtado, que incumbido
Me foi por vós, em triſte deſamparo
Sem Cabeça ſe vê, mal repartido
Em diverſas facçoens: o Varaõ claro,
Que lhe eſtava dos fados promettido,
Para digno Monarcha, ſem reparo
Nos ſeus grandes talentos, e fadigas,
Contraſtado ſe vê com mil intrigas.

Naõ

V.

Naõ baſtáraõ as armas Caſtelhanas,
O furor, e ambiçaõ dos inimigos,
Maquinadas traiçoens, forças tyranas,
Succeſſivos trabalhos, e perigos;
Naõ baſtáraõ crueis paixoens humanas,
Oppoſtas pertençoens, odios antigos;
Tambem do meſmo Averno o Genio irado
Vem perturbar o Reyno deſgraçado.

VI.

Elle foi ſuſcitar do torpe ſeyo
Das Furias infernaes a venenoſa,
Implacavel Diſcordia, que tem cheyo
O coraçaõ da gente bellicoſa
De invencivel ardor, de orgulho feyo,
Contra a gloria da empreza generoſa,
Que o zêlo da Naçaõ tinha diſpoſto
Para acclamar Monarcha de ſeu goſto.

VII.

Se eſta empreza, Senhor, he fabricada
Contra as ordens da voſſa Providencia,
Se he injuſta, inſolente, ou mal fundada
Na ambiçaõ, na ſoberba, e na violencia,
Pague a culpa a Naçaõ mal regulada,
Confunda o máo ſucceſſo a diligencia,
E ſirva o ſeu caſtigo de eſcarmento
A qualquer temerario, altivo intento.

VIII.

Mas ſe foraõ por mim bem entendidos
Voſſos altos Decretos adoraveis,
Se os Luſos povos devem ſer regidos
Por proprios Reys, ſe nelles immutaveis
Haõ de ver-ſe os prodigios promettidos
A' progenie de Affonſo, e ſe culpaveis
Naõ ſaõ nos voſſos olhos os projectos,
Que tem voſſos diſignios por objectos.

IX.

Como ſoffre o reſpeito mageſtoſo
Da voſſa Omnipotencia independente,
Que das trevas o Eſpirito orgulhoſo
Fruſtrar pertenda os fados deſta gente?
Vós ſó podeis o curſo duvidoſo
Do deſtino reger com maõ potente;
Vós ſó ſabeis o tempo, e circunſtancias,
Em que podem mudar-ſe as obſervancias.

X.

Se a ſoberba de Lucifer lhe inſpira
Taõ altivos projectos, ſe a vingança,
Os furores, e os odios, que reſpira
Lhe miniſtraõ taõ louca confiança,
Conheça o torpe Pay da vil mentira,
Que o ſeu perfido engano naõ alcança
Algum fructo das ſuas diligencias,
Contra a ordem das voſſas Providencias.

Aſſim

XI.

Assim será, responde o Pay Sublime,
E desta vóz á força o Ceo rendido,
Com susto santo, que o respeito exprime,
Tremeo de Polo a Polo estremecido:
O torpe Genio, que a Naçaõ opprime
Se sepulta nas trevas atordido,
Foge a Discordia do Congresso Luso,
Cessa das gentes o rumor confuso.

XII.

Acabava de orar naquelle instante,
Da risonha Coimbra o Deputado;
E logo na Assembléa em vóz constante
Foi seu voto por todos abonado;
Nuno sempre affectivo, e vigilante,
Vendo o caso no ponto desejado,
Elle primeiro clama em vóz festiva,
Viva El-Rei Dom Joaõ nosso Rey, viva.

XIII.

Viva, responde em grito lisonjeiro
A turba popular, viva mil vezes
O nosso grande Rey Dom Joaõ primeiro
Para gloria immortal dos Portuguezes;
Viva, *viva* repete o Corpo inteiro
Do Congresso, com termos mais cortezes,
Emendando dos cultos na observancia
O desar da passada repugnancia.

Con-

XIV.

Confuſo o Defenſor na repentina
Affluencia de obſequios taõ attentos,
Adora reverente a maõ Divina
Na prompta execuçaõ dos ſeus intentos;
Mas os meſmos prodigios, que imagina
Na concordia dos varios penſamentos,
O fazem ponderar com mais prudencia
Os encargos da Regia preeminencia.

XV.

Aſſuſtado do peſo glorioſo
Da grandeza de hum Ceptro, em cujo amparo
O cuidado do Todo Poderoſo
Se intereſſava com favor taõ raro;
E dos proprios talentos duvidoſo
Para reger Imperio taõ preclaro,
Se eſcuſava modeſto com exceſſo
A's brilhantes offertas do Congreſſo.

XVI.

Mas o Povo affectivo, e alvoroçado
Com inſtancias, e rogos porfiava,
Que ſem mais dilaçaõ foſſe acclamado,
A peſar do receyo, que oſtentava;
E ſendo o claro Heróe certificado,
Que hum repudio modeſto naõ baſtava
Para abrandar do Povo a viva idea,
Aſſim fallou no meyo da Aſſemblea:

Valo-

XVII.

Valoroſos, illuſtres companheiros
Dos trabalhos, e riſcos padecidos
Pela gloria da Patria, verdadeiros
Defenſores do Eſtado eſclarecidos,
Vós me preſtais os nomes liſongeiros
De Senhor, e de Rey, nomes luzidos;
Mas temiveis por certo, a quem reflecto
Na grande obrigaçaõ, que lhe compete.

XVIII.

Eu me obrigo de moſtras taõ brilhantes
De amor, de confiança, e de reſpeito,
Que exiſtiráõ ſeguras, e conſtantes
Eternamente impreſſas no meu peito;
Mas taõ peſados ſaõ, taõ importantes
Os encargos de hum Rey no meu conceito,
Que naõ julgo meus hombros competentes
A' grandeza de peſos taõ valentes.

XIX.

Proſeguia a dizer; mas naõ permitte
A ternura do Povo alvoroçado,
Que complete o diſcurſo, ſem que grite
A favor do projecto deſejado:
Todos clamaõ, que he força, que exercite
O poder conferido, e que obrigado
Pelo zelo da Patria liberdade,
Deve aceitar a Regia dignidade.

Mil

XX.

Mil vozes variamente articuladas,
Mas acordes no meſmo ſentimento,
Com razoens pelo zelo miniſtradas,
Combatem do Varaõ o penſamento:
Elle cede por fim ás porfiadas
Expreſſoens de taõ puro rendimento,
E penetrado de paixaõ mais nobre,
O ditoſo conſenſo aſſim deſcobre:

XXI.

Generoſo Congreſſo, reſpeitavel
Simulacro da Patria, a quem dedica
O meu peito, com zelo inalteravel,
Toda a ſua attençaõ; e ſacrifica
Todas ſuas acçoens; indiſputavel
Obrigaçaõ de hum filho, que ſe applica
A cumprir dignamente os ſeus deveres
Aᶜ Mãy geral, nas penas, e prazeres.

XXII.

Se he preciſo, que eu ſeja reveſtido
Do Supremo poder, ſe diſpenſar-me
Naõ devo deſte empenho, e ſe o luzido
Regio caracter devo apropriar-me;
Se he preciſo ceder agradecido,
Aᶜ vontade, que tendes de exaltar-me,
Eu me rendo com grata complacencia
Aᶜs intençoens da voſſa providencia.

Serei

XXIII.

Serei Rey, ſe convem á dignidade
Da Naçaõ ter hum Rey de ſangue Luſo;
Serei Rey, mas do Trono a Mageſtade
Gozarei livre do vulgar abuſo;
Todos vós apeſar da authoridade
Do ſupremo Poder, que naõ recuſo,
Me achareis ſempre o meſmo ſem mudança
Na amizade, no zelo, e confiança.

XXIV.

Vós naõ me ſervireis; vós juntamente
Comigo ſervireis á gloria pura,
A' doce liberdade, á permanente
Juſtiça da Naçaõ, contra a perjura
Sacrilega ambiçaõ; vós propriamente
Sereis filhos regidos com ternura:
Aſſim diſſe o Varaõ, e no ſeu geſto
Se via o grande zelo manifeſto.

XXV.

Qual no fim de huma larga, e duvidoſa
Navegaçaõ por climas ignorados,
Depois da raiva, e furia proceloſa,
Do mar cruel, e ventos indignados,
A maritima gente cobiçoſa
De recobrar os pórtos deſcançados
Com a viſta da terra apetecida
Grita goſtoſa, e chora internecida.

XXVI.

Tal na grande Aſſembléa a gente Luſa,
Que nos riſcos da Patria fluctuava,
E nos varios ſucceſſos taõ confuſa
A goſtoſa eſperança imaginava,
Vendo, que o Defenſor já naõ recuſa
O lugar, que a Naçaõ lhe deſtinava,
Entre lagrimas doces de alegria
Mil feſtivos clamores repetia.

XXVII.

Cada qual neſte inſtante a liberdade
Crê de novo cobrar, crê ver ſegura
Do Trôno Portuguez a dignidade,
Do nome Luſitano a gloria pura:
As mais altas liſonjas da vaidade,
Já cada qual ſem ſuſto ſe figura,
E com tal Rey, qualquer dos Luſitanos
Já naõ teme o poder dos Caſtelhanos.

XXVIII.

Daõ-ſe as ordens preciſas no Congreſſo
Para formalizar decentemente
A concluſaõ feliz de hum tal ſucçeſſo,
Com acto proprio, e pompa competente;
Concorre o Povo alegre com exceſſo
A ver o novo Rey; faz-ſe patente
A todo o Reyno o caſo com preſteza,
Executa-ſe em fim a grande empreza.

Accla-

XXIX.

Acclama-se o Varaõ, a frente Auguſta
Cinge o ſacro Diadema, o Regio manto
Os fortes membros cobre, a maõ robuſta
Impunha o Ceptro antigo, e ſobre o Santo
Reſpeitavel compendio da Ley juſta
Do Salvador do Mundo o Reyno em tanto
Jura guardar-lhe fé, tendo primeiro
Jurado o Rey ſer juſto, e verdadeiro.

XXX.

Com feſtivos obſequios de alegria
Se deſvela Coimbra; mas no peito
Do novo grande Rey nada podia
Interromper do zêlo o nobre effeito:
O bravo coraçaõ lhe naõ ſoffria
Viver em ocio alegre, e ſem reſpeito
A's cortezes liſonjas dos amigos,
Deixa Coimbra, e buſca os inimigos.

XXXI.

Perſiſtiaõ no Reyno alguns Lugares,
Que o partido de Heſpanha ſuſtentavaõ,
E no meyo das furias militares
A confuſaõ da Patria accreſcentavaõ;
Na Provincia do Minho mais vulgares
Eſtes féros empenhos ſe obſervavaõ,
E nas meſmas Cidades mais famoſas
Se notavaõ conductas taõ damnoſas.

Hu-

XXXII.

Huma deſtas he Braga, Braga Auguſta,
Taõ famoſa nos faſtos Luſitanos,
Em quem iguaes troféos a fama ajuſta
De ſucceſſos Sagrados, e profanos;
Braga, cuja memoria o Porto aſſuſta,
Que fez hum tempo a gloria dos Romanos,
Que regulou da Igreja os ritos puros
No dominio dos barbaros mais duros.

XXXIII.

E vendo o novo Rey, que tal Cidade
Se eſcuzava do zelo, que devia
Aᶜ Luza gloria, á patria liberdade,
Aᶜ fama antiga, e propria valentia,
Querendo reprimir com brevidade
Os exemplos da triſte rebeldia,
Paſſa do Douro a rapida corrente,
E faz juntar no Porto a Marcia gente.

XXXIV.

Sobre Braga deſtina o golpe irado
O bellicoſo Rey; mas ſuſpendido
Foi por novo ſucceſſo, que empenhado
Deixou o ſeu valôr ſempre advertido:
Por ſecretos aviſos incitado
A tomar Guimaraens vai ſem ruîdo,
Guimaraens Povo antigo, e glorioſo,
Do Trono Portuguez berço ditoſo.

Com-

XXXV.

Commandava na Villa por Caſtella
Ayres Gomes da Silva, hum Cavalleiro
De Sangue Portuguez, e da mais bella
Nobreza deſte Reyno, a quem primeiro
Servio em guerra, e páz; mas que atropella
Agora o Patrio zelo, ou liſonjeiro
A Caſtelhana eſpoſa, ou porque entende
Ser mais ſegura a cauſa, que defende.

XXXVI.

Eſte vendo, que alguns dos moradores
Conſervavaõ no peito ſem mudança,
Os affectos dos ſeus anteceſſores
Pela gloria do Eſtado; que a lembrança
Dos antigos Monarchas, e Senhores
Inſpirava no Povo a confiança
De aplaudir as virtudes, e juſtiça
Do novo Rey, que graças deſperdiça.

XXXVII.

Sabendo, que Carvalho hum dos honrados
Habitantes da Villa, e que contava
Grande copia de amigos, e criados,
Que hum franco proceder lhe grangeava,
De huns, e de outros, ſem cauſa congregados
Em paſſeyos talvez ſe acompanhava,
Lhe ordenou, qne da Villa ſe auſentaſſe,
Ou ſem ſequito nella ſe oſtentaſſe.

Deſ-

XXXVIII.

Deſgoſtou-ſe Carvalho, e cobiçoſo
De vingar-ſe, e ſervir á Patria chara
Com cautela, e diſfarce artificioſo,
A mudar de Governo ſe prepara;
E diſpoſto o projecto induſtrioſo
Com o novo Monarcha ſe declara,
Promettendo da Villa a porta aberta
Para dia ajuſtado, e hora certa.

XXXIX.

Com eſte aviſo parte ſem demora
Do Porto o novo Rey, e juſtamente,
Quando as trevas rompia a lúz da Aurora;
Sobre a Villa ſe moſtra diligente;
Eſperava Carvalho o dia, e hora
Com deſvelos de zêlo impaciente,
Tendo aberta huma porta, e por cautela
Alguns amigos ſeus naõ longe della.

XL.

Eſtes, tanto que delles foi ſabida
A chegada do Rey, com maõ armada
Se lançaõ ſobre a guarda, que rendida
Se vio no meſmo tempo, que atacada;
Porque ſendo por elles ſurprendida,
Eſtando de tal caſo deſcuidada,
Primeiro ſe vio preſa, que podeſſe
Reconhecer o damno, que padece.

Ga-

XLI.

Ganhada a porta, a gente bellicoſa
Se moſtra ſem disfarce, e diſcorrendo
Pelas ruas viſinhas furioſa,
Mil eſtragos, e damnos vai fazendo;
A guarniçaõ confuſa, e temeroſa
Se atropella fugindo, naõ ſabendo
Inda bem de que foge, e finalmente
Entra ſem reſiſtencia o Rey potente.

XLII.

Mas quando já completa, e bem lograda
A ditoſa interpreza ſe entendia,
E na fé da victoria deſcançada
A vencedora Tropa ſe aplaudia;
Pelas caſas deſertas eſpalhada,
Onde a preza cedida recolhia,
Tordeſumos Valente Caſtelhano
Intenta reſarcir o grave damno.

XLIII.

Armado de armas fortes ſe apreſenta
Na bóca de huma rua, onde procura
Fazer formar a gente, que afujenta
Do ferro Portuguez a força dura,
E tanto brio, tanto zêlo oſtenta,
Que infundindo valôr na gente eſcura,
Naõ ſó ſuſpende o curſo da victoria;
Mas ameaça ouſado a Luſa gloria.

XLIV.

E lográra talvez os ſeus intentos,
Suppoſta a diſtracçaõ dos vencedores,
Que eſquecidos dos nobres ſentimentos,
Se empregavaõ do roubo nos horrores,
Se Rodrigues Varaõ de penſamentos
Alheios de cobiça, e dos melhores
Cavalleiros d'El-Rey, naõ acudira
A'quella parte, e os paſſos lhe impedira.

XLV.

Mas vendo o bom Rodrigues a arrogante
Soberba do Heſpanhol, e commovido
De hum impulſo de gloria mais brilhante,
Ou de cega paixaõ enfurecido,
Com geſto bravo, com feróz ſemblante
Elle ſó de armas ricas guarnecido,
Domando de hum ginete o féro alento,
Lhe vai fruſtrar o nobre penſamento.

XLVI.

Porque a bótes de lança furioſos,
Abatendo, ferindo, e deſtroçando
Quantos contrarios vê mais orgulhoſos,
Foi o paſſo das ruas franqueando,
E dos ecos dos golpes ruidoſos
Chamado o grande Rey vaõ fulminando
Ambos juntos taes mortes, e feridas,
Que ſaõ poucos deſpójos tantas vidas.

Acode

XLVII.

Acode o Commandante acompanhado
De toda a guarniçaõ ; mas aproveita
Pouco todo o valôr, todo o cuidado
Contra a furia do Rey, que naõ reſpeita
Nem armas, nem perigos, indignado
Da forte reſiſtencia, e que ſujeita
A Villa finalmente, que lhe cede
Sylva, e para Caſtella ſe deſpede.

XLVIII.

A noticia da grande novidade
Amotina de Braga os moradores ;
Toma as armas a gente da Cidade,
E com vozes confuſas, e clamores,
Gritando *Portugal*, e *Liberdade*
Ataca a guarniçaõ, que entre os horrores
De hum ſuſto repentino com deſvelo
Póde apenas ſalvar-ſe no Caſtello.

XLIX.

E ſendo ſem demora o Rey ſciente
Por aviſo do caſo ſuccedido,
E chamado do Póvo impaciente
A tomar o Caſtello defendido,
Manda Nuno com marcha diligente,
A ſuſtentar dos Luſos o partido,
Em quanto ſe diſpôem com mais prudencia
A render do Caſtello a reſiſtencia.

L.

Porém o grande Nunó, a quem parece
Facil qualquer empreza trabalhoſa,
E que ſempre nas armas reconhece
Favoravel a ſorte duvidoſa,
Entendendo que o caſo naõ merece
Taõ grande prevençaõ, com venturoſa
Ouſadia combate a fortaleza
Do Caſtello, que rende com preſteza.

LI.

E ſabido do Rey o bom ſucceſſo
Dos empenhos de Nuno, e que a fortuna
Se moſtrava, das armas no progreſſo,
A' conquiſta das Praças oportuna,
Vendo que da preſteza o vivo exceſſo
He das grandes emprezas a columna,
Sem mais perda de tempo a gente anima
Para reivendicar Ponte de Lima.

LII.

Era Lira da Praça Commandante
Cavalleiro valente, e reſpeitado
Por ſeu ſangue, e valór, mas arrogante
Por genio, e por coſtume; apaixonado
Partidario de Heſpanha, e taõ conſtante
Na ſua opiniaõ, que arrebatado
De hum exceſſo de zêlo reputava
Por infiel, quem de outra ſe prezava.

LIII.

E foi nelle taõ forte eſte conceito;
Que a peſar de branduras, e rigores;
Nem fez nelle o perigo algum effeito,
Nem promeſſas de graças, e favores;
Firme, duro, obſtinado, e ſem reſpeito
A' fortuna, e poder dos vencedores,
Só depois de abraſada a Fortaleza,
Cedeo em fim das chamas á braveza.

LIV.

Mas em tanto, que o Rey com maõ armada;
A Provincia do Minho ſubmettia
A' ſua dependencia, e reſtaurada
A gloria Nacional nella ſe via;
A Provincia da Beira, devaſtada
Pelas armas de Heſpanha, padecia
Graves damnos, e perdas importantes
Nas peſſoas, e bens dos habitantes.

LV.

A Diſcordia cruel ſe indroduzira
Nos coraçoens de Cunha, e de Coutinho
Capitaens da Provincia, em quem reſpira
Igual emulaçaõ; ſem que o viſinho
Perigo os concilie, ou que perſira
Algum delles, da gloria no caminho,
O ſerviço da Patria ameaçada
A' propria eſtimaçaõ mal regulada.

LVI.

Deſta ſórte ſem ſuſto, nem perigo
De alguma oppoſiçaõ, ou reſiſtencia,
A fereza, e cobiça do inimigo
Augmentava os exceſſos da inſolencia;
Mas Pacheco Varaõ de ſangue antigo,
De honra ſublime, e ſolida prudencia,
Em quem da Patria o zelo mais ſe accende
Impedir tanto damno em fim pertende.

LVII.

Governáva Ferreira, mas naõ tinha
Na fraca guarniçaõ daquella Praça,
O bom Pacheco a gente, que convinha
Para deſvanecer tanta deſgraça;
E ſabendo que o damno ſe aviſinha,
E que o juſto remedio ſe embaraça
Na cega competencia, que alimenta
Dos dois queixoſos a paixaõ violenta.

LVIII.

Com ambos igualmente ſe intereſſa
A fim de concorda-los; mas duvîda
Qualquer dos dois ceder, ſem que haja expreſſa
Satisfaçaõ da queixa pertendida;
E vendo, que a paixaõ feróz naõ ceſſa
De offuſcar da razaõ a lúz perdida,
A Cunha menos duro, ou mais prudente,
Aſſim fallou deliberadamente.

Se

LIX.

Se o publico intereſſe, ſe o cuidado
Da patria Liberdade, e ſe o receyo
Da ruina total do Luſo Eſtado
He dos voſſos deſvelos taõ alheyo,
Se hum cego pundonor, ſe hum triſte enfado,
Huma torpe ambiçaõ, e hum zêlo feyo
Da propria utilidade he ſó baſtante
A reger voſſo eſpirito arrogante.

LX.

Pelo menos a voſſa propria gloria,
A voſſa opiniaõ, e o luzimento
Deſſe brio, que tanto na memoria
Se horroriza de hum leve ſoffrimento,
Vos ſirva de incentivo em taõ notoria
Laſtimoſa occaſiaõ de abatimento;
E já que o patrio amor vos naõ inflamma,
Sirva o voſſo valor á voſſa fama.

LXI.

Os inſultos crueis, e feros damnos,
Que a Provincia padece á voſſa viſta,
Na ſoberba invaſaõ dos Caſtelhanos,
Sem que alguem ſe lhe opponha, ou lhe reſiſta,
A peſar da cegueira, e dos enganos
Deſſa altiveza vã, que vos maſquiſta,
Saõ mancha eſſencial da dignidade
Do voſſo nome, e voſſa qualidade.

Ini-

LXII.

Inimigos, e amigos igualmente
Accuſaraõ a voſſa paciencia
De cobarde temor, ou de indecente,
Suſpeitoſa, culpavel, negligencia;
E qualquer das ſuſpeitas triſtemente,
Baſta para deixar em contingencia,
Para ſempre das gentes na memoria,
Voſſa fé, voſſo alento, e voſſa gloria.

LXIII.

Ambos vós igualmente intereſſados
Sois no caſo preſente, igual injuria
Vos reſulta dos damnos tolerados,
Por falta de valor, ou por incuria;
E ſe hum ſómente os meyos adequados
Naõ tem para abater do riſco a furia,
Aquelle, que ſe eſcuſa em tal conflicto,
Inculca claramente o ſeu delicto.

LXIV.

Se entre vós, e Coutinho algum motivo
Há de queixa, deſgoſto, ou rompimento,
Tempo reſta a vingar; que hum peito altivo
Naõ perde taõ depreſſa o ſentimento:
Mas naõ ſirva a vingança de incentivo
A' vileza de hum torpe abatimento,
Que igualmente nos dois deixa manchada
A fama do valôr, e fé ſagrada.

Aſſim

LXV.

Assim fallou Pacheco, e convencido
O nobre Cunha das razoens forçosas,
Ou da propria virtude commovido,
Para abraçar idéas generosas,
Altamente protesta, que esquecido
Das passadas questoens escrupulosas,
Se ajuntará com toda a sua gente
A Coutinho, se disso for contente.

LXVI.

E suppondo Pacheco mais tractavel
A Coutinho, depois desta certeza,
Novamente com zelo incomparavel,
Intenta convencer sua dureza;
Mas a cega vaidade inexoravel
A's vozes da razaõ, e da nobreza,
Se obstina nos escrupulos altivos,
Que protesta com frivolos motivos.

LXVII.

Entre elles vê Pacheco claramente
A causa principal da repugnancia,
Procedida de hum susto impertinente
Sobre huma melindrosa circunstancia;
Receava Coutinho justamente
Ser mandado por Cunha, e na arrogancia
Do seu genio feróz, estes receyos
Frustravaõ da uniaõ todos os meyos.

Mas

LXVIII.

Mas informado Cunha do embaraço,
Que impede a concluſaõ deſte concerto,
E que ſuſpende totalmente o paſſo
A's providencias de taõ grave aperto,
Depois de reflectir hum breve eſpaço
Nos effeitos daquelle deſacerto,
Aſſim falla a Pacheco deſgoſtoſo
De ver fruſtrado o zelo generoſo.

LXIX.

Vós ſabeis a ventagem conhecida,
Que em Soldados, amigos, e parentes
Tenho ſobre Coutinho, e nem duvîda
Elle meſmo de abonos taõ patentes;
Mas ſe a ſua ambiçaõ mal dirigida
Só ſe agrada das honras apparentes
De Chefe principal; eu me ſujeito
Pela Patria a ceder-lhe o meu direito.

LXX.

Com tanto que ſe logre o grande intento
De ſalvar a Provincia, eu naõ procuro
Outra gloria, nem tenho ſentimento
De perder eſſas honras; bem ſeguro
De naõ ſer menos nobre o penſamento,
Que me leva a ſervir Soldado eſcuro
No perigo commum, do que a grandeza,
A que aſpira Coutinho neſſa empreza.

Aſſim

LXXI.

Assim disse o bom Cunha, e dissipada
A disputa fatal, sem mais demora
Se dispõem cada qual com mão armada
Para a vingança, que a Provincia implora;
Porque a Tropa inimiga confiada
Nas tristes dissençoens, que não ignora,
Assolada Vizeu, se recolhia
Acompanhando a preza, que trazia.

LXXII.

E sem susto de alguma resistencia,
Pela estrada marchava de Trancoso,
Augmentando os estragos da violencia
Com sacrilegios de hum horror pasmoso;
Mas dos Lusos Varoens a diligencia,
Animada do zelo glorioso,
Meya legoa da Villa lhe prepara
O justo premio da impiedade avara.

LXXIII.

Porque unidos os fortes Cavalleiros
Com todos seus amigos, e parentes,
Alguns poucos Soldados, mas guerreiros,
Alguns pobres paizanos, mas valentes,
Os contrarios atacão taõ ligeiros,
Taõ ferozes, taõ vivos, taõ ardentes,
Que de hum prompto combate nos horrores
Saõ mais os mortos, do que os vencedores.

Quasi

LXXIV.

Quaſi naõ reſta quem dos féros damnos
Vá dar parte a Caſtella; taõ notoria
Foi a perda fatal dos Caſtelhanos,
Taõ complecta dos Luſos a victoria;
Apenas de ameaços taõ tyranos
Os deſpójos ficáraõ por memoria
Dos terriveis horrores do perigo,
E dos bravos effeitos do caſtigo.

LXXV.

Mas já do Rey tyrano a permanente
Obſtinada ambiçaõ, mal reprimida
Nas paſſadas deſgraças, novamente
De numeroſas Tropas prevenida
Nas fronteiras ſe moſtra; cegamente
Contra a Luſa conſtancia enfurecida,
Ameaçando eſtragos mais funeſtos
Com ſignaes de rigor mais manifeſtos.

LXXVI.

Havia convocado á guerra injuſta
O fero Rey, naõ ſó dos ſeus Eſtados
A melhor Tropa, a gente mais robuſta,
Mas hum grande ſoccorro de Alliados;
Aſſim debaixo da bandeira auguſta
Da ſoberba Caſtella congregados
Varoens ſe viaõ de alta confiança,
Naõ ſó de Heſpanha toda, mas de França.

Alli

LXXVII.

Allî entre os primeiros ſe moſtrava
O Marquêz de Vilhena commandando
A gente de Caſtella, em quem durava
O vivo affecto á prole de Fernando:
Oito mil combatentes animava
De notorio valôr, acreditando
No zêlo, e promptidaõ a fama nobre,
Que a vaidoſa arrogancia naõ lhe encobre.

LXXVIII.

Junto deſte Toledo apparecia,
Eſperança ſegunda de Caſtella,
Que o ſeu nome da Patria deduzia,
E da Patria a liſonja era mais bella;
Sinco mil Caſtelhanos conduzia
Do Toletano Reyno, e ſe deſvela
Em moſtrar, que naõ he Caſtella-Nova
Menos forte, que a Velha a toda a prova.

LXXIX.

Depois deſtes ſe vêm os Leonezes
Precurſores primeiros do caſtigo
Da Mauritana gente, a quem mil vezes
Rendêraõ com valor em tempo antigo:
Mil Soldados contavaõ ſinco vezes,
Homens bravos, ſem ſuſto do perigo,
A quem o fórte Sandoval mandava,
Que em forças corporaes ſe avantajava.

Logo

LXXX.

Logo depois ſe vêm os habitantes
De Vandalia, Paîz ſempre fecundo
Em cavallos ligeiros, e arrogantes
Conhecidos por bons em todo o Mundo;
Eraõ ſeis vezes mil Varoens conſtantes
De valôr grande, de ſaber profundo
No militar officio, a quem regîa
Arelhano, que a terra já ſabia.

LXXXI.

Com eſtes vem os claros moradores
Da Patria do bom Canio, taõ famoſa
Pelas duas columnas, que louvores
Saõ da fama de Alcides glorioſa;
Oito centos ſe contaõ, ſoffredores
Do trabalho, e fadiga rigoroſa,
Taõ expertos no mar, como na terra,
Déſtros para o commercio, e para a guerra.

LXXXII.

Depois deſtes marchava a féra gente
De Cantábria, que rege Maldonado,
Gente feróz, de genio impaciente
Com braço a duro ferro coſtumado,
Seis mil Soldados ſaõ Tropa valente,
Que de obras mais, que vozes tem cuidado;
Com quem de Guipuſcoa, e das Aſturias,
Vem os Povos provar de Marte as furias.

Pou-

LXXXIII.

Pouco depois Sarmento ſe diviza
Conduzindo tres mil, e ſetecentos
Habitantes do Reyno de Galiza,
Terra de homens groſſeiros, e avarentos;
Terra que ſó na fama ſe eterniza
Dos illuſtres antigos monumentos,
Que a tradiçaõ conſerva, ſem eſtrago
Das reliquias do Grande Santiago.

LXXXIV.

Alem deſtes, naõ poucos Cavalleiros
De Catalunha, de Aragaõ, e França,
Em qualidade ſó d'aventureiros
Augmentavaõ do Campo a ſegurança;
De Ric hum bom Francêz, e dos guerreiros
De mais fama, mais alta confiança,
Era ſeu Capitaõ, e delles conta
Mil Eſtrangeiros, gente ouſada, e prompta.

LXXXV.

Nem faltaõ Portuguezes, que eſquecidos
Do zêlo Nacional, da gloria clara
Do nome Portuguez, e dos luzidos
Troſêos, que a fama antiga conſagrara,
Por errados principios conduzidos,
De affectos varios, de cobiça avara,
Contra a Patria ſe oſtentaõ furioſos,
Obſtinados, ingratos, e orgulhoſos.

Taes

LXXXVI.

Taes saõ os dois Pereyras, indecentes
Irmaons do grande Nuno; os mal seguros
Azevedos, e Castros; os ardentes
Bottelhos, e Ataídes; os perjuros
Porcalho com Doutel; os descontentes
Oliveiras, e outros mais escuros,
Que por seu Capitaõ reconheciaõ
O Conde de Barcellos, que seguiaõ.

LXXXVII.

Desta gente, e de alguma menos fórte;
Mas em numero grande acompanhado
O Rey feróz, tentar de novo a sórte
Das armas determina, aconselhado
Da raiva, e da ambiçaõ, que estrago, e morte
Annunciaõ em todo o Luso Estado,
A quantos a favor da Liberdade
Ostentavaõ do zêlo a dignidade.

LXXXVIII.

Assim vai pela Beira devastando
Campos, Cidades, Villas, e Lugares;
Da natureza as leys sacrificando
A' licença das furias militares;
E da Beira os limites franqueando,
A pesar dos clamores populares,
Já do estrago tyrano a frente dura
Na Provincia se vê da Estremadura.

Mas

LXXXIX.

Mas o Rey Portuguez, que naõ conhece
Nem ſuſto, nem fadiga, e que procura
Moſtrar que deſempenha, e que merece
A diſtincçaõ da Regia Inveſtidura,
Mais ligeiro, que o rayo quando deſce
Precipitado da officina eſcura,
Deſde as margens do Lima vem voando
A's do Tejo, o remedio anticipando.

XC.

E chegado de Abrantes á campina,
Onde os ſeus Capitaens juntar mandára,
Alli paſſar reviſta determina
A' gente, que a ſervi-lo ſe prepara;
O bom Nuno, que já ſe denomina
Condeſtavel, e ſempre ſe moſtrara
O mais fiel, conduz tres mil ſoldados
A vencer Caſtelhanos coſtumados.

XCI.

De outros tantos o Rey ſe acompanhava,
Gente forte, fiel, e bellicoſa,
Que animada, e diſpoſta ſe moſtrava
Para qualquer empreza duvidoſa;
Gente eſcolhida, gente que zelava
Do proprio nome a fama já luſtroſa,
Gente que aliſta o zêlo, o amor, o brío;
Em quem naõ tem poder o medo frio.

Outros

XCII.

Outros dois mil conduz o forte Almada;
Soldados novos, feros, e arrogantes,
Que em defenſa da Patria ameaçada
Das Provincias concorrem mais diſtantes;
Quaes da ſerra da Lua celebrada,
Quaes dos montes Herminios habitantes,
Quaes das margens do Tejo, qual viſinho
Do Douro, do Sabor, Mondego, e Minho.

XCIII.

Mil conduz Vaſconcellos, eſcolhidos
Dos mais altos, mais bravos Cavalleiros;
Que de viſtoſas armas guarnecidos,
Em qualidade vem de aventureiros:
Todos ſaõ por façanhas conhecidos
Entre a turba famoſa dos guerreiros,
E das Damas no culto taõ verſados,
Que a tropa ſe chamou dos namorados.

XCIV.

Deſtes muitos com raro atrevimento
Arrogantes promeſſas conſagráraõ
A' fama do ſeu nome, e o cumprimento
Com temerarios votos abonáraõ:
Algumas diſſipou o leve vento,
Mas outras com rigor ſe executáraõ,
Sendo do nobre Mello a mais famoſa,
Poſto que foſſe menos venturoſa.

Era

XCV.

Era Mello mancebo bem diſpoſto,
De idade juvenil, de genio vivo,
De elegante eſtatura, alegre roſto,
De força naõ vulgar, de peito altivo;
Seguia por amor, por zelo, e goſto
O novo Rey, ſervindo de incentivo
A' força natural dos ſeus ardores
A memoria dos ſeus anteceſſores.

XCVI.

E cego da paixaõ; ou mal guiado
Dos impulſos da propria confiança,
Prender o Rei contrario vota ouſado,
Ou fazer-lhe provar a dura lança:
O ſucceſſo pendia ſó do fado,
Que tanto a força humana naõ alcança;
Porém Mello julgava, que podia
No Campo executar quanto emprendia.

XCVII.

O Luſo Rey ſabendo que chegava
A Leiria o ſoberbo Caſtelhano,
E que ſobre Lisboa deſtinava
O mais funeſto, mais horrivel damno,
Como provar no Campo deſejava
Da voluvel fortuna o deſengano,
De Abrantes ſobre Ourém volta ligeiro,
E pela eſtrada marcha em tom guerreiro.

XCVIII.

Duas leguas diſtante de Leiria
O campo Portuguez em fim ſe aſſenta,
E nas moſtras de goſto, e de alegria,
Da victoria o prefagio a gente oſtenta:
Capitaens, e Soldados á porfia
Eſtimúla o valor, o zelo alenta,
E cada qual nas moſtras da arrogancia,
Abona de alvoroço a circunſtancia.

XCIX.

Mas quando com mais zêlo, e diligencia
Se diſpunha do campo a formatura;
E das tendas com ſabia providencia
Se ordenava a ſingella architectura;
Hum pequeno ſucceſſo, que apparencia
De notavel ſô tem na conjunctura
Dos acaſos, de novo a confiança
Accreſcenta do povo na eſperança.

C.

Hum Gamo de grandeza extraordinaria
Se levanta no meyo dos guerreiros,
E com leve carreira incerta, e varia,
A' paleſtra convida os Cavalleiros;
Seguem muitos com furia temeraria
Do veloz animal os pés ligeiros;
Mas elle á Regia tenda em fim ſe atreve,
Onde a vida rendeo a golpe breve.

CI.

A turba popular ſempre diſpoſta
A contemplar ſucceſſos portentoſos,
Os caſos naturaes; e que ſó goſta
De ideas vans, conceitos eſpantoſos,
Crê que a ſorte figura a gente oppoſta
No rendido animal, e que os ditoſos
Progreſſos do Rey Luſo annunciados,
Com eſte caſo, eſtaõ dos altos fados.

CII.

Com eſte vaõ conceito ſe accreſcenta
O natural ardor da tropa forte,
A quem o fanatiſmo repreſenta
Já certa da victoria a clara ſorte:
Qual de vencer ſómente ſe contenta
O Caſtelhano Rey, qual dar-lhe a morte,
Ou prende-lo imagina; mas notoria
He na mente de todos a victoria.

CIII.

Neſte tempo ſe deixaõ ver diſtantes,
Mas claramente as armas Caſtelhanas,
Com que de novo os peitos arrogantes
Se alvoroçaõ das tropas Luſitanas:
O grande Rey, que effeitos importantes
Sabe tirar das couſas mais inſanas,
Em quanto o fanatiſmo o povo agita,
Aſſim lhe falla, aſſim os ſolicita.

CIV.

Valentes Portuguezes, companheiros
Da minha ſorte, dignos camaradas
Dos meus trabalhos, filhos verdadeiros
Da Patria, que em diſputas deſgraçadas,
Entre a torpe ambiçaõ dos Eſtrangeiros,
E paixoens nacionaes intereſſadas,
Só em vós, ſó na voſſa heroicidade
Acha o zêlo da antiga liberdade.

CV.

Vós me elegeſtes Rey, por voſſo amparo
Sacrifico o meu ſangue, a vós compete
Ajudar-me a romper o laço avaro,
Que a ſoberba Caſtella nos promette:
O dia em fim chegou, que o Ceo preclaro
O deſtino da Patria nós commette;
Do noſſo braço pende a fatal ſorte
Da doce liberdade, ou grilhaõ forte.

CVI.

A grande multidaõ dos inimigos
Nos naõ deve cauſar eſpanto, ou ſuſto,
Pois já mais deſde os tempos mais antigos
Triunfou Portugal a pouco cuſto:
A vantagem mais certa nos perigos,
Da força ſó provém de hum peito juſto;
Nós vamos defender a propria terra,
Elles vem-lhe fazer injuſta guerra.

CVII.

Eu naõ quero de vós mais sacrificio,
Que o mesmo, que eu preparo á gloria pura
Do nome Portuguez, em beneficio
Da patria liberdade mal segura;
Todos vós já das armas no exercicio
Tendes usada ao ferro a dextra dura,
Todos bravos, e fortes vos contemplo,
Mas siga cadaqual o meu exemplo.

CVIII.

Disse; e logo por todos os soldados,
Hum pequeno susurro precedendo,
Respondido lhe foi com altos brados,
Que se morresse, a Patria defendendo;
E sem perder instante, os alentados
Alvoroços da tropa conhecendo,
Faz signal de investir o Rey valente,
E conduz á batalha a brava gente.

CIX.

Ouvio naquelle dia, a vez primeira,
Portugal, entre assombros temerosos,
Do salitrado enxofre a voz grosseira,
Do metal duro os ecos pavorosos;
Espanto fez á gente mais guerreira
Ver em novos inventos bellicosos,
Os trovoens no ruido copiados,
Nos effeitos os rayos imitados.

Mas

CX.

Mas a peſar do eſpanto, e dos perigos,
A peſar das vantagens exceſſivas
Do numero mayor dos inimigos,
As Luſas Quinas voaõ vingativas;
Já mais ſe ouviraõ nos annaes antigos
Das Campanhas de Troya, ou nas eſquivas
Guerras do Lacio, golpes mais valentes,
Que os das lanças dos Luſos combatentes.

CXI.

Mais de mil Cavalleiros derribados
Pelo campo rodando, vaõ feridos,
Outros tantos cavallos desbocados
Sem dôno vaõ fugindo confundidos;
Peitos abertos, roſtos mutilados,
Pernas quebradas, braços divididos
Se vêm, com triſte horror por toda a parte,
Sacrificio cruel do duro Marte.

CXII.

O grande Nuno, Achilles Luſitano,
Que na frente da Tropa ſe moſtrava
Mais faminto do ſangue Caſtelhano,
Ou mais cheyo do zêlo, que inculcava;
O deſtrôço, a ruina, o eſtrago, e o damno
De ſeu braço pendentes oſtentava,
Onde quer que a fortuna o conduzia,
Ou que a dura vingança o compellia.

Da

CXIII.

Da ſella faz voar tres Cavalleiros,
Antes que a lança rompa, e fulminando
A coruſcante eſpada, oito guerreiros
A ſeus pés proſtra, as vidas exalando;
E com golpes peſados, e ligeiros
O terrivel caminho franqueando,
Por entre os eſquadroens dos inimigos
Vai ſemeando mortes, e caſtigos.

CXIV.

Na direita do Campo ſe deſcobre
Vaſconcellos, naõ menos valoroſo,
Que animado de ardor naõ menos nobre,
Igualmente ſe moſtra furioſo;
E deſpreſando altivo o peito pobre
Dos Soldados do vulgo temeroſo,
Os Capitaens mais claros ſó procura,
Em quem prova impaciente a força dura.

CXL.

A's ſuas maons as vidas entregáraõ
Oropeza, Marzuello, e Mondonedo,
E mal feridos dellas eſcapáraõ
Salivieres, Servantes, e Toledo;
Nem contra o ſeu furor aproveitáraõ
As vaidades do bravo Reboledo,
Que ouſando provocar o Varaõ forte,
De hum golpe recebeo a triſte morte.

Pe-

CXVI.

Pela eſquerda ſe moſtra o nobre Almada,
Iguaes brios, e forças oſtentando,
Com a voz, com a lança, e com a eſpada
Os biſonhos mancebos animando;
A ſeus pés mal ferido cahe Lozada,
Salazar, Eſcovar, e Vilalpando;
E ſem fuſto, ou temor, ſe arrôja ardente
Por entre as armas da contraria gente.

CXVII.

Accende-ſe a peléja, e confundidos
Se ouvem por toda a parte entre a poeira
Golpes, clamores, gritos, e gemidos,
Do triſte Averno copia verdadeira:
Huns mortos ſobre a terra, outros feridos,
Aqui hum elmo, alli huma bandeira,
Além rôtas ſe vêm inſignias varias,
Diviſas vans, emprezas temerarias.

CXVIII.

Aqui cedem as armas Caſtelhanas
A' furia das feridas, allî cedem
A' vantagem da gente as Luſitanas,
Que os empenhos do brio mal impedem;
Ora creſce o temor, ora as ufanas
Eſperanças da gloria lhe ſuccedem,
E ſe alternaõ com lances repetidos
A eſperança, e temor nos dois partidos.

Nas

CXIX.

Nas partes onde anîma, e fortalece
A preſença dos Reys os ſeus Soldados,
Cada qual a vantagem reconhece,
A peſar dos contrarios esforçados;
Mas o Chefe dos Luſos, que eſcurece
Em valôr os preſentes, e paſſados,
Com mais altas acçoens ſe ſolemnîza,
E nos écos da fama ſe eterniza.

CXX.

Elle meſmo combate os mais famoſos,
Mais bravos Capitaens, e Cavalleiros,
E do ſeu ferro os golpes furioſos,
Saõ os ſuſtos majores dos guerreiros;
Elle enſina com paſſos valoroſos
Os caminhos da gloria verdadeiros,
Elle abate, deſtróça, fere, e mata,
Deſconcerta, arruina, e desbarata.

CXXI.

Qual na ſêca eſtaçaõ do Eſtio ardente
O déſtro ſegador com maõ robuſta
Abate da ſeara a loura frente,
A que o curvo inſtrumento attento ajuſta;
Tal no Campo Mavorcio o Rey valente,
A quem perigo algum já mais aſſuſta,
Com dura maõ cabeças inimigas
Abate, e corta com crueis fadigas.

Guti-

CXXII.

Gutierres, com Mendoça o féro alento
Quaſi juntos rendéraõ; cahe ferido
De hum furioſo golpe o bom Sarmento,
A quem ſegue Godoi moço atrevido;
Nem teve melhor ſórte o bravo intento
De Manrique, que havendo pertendido
Ferir o fórte Rey, de hum golpe ouſado
Foi por elle com morte caſtigado.

CXXIII.

Tovar, Hortiz, Gonzales, e Bertando,
Valaſques, e outros mais, de quem o duro
Longo tempo as memorias devorando,
Deixou na lúz da fama, o nome eſcuro:
Por ſeu braço rendidos vaõ deixando
Neſta parte o caminho mais ſeguro
A' victoria, que já do Rey valente
Com verde rama adorna a clara frente.

CXXIV.

Mas onde o grande Nuno combatia,
Muito diverſa a ſorte ſe moſtrara;
Porque a fama da ſua valentia
Allî mais inimigos ajuntára;
O Rey contrario allî com mais porfia
Os mais fórtes guerreiros convocára,
E com ſua preſença havia poſto
O grande Nuno em riſco de deſgoſto.

Com

CXXV.

Com eſte aviſo o Rey dos Luſitanos
Corre prompto a ſalvar o charo amigo,
Sacrificando os louros mais uſanos
A' goſtoſa eſperança do caſtigo;
Allî de novo os odios mais tyranos,
Os mais certos horrores do perigo,
A raiva, a furia, os damnos, e feridas
Se repetem com furias mais creſcidas.

CXXVI.

Caſtelhanos, e Luſos triſtemente
Huns ſobre outros em montes vaõ cahindo;
Os Reys ambos em fórma competente,
A braveza nos ſeus vaõ influindo;
Mas do Luſo Monarca a maõ potente,
Donde os golpes mortaes partem rugindo,
Tantas mortes fulmina, em breve eſpaço,
Que rompe da porfia o cego laço.

CXXVII.

Alli perdem as vidas mal logradas
Os mais altos, mais bravos Cavalleiros,
Que de Caſtella as armas deſgraçadas
Neſte dia ſeguiraõ liſonjeiros;
E vendo o Rey de Heſpanha já proſtradas
As forças principaes dos companheiros,
Por ſalvar ſua vida as coſtas volta,
E ſe auſenta fugindo à redea ſolta.

Porém

CXXVIII.

Porém o bravo Mello, que intentava
Cumprir o grande voto, que fizera;
E para o triſte Rey ſe aviſinhava
Sobpeſando na maõ a lança fera;
Vendo como do Campo ſe apartava
Com marcha mais veloz, do que quizera;
Ardendo em chamas vivas de honra illuſtre;
Quer que a nobre promeſſa ſe naõ fruſtre.

CXXIX.

Sobre hum bruto ligeiro, que regia,
Atraveſſando o Campo dos contrarios,
Elle ſó huns matava, outros feria,
Dando golpes crueis, e temerarios;
Mil feridas, paſſando, recebia,
Mil eſtorvos achava, e riſcos varios;
Mas elle firme ſempre em ſeu projecto,
A morte ſó do Rey tem por objecto.

CXXX.

Athé que em fim chegando, onde apreſſado
Fugia o triſte Rey da certa morte,
De infinitos dos ſeus acompanhado,
Que eſcapáraõ das iras de Mavorte;
Sendo Mello por todos rodeado,
A peſar do valor do braço forte,
Entre eſpantos da turba eſpavorida,
Cançado de matar, perdeo a vida.

Ditoſo

CXXXI.

Ditoso, se da fama nos altares,
Póde ser sacrificio de algum vulto,
Entre o fumo de encensos naõ vulgares,
Do meu pletro sincero o puro culto:
Por elle entre os arrojos militares,
Gozará Mello de immortal o indulto,
E lhe será talvez de alguma gloria
Dever ao proprio sangue esta memoria.

CXXXII.

Em tanto Sandoval com bravo alento
Sustentava a batalha duvidosa,
Animando com digno atrevimento
Os empenhos da gente temerosa;
Mas levado do louco pensamento
De querer com disputa ambiciosa
Oppor-se ao Luso Rey, de hum golpe duro,
A clara vida entrega ao sono escuro.

CXXXIII.

Com sua morte, e sendo geralmente
A fugida do triste Rey notoria,
Se desanima a Tropa, e claramente
Favorece a fortuna a Lusa gloria;
O campo larga em fim a estranha gente,
Vence o Rey Lusitano; e esta victoria
Lhe confirmou a Regia dignidade,
E deu a Portugal a Liberdade.

FIM.

O Autor deſte Poema, dezejando que elle naõ padeceſſe muita alteraçaõ na imprenſa, eſcolheo a da Univerſidade de Coimbra para poder aſſiſtir peſſoalmente á impreſſaõ, e poz todo o cuidado para evitar-lhe os erros; mas elle ſe naõ liſongea de conſeguir o ſeu dezejo: Os deſcuidos ſaõ quazi inevitaveis em huma compoſiçaõ dilatada, a peſar de todo o deſvelo dos officiaes, e de quem revê o ſeu trabalho; e a incoherencia da Orthografia Portugueza he hum embaraço terrivel. A Officina da Univerſidade tem adoptado a do Madureyra, e foi perciſo acomodar a ella, naõ obſtante a ſua inconſequencia, e a impertinente multiplicidade de letras inſignificantes de que uſa: Os leitores ſabios deſculpem eſte irremediavel defeito, e ſupraõ os outros com as luzes da ſua inteligencia.